

HENRY FARRELL



DARKSIDE



## DADOS DE COPYRIGHT

---

### SOBRE A OBRA PRESENTE:

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

### SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



~~DARKSIDE~~





*#DARKSIDEBOOKS*



**BABY**

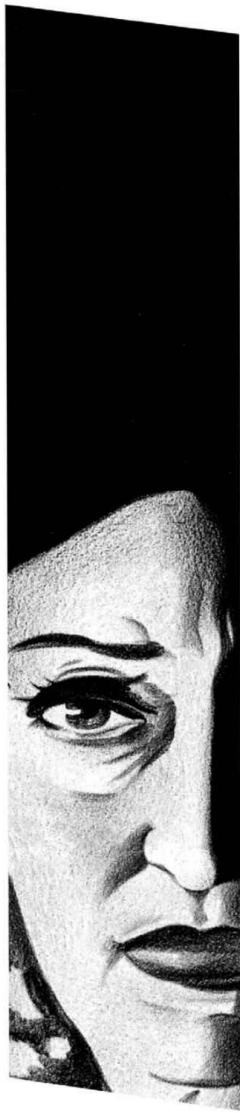
**O QUE TERÁ ACONTECIDO A**

**HENRY FARRELL**

**JANE?**













O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A



**BABY  
JANE?**

HENRY FARRELL

TRADUÇÃO  
**MARIANA  
MOREIRA**

COLABORAÇÃO DE  
ALEXANDRE MATIAS

**DARKSIDE**



**IN** FOR YEARS!

**!! Style!**

**MAGIC**  
*doll-depts*

**WONDERFUL ... IT'S**

**BABY JANE?**





O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: HENRY FARRELL E A HISTÓRIA  
DE BABY JANE

O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

O QUE TERÁ ACONTECIDO À PRIMA  
CHARLOTTE?

A ESTREIA DE LARRY RICHARDS

PRIMEIRO, O OVO





# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

## INTRODUÇÃO

### Henry Farrell e a História de Baby Jane

Conheci Henry Farrell em 1981, quando ele entrou em contato comigo para que eu representasse os direitos para o teatro de seu romance *O Que Terá Acontecido a Baby Jane?*

Ele já havia falado com minha sócia, a lendária agente Monica McCall, sobre a representação de livros. A relação não funcionou, mas Henry se lembrou de mim porque eu havia lhe contado sobre quando vivia com a minha família, que minerava carvão nas montanhas do Kentucky, e sobre minha irmã, que trabalhava em uma loja local em que tudo custava 5 ou 10 centavos, e trouxe para casa uma cópia abandonada do romance como meu presente de graduação do Ensino Médio. Contei-lhe como tinha me tornado um fã e como sua representação do glamour do início do show business e as recompensas e consequências da fama me encorajaram a deixar as montanhas para buscar horizontes mais amplos.

Assim começou um relacionamento que continuou até a morte de Henry, vinte e cinco anos depois.

Foi então que eu soube que Henry tinha deixado para mim e para sua advogada de longa data, Norma Fink, partes iguais de todos os seus direitos literários, incluindo *Baby Jane*.

Quando comecei a escrever o prefácio para esta nova edição do livro, fiquei surpreso ao saber que, apesar de todo o seu destaque nas comunidades cinematográficas e literárias, Henry permanecia uma pessoa muito reservada. Ele evitava deixar-se fotografar e viveu uma vida tranquila, mas interessante e gratificante.

Nascido em 1920 como Charles Farrell Myers, mais tarde passaria a escrever sob os nomes “Charles Myers” e “Bud Myers” antes de adotar o nome “Henry Farrell” — “Farrell” de seu sobrenome; ele e sua esposa, Molly, tiveram a ideia do nome “Henry”. Depois ele mudaria seu nome legalmente “por insistência do meu contador para evitar uma confusão contínua na Receita Federal”.

Ele cresceu em Chowchilla, Califórnia, onde seu pai era dono de um posto de gasolina. Mas o lugar era pequeno demais para Henry e sua irmã, Wanda, que acabaram se mudando para uma cidade perto de Seattle. A saída de Henry foi o Exército dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Foi lá que, para compensar a falta de uma educação universitária, ele se envolveu com o teatro e assistiu a aulas de escrita criativa, e seu instrutor lhe disse para “seguir com aquilo”. Isso resultou em seu primeiro trabalho publicado.

Sua amiga Jane Winslow lembra que ele começou escrevendo para as chamadas “*penny dreadful*”, revistas baratas de ficção sensacionalista que se tornaram populares a partir de meados do século XIX. Daí surgiu uma personagem chamada “Toffee”, uma detetive alegórica, quase cômica, protagonista de uma série de histórias posteriormente reunidas em forma de livro. Henry escreveu mais de cem contos ao longo de sua vida.

Outro momento decisivo foi o seu encontro com a atriz Molly Dodd, que visitara os acampamentos do Exército norte-americano e a quem ele conheceu quando chegou a Los Angeles depois que deixou as Forças Armadas para tentar a sorte como ator. Sem encontrar o sucesso, Henry retornou a Chowchilla. Mas Molly foi atrás dele e o trouxe de volta a Los Angeles, onde se casaram, uma união que durou até a morte de Molly, aos 59 anos, em 1981.

Molly foi o passaporte de Henry para o mundo do show business. Ela estreou nos palcos em 1939 e era bem conhecida na indústria. Além disso, seu pai, Neal, era uma figura popular em Hollywood, um carismático pastor anglicano conhecido como “o padre de Hollywood”. Em uma carreira cinematográfica que começou na década de 1920, ele deu consultoria ou apareceu como pastor, geralmente sem figurar nos créditos, em mais de trezentos filmes. Nas telas, ele casou Claudette Colbert e Clark Gable em *Aconteceu Naquela Noite*. Fora das telas, Neal também celebrou os casamentos dessas estrelas. Molly e Henry tornaram-se um casal respeitado em Hollywood, vivendo primeiro em um apartamento em Beverly Hills e mais tarde em sua primeira e única residência a partir de então, uma casa grande em Pacific Palisades, no Boulevard Chautauqua, com vista para o Canyon Rivas, nas montanhas de Santa Monica. Eles viveriam lá por toda a vida.

Henry continuou a escrever, e Molly era a força da natureza que cuidava de todas as suas necessidades. Ela tomava conta de sua bela vida em casa, supervisionava suas atividades sociais e organizava festas maravilhosas para seus amigos — um grupo que incluía Peggy Chantler Dick, autora das séries de televisão *Dennis the Menace* (*Dennis, o Pimentinha*) e *Hazel* (*Hazel, a Empregada Maluca*), e seu marido psicólogo, Douglas Dick (um ex-ator e escritor com mais de setenta e um créditos cinematográficos); Ava Astaire (filha de Fred) e seu marido, Richard MacKenzie; Dick Sargent, astro de *Bewitched* (*A Feiticeira*); e a estrela da Broadway e do cinema Nancy Walker e seu marido, David Craig, que dava aulas de teatro musical.

Em 1959 foi publicado o primeiro romance de Henry, *The Hostage*. Conta a história de um menino de seis anos preso em uma van em movimento com dois assassinos depois de testemunhar um assassinato. Mais tarde seria filmado pela Crown International. Um segundo romance, *Death on the Sixth Day*, apareceria em 1961. Ele começou a escrever para a televisão, criando episódios para *Alfred Hitchcock Presents* (*Alfred Hitchcock Apresenta*), a série *Bus Stop* e, mais tarde, *Perry Mason*.

A carreira de atriz de Molly prosperou com papéis na televisão, que, ao longo do tempo, incluíam *The Andy Griffith Show*, *The Twilight Zone (Além da Imaginação)*, *Gomer Pyle, Hazel (Hazel, a Empregada Maluca)*, *Petticoat Junction*, *The Brady Bunch (A Família Sol-Lá-Si-Dó)*, *Bewitched (A Feiticeira)*, e *The Rockford Files*.

Então, Molly foi diagnosticada com câncer. O casal passou a ter dificuldades financeiras, e Henry, que sempre foi atormentado pelo bloqueio de escritor, decidiu que precisava ter uma ideia realmente comercial. A inspiração veio na forma de Jane Winslow, a jovem filha de uma amiga do casal, Yvonne. “Minha mãe e outras pessoas me disseram que toda vez que Henry nos visitava eu saía correndo e gritando da sala”, lembra Jane, hoje uma premiada cineasta digital, produtora de mídia e diretora e professora da Universidade Estadual de Nova York, em Oswego.

A exibição histriônica de Jane lembraria a Henry de outros tipos de Baby Jane — Baby Peggy, de filmes mudos, e Baby Rose Marie, do vaudeville,<sup>1</sup> a fascinante criança cantora que havia crescido e era presença constante em *The Dick Van Dyke Show*. Isso colocou uma ideia em movimento.

“Decidi por uma história tão ultrajante que não poderia deixar de ser comercial”, recordou Henry. A história envolvia uma antiga estrela infantil conhecida no vaudeville como Baby Jane e sua irmã, Blanche, que havia se tornado uma glamourosa estrela de cinema na Era de Ouro de Hollywood. Ele decidiu que “Blanche deve ter uma beleza que não pode ser descrita, o sonho de qualquer fotógrafo que, sem nem precisar tentar, podia projetar glamour como poucas outras estrelas jamais poderiam. Ainda assim, ela não tinha talento para nenhum grande desempenho, o que estava ok para a época e o lugar [...], mas era uma questão de sofrimento e inveja para Jane, cujo talento sobrava. Na verdade, Blanche tinha uma carreira e um futuro pelos quais valeria a pena matar. E eu precisava fazer com que o público percebesse que, no passado e no presente, Blanche tinha algo a perder — e, por meio de Jane, isso estava prestes a acontecer”.

Ele também estava ciente de que caminhava em uma corda bamba entre o suspense/drama e o histriônico. “Esse tema dos

filmes antigos, estrelas infantis e rainhas do cinema, já incorporava os elementos do exagero e da ironia por sua própria natureza. Isso foi explorado repetidamente por anos.” Mas Henry concluiu: “Senti que deveria permitir que isso existisse na medida em que já era inerente à história e aos personagens, e deixar assim”.

Ele não fazia ideia de que estava apresentando um novo subgênero de horror gótico ao mundo. Imediatamente após a publicação do livro, os direitos para produzir a história nos palcos da Broadway foram comprados por Gabriel Kaplan. No entanto, um produtor cinematográfico, Robert Aldrich, viu o potencial do material para as telas e amealhou os direitos para o cinema, bem como os direitos para o teatro de Kaplan. Aldrich optou por seguir a rota do cinema, e ele não precisou procurar muito pelo elenco ideal. Joan Crawford, uma superestrela da década de 1930 até os anos 1950, mas que então via sua carreira entrar em declínio, ligou pessoalmente para Henry Farrell e Robert Aldrich para pedir que o papel de Blanche Hudson fosse seu. Surpreendentemente, ela também deu uma sugestão para o papel de Jane: “Por que não Bette Davis?”, perguntou.

Davis e Crawford tinham sido violentas rivais no passado, competindo pelos mesmos papéis e brigando entre si pelo primeiro lugar nas bilheterias. Quando Crawford pediu o papel principal de *Mildred Pierce (Alma em Suplício)*, ficou sabendo que Bette Davis era a primeira escolha. Davis acabou recusando o papel, e Crawford foi selecionada, mas somente depois de fazer um teste de elenco para o diretor Michael Curtiz. Seu desempenho rendeu-lhe um Oscar, algo que Davis nunca esqueceu e do qual se ressentia amargamente. Em um artigo publicado no *Daily Mail* de Londres, o crítico Michael Thornton afirma que a briga também tinha implicações sexuais: Crawford, que, segundo Thornton, era bissexual, deu em cima de Davis, que resistiu.

Além disso, Davis havia se apaixonado loucamente por Franchot Tone, mas Tone se casou com Joan Crawford. O que Crawford falou sobre isso, segundo Thornton, foi que “Franchot não está interessado na Bette, mas eu não teria problema em lhe



dar um cutucão se eu estivesse no humor certo. Não seria engraçado?”.

Mas Crawford percebeu que uma dupla com Davis poderia significar uma bilheteria fantástica para ambas, e ela estava buscando em segredo um projeto em que as duas participassem e que, com sorte, revivesse suas instáveis carreiras.

Ao recomendar Davis para Farrell, Crawford acrescentou: “Vou acabar com ela nas telas!”. Davis aproveitou a oportunidade de interpretar Jane, ironicamente ecoando os sentimentos de Crawford para Farrell em relação às palavras: “Vou acabar com ela nas telas”.

Embora fossem simpáticas em público, as duas estrelas se envolveram em uma série de batalhas épicas durante as filmagens, o que incluiu um chute — registrado como “acidental” — na cabeça da srta. Crawford dado pela srta. Davis. Esse incidente foi respondido com Crawford colocando pesos em seu corpo durante uma cena em que Davis precisava tirá-la de uma cama, fazendo com que a colega lesionasse as costas. No final, o filme foi um triunfo para ambas. Não só foi uma grande volta por cima para a dupla, como Davis e Crawford, por terem concordado em receber uma porcentagem dos lucros em troca de baixos salários, ganharam uma fortuna.

O filme foi um sucesso mundial, com uma bilheteria de mais de 9 milhões de dólares. A revista *TV Guide* chamou-o de “Uma briga de estrelas, apresentada de maneira exagerada”, e acrescentou: “Se às vezes parecer um programa venenoso de idosos com duas loucas absurdamente mimadas, apenas tente desviar o olhar. [...] Como nos melhores filmes de Hitchcock, é o suspense, e não o caos real, que conduz o filme.”

A obra foi indicada a cinco categorias do Oscar, incluindo uma indicação para Bette Davis, como atriz principal. Davis perdeu para Anne Bancroft por *The Miracle Worker* (*O Milagre de Anne Sullivan*), mas Joan Crawford, que não foi indicada, conseguiu receber o prêmio em nome de Bancroft, supostamente dizendo a Davis no caminho: “Com licença, eu tenho um Oscar para receber”.

A briga entre Crawford e Davis e o envolvimento de Henry Farrell com a dupla não acabariam aí.

O sucesso do romance e do filme lançaria o próximo projeto cinematográfico de Farrell, *Hush... Hush, Sweet Charlotte* (Com a Maldade na Alma), com base em sua história inédita *What Ever Happened to Cousin Charlotte?*. O próprio Farrell escreveria a história original e depois o roteiro, com Lukas Heller, responsável pelo roteiro de *Baby Jane*. Crawford e Davis deveriam ser as estrelas novamente. As filmagens tiveram início na mansão Houmas, a quarenta e cinco minutos de distância de Nova Orleans. A batalha começou antes mesmo da chegada de Crawford: Davis mandou substituir as máquinas de Pepsi Cola da locação (Crawford tinha se casado com o presidente da Pepsi Cola) por máquinas de Coca-Cola. Ela e a equipe até posaram para fotos bebendo Coca.

Crawford ficou furiosa e ordenou que as máquinas fossem removidas e que trouxessem de volta as de Pepsi. De acordo com relatos publicados, Crawford logo deixou o filme devido a uma doença. Davis a acusou de fingir pneumonia, mas Henry Farrell lembrou dos acontecimentos de forma diferente em uma conversa que tive com ele em Londres, em 2001. “Quando Crawford trouxe de volta as máquinas de Pepsi”, lembrou ele, “Bette fez a equipe reunir todas as garrafas de Coca do set e alinhá-las em frente à porta de Crawford.” Na manhã seguinte, Crawford pisou nelas, caiu de maneira terrível e, posteriormente, acabou deixando a produção. Ela foi rapidamente substituída por uma amiga de Davis, Olivia de Havilland.

O filme seria outro sucesso, recebendo sete indicações ao Oscar: Melhor Atriz Coadjuvante (Agnes Moorehead), Melhor Direção de Arte, Melhor Cinematografia em Preto-e-Branco, Melhor Desenho de Trajes em Preto e Branco, Melhor Edição de Filme, Melhor Canção Original e Melhor Trilha Sonora Original. Em 1965, Henry Farrell e seu roteirista, Lukas Heller, receberam da associação Mystery Writers of America um Prêmio Edgar de Melhor Filme. Patti Page entrou na lista da *Billboard* com sua gravação da faixa-título. Judith Crist disse sobre o filme: “O guignol<sup>2</sup> nunca vai ser maior que isso”.

Quando Joan Crawford morreu, em 1977, Davis não compareceu ao funeral nem deu qualquer declaração pública. No entanto, em um almoço em 2001, Burt Reynolds me contou como foi a reação inicial de Bette Davis à morte de Joan Crawford. “Íamos almoçar com um repórter, e, quando eu estava prestes a apresentá-los, fomos interrompidos por uma fã”, disse Burt.

“Oh, senhorita Davis”, disse a mulher, “sinto muito por dizer isto, mas Joan Crawford acaba de falecer.”

“Ela era uma vaca!”, respondeu Bette.

Burt interrompeu: “Bette, esse cavalheiro com o qual estamos prestes a almoçar é do *National Enquirer*”.

“Mas”, acrescentou Davis, “ela nunca se atrasava.”

O *Que Terá Acontecido a Baby Jane?* se tornaria parte da cultura norte-americana. Bette Davis fez sucesso com a gravação da faixa-título, que ela apresentaria ao longo de toda a sua carreira, incluindo uma aparição no show de Dick Cavett com seu jovem acompanhante, Barry Manilow. Blanche e Jane seriam parodiadas e mencionadas em episódios de *The Steve Allen Show*, *Batman*, *Seinfeld*, *French and Saunders*, *Os Simpsons*, *Designing Women*, *Jeopardy!*, *Doctor Who*, e nos videoclipes de “Goodbye Cruel World”, de Shakespears Sister, e “Ain’t No Other Man”, de Christina Aguilera.

O filme foi refeito para a televisão em 1991, estrelado por Lynn e Vanessa Redgrave. Em 2012 foi anunciado um grande remake do filme por Walter Hill.

Henry Farrell deu à luz ao que foi chamado de filme de psicopatia, um tipo de obra de terror que lida com mulheres idosas psicóticas, e que ofereceu oportunidades para dezenas de estrelas mais velhas — Tallulah Bankhead em *Die, Die My Darling (Fanatismo Macabro)*; Ruth Gordon e Geraldine Page em *What Ever Happened to Aunt Alice? (A Mansão dos Desaparecidos)*; e Olivia de Havilland em *Lady in a Cage (A Dama Enjaulada)*, entre outras — e também proporcionou uma carreira duradoura para seu autor.

Ele escreveria o roteiro de um filme para a televisão com base em seu romance *How Awful About Allan*, estrelado por Anthony Perkins e Julie Harris em 1970; e um filme para o cinema, *What’s*

*the Matter with Helen?* (*Obsessão Sinistra*), estrelado por Debbie Reynolds e Shelley Winters, em 1971. Molly desempenhou papéis pequenos em ambos, bem como no filme para a televisão *The Eye of Charles Sand*. O romance de Henry *Such a Gorgeous Kid Like Me* seria filmado na França em 1972, com direção de François Truffaut, sob o título *Une Belle Fille Comme Moi* (*Uma Jovem Tão Bela Como Eu*).

Henry Farrell escreveu uma versão musical de *Baby Jane* para o teatro, com letra de Hal Hackady e música de Lee Pockriss, produzido em 2002, em Houston, no Texas, mas que recebeu avaliações heterogêneas. Henry, devastado pela morte de Molly, foi hospitalizado com câncer durante os ensaios no Texas, e sua saúde começou a declinar. O compositor Lee Pockriss sofreu um acidente vascular cerebral, e o letrista Hackady, com quase noventa anos, foi viver em uma casa de repouso perto de Manhattan.

As revisões necessárias para o musical nunca foram concluídas, e o projeto foi abandonado.

Sem Molly ao seu lado, Henry tornou-se cada vez mais recluso, embora tenha terminado uma versão não musical para o teatro de *Baby Jane* pouco antes de sua morte, aos oitenta e cinco anos, em 2006.

Um novo romance, finalizado por Henry alguns anos antes, intitulado *A Piece of Clarisse*, foi descoberto recentemente.

\*\*\*

Eu gostaria de agradecer a Mary Wickliffe Bishop, a executora da herança de Henry Farrell, amiga e cuidadora íntima tanto de Henry Farrell como de Molly Dodd, e a Jane Winslow, por suas memórias de Henry. Obrigado a Alex Rankin, do Howard Gottlieb Research Center da Universidade de Boston, por sua ajuda contínua e generosa na localização de materiais para esta publicação; e ao historiador de cinema, John DiLeo, por suas observações sobre o conteúdo. Também gostaria de agradecer a Tom Kennedy, da 20th Century Fox, por sua colaboração na

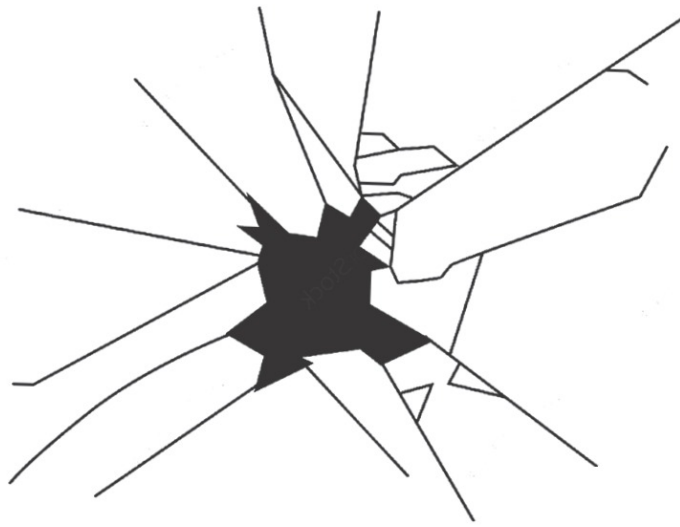
liberação da história original de Henry Farrell, *What Ever Happened to Cousin Charlotte?*, para sua primeira publicação.

Agradeço também a Jamie Raab e Scott Rosenfeld, da Grand Central Publishing, pelo apoio a este projeto.

***Mitch Douglar***

MITCH DOUGLAS é um agente literário veterano que representou Tennessee Williams, Arthur Miller, Graham Greene, Kander e Ebb, bem como os biógrafos Anne Edwards e J. Randy Taraborrelli e vários outros luminares literários e teatrais em uma longa carreira na International Creative Management (ICM) e agora com sua própria agência literária, Mitch Douglas Literary and Theatrical, na cidade de Nova York.

- 
- 1 Gênero de entretenimento de variedades muito popular nos Estados Unidos e no Canadá do final do século XIX ao início do século XX. O espetáculo era formado por uma série de números sem nenhum relacionamento direto entre si: músicos, dançarinas, comediantes, animais treinados, mágicos, imitadores, acrobatas, palestras dadas por celebridades, entre outras atrações. [As notas são da Tradutora.]
  - 2 Le Théâtre du Grand-Guignol — conhecido como o Grand Guignol — foi um teatro que funcionou em Paris do final do século XIX até meados do século XX, especializado em shows de horror naturalistas. Seu nome é usado como um termo genérico para qualquer tipo de entretenimento de terror que seja gráfico e imoral.





# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

## PRÓLOGO

1908

Ali esperavam elas, na profunda sombra de verão do beco, um pequeno grupo de jovens e recatadas matronas e sua inquieta prole feminina. As mulheres usavam longas e macias saias de linho ou seda, blusas leves de verão e chapéus de palha de abas largas. As meninas, engomadas e cheias de babados, usavam volumosas fitas de cetim claro e brilhante na cabeça. Muitas delas eram das melhores famílias da cidade, não do tipo que normalmente compareceria à apresentação de um show comum de vaudeville, ou mesmo em uma matinê para senhoras.

Somente o caráter especial da atração em cartaz no teatro tornava sua presença permitida. Baby Jane Hudson (A Pequena Dançarina Sapeca de Duluth — somente uma semana!) era tão irrepreensível que elas agora até podiam ficar no beco atrás do teatro para dar uma última olhada nessa impressionante estrela antes de partir.

“Dizem que ela é muito mais velha do que divulgam”, sussurrou uma mulher de chapéu de palha vermelho, perto do lado esquerdo da porta que levava ao camarim. “Falamos que ela é muito pequena para sua idade.”

Sua companheira, toda vestida de rosa, olhou para a criança sisuda ao seu lado, concordou com a cabeça e protegeu sua



resposta com a mão: “Ouvi dizer que eles lhe davam uísque para impedir seu crescimento”.

“Não!”

“Ah, eu não acredito realmente nisso. E você?”

Também diziam que Baby Jane era na verdade apenas uma anã vestida com roupas de criança. Alguns diziam que tinha nascido com o dom da comunicação. Um grupo espiritualista da Filadélfia afirmava que ela fora possuída pelo espírito de uma atriz falecida, que usava a criança como um instrumento por meio do qual projetava seus talentos do Além.

De qualquer modo, Baby Jane era um fenômeno. Ela era conhecida em todos os lugares. Suas frases, impressas em pequenos cartões decorados, eram incluídas em caixas de doces. Com uma moeda de dez centavos se comprava uma foto sua, autografada pessoalmente com amor e beijos. Baby Jane era uma autêntica celebridade. E por isso o grupo estremeceu no beco quando a porta do camarim finalmente se abriu e Baby Jane saiu para a plataforma exterior.

Uma criança pequena, com olhos grandes e brilhantes, e cabelo escuro e volumoso, toda vestida de branco. Seu vestido e suas luvas eram de renda branca. A faixa branca de cetim na cintura correspondia à fita que pendia da borda de seu chapéu de palha branco. Suas pernas robustas estavam envoltas por meias compridas e brancas. Seus sapatos de cano alto eram de couro de cabrito branco e macio. Os cachos parecendo saca-rolhas que caíam de seu chapéu até os ombros pareciam tão negros como a noite, em contraste.

À primeira vista, ela parecia exatamente com um anjinho branco. Mas a ilusão desaparecia quando se via o rosto pequeno e redondo corar de raiva, ou as pequenas mãos cobertas de renda dobrarem de tamanho em punhos cerrados e duros.

“Eu não vou, eu não vou... eu não *vou!*” A voz de Baby Jane — a mesma voz elevada tão docemente nas canções apenas minutos antes — ecoava nas paredes próximas. “Eu não vou voltar para nenhum hotel velho. E não vou tirar uma soneca. E você não pode me obrigar!”

Um homem moreno, de aparência agradável, que apareceu rapidamente atrás dela, ajoelhou-se e estendeu-lhe a mão. Ao mesmo tempo, surgiu pela porta uma mulher de rosto tranquilo carregando uma criança.

“Ray...”, disse a mulher, com ansiedade.

Mas o homem estava atento a Baby Jane. “Janie... não seja malcriada, querida. Você deve tirar sua soneca. Você sabe...”

“Eu não vou!”, gritou Baby Jane. “Eu não vou nem fechar os olhos. Você não pode me obrigar!”

O homem olhou para a pequena multidão, e tentou um sorriso. “Seja boazinha com o papai, por favor, e...”

Baby Jane bateu o pé. “Não!”, gritou ela. “Não... não... *não!*”

“Vamos, Janie...” A mulher tentou se aproximar, mas a criança em seus braços começou a choramingar, e ela parou. “Tudo bem, tudo bem”, cantarolou, distraída.

O pai limpou a garganta. “Você quer que seus amigos pensem que você é uma garotinha malcriada?”

“Eu não me importo! Eu quero sorvete!” Baby Jane tentou se afastar de seus braços. “Eu quero e eu vou conseguir!”

“Janie, já conversamos sobre isso e...”

Os olhos da criança se dirigiram para os presentes. “Eu quero, eu *quero!*” Seu rosto foi ficando mais vermelho. “Eu ganho o dinheiro, então posso ter o que quiser. Você não pode me impedir!”

“Jane, já chega!”

Baby Jane chutou a canela dele. “Eu posso se eu quiser!”, gritou ela.

Exceto pelo aumento das reclamações da criança, o lugar se tornou silencioso. E então o pai concordou. “Tudo bem. Está um dia quente. Eu acho que você merece. Mas esta é a última vez nesta semana. Você está entendendo?”

O comportamento de Baby Jane sofreu uma transformação instantânea. Suas mãozinhas se abriram, sua expressão se tornou serena. “Tudo bem, papai”, disse ela.

O pai então tirou um lenço do bolso e enxugou a testa com dificuldade. “Não vá esquecer de cumprimentar todos os seus amigos agora...”

Com um sorriso repentino, Baby Jane virou-se para seus admiradores, baixou os olhos, numa descarada amostra de falsa humildade, e dobrou-se rapidamente, fazendo uma breve reverência. Depois, mandando beijos, dois à esquerda, dois à direita, ela se virou e estendeu a mão para que a ajudassem a descer os degraus. Embaixo, a mulher com o chapéu de palha vermelho se virou para sua amiga, erguendo as sobrancelhas.

“Céus!”, disse ela, ofegante. “Você já viu isso? *Já viu?*”

A mulher de cor-de-rosa virou os olhos para cima, consternada. “O que irá acontecer com uma criança assim? Misericórdia! Você pode imaginar?”

A mulher do chapéu vermelho abanou a cabeça. “Tenho pena é dos outros”, disse ela, “aqueles que terão de viver com ela. Apenas imagine como vai ser a vida deles!”

**1**

O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

01

1959

*“Não me importo com o que meu pai diz. Estou apaixonado por você, Meg. O que são todos os milhões de pessoas comuns ao lado de um anjo como você?”*

*Ele era um jovem bem-vestido, com cabelo lustroso e escuro, penteado bem rente à sua cabeça. Enquanto falava, sua companheira, a garota loira com encantadores olhos fulminantes, olhava para ele. Suas sobrancelhas, que não eram mais do que meias-luas finamente desenhadas a lápis, levantavam-se ligeiramente nos cantos interiores, dando a ela um olhar de dúvida com mágoa. A luz da lua irradiava intensamente de algum lugar atrás, aninhando-se em seu cabelo platinado em um halo perfeito. Ela usava uma bata de organdi brilhante com enormes mangas bufantes e uma saia que se abria amplamente a partir dos joelhos. A música irrompia na noite mágica, assim como o próprio ar que os rodeava. A canção — o tema deles — se chamava “O Luar na Quinta Avenida”.*

*“Mas ele vai deixá-lo sem um centavo. Ai, Jeff, você nunca teve que trabalhar para viver.”*

*O jovem, no entanto, tinha agora a força de seu amor, e ele sorriu para mostrá-la. “Eu vou aprender a trabalhar por você, Meg. Eu quero. Você vai ver... você vai ter orgulho de mim.”*

*A garota ergueu o olhar para o dele e, embora tivesse os olhos úmidos, seu rosto estava tranquilo. “Mas não é tão simples. Você nasceu para...” — seu movimento compreendeu a varanda de gesso em que eles estavam, a mansão ao fundo, os acres de gramado aparado, as fontes, as duas taças de champanhe pela metade no corrimão — “... para tudo isto. Você consegue ao menos imaginar como é morar em um apartamento com água fria?”*

*“Seria o paraíso... com você.”*

*“Ah, Jeff, seu pobre — e romântico — bobinho!”*

*Enquanto “O Luar na Quinta Avenida” tocava calmamente, eles se abraçaram. Os olhos impetuosos se abriram e fecharam, provavelmente em êxtase. Um saxofone gemeu. Os violinos, uma centena deles, avolumaram a noite com uma vibração inebriante. E então, como se tivessem sido banidos pelo enorme ruído, a varanda, a mansão, e, finalmente, os próprios amantes desapareceram de vista. Em seu lugar, apareceu um homem com um sorriso tenso e círculos sob seus olhos...*

*“Desculpe por interromper este ótimo filme, amigos, mas vocês vão ficar felizes por eu ter feito isso quando virem o que tenho aqui para seu cachorro favorito!”*

Movendo seu corpo confortavelmente expandido para a frente de sua poltrona, a sra. Bates estendeu a mão e baixou o volume. Sorrindo delicadamente com uma doce lembrança, ela olhou para Harriett Palmer, sentada no outro lado da mesa de centro, no divã. “Ah, eu lembro quando vi esse filme pela primeira vez, achei simplesmente maravilhoso. Claude me levou... em um domingo à tarde.” Ao ver que a xícara de café de Harriett estava vazia, ela se levantou e a pegou. “Estava passando no antigo Majestic.”

Harriett Palmer sorriu agradavelmente e concordou com a cabeça. “Eu acho que vi; não tenho certeza. Você se lembra quando foi feito?”

A sra. Bates fez uma pausa na entrada do corredor. “Trinta e quatro. Era o que dizia o programa no jornal.”

Quando ela voltou com a xícara reabastecida, aproximou-se de Harriett e colocou-a na mesa diante dela.

“Sabe, acho que nunca perdi um filme de Blanche Hudson.” Ela olhou para o aparelho a fim de se certificar de que ainda estavam passando os comerciais. “Eu era tão fanática por ela, até o momento em que sofreu o acidente. Ah, você se lembra quando foi que isso aconteceu? Eu me senti tão mal, como se fosse alguém da minha própria família.”

Harriett, tomando um gole do café, olhou para cima e concordou. “Ah, eu sei. Ela *era* linda. Ainda acho isso.”

Mesmo com a luz tênue, a diferença entre as duas mulheres, embora ambas no início de seus cinquenta anos, era impressionante. A sra. Bates, com um rosto — e um corpo — inegavelmente gordo, de alguma forma parecia um pouco mais velha do que Harriett Palmer, que se manteve elegantemente magra. Enquanto a sra. Bates tinha deixado a cor de seus cabelos assumir uma tonalidade de um cinza prateado natural, Harriett mudou o seu para um loiro lustroso e platinado. A sra. Bates usava um vestido de ficar em casa largo com estampa de flores pálidas; Harriett vestia calça preta justa e uma blusa de seda branca. A sra. Bates havia acabado de se mudar para o oeste, vindo de Fort Madison, Iowa. Harriett Palmer sempre vivera em Hollywood, Califórnia.

Apesar de todas as suas diferenças, no entanto, era sabido que as duas mulheres haviam se dado bem desde o primeiro dia da chegada da sra. Bates em Hillside Terrace. A sra. Bates, viúva havia menos de um ano, chegara à Califórnia para se afastar de todas as vistas familiares de casa, que se tornaram apenas recordações tristes de dias mais felizes antes da morte do marido. Harriett Palmer era casada com um advogado corporativo que passava muito tempo fora da cidade. Estando ambas um pouco desestabilizadas, eram gratas pela companhia uma da outra. Como faziam hoje, passavam muitas de suas noites assistindo à televisão na aconchegante sala de estar da sra. Bates.

“Você já a viu?”, perguntou a sra. Bates. “Quero dizer, ela sai de casa alguma hora?”

Harriett imediatamente negou com a cabeça. “Não que eu saiba. Ah, eu já a vi de longe — claro, no carro, quando elas têm

de ir a algum lugar —, mas não a ponto de dizer como ela realmente é. Eu acho que deve ter pelo menos cinquenta anos agora.”

A sra. Bates sorriu com uma leve hesitação. “Sabe — eu não deveria contar isso sobre mim mesma —, mas, quando vi esta casa, o que realmente me fez decidir comprá-la foi descobrir que Blanche Hudson morava ao lado. Não é uma bobagem... para uma mulher da minha idade? E eu nunca vi nem a sombra dela.”

“Bem”, Harriett sorriu, “isso dá à velha colina um toque de glamour. Havia uma grande colônia de gente do cinema aqui antigamente, mas ela é a única que permaneceu.”

A sra. Bates concordou. “Lá em Fort Madison — bem, você nunca via nenhuma estrela de cinema, não em carne e osso.” Seu olhar se dirigiu para a fileira de portas de vidro que cobriam, quase totalmente, a parede leste da sala e a escuridão além. A casa das Hudson, um absurdo em estilo mediterrâneo branco, de dois andares, se erguia, sombria e fantasmagórica, no final do jardim. “Ela pode andar?”

“Não sei. Acho que ouvi uma vez que ela havia recuperado parcialmente o uso de uma das pernas. Mas, aparentemente, ela ainda tem de ficar na cadeira de rodas o tempo todo.”

A sra. Bates fez um ruído suave de simpatia. “Eu adoraria conhecê-la”, disse ela melancolicamente. “Uma verdadeira estrela do cinema. Às vezes fico pensando...” Sua voz foi se apagando levemente.

“Pensando em quê?”

“Ah, é apenas mais uma das minhas bobagens.” A sra. Bates se voltou para sua visita. “Passo tanto tempo no jardim. Às vezes eu estou lá e... bem, fico pensando se ela está me observando...” Ela se interrompeu, dirigindo o olhar para o aparelho de televisão. “Ah, o filme começou!” Ela se levantou com rapidez e aumentou o volume novamente.

*A garota loira e uma amiga estavam paradas em uma esquina movimentada diante de uma lanchonete. À medida que a câmera se movia para uma tomada média, ela consultou seu relógio de pulso e depois olhou com ansiedade para a rua. Seu vestido era simples, mas atraente, e seu cabelo refletia a luz do sol, como já*



*havia refletido a luz da lua, em um halo perfeito. A outra garota era menor e mais corpulenta. Seu rosto parecia o de um querubim amuado e um tanto cansado, deixando sua aparência cômica e triste ao mesmo tempo. Seus cabelos escuros estavam presos em uma profusão absurda de cachos. Seu vestido era espalhafatoso e de mau gosto, e ela usava maquiagem em excesso nos olhos e na boca. Quando a garota loira virou-se, ela arregalou os olhos de maneira patética, em uma óbvia tentativa de conseguir um efeito humorístico.*

*“Se eles não aparecerem logo”, disse a garota loira, “acho que simplesmente não vamos comer.”*

*A morena concordou vigorosamente. “Você disse tudo. Temos que voltar para o escritório em vinte minutos.”*

*“Bem, vamos dar mais cinco minutos a eles — e aí vamos.”*

*“Claro. Além do que, se nós vamos pagar, para que precisamos de um homem?”*

Harriett virou-se bruscamente para a frente, apontando para a tela. “É ela!” disse. “A outra, quero dizer — ali! —, a irmã.”

A sra. Bates olhou, confusa. “A garota morena?”, perguntou.

“Sim. Você não se lembra? Estava no contrato de Blanche que eles tinham de usar sua irmã em todos os seus filmes. Eu havia me esquecido disso. Eles usaram isso em toda a sua publicidade.”

“Ah, sim! Sim, eu me lembro agora. Mas nunca soube qual era ela. Pelo amor de Deus! Você a conheceu?”

“Ela?” Harriett olhou em volta com as sobrancelhas levemente arqueadas. “Não é tão simples assim conhecê-la. Ela é muito peculiar — estranha —, todos dizem isso.” Ela suspirou. “Às vezes, fico pensando sobre as duas sozinhas, lá naquele casarão velho. Elas nunca parecem fazer nada... nem recebem qualquer visita. Deve ser horrível...”

A sra. Bates voltou o olhar para as portas de vidro e a noite além. “É bonito, no entanto, que ela tenha ficado e cuidado de Blanche todos esses anos. Deve ser uma boa pessoa para fazer uma coisa assim.”

“Bem, talvez sim”, disse Harriett sombriamente, “talvez não. Dizem que ela teve algo a ver com o acidente, sabe...”

A sra. Bates voltou os olhos bruscamente. “Ela? O acidente em que Blanche se machucou?”

Harriett assentiu. “Havia uma história circulando na época sobre como tinha acontecido. Esqueci exatamente como foi, mas ela parece ter sido a responsável.”

“Ah, como poderia? Foi apenas um simples acidente de automóvel, não?”

Harriett balançou a mão levemente, como quem diz para deixar de lado. “Ah, sempre há histórias. Aqui, nesta cidade, quero dizer. Não dá para dizer realmente no que acreditar.”

A sra. Bates concordou, pensativa. “Eu esqueci”, disse ela. “Como é mesmo o nome dela? Você me falou uma vez, não?”

“Jane?”, perguntou Harriett. “O nome dela é Jane. Ela também era famosa, pelo que eu saiba, quando era apenas uma garotinha. Talvez você se lembre — eles a chamavam de Baby Jane Hudson.”

*“Lá estão eles.” O jovem bem-vestido, que agora usava roupa de operário, apareceu na rua. “Vamos, Mac.”*

*O outro jovem, gordo e alegre, olhou para a frente e franziu a testa. “Qual é a Gertie? Não, não me diga. Eu já sei.”*

*Uma tomada ao contrário mostrou a garota loira e a morena quando elas olharam, viram os rapazes e sorriram em cumprimento. A câmera então voltou para os homens. O jovem gordo balançou a cabeça.*

*“Cara, essa Meg é uma gata! Não surpreende que você esteja louco por ela.”*

*E então os quatro se encontraram. Em uma tomada fechada, a garota loira e o jovem sorriram um para o outro, eufóricos. O homem gordo ofereceu o braço para a morena em um gesto exagerado de galanteio.*

*“Pronta para encher a pança, Linda?”*

*A morena riu e olhou para ele com um largo sorriso. “Estou, Magrelo”, disse ela, entrelaçando seu braço com o dele. “Será um prazer.”*

*A menina loira de olhos negros, olhando para o jovem bem-vestido com uma discreta adoração, deu a mão a ele, e juntos olharam seus amigos saindo, e sorriram.*

A garota da tela sorriu e, na escuridão, a mulher encolhida na cadeira de rodas do outro lado do quarto parecia, por um momento, perto das lágrimas. Blanche Hudson, seu olhar fixo na tela cintilante em uma espécie de fascinação intensa, moveu uma mão fina e tensa para a gola de seu robe cor-de-rosa bem claro e parou ali, com a palma virada para fora, como em um gesto de defesa.

*O Luar na Quinta Avenida* era o terceiro dos antigos filmes que Blanche via no último mês, e após cada um se sentira, de alguma forma, um pouco mais devastada. Deficiente havia mais de vinte anos, odiando cada vez mais a velha desamparada e arruinada que se tornara, começava a acreditar na lenda do que fora na tela. Passou a acreditar no glamour, no encanto, na magia que diziam ter sido dela. Há muito tempo vinha conseguindo aquecer-se com essa imagem brilhante, abraçá-la bem forte para que seu brilho pudesse alcançar o frio que se espalhava por dentro.

Agora percebia que isso tinha sido um erro, assistir aos velhos filmes. Trouxeram uma triste desilusão que, à sua maneira, tinha sido uma espécie de morte. Vinte e cinco anos atrás, *O Luar na Quinta Avenida* fizera uma fortuna quase que somente pela força de seu nome. Olhando agora para a criatura absurda e afetada na tela, Blanche achava isso difícil de acreditar. O que ela viu — e com muita clareza — foi que durante todos esses anos sua única defesa contra a realidade vazia tinha sido simplesmente uma ilusão vazia.

E, no entanto, ela precisava da ilusão, pois isso a sustentava. E ainda precisava disso. Qualquer coisa era preferível à dura realidade de sua existência atual.

A realidade se fazia muito presente para ela aqui, neste quarto. Era a imensa cama nas sombras, e a cadeira de rodas, e a barra de apoio para deficientes físicos, suspensa por correntes até o teto acima da cama. E a mesa de cabeceira repleta de medicamentos. E a escrivaninha diante da qual não houve

nenhuma cadeira nesses mais de vinte anos. Essa era a realidade, isso e o cheiro agri-doce de sua própria invalidez, o que a fazia pensar em folhas caídas que apodreciam lenta e horrivelmente em um lugar úmido e sem sol. Blanche suspirou e, ao ouvir seu próprio suspiro, olhou com uma apreensão repentina para a figura sombria e atarracada sentada ao seu lado.

Distraída por suas próprias especulações infelizes, ela havia esquecido de que não estava sozinha. Virando-se, olhou de esguelha para o rosto da mulher ao seu lado, um rosto ao mesmo tempo revelado e obscurecido pela escuridão sombria. Os olhos grandes e escuros, atentos às imagens na tela, estavam meio fechados, espremidos, na verdade, como em uma intensa observação interna. Os contornos do rosto, ressaltados pelas sombras, pareciam não tão suavizados pela idade, mas sim inchados, de modo que a pele flácida ameaçava, com avidez, engolir os traços antigamente infantis embutidos em suas dobras. Mas também havia mais ali, mais do que a mera idade e algum novo pensamento obscuro. Havia febre nos olhos estreitos e vigilantes, e no rosto, uma espécie de justificativa raivosa.

Uma justificativa, porém, para o quê? Demovendo seus olhos, à força, do rosto de Jane, Blanche voltou o olhar em direção à tela. Muito provavelmente tudo era apenas sua imaginação; ela estava atribuindo às atitudes e às expressões de Jane profundidades sinistras que de fato não tinham. Era como quando se está muito sozinho; você se torna hipersensível e tem que ter cuidado para não se deixar enganar por sua mente.

Os sentimentos de Jane não eram nada novos, nem eram motivo de alarme. Jane estava simplesmente na primeira fase de um de seus “feitiços” periódicos. Eles sempre começavam da mesma maneira, com um afastamento abrupto em um silêncio soturno, os olhos sombrios e furtivos, e os olhares intensos repentinos num desafio irritado. Haveria, talvez, uma explosão emocional e, em seguida, já quase no final, a bebida. Blanche tinha, anos antes, catalogado, com precisão, em sua própria mente, o padrão dos feitiços de Jane; eles não continham surpresas para ela agora. Ela os entendia. Ela conhecia sua raiz. Ela estava acostumada a eles.

Mas, então, por que ela parecia detectar no lapso atual de Jane uma característica especial que o separava dos outros e o deixava, de alguma maneira, ainda em seu início, mais perturbador? Mais uma vez, Blanche levou a mão até a gola de sua túnica, agora fechando mais a abertura. Antes, pensou, sempre havia aquela visível ponta de desafio cauteloso no comportamento de Jane, porém, desta vez, isso estava faltando e, em seu lugar, havia algo mais calculado, uma espécie de propósito, como se... Blanche pousou a mão sobre o braço da cadeira. Precisava parar com esse tipo de pensamento imediatamente. Ela estava simplesmente usando sua imaginação para evitar a verdadeira realidade da questão: o transtorno de Jane desta vez não era culpa de ninguém mais além da própria Blanche.

Ela deveria ter sido mais forte. Ela deveria ter resistido ao desejo — à compulsão, na verdade — de se ver novamente na tela. Em algum lugar no fundo de sua mente, sabia que os velhos filmes só poderiam trazer problemas. Nunca deveria ter assistido a eles e, principalmente, nunca deveria ter deixado Jane assisti-los.

Ainda assim, não podia deixar de se perguntar que pensamentos se moviam atrás dos olhos encobertos de Jane. O velho ciúme estava ali, sem dúvida, a antiga inveja ardente que, ao longo dos anos, apenas dormira e nunca, nunca havia realmente morrido.

Uma vez, durante um dos ataques alcoólicos de Jane, Blanche vira claramente o ciúme em seu rosto, e tinha sido tão feio que era impossível esquecer. Ainda hoje, isso lhe voltava às vezes, a visão sombria de Jane, ali, de pé, na porta, apoiando-se no batente para se manter de pé, tornando o ar entre elas vivo e horrível, com suas palavras de raiva arrastadas.

“Ah, você foi tão incrível, não é? Tão glamourosa.” Ela ficou ali, mastigando as palavras, cuspiendo-as em Blanche como um veneno. “Ah, eu sei — todos diziam isso; eles diziam o quanto você era maravilhosa porque achavam que você era importante. Eles *costumavam* dizer isso. Mas quem diz isso agora? O que você é agora? Uma velha... uma aleijada. Vamos ver você

dançar e... e mostrar como você é bonita. Vamos ver você fazer isso agora!” Ela parou, olhando para Blanche por um longo tempo, os olhos brilhando de maldade. “Ah”, prosseguiu ela, “você tinha uma boa aparência, isso você tinha. Mas era só isso! Eu, sim, tinha talento! Mesmo que ninguém se importasse... E eu ainda tenho. E você, você não... você não é nada! Você é uma porcaria, você não é nada! Então não vá tentando agir de forma tão... como se fosse grande coisa... você... você não é nada... absolutamente nada! Não tente fingir que você é melhor do que eu...!”

Blanche estremeceu ao se recordar, perguntando-se se esses mesmos pensamentos ecoavam pela mente de Jane nesse momento, enquanto ela estava sentada assistindo ao filme. Liberte-se do passado, disse ela a si mesma com uma força súbita; apague-o da sua mente. E Jane também. Expulse essas imagens tolas e sombrias para a escuridão e o esquecimento que elas merecem. Seus olhos se moveram rapidamente para Jane; ela umedeceu os lábios para falar, aguardando o som de sua própria voz, como se fosse anunciar o início de um desastre iminente.

“Jane...?”

Antes que ela pudesse continuar, Jane levantou-se da cadeira, foi até o aparelho de televisão e o desligou sucintamente. Na tela, a menina com os olhos fulminantes, sorrindo com um falso entusiasmo, foi em direção a uma faixa de luz que se movia inquietamente até desaparecer por completo. A luz da luminária da escrivaninha pareceu ficar mais brilhante de repente, espalhando sua mancha amarelada em um arco mais amplo sobre o farto tecido do tapete. Por outro lado, as sombras além da cama e nos cantos distantes da sala pareciam se aprofundar e avançar. Blanche olhou surpresa e depois, quando Jane se virou em sua direção, conseguiu forçar um rápido sorriso.

“Eu... Eu só ia te pedir para desligar.” O olhar de Jane reluziu em sua direção através da escuridão. Houve um momento de silêncio, e então Blanche riu, nervosa. “Eu realmente acho que

não devemos perder nosso tempo com essas coisas velhas. São tão horríveis...”

Com um ligeiro encolher de ombros, Jane continuou em direção à porta. Tocando a roda de sua cadeira, Blanche se aproximou.

“Você vai voltar?”, perguntou ansiosamente. “Pra ajudar a me deitar na cama?”

Na porta, Jane parou, seu vulto atarracado e carnudo levemente destacado contra a escuridão mais intensa do corredor. Mais uma vez, seus olhos pareciam iluminados com uma emoção dolorosamente suprimida. Quando falou, no entanto, sua voz era baixa e discreta.

“Tudo bem... se você quiser...”

Virando-se enquanto falava, ela desapareceu no corredor.

Blanche ficou sentada, completamente imóvel, ligeiramente curvada para a frente, olhando para ela. Uma onda de silêncio pareceu invadir a casa, fazendo as sombras se mexerem e pulsarem em torno dela. Aos poucos, estendeu a mão para a roda de sua cadeira, pensando que, se fosse até a janela e abrisse as cortinas, poderia ver a noite e as estrelas. E então, de repente, ela parou, seu corpo dominado por um choque, quando o silêncio foi quebrado pelo golpe estrondoso da porta de Jane, no final do corredor. Toda a casa parecia gritar de raiva.

Por um longo momento, Blanche ficou completamente imóvel, ouvindo, nervosa, o silêncio voltar à casa, esperando o golpe estrondoso da porta parar de reverberar contra seus nervos tensos e assustados.

# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

02

Quando a trouxeram do hospital para casa e a colocaram no andar de cima, neste quarto, ela havia decidido que a pesada grade do lado de fora da janela teria de ser removida. Quase imediatamente após o acidente, os grandes portões da frente, do mesmo estilo, foram retirados e vendidos como sucata, e ela não queria outras lembranças na casa. No entanto, sua cabeça naquela época estava mais concentrada em outros assuntos, preenchida pelo choque da certeza absoluta de que nunca mais andaria, e, com a procrastinação, a grade permaneceu. Agora, com o passar dos anos, seu olhar se tornara tão treinado em perscrutar ao redor e além dos desenhos extravagantes da grade de ferro que ela mal percebia que aquilo existia.

Esta manhã, a janela estava aberta, e Blanche chegou perto com sua cadeira, buscando o toque da brisa fresca do dia de primavera do lado de fora. Enquanto se esforçava para avançar, sua silhueta foi iluminada por um raio de luz refletida, e por um momento ela voltou a ser a garota de cabelos prateados de trinta anos atrás. Na verdade, isso não era completamente uma ilusão, pois Blanche nunca realmente perdera sua beleza. Seus traços quase perfeitos, retocados e intensificados pela dor, resistiram com sucesso à influência monótona dos anos intrometidos. Na verdade, havia momentos em que parecia que a deficiência de



Blanche lhe dera uma espécie de beleza delicada que, a seu modo, transcendia a beleza radiante de sua juventude.

Inconscientemente, ela dirigiu seu olhar pensativo da colina para o mosaico irregular de quintais e telhados vermelhos que identificavam as outras extravagâncias mediterrâneas de trinta anos de idade, como a sua. Muito do que via, como a grade, havia sido ofuscado pela familiaridade. Agora, no entanto, ela se forçou a olhar mais de perto, de forma mais analítica, e, ao fazê-lo, viu que a vizinhança, como se enquanto ela dormia, tivesse ficado velha e empobrecida. Ao vê-la assim, subitamente foi atacada por um desejo quase insuportável de estar longe daquilo. De repente, queria apenas estar livre desta casa, deste quarto, desse sentimento de estar enterrada viva no passado.

Suas razões para se apegar à velha casa durante todos esses anos eram puramente emocionais. Ela sabia disso, na verdade, desde o início. Após o acidente, precisava muito de uma confirmação tangível da época anterior, quando tinha sido algo mais — muito, muito mais do que a pessoa com deficiência, desanimada e inútil que ela era agora. E assim, agarrando-se à casa, agarrou-se também ao passado. O mesmo passado do qual agora sentia uma necessidade tão urgente de escapar. Blanche balançou a cabeça com uma solene resolução: ela faria isso; ligaria para Bert Hanley e pediria que ele colocasse o imóvel à venda.

Bert era um dos poucos contatos com o mundo exterior que restavam a Blanche. Ele era um dos três sócios da empresa de gestão empresarial que lidava com seus assuntos financeiros. Foi Bert quem investiu, de maneira inteligente e cuidadosa, o que ela havia ganhado com os estúdios — o que garantiu a renda que sustentou Blanche e Jane nos anos seguintes.

Após o acidente, Bert tinha certeza de que Blanche venderia a casa. E por isso ficou profundamente espantado quando ela se recusou. Ele apontara, com muito entusiasmo e exaustivamente, todos os motivos óbvios para vendê-la: a casa era muito grande, o alto custo da manutenção, muito inconveniente, e seu preço se depreciaria com muita rapidez. E, argumentou, era quase absurdamente perigoso que uma pessoa com deficiência

vivesse, como ela fazia, em um quarto no andar superior. No entanto, diante de sua constante recusa, ele foi forçado, finalmente, a desistir.

“Algum dia”, gritou Bert para ela, exasperado, “você vai se arrepender! Você vai ver!”

Desde então, os assuntos de Blanche tornaram-se uma questão de rotina para Bert, e ele desistiu de mencionar a casa. Na verdade, fazia dois anos que Bert visitara pela última vez Hillside Terrace. Com o passar do tempo, seu relacionamento havia se formalizado em cartas periódicas e declarações empresariais, intercaladas com uma conversa telefônica ocasional.

Do lado de fora, a brisa tocou o eucalipto alto ao lado da janela. Um galho se moveu para a frente, suas folhas tocando a borda do peitoril como dedos rápidos e frágeis. Blanche sorriu para o seu atual estado de decisão; amanhã — ou no dia seguinte, o mais tardar —, ela ligaria para Bert e diria para que vendesse a casa ao primeiro comprador por qualquer preço que conseguisse. Enquanto isso, ela deve pensar em um novo lugar para viver, para poder discutir isso com Bert também. Algo distante das colinas seria melhor, algo menor e mais conveniente. Afinal, era justo com Jane; apesar de seu vigor continuar surpreendente, era hora de facilitar as coisas. Algo recém-construído, pensou Blanche com prazer, algo moderno e claro, com muita luz solar. Algo, resumindo, bastante diferente deste lugar velho e sombrio.

Blanche percebeu, de repente, que sua desilusão com o passado, a desilusão gerada pelos filmes antigos, também tinha seu lado construtivo. Na morte também podia haver renascimento. E, então, seu olho percebeu um movimento na casa logo abaixo, e ela se inclinou para a janela novamente. Enquanto isso, uma das portas de vidro na lateral da casa se abriu por completo, e a nova dona saiu para a forte luz do sol, vestida, como de costume, para trabalhar no jardim, com um avental e um chapéu de palha de abas largas. Sra. Bates. Esse era o nome da mulher, embora Blanche não se lembrasse neste momento como ela sabia disso. A sra. Bates de Iowa.

Quase que diariamente, durante cerca de três meses, Blanche havia observado sua nova vizinha enquanto ela estava lá embaixo, arrancando ervas daninhas, coletando folhas soltas, afofando o solo aquecido pelo sol, plantando novos bulbos e plantas, retirando os velhos. Havia quase uma dedicação no modo como a mulher tratava seu trabalho, e Blanche desfrutou de maneira indireta desse trabalho de amor com ela. Na verdade, passou a sentir uma espécie de parentesco com essa mulher, a sra. Bates, embora nunca tivesse trocado um olhar ou uma palavra com ela, e provavelmente nunca fosse fazer isso. Quando a mulher se afastou no jardim, Blanche estendeu as mãos até a grade para erguer um pouco o corpo e ter uma visão melhor. Mas então, ao ouvir um som atrás de si, soltou a grade e olhou para o outro lado do quarto.

“Com licença, srta. Blanche...”

Quando os olhos de Blanche se ajustaram à escuridão do interior do quarto, a figura angular e magra na porta pôde ser vista. Hoje era sexta-feira. O dia da faxina da sra. Stitt. Blanche tinha esquecido.

“Entre, Edna”, disse ela, alegremente. “Você quer começar aqui?”

E então, olhando mais de perto para o rosto florido e prático da sra. Stitt, viu em seus olhos o brilho de uma grande aflição. Esticando-se, ela levou a cadeira para longe da janela e se aproximou.

“Aconteceu alguma coisa?”

Era uma pergunta desnecessária. Há três anos, a sra. Stitt chegava diligentemente todas as sextas-feiras de manhã para limpar, trocar a roupa de cama e ajudar Jane a cozinhar as refeições da semana. Nesse período, Blanche ficou sabendo que era uma questão de orgulho profissional para Edna Stitt manter, mesmo no pior tipo de adversidade, uma postura calma e imperturbável; seria necessária uma provocação impressionante para levá-la a uma manifestação explícita de aborrecimento. Era por essa razão, então, que Blanche olhava agora para a sra. Stitt com uma nítida sensação de apreensão enquanto ela estava ali,

na entrada, pressionando suas mãos sobre seu avental de limpeza pesada em um gesto inconfundível de agitação contida.

“O que foi, Edna?”

Ruborizada de raiva, a sra. Stitt enfim entrou no quarto. Sem dar nenhuma explicação, tirou algo do bolso do avental. Blanche viu, perplexa, diante de si, um maço grosso de cartas preso com um elástico de borracha.

“Aqui!”, disse a sra. Stitt.

Pegando as cartas, Blanche olhou para cima, com os olhos arregalados em interrogação. “Mas... o quê...?”

A sra. Stitt já estava bastante pálida, mas resistiu com força. “Eu poderia estar errada”, disse ela com uma coragem trêmula, “e eu posso ter passado dos limites. Srta. Blanche, se há uma coisa neste mundo que eu não quero fazer é causar-lhe qualquer tipo de problema, mas... olhe só para isto... se não se importa — e me diga se a senhorita já vira isso antes. Eu... eu só quero saber, só isso...” Olhando para as cartas, Blanche viu, com um pouco de surpresa, que a que estava em cima era endereçada a ela. Retirando o elástico, espalhou todas em seu colo. Tinham sido escritas para ela. Uma das missivas, ela viu, estava marcada com a palavra *Particular*. Ela viu, também, que a que estava em cima fora aberta.

Blanche olhou de novo para a sra. Stitt com dúvida, mas o rosto da mulher, deliberadamente inacessível ao seu olhar, não lhe disse nada. Voltando às cartas, ela pegou o primeiro envelope e retirou dele uma folha barata de papel pautado. Ao abri-la, encontrou uma mensagem rabiscada a lápis:

*Querida Blanche Hudson: Ontem à noite eu e meu marido assistimos ao seu filme Lua de Mel Intempestiva. Enquanto estávamos assistindo, eu disse ao meu marido que ver você novamente depois de todos esses anos era como ver uma velha amiga da adolescência. Naquela época, era uma grande fã sua e, quando Lua de Mel Intempestiva foi lançado, eu estava começando a sair com um rapaz...*

O olhar de Blanche ficou turvo, e ela levou a mão aos olhos, incapaz de ler o resto. Era bobo, bobo, mas alguma coisa dentro dela tinha sido tocada tão de repente; e assim, de surpresa, ela

não podia evitar. Sua mão caiu sobre as cartas em seu colo. Cartas de fãs! Depois de todos esses anos! Pensar que ainda havia aqueles que se lembravam... que se importavam o suficiente para escrever... Era incrível... incrível...

“A senhorita não as tinha visto antes, não é?”

Tirando a mão de seus olhos, Blanche olhou para cima, confusa; por um momento, ela havia se esquecido da sra. Stitt. Ainda incapaz de falar, ela balançou a cabeça.

“Acho que não.”

Mas Blanche já havia retornado às cartas. Pegando a que dizia *Particular*, procurou o endereço do remetente e encontrou o nome *William Carroll*.

Sua mão começou a tremer tanto que quase não conseguiu abrir a carta. Bill Carroll fora o ator principal em quatro de seus filmes mais bem-sucedidos. O romance que o estúdio tinha inventado para eles nunca aconteceu de verdade, mas eles se tornaram grandes amigos. Por um tempo, isto é, até o acidente. Depois, Bill tentou visitá-la repetidamente, tanto no hospital como, mais tarde, em casa, mas ela se recusou a vê-lo, assim como se recusou a ver os outros. E, como os outros, ele por fim se afastou. Mas como era maravilhoso saber dele agora. Particularmente agora, nesta manhã, quando ela tomou a decisão de deixar esta casa e construir uma nova vida para si fora dela. Se pudessem ser amigos de novo... Na ansiedade de tirar a carta do envelope, ela quase a rasgou.

*Querida Blanche (ela leu), Sei que as chances de essa carta chegar a você são poucas, mas, depois de ver Blonde Byline na tv a noite passada, eu precisava escrever. Se, por algum milagre, você ler isto, vai perceber que incluí meu endereço atual e o número de telefone. Claro que devo avisá-la que agora sou um velho homem casado — e não uso a palavra velho em sentido figurativo — mas então...*

A carta, caindo de sua mão, juntou-se às outras em seu colo. Ela pegá-la de novo, mas um incisivo som de alguém limpando a garganta a lembrou que a sra. Stitt ainda esperava sua reação. Forçando-se, o máximo que podia, a um estado de calma, ela olhou para cima.

“Onde... onde você encontrou isto? Pensei que o correio da manhã...”

A sra. Stitt mexeu a boca, formando uma linha fina de desaprovação. “Elas não estavam no correio da manhã”, disse, sem rodeios, “estavam no lixo. Levei alguns papéis para a lixeira e se eu não tivesse olhado para baixo...”

“No lixo?” Blanche olhou para a mulher. “Mas... você tem certeza?”

A sra. Stitt assentiu de modo claro e evidente, depois apontou com o polegar sobre o ombro. “Acho que ela simplesmente... as jogou fora!” Como uma forma de expressar sua controlada, mas intensa, aversão por Jane, a sra. Stitt, desde os primeiros dias no emprego, recusava-se a chamá-la pelo nome. “Não vou dizer que de fato a vi fazendo isso, não estou dizendo isso.”

“Mas onde...?”

“Elas vieram do canal de TV que está exibindo seus filmes. O envelope grande em que vieram também estava lá.”

Blanche fez um gesto de confusão hesitante. “Jane deve ter jogado fora por engano. Se o logo do estúdio estava no envelope, ela provavelmente pensou que era algum tipo de propaganda...”

A sra. Stitt sacudiu a cabeça em uma negação obstinada. “Já estava aberto — e essa carta em cima das outras também. E além disso...” Hesitantemente, ela olhou para trás, quase de maneira furtiva, em direção à porta aberta.

“E além disso...?” Blanche a incentivou.

Colocando a mão novamente no bolso largo do avental, a sra. Stitt retirou um grande envelope marrom. Depois de um momento de hesitação, ela o estendeu.

“A senhorita... também deve ver isso, acho...”

Blanche apanhou o envelope. No canto superior esquerdo estava o logo e o nome do canal de televisão. No centro havia uma etiqueta branca com seu nome e endereço datilografados. Fora isso, não parecia nada interessante.

“Do outro lado”, disse a sra. Stitt rapidamente, desviando o olhar. “Acabou.” Com um leve arrepio de apreensão, Blanche virou o envelope.

A palavra pareceu pular nela como um epíteto gritado, irritado, feio, obsceno, rabiscado em traços tão cruéis que em vários lugares a ponta do lápis havia furado a espessura do envelope e o rasgado. Virando novamente o envelope, Blanche o apertou apressadamente em seu colo, como se estivesse tentando esmagar a palavra até que desaparecesse. Olhando para ela, a sra. Stitt colocou as mãos na frente de seu avental.

“Desculpe-me.” Sua voz agora parecia arrependida, mas ainda oscilante. “Acho que eu não deveria ter lhe mostrado. Deus sabe que odeio causar problemas, mas...”

Blanche levantou a mão. “Está tudo bem.” Seu olhar deslizou inadvertidamente para a porta aberta. “Eu não acho...”

De repente, a sra. Stitt estendeu a mão. “Aqui, eu levo isso e jogo fora”. Recolhendo o envelope do colo de Blanche, ela o dobrou habilmente e o colocou em seu bolso. “Srta. Blanche”, disse ela, com uma voz calma e preocupada, “sei que isso não é nada para se preocupar. Mas não é normal alguém fazer uma coisa assim... não uma pessoa da idade dela... e com ela começando a agir de novo...”

Blanche olhou para baixo, protegendo seus olhos do olhar da sra. Stitt, com medo de revelar o medo que de repente ganhou vida dentro dela. Jane é minha irmã, disse a si mesma com firmeza, ela cuidou de mim e ficou comigo, e me protegeu todos esses anos. O mínimo que posso fazer é tentar entender. Ela é minha própria irmã...

*Ela pode ser sua própria irmã, querida, sua própria carne e seu sangue, mas você tem de encarar que, no fundo, ela a odeia como veneno, e nada lhe daria mais prazer do que ver você ser castigada.*

As palavras ecoaram de repente em sua mente vindas de longe, de muito longe, do passado. Foi Martin Stagg quem as disse a ela. Ela estava trabalhando em um filme, e ele a chamou para o seu escritório...

*Eu sei, é uma coisa difícil de admitir para si mesmo, mas Janie está tão louca de inveja que ela não sabe o que está fazendo.*

Marty era o produtor do filme, um homem com um grande coração e um instinto excepcional para o cinema e sua gente. Quando um dos artistas de Marty estava com problemas, ele sempre se preocupava em entender e ajudar.

*Por que você acha que ela fica bêbada o tempo todo — e sai e dá esses escândalos em público? Veja quantas vezes, apenas no último ano, ela fez isso. Quatro, cinco vezes? Cinco. Na próxima vez, talvez os rapazes não chegarão rápido o suficiente para acalmá-la. E na carreira de quem isso vai refletir? Na dela? Óbvio que não, a carreira dela acabou antes de completar doze anos de idade. Você é quem vai sofrer as consequências. E ela vai se desculpar? Olhe, por que ela dá todos aqueles ataques no set e atrasa as filmagens? Por que sempre fica tão doente cada vez que a Publicidade arruma algo exclusivo para você, e você tem que ficar em casa e cuidar dela?*

*E não pense que não compreendo todo o problema. Ela era uma estrela, uma das realmente grandes, e numa vida movimentada, pesada. Eu reconheço. Provavelmente sustentava sua família inteira, e não era com pouco dinheiro. Então, apenas imagine como deve ser para ela agora. É como se sua vida tivesse acabado antes mesmo de começar. Todo mundo gritando e fazendo barulho em volta dela e depois, de repente, nada. Até hoje, nunca vi uma estrela infantil se afastar sem ficar com algum tipo de cicatriz. E é duas vezes pior para Janie. Aqui está você, sua irmã menor, uma estrela maior do que ela jamais foi. Como você acha que ela se sente, andando na sua sombra o tempo todo? Ela sabe muito bem que a única razão pela qual ainda trabalha é por causa daquela cláusula no seu contrato. Diabos, o mundo inteiro sabe disso! Querida, pense como isso mexe com ela por dentro. Não me importo com as suas boas intenções, você não está fazendo nenhuma bondade para ela. Agora, escute... aceite meu conselho, vamos nos livrar dessa cláusula. A administração está disposta a pagar a ela uma boa quantia — tenho certeza disso — e a equipe de publicidade vai fazer com que tudo pareça bem. Vamos... antes que ela fique completamente louca e a prejudique de verdade — afaste-se dela, ok?*



Mas ela rejeitara o conselho de Marty. Prometera a Jane, disse-lhe, e ela não faltaria com sua palavra. E agora, de repente, trinta anos depois, suas palavras estavam tão nítidas em sua mente como no dia em que ele as disse. Por causa dos filmes antigos, é claro, e as cartas dos fãs. Outra confirmação de que estava certa: ela e Jane precisavam deixar a velha casa e todas as suas infindáveis memórias infelizes o mais rápido possível...

“Sua irmã não está bem, srta. Blanche.”

Novamente, Blanche se forçou a olhar para o rosto preocupado da sra. Stitt.

“Srta. Blanche, alguém deve lhe dizer isso sem rodeios, e acho que vou ser eu. Sua irmã precisa... bem, ela precisa de algum tipo de... atenção. E eu não me importo se a senhorita me demitir por dizer isso, eu *não me importo!* É para o seu próprio bem. Quando ela começa com essas... crueldades... dela, não entendo como aguenta. Ela me faz tremer. Talvez, por estar perto dela o tempo todo, a senhorita simplesmente não perceba isso como qualquer outra pessoa. Mas só nesse tempo em que eu estou aqui, ficou óbvio que ela é muito pior...”

Blanche olhou para cima bruscamente. “Pior? O que você quer dizer, Edna?”

A sra. Stitt tocou o bolso do seu avental. “Este tipo de coisa. E a maneira como ela age em geral... como uma criança mimada, algumas vezes. E como ela tenta impedir que eu faça as coisas que a senhorita me pede e me obriga a fazer outra coisa. É difícil dizer exatamente, mas... mas está ficando pior. Não me importo em dizer, agora que já estamos falando sobre isso... eu já teria saído deste emprego há muito tempo, se não fosse pela senhorita. Ela é muito difícil de conviver... com a bebida e tudo isso...”

Blanche se esticou em sua cadeira, sentindo uma necessidade urgente — uma compulsão, na verdade — de dizer algo em defesa de Jane. “Edna, tenho certeza de que isso não é nada... sério. Acho que entendo a Jane. Ela sempre foi temperamental, e tem estado sob pressão ultimamente...”

“Talvez”, interrompeu a sra. Stitt, “mas ainda acho que seria prudente se ela fosse ao seu médico. Ah, eu sei que é difícil enxergar o que está acontecendo. Trancada aqui nesta casa o tempo todo, você não tem como comparar... mas ultimamente, bem... eu só estou preocupada com a senhorita...”

“Ah, Edna!”

“Ah, eu não quero dizer que ela está realmente... louca... ou qualquer coisa assim... não estou dizendo isso... mas ela é... bem, irresponsável. Essa coisa hoje de manhã... não é tão importante por si só, mas... bem, às vezes fico pensando o que poderia acontecer com a senhorita sozinha nesta casa com ela... especialmente quando ela começa a beber... e eu não consigo dormir à noite. Eu não consigo, de verdade!”

Blanche olhou desesperadamente para a sra. Stitt, impotente. Não deixaria a mulher continuar com isso. Talvez fosse verdade; talvez, assim como se desenvolve uma tolerância à dor por conviver com ela durante muito tempo, também pode ser possível desenvolver uma tolerância à excentricidade. Mas Jane era sua própria irmã, a única pessoa que tinha, de fato, em todo o mundo. Recusava-se a acreditar que os arroubos de Jane estavam começando a ficar perigosos. Por um lado, não eram tão frequentes; Blanche acabou aceitando como uma espécie de enfermidade que deveria aguentar, assim como Jane aguentava sua deficiência. Das duas irmãs, Jane ficou com a pior parte; aprisionada todos esses anos com uma pessoa com deficiência, incapaz e melancólica, desempenhando todas as tarefas de uma empregada, realmente. Era natural que isso às vezes fosse demais para ela e que assim se rebelasse. *Se eu tivesse escutado o Marty trinta anos atrás, lamentou Blanche internamente; se eu não soubesse em meu coração que tudo na verdade é minha culpa...* Ela olhou para a sra. Stitt, uma mão esfregando agitadamente as costas da outra.

“Você deve estar exagerando”, disse ela, com uma rispidez que não pretendia. “Não há nada com que se preocupar.”

Impressionada com o seu tom, a sra. Stitt ficou imediatamente corada e olhou para baixo, para suas mãos, embaraçada. “Tem

razão, srta. Blanche”, disse ela, “isso não é da minha conta. Acho que devo aprender a manter minha boca fechada.”

Blanche estendeu a mão, com um leve desconforto. “Ah, Edna... não! Eu agradeço a sua preocupação. De verdade, agradeço, mais do que você imagina, mas...” Sentindo uma sutil mudança nas sombras no corredor, ela se interrompeu. Depois de um momento de hesitação, voltou o olhar para a sra. Stitt. “Onde está Jane?”

“Lá embaixo”, respondeu a sra. Stitt, distraída, ainda assimilando seu próprio constrangimento. “Srta. Blanche, peço desculpa. Não deveria ter me metido assim. Sabia que não deveria, quando comecei, mas... bem, se puder tentar esquecer isso...”

“Ah, por favor, Edna, não quero me preocupar com isso. Você não fez nada de errado.” Estava ansiosa para que a mulher saísse logo do quarto e ficasse longe dela. “De verdade, você não fez nada de errado.”

“De qualquer forma, pensei que quisesse as cartas... pensei que ficaria feliz em recebê-las.”

“Ah, e eu estou! Mas tenho certeza de que foi apenas um erro Jane jogá-las fora. Tenho certeza disso.”

Concordando, a sra. Stitt avançou em direção à porta. “Bem”, disse ela, apreensiva, “se tenho que terminar tudo hoje, é melhor voltar lá para baixo.” Na porta, ela hesitou e se virou. “Ah, sim, acho melhor eu lhe dizer agora. Na próxima sexta, só posso vir de manhã. Tenho que ir ao centro; recebi uma convocação para um júri. Eles vão me liberar, porque tenho de trabalhar para viver. Mas, de qualquer maneira, preciso ir lá quando me convocam.”

Blanche sorriu. “Claro, Edna.”

“Mas posso vir na segunda-feira de manhã, também, apenas de manhã... tudo bem? Isso deve ajudar...”

“Tudo bem”, disse Blanche, com pressa. “Obrigada por me contar.”

Depois que a sra. Stitt saiu, Blanche sentou-se em silêncio por um longo tempo; sua sensação anterior de bem-estar desapareceu completamente. Ela começou a voltar para a janela, mas parou, pensando haver detectado, pela segunda vez, um

breve movimento no corredor. E então, lembrando-se das cartas, ela as recolheu do seu colo e colocou-as em seu bolso.

Deixando a mão sobre as cartas para se consolar, ela tentou se acalmar. Mesmo assim, ouvia uma voz distante gritando baixinho contra um obscuro ouvido interno.

*Eu tinha talento!*, dizia ela. *Mesmo que ninguém se importasse... E eu ainda tenho!*

O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

03

“Desculpe-me”, disse a voz ao telefone. “O sr. Hanley está com um cliente agora. Quer deixar um recado?”

“Bem, não — apenas diga que eu liguei — Blanche Hudson. Meu número...”

“Ah, srta. Hudson — se for algo urgente, sei que o sr. Hanley vai querer que eu o avise.”

“Oh, não. Não, não é nada urgente. Mas gostaria de falar com ele quando estiver livre.”

“Claro, srta. Hudson. Vou pedir para que ele ligue mais tarde. Provavelmente dentro de meia hora. Tudo bem?”

“Sim, perfeito”, disse Blanche. E então ela fez uma pausa. “Ah... bem, você pode dizer a ele que eu decidi vender a casa. Isso deve surpreendê-lo. Diga-lhe que estou pronta para vender ao primeiro comprador.”

A voz no telefone assumiu um tom ligeiramente confuso. “Tudo bem, eu digo. E pedirei para que ele ligue.”

Blanche se despediu e então, quando ia desligar, hesitou, e continuou ouvindo. Embora a secretária já tivesse desligado, ainda havia um som de alguém na linha, uma respiração fraca e sussurrada. Continuou por um segundo ou dois e depois, com um clique fraco, desapareceu.

Um pouco preocupada, Blanche tirou o telefone do colo e o pôs sobre a mesa. Ela o havia trazido intencionalmente do

corredor para o seu quarto para que Jane não a escutasse do andar inferior. Não havia realmente uma boa razão para isso, pensava ela, ou pelo menos nenhuma razão que conhecesse. Somente parecia discutir melhor a questão da venda da casa em particular com Bert antes de mencioná-la a Jane. Haveria tempo suficiente para contar a Jane quando tivesse certeza do que realmente poderia ser feito. Então não diria nada; com Jane em seu estado atual, a ideia de se mudar poderia aborrecê-la ainda mais.

Também não havia sentido em ficar brava com Jane por escutar; ainda que a confrontasse com isso, ela negaria, e depois o faria de novo na primeira oportunidade. Mas era irritante saber que a partir de agora todas as suas conversas telefônicas seriam monitoradas do andar inferior. Ela também ficou pensando — e com uma leve sensação de apreensão — qual poderia ser sua reação sobre vender a casa, agora que Jane sabia. Virando a cadeira para a janela, Blanche deixou seus olhos traçarem o padrão intrincado da grade contra o intenso azul do céu. Círculos dentro de círculos, linhas retas fortes que se desviam repentinamente, estreitando-se até terminar. Como a própria vida. Como a razão e a irracionalidade. Blanche afastou esse pensamento, levando o olhar rapidamente para dentro do quarto.

Ela olhou de novo para o telefone, de repente com a convicção de que Jane, depois de ter recebido a notícia sobre a venda da casa como recebeu, certamente se oporia à ideia. Por experiência própria, Blanche sabia que qualquer coisa que partisse dela nesse momento por certo teria a desaprovação automática de Jane. E qualquer coisa que Blanche houvesse planejado em segredo — bem, haveria repercussões!

Blanche apertou firme os braços de sua cadeira. Ela havia decidido; estava determinada. Só precisava pensar em alguma maneira de eliminar a oposição de Jane antes de começar. Se conseguisse fazê-la acreditar que ela mesma se opunha ao plano... Se pudesse fazê-la pensar que Bert estava forçando uma venda contra sua própria objeção... por razões financeiras...

Assentiu com a cabeça para si mesma, segura de que havia encontrado o caminho certo para persuadir Jane. Se Jane

acreditasse que Blanche era contra a venda da casa, ela apoiaria a ideia. Pelo menos não se preocuparia em criar confusão. Blanche olhou para o botão fixado ao lado da mesa de cabeceira. Franzindo a testa, se lançou naquela direção. E então, abruptamente, parou e virou a cabeça para a porta aberta:

*“Ah, o carteiro, ele não vai se importar,  
Pois a mamãe diz que perto o céu está.  
Apesar de você ter partido,  
Estou escrevendo, papai, querido.  
Eu a-m-o você!”*

Enquanto a música ecoava com uma doçura distante e terrível pela escada até entrar no quarto, Blanche ficou completamente imóvel, escutando. Com os olhos fechados, ela simplesmente ficou sentada ali, como se paralisada, e então um ligeiro tremor passou por seu corpo debilitado.

Ela ficou no meio do quarto, uma mulher encolhida em um vestido de algodão de usar em casa, sujo, com estampa de flores desbotadas. Em seus pés, usava sandálias sem salto, de couro vermelho, e meias soquete cor-de-rosa claro. Acima das meias enroladas, a carne esbranquiçada de suas pernas engrossadas pela idade era marcada profundamente por veias azuladas de varizes. Sobre os cachos pintados de vermelho-cereja havia uma enorme tiara de cetim, de um azul tão vívido que, mesmo na penumbra, parecia gerar um brilho próprio. Colocando as mãos perto de seu rosto, quase em um gesto de oração, ela assumiu uma expressão de doçura enjoativa.

“Agora, quando me comporto muito bem”, recitou ela, “e faço o que me pedem...”

Do outro lado do quarto, seu reflexo, capturado com uma suavidade piedosa pelo espelho da parede, parecia igualmente delicado, e articulou as palavras de volta para ela:

“Eu sou o anjinho da mamãe, o papai me diz que sou um tesouro”.

A sala, quando foi construída, tinha sido pensada para ser um local de trabalho para Blanche, onde ela podia ensaiar as cenas, as músicas e as danças que precisaria executar em seus filmes. Blanche tinha sido ambiciosa em sua carreira; a sala fora ideia sua.

Após o acidente de Blanche, a sala, obviamente, perdeu a razão de ser e, como consequência, permaneceu, ao longo dos anos, quase totalmente intocada. O piso de madeira nunca foi acarpetado; o piano de cauda permaneceu posicionado com cuidado no canto ao lado das janelas onde o teclado receberia a luz. Os suportes de ferro nas paredes ainda continham, nas extremidades das pequenas velas falsas, lâmpadas alaranjadas com um formato que se assemelhava a chamas grossas e pontiagudas. A parede espelhada, ao longo dos anos, não havia refletido nada além de um vazio escuro e a poeira que silenciosamente se assentava.

Jane, no entanto, havia encontrado uma utilidade para a sala. Era para cá que ela vinha periodicamente para buscar os momentos perdidos de sua infância e escapar da dura desilusão dos anos. Muitas vezes, no fim do dia, entrava na sala para se sentar, não no banco do piano, que era o único assento que havia, mas no chão. Estreitando os olhos para desafiar a ilusão da luz decrescente, ela olhava de maneira profunda e intensa para o espelho do outro lado da sala até que conseguia invocar de suas falsas profundezas aquele fragmento do passado que procurava. Quase sempre, enquanto ficava sentada ali, o espelho se transformava lentamente no oceano, e o chão sobre o qual estava de pernas cruzadas, como uma criança se senta para brincar, era a praia. De repente, era verão. Época de férias. O som das ondas. E seu pai estava perto.

*Não fique no sol por muito tempo, querida! A estrela da família não pode se queimar!*

Ele gritou para ela da varanda da casa, seu rosto ansioso, como sempre, por sua segurança e seu bem-estar.



*Não vá para o fundo, Janie! Pode vir uma onda grande e te levar!*

Esse era o seu devaneio favorito, o da praia e o mar. Às vezes, ficava ali sentada no chão durante uma hora inteira, apenas ouvindo as ondas quebrando e o som da voz de seu pai. Ultimamente, no entanto, ela se via atraída com mais força para outra parte do passado. Trouxe todos os velhos álbuns de recortes, cheios de fotos suas e matérias de imprensa, e as músicas e declamações que apresentara no palco.

“Mas quando não sou comportada...”

De repente, lembrando-se da parte que tinha esquecido, colocou as mãos nos quadris, e afastou os pés para ficar numa posição de moleca agressiva. Engrossou a voz num tom tenso e pouco convincente.

“E respondo, e sou atrevida...”

Seu rosto flácido, com ar infantil, assumiu uma expressão cruel, carrancuda e afetada. Ela balançou a cabeça para a frente e para trás, uma amostra descarada de provocação, e as dobras de suas papadas copiaram frouxamente o movimento ridículo, assim como a tiara absurda encaixada em seus cachos chamativos.

“Então a mamãe diz que sou uma diabinha espevitada...”

Apontando um dedo incisivo, ela o balançou como se fosse uma criança imitando seus pais severos lhe dando uma bronca.

“O papai diz que eu sou insolente...”

Deixando cair as mãos e segurando-as diante de si em um gesto de compostura angelical, ela deu um passo preciso à frente, como se fosse uma ribalta, e mirou seu reflexo no espelho com um olhar arregalado e questionador.

“Agora, quero que você me diga, já que sou muito nova para saber...”

O som de uma campainha chiou na sala, vindo do corredor do lado de fora, e ela parou. Franziu a testa e, no espelho, seu reflexo franziu a testa de volta. Sem se mexer mais, ela permaneceu completamente imóvel, apenas ouvindo. Seguiu-se um intervalo prolongado de silêncio e depois, como o som de um inseto irritado e determinado, a campainha tocou novamente.

Com isso, ela se virou. Arrancando a fita do cabelo, franziu o rosto, correu pela sala até atingir o lado curvo do piano e a jogou no chão.

Ao chegar à porta, ela a abriu com força e olhou para o corredor escuro. À sua direita, na direção da cozinha, a campainha tocou de novo. Depois de uma breve pausa, voltou para a sala, cruzou-a rapidamente até o piano e levantou a tampa do teclado. De forma deliberada e com toda a força desaforada que conseguiu reunir, empurrou a tampa para fechá-la de novo. O som resultante, um choque dissonante, irradiou ruidosamente para o corredor e para as outras partes da casa.

Jane olhou para cima, escutando o ruído virar silêncio. A campainha não soou novamente. Olhando de volta para o espelho, inclinou a cabeça em uma atitude de flerte, e forçou um sorriso de uma beleza insípida. Então, com uma breve reverência, deixou o sorriso sumir rapidamente. Virando-se, saiu da sala, entrou no corredor e foi na direção da cozinha. Enquanto isso, ergueu o olhar mais uma vez para o teto, na direção do quarto de Blanche, captando a luz, aparentemente, com uma espécie de brilho intenso.

Poucos minutos depois, quando voltou ao corredor, trazia consigo o almoço numa grande bandeja envernizada coberta com um guardanapo impecavelmente branco. Passando com rapidez pela porta da sala de ensaio, entrou na sala de estar, um cômodo grande e comprido, com um alto teto abobadado. Na parede oeste, uma escada levava a uma diminuta varanda. Em frente à escada havia uma lareira de mármore rosa italiano, alta e ornamentada. A parede da frente da sala era marcada por altas janelas de vidro arqueadas no topo, e em uma extremidade pela porta da frente, uma placa pesada e intrincada de mogno escuro. Através das janelas, podia-se ver um terraço estreito de concreto com uma balaustrada de mármore, do centro da qual desciam alguns degraus íngremes para a curva mais interna de um passeio circular.

A sala era decorada com uma mistura de cores e estilos. Na frente da lareira, um enorme divã de veludo verde desbotado, as superfícies dianteiras dos braços decoradas com retângulos de

madeira elaboradamente esculpida. Ao lado, havia uma poltrona combinando, e, entre os dois, uma mesa de café de madeira clara e reluzente. Contra a parede interna da escada havia uma mesa antiga esculpida e pesada, e ao lado dela uma cadeira combinando com assento de couro. Obstruindo a abertura alta de uma das janelas de vidro estava um aparelho de televisão, de plástico branco, menor do que o que havia no quarto de Blanche. As cortinas, amontoadas entre as janelas, eram de um tecido cor-de-rosa que brigava terrivelmente com o tapete, um grande e intrincado padrão de vermelhos e azuis orientais. De dentro dos limites de uma brilhante moldura de prata sobre a lareira, a menina loira com os adoráveis olhos fulminantes sorria para a cena com uma expressão de um vazio inabalável.

Atravessando a sala, Jane começou a subir as escadas, levando seu corpo robusto para cima com impulsos irritados e progressivos. Agora, a incrível e glamourosa estrela de cinema queria seu almoço — a grande estrela da sétima arte que, só porque seus filmes antigos e bobos estavam passando na televisão, achava que podia começar a mandar nas pessoas novamente...

Ao ouvir o som dos passos de Jane na escada, Blanche logo virou sua cadeira para a porta aberta. Precisava ter muito cuidado. Teria de ponderar tudo o que dissesse com muita atenção. Quando Jane pudesse assumir uma posição sobre a questão da venda da casa, não mudaria de ideia. Ela sempre foi teimosa em seus pontos de vista, absolutamente inalterável. A mão de Blanche agarrou o braço da cadeira conforme Jane se aproximava da porta.

Sem olhar na direção de Blanche, Jane entrou no quarto e colocou a bandeja na escrivaninha com uma brusquidão deliberada, de modo a produzir um pequeno e irritante som de porcelana e prata batendo.

Imediatamente, ela se virou para sair, mas Blanche, movendo-se para a frente, estendeu a mão para detê-la.

“Jane...” Até para si mesma sua voz pareceu fina e antinatural. “Jane, eu não estava pedindo o almoço — obrigada por trazê-lo —, mas há algo que eu quero... discutir com você.”

Na porta, Jane virou-se e olhou para trás, seus olhos sem brilho e dissimulados. Por um momento, Blanche ficou encarando aquela figura gorda e rejeitada em seu vestido sem caimento, com os cabelos tingidos pretensiosamente com um forte brilho avermelhado e com o rosto infantil sovado pela idade e a amargura. Vendo tudo isso — sentindo-se obrigada a ver neste momento, de alguma forma —, Blanche se encheu de uma mistura de medo e piedade. Ela desviou o olhar para baixo, para suas mãos.

“Jane, infelizmente tenho más notícias. Houve certos contratempos ultimamente... problemas financeiros, entende, e... de acordo com Bert Hanley, teremos que deixar esta casa. Eu já...” Ela fez uma pausa, atenta a uma sutil reanimada na postura de Jane. “Eu deveria ter contado antes, eu sei, mas Bert pensou que as coisas poderiam mudar e...”

“Quando você falou com Bert Hanley?”

Assustada, Blanche ergueu a vista e encontrou os olhos escuros completamente focados sobre ela, vivos, à espera, e sentiu uma súbita falta de ar.

“Por quê... foi na semana passada, acho...”

Jane, olhando para ela sem piscar os olhos, balançou a cabeça de maneira quase imperceptível. “Bert Hanley não ligou para cá na semana passada. E você não ligou para ele. Eu sei.”

“Eu... bem, não, não falamos pelo telefone.” Blanche se atrapalhou. “Ele me escreveu uma carta, na verdade. Mas isso não faz diferença...”

Jane balançou a cabeça mais uma vez. “Ele também não escreveu nenhuma carta. Não chega nenhuma carta do escritório dele desde...”

“Sim, Jane, sim, chegou!”

“Eu busco as cartas”, disse Jane com uma tensão irritante. “Eu acho que saberia.”

O rosto de Blanche já estava quente de vergonha. Ela umedeceu os lábios nervosamente. “Então deve ter chegado

antes. Ele mandou com o cheque da nossa pensão.”

“Isso foi quase um mês atrás. O cheque deste mês ainda não chegou. Por quê?”

“Jane”, interrompeu Blanche, desesperada, “não importa quando ou como eu falei com Bert. Não é disso que estamos falando. A questão é...”

Ante o olhar implacável de Jane, sua voz foi enfraquecendo até silenciar. Um sorriso fraco apareceu nos cantos da boca de Jane, como uma sombra fugaz.

“Você está mentindo”, disse ela, com calma, sem rodeios. “Você é uma mentirosa, Blanche.”

Blanche começou a andar com sua cadeira, mas então o telefone tocou e ela olhou ao redor, em um movimento rápido e agitado em direção à escrivaninha. O som veio de forma tão repentina e escandalosa que ela nem conseguiu fazer sua cadeira se mexer antes que Jane voltasse ao quarto e pegasse o telefone.

“Jane!”

Com firmeza, Jane levou o telefone do quarto para o corredor. Olhando rapidamente para trás, atendeu. “Alô?”, disse ela.

Muito espantada para fazer qualquer outro protesto, Blanche escutou em um desespero entorpecido.

“Ah? Não. Não, ela não está aqui agora. Ah, não, definitivamente isso não. Bem, ela está enganada; não tem nenhum interesse. Ah, sim, tenho certeza. Claro que tenho. Bem, então ela mudou de ideia, e você pode simplesmente esquecer isso. Ah, sim, se você quiser. Aham, tenho certeza, eu confirmo. Sim. Sim, pode deixar... Tudo bem, se você quiser, mas... Sim. Tudo bem, então. Tchau.”

Desligando o aparelho, ela o colocou de volta no suporte do qual Blanche o retirara. Virando-se, ela saiu em direção à galeria e à escada.

“Jane!”

Enquanto Blanche movia sua cadeira para a frente, Jane voltou a aparecer na porta, seus olhos enormes com uma expressão inocente de dúvida.

“Era Bert no telefone, não era?”

Por um longo momento, Jane simplesmente ficou parada. Então, por fim, balançou a cabeça. “Era uma daquelas mulheres que vendem coisas pelo telefone. Algo sobre trocar o estofamento dos sofás. Eu disse que você não estava interessada.”

“Mas você falou que eu tinha mudado de ideia. Jane, eu sei que você não está...”

“Ela disse que seu nome constava numa lista de interessados”, explicou Jane com ternura, “mas é claro que estava mentindo.” Novamente, a sombra fraca de um sorriso tocou os cantos de sua boca. “Se eu fosse você, não perderia meu tempo falando com pessoas pelo telefone.”

“Jane...”

“Qualquer outra ligação... vou atender lá embaixo... para que você não tenha de falar com ninguém”.

“Jane, por favor...”

Mas Jane já havia saído para a escuridão, e Blanche sabia que ela não voltaria.

Levando sua cadeira até a porta, ficou sentada olhando para o telefone. Tinha sido Bert quem havia ligado. Não havia a menor dúvida em relação a isso. E também não havia nenhuma dúvida de que Jane a avisara para que não tentasse ligar de volta para Bert. E se ela a desafiasse e telefonasse de qualquer jeito? O que Jane faria? O olhar de Blanche caiu brevemente sobre suas pernas murchas e depois se afastou de novo. O silêncio na velha casa parecia quase congelar-se e contrair-se à sua volta. Com um sentimento súbito de pânico, ela voltou para o seu quarto.

Passou um longo momento refletindo, forçando-se a se acalmar. Que bobeira ficar zangada com essas coisas da Jane. A essa altura! Nada de tão terrível acontecera. Jane sempre foi assim, sempre tentando deixá-la preocupada e assustada. Quando eram crianças, Jane sempre roubava seus brinquedos e os escondia — assim como havia tirado o telefone dela agora para ameaçá-la.

Estava simplesmente se deixando entrar num estado de nervos, e por nada. Ela sabia o que deveria fazer — bastava esperar um pouco e então, quando estivesse totalmente calma e

segura de si, ela ligaria para Bert e contaria o que ocorrera. E Jane... bom, deixe-a fazer o pior que puder.

Virou a cadeira para a janela, parando no meio do movimento quando a bandeja sobre a escrivaninha chamou sua atenção. Almoço. Sim, era uma boa ideia. Primeiro almoçaria. Comeria devagar, e com calma, e ficaria completamente sob controle. Ela iria relaxar enquanto comia, e esquecer o incidente com o telefone — e sua tentativa frustrada de “explicar” a Jane a questão da venda da casa. Depois de esperar o intervalo adequado para a digestão, iria direto para o telefone e ligaria.

Com um sentimento de autocongratulação, ela moveu a cadeira para a escrivaninha. Estava sendo muito sensível, mantendo suas emoções incrivelmente controladas. E, quanto mais pensava nisso, mais começava a perceber que a tristeza desta manhã era pelo menos em parte devido à discussão da véspera com a sra. Stitt. Bem, ela apenas deixaria que isso ficasse de lição para ela. Daqui para a frente, ela se faria de surda para as preocupações dos outros, e se recusaria totalmente a escutar fofocas.

Com o princípio de um sorriso nos lábios, Blanche se aproximou da bandeja, pegou o guardanapo e puxou-o. Instantaneamente, o sorriso se desfez em seu rosto, e sua mão congelou no ar. Seus olhos arregalados, seu rosto branco de susto. Ela levou uma mão até a boca, para sufocar o grito que já vinha subindo pela garganta.

A sensação é que ficou horas sentada ali, olhando para aquela coisa terrível em seu prato — o pássaro morto e estirado diante de si, devolvendo o olhar de horror através das órbitas vazias. Era um pássaro pequeno, um pardal ou um tordo, e estava morto havia tanto tempo que até passara do estado de putrefação. Tudo o que lhe restava, na verdade, eram algumas penas emaranhadas, um pouco de pele fina como um papel, e delicados ossos brancos. Isso, com uma deliberação macabra, havia sido colocado no centro de um círculo de alface cuidadosamente arrumado, e a parte de trás do minúsculo cadáver fora coberta com uma espessa camada de maionese. Ao lado do prato, descansando sobre um guardanapo com as iniciais

de Blanche, havia uma faca e um garfo arrumados meticulosamente.



# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

04

As sombras da noite haviam começado a se aglomerar em torno dela, e no tapete o padrão de luz elíptico da janela começava a se alongar e desaparecer. O pior de seu medo havia passado agora, mas apenas o pior, apenas a picada fria e branca do pânico. Ela ainda não conseguia desviar seu olhar por muito tempo da horrível bandeja sobre a escrivaninha, não importava o quanto aquela visão a enojasse.

Felizmente, estava coberta, embora não se lembrasse de ter recolocado o guardanapo. O momento seguinte àquele em que vira pela primeira vez o horror na bandeja tinha passado como uma distorção doentia e conturbada. Era como se aquele pequeno espaço de tempo tivesse sido completamente perdido; a próxima coisa de que se lembrava era de estar ao telefone, no corredor, discando freneticamente o número do dr. Shelby. O instinto, talvez, a tivesse levado a ligar para o médico, ou talvez se lembrasse da sra. Stitt insistindo para que ela falasse com ele sobre Jane. No entanto, não havia parado para considerar seus motivos. Ao discar o número, pressionou o fone contra sua orelha e esperou, ofegante.

Se não estivesse tão perto de um estado de choque, teria entendido no ato que algo estava errado. Porém, meio minuto se passou antes de ela perceber que o telefone não funcionava.

No começo, simplesmente não pôde acreditar; era impossível que o aparelho falhasse bem na hora em que precisava tão desesperadamente dele. E então, com um novo ataque de pânico, ela entendeu o que havia acontecido: Jane, no andar inferior, retirou o telefone do gancho para evitar que ela fizesse qualquer ligação. No mesmo instante em que essa inquietante informação chegou à sua mente, ela percebeu, como antes, o som suave de uma respiração na linha.

Passou-se um segundo, e então mais um. A respiração continuou, indicando que Jane estava escutando no outro aparelho. Blanche sacudiu a cabeça em negativa, com uma descrença assustada. Era uma loucura. Quase tão louco como... como fazer uma salada com um pássaro morto.

“Jane!”, gritou ela de repente. “Jane!”

O som de sua voz golpeou bruscamente o silêncio do corredor, rompendo-o e estilhaçando-o. Estava perplexa com o que fizera. Rapidamente, empurrando o fone, deixou-o cair de volta no aparelho e se virou. Ela olhou para seu quarto e foi então que percebeu, com um suspiro de alívio, que havia coberto a bandeja com o guardanapo.

A tarde passara como um pesadelo irreal, iluminado pelo sol, e Blanche, se escondendo do brilho cristalino que entrava pela janela, se encolhia na falsa segurança das sombras em sua cama. Pesava sobre ela a constatação de que Jane, depois de tê-la aterrorizado, também a mantinha como uma prisioneira indefesa.

Mas por quê?, perguntava-se Blanche. Com que propósito? Isso era o pior, não saber que inspiração obscura estava por trás desse estranho projeto de terror. Será que Jane queria apenas assustá-la? Será que essa era sua maneira de protestar contra a venda da casa? Ou tratava-se de um aviso? Essas perguntas, por mais que se repetissem centenas de vezes em sua cabeça, permaneciam sem resposta.

Jane não a machucaria, não partiria para a violência física; Blanche tinha certeza disso. Jane nunca faria nada, com certeza, para aumentar a terrível carga de culpa que havia carregado

durante todos esses anos desde o acidente. Não havia nada a temer, disse Blanche a si mesma.

Ali, nas sombras, ela mantinha um livro no colo para que pudesse fingir estar lendo calmamente se Jane aparecesse de repente. Sabendo muito bem que ainda não tinha a coragem de confrontar Jane abertamente e perguntar o motivo desse horror, ela decidiu que, quando Jane viesse ao quarto, seria melhor fingir que não levantara o guardanapo, que não vira aquela exibição hedionda. Se Jane perguntasse, ela simplesmente diria que não estava com fome. Amanhã, quando se sentindo mais controlada, insistiria para que discutissem todo o assunto com franqueza.

Felizmente, durante a tarde, Jane não se aproximou do quarto, nem mesmo foi ao andar de cima. Houve alguns ruídos ocasionais de movimento vindos do térreo, mas nada que parecesse extraordinário ou alarmante. Agora, no entanto, com o anoitecer, os barulhos ficavam cada vez mais altos e frequentes. E então, quase exatamente no momento em que os últimos fracos vestígios da luz do dia desapareciam do quarto, os passos de Jane se aproximaram com uma energia repentina pelo corredor no térreo e pela sala de estar até a escada.

Blanche logo alcançou a luminária de cabeceira e a acendeu, controlando-se, para ao mesmo tempo permanecer calma e tranquila. Ela observou, tremendo, o círculo de luz se aproximando até entrar no quarto, procurando, ao que parecia, com dedos leves, a mesa e a bandeja repugnante.

Não podia adivinhar qual seria a atitude de Jane, o que ela poderia dizer ou fazer. Tirando o livro de seu colo, apoiou-o firmemente contra o braço de sua cadeira em um esforço para mantê-la firme.

Quando Jane entrou no quarto, Blanche manteve os olhos fixos no livro. Ainda assim, sentiu o pânico crescer de novo em seu íntimo, repentina e bruscamente. Esforçando-se para impedir esse sentimento, ela disse a si mesma que não devia se deixar levar pelo nervosismo. Não havia nada, de fato, com que se assustar. No entanto, suas mãos apertaram o livro, como numa tentativa de preparar todo o seu ser contra a agressão de qualquer palavra ou gesto que pudesse vir da direção de Jane.

Jane, no entanto, não mostrava nenhuma predisposição para se comunicar. Levando uma nova bandeja — desta vez a bandeja de jantar de Blanche —, ela foi diretamente até a escrivaninha e colocou-a ao lado da que já estava lá.

No canto dos olhos de Blanche, apareceram dois montes descomunais de horror branco, nas sombras, além do alcance da luz. E então, pegando a terrível bandeja com o almoço, Jane, ainda sem olhar na direção de Blanche, virou-se e saiu do quarto. Só depois que já não era mais possível escutar seus passos na escada Blanche deixou o livro cair de suas mãos trêmulas em seu colo.

A bandeja coberta de branco surgiu, de repente, na escuridão, parecendo inchada de tão enorme. Fechou os olhos diante da visão, mas aquilo ainda estava lá, diante dela, na escuridão de sua mente. E então ela parou, farejando o ar ao redor. Havia algum odor? De comida quente? De carne assada? Abriu os olhos e aspirou novamente. Desta vez, Jane havia lhe trazido uma refeição normal. Ela foi em frente, hesitante, mas parou de novo, de forma abrupta, quando o odor então azedou suas narinas e se tornou um cheiro de morte e de carne em decomposição. Ela se inclinou para a frente e baixou a cabeça entre as mãos, com medo de que fosse passar mal.

Então, aos poucos, ela entendeu... a razão pela qual Jane estava fazendo isso. Ela queria matá-la de fome! Queria deixar Blanche com tanto medo do que poderia encontrar nas bandejas na hora das refeições que não se atreveria a se aproximar delas. Blanche tinha certeza disso; era exatamente o tipo de plano diabólico que fascinaria Jane. Com o tempo, poderia trazer refeições impecáveis para o quarto, como antes, e teria certeza de que Blanche se recusaria a comê-las ou até mesmo chegar perto delas. E, no final, quando Blanche morresse de fome no meio de tanta abundância, quem iria pensar em culpar Jane?

Blanche voltou o olhar para a bandeja coberta na mesa. Não estava enganada com essa hipótese; tinha certeza. Ela e Jane haviam embarcado em um jogo estranho e mortal de adivinhação. Cada bandeja trazida a partir de agora poderia conter ou algum horror monstruoso, como o pássaro morto, ou

uma esplêndida refeição. Blanche era quem teria de adivinhar do que se tratava, afinal. Com os olhos fixos na bandeja, Blanche agarrou a roda da cadeira e começou a avançar novamente. Pelo menos agora sabia o tipo de loucura que enfrentava. Isso ajudava.

A menos de um metro da mesa, ela parou. Inclinando-se para a frente, estudou o formato do pano branco sobre a bandeja, tentando determinar o que havia embaixo. A protuberância maior certamente era um copo, mas não havia nenhuma pista sobre qualquer outra coisa. O odor agora estava muito mais forte, mas ainda se alternava em sua mente e em seus sentidos, primeiro como cheiro de carne assada e, em seguida, como o fedor de putrefação.

Forçando-se a chegar mais perto, ela se inclinou ainda mais e estendeu a mão. Porém, logo a puxou de volta, de maneira brusca, pensando que tinha visto um movimento, uma leve alteração nas dobras brancas do pano. Disse a si mesma que era apenas uma ilusão da luz, a sombra de sua mão se mexendo. Mas sua imaginação já tinha começado a evocar novos horrores, coisas muito piores do que o pássaro morto do almoço. Ela insistia que a bandeja continha algo vivo... um rato vivo preso em uma armadilha, contorcendo-se e esperneando! Blanche agarrou a roda de sua cadeira e começou a retornar para as sombras.

Por um momento, sentou-se, sem fôlego, verificando a bandeja em busca de mais sinais de movimento, mas não viu nada.

*Claro que não,* repreendeu-se, zangada por ser uma tola assustada e fraca, *que bobagem! Não tem nada vivo debaixo desse pano. Idiota! Você simplesmente se deixou entrar em outro estado de pânico cego.*

Muito focada, ela respirou bem profundamente e soltou o ar. Sim, estava cedendo ao pânico, e por tempo demais. Uma excêntrica aterrorizante na casa já era o suficiente. Ela voltou a se virar para a bandeja, e se obrigou a olhar com mais atenção.

Havia a possibilidade de que estivesse certa sobre o plano de Jane de fazê-la morrer de fome e de medo. Era apenas uma possibilidade, no entanto. Jane poderia muito bem estar somente

se comportando de acordo com algum impulso deturpado e infantil cujo significado era nenhum. Em ambos os casos, o que deveria fazer era recusar-se a ter medo, voltar à bandeja, remover o pano e descobrir, de uma vez por todas, se trazia o jantar ou outro horror. Mesmo que no final viesse a ser a coisa que ela mais temia, o choque não poderia ser tão grande como tinha sido da primeira vez. Agora estava prevenida.

Virando-se, ela voltou para a mesa. Percorrera pouco mais da metade da distância, no entanto, quando parou. Ficou sentada por um momento, olhando para a frente, e então, num impulso, desabou e enterrou o rosto nas mãos. Não podia fazer isso. De repente, ela sabia. Não tinha coragem; Jane havia ganhado. Impotente, começou a chorar de maneira convulsiva.

A primeira luz do amanhecer, entrando no quarto por um desvio, era cinzenta e opressiva, e Blanche, ainda encolhida em sua cadeira de rodas, como ficara por toda a noite, temia que o dia não fosse ser bom. O mau tempo estragaria tudo.

Desde o amanhecer, no entanto, tinha dormido, e agora, depois de passadas mais de três horas, havia uma concentração de calor e brilho suficiente para tranquilizá-la. Virando-se, ela olhou para a porta que levava ao corredor. Ainda fechada. E a bandeja ainda estava sobre mesa. Jane, então, não entrou no quarto enquanto ela dormia. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Quase nove horas agora, o horário em que a sra. Bates costuma fazer sua primeira visita diária ao jardim.

Levando a cadeira o mais perto possível da janela, ela colocou o freio. Depois, agarrou os braços da cadeira e começou a se levantar. Segurando-se com a perna direita, que ainda continha um vislumbre de vida, ela conseguiu, lentamente, erguer-se um pouco. Esticando-se, ela olhou para o jardim abaixo. Deserto. A casa, na extremidade do jardim, ainda fechada; as persianas ainda estavam abaixadas nas portas de vidro. Com um leve suspiro de impaciência, Blanche voltou para a cadeira.

O medo e o pânico que a mantiveram acordada durante a maior parte da noite começaram a diminuir com a chegada das primeiras horas da manhã. Apesar da exaustão, conforme a força do medo começava a diminuir a pressão sobre sua mente e seu corpo, ela começou a pensar e a raciocinar com mais clareza. Percebera que, mesmo sem o telefone, ainda havia uma maneira de pedir ajuda.

Assim que a ideia surgiu, apanhou um bloco de notas e um lápis, e começou a trabalhar.

*Sra. Bates (ela escreveu em uma letra grande e trêmula) Aqui é sua vizinha, Blanche Hudson. Estou sendo obrigada a lhe pedir ajuda em um assunto muito sério. Por motivos que não posso explicar neste bilhete, não posso usar meu telefone. Como preciso desesperadamente falar com meu médico, peço que a senhora ligue para ele por mim. O nome dele é dr. Warren Shelby, e o número de seu consultório é OL 6-5541. Por favor, peça-lhe que venha me ver aqui em casa o mais rápido possível. Diga a ele para que não ligue antes, que apenas venha. Por favor, faça isso por mim. É uma questão de vida ou morte.*

Ela assinou a nota com as suas iniciais e depois acrescentou: *Por favor, em nenhuma circunstância incomode minha irmã com esse assunto.*

Ao terminar, dobrou com cuidado o papel e o colocou no bolso direito de seu roupão, onde seria fácil alcançá-lo quando precisasse. Quase imediatamente depois disso, com o alívio de ter posto em ação um plano que tinha certeza que funcionaria, Blanche finalmente dormiu.

E então sonhou.

Em seu sonho, ela era uma garotinha novamente, com cinco ou seis anos, e caminhava com sua mãe em uma praia deserta no fim da tarde. Enquanto andavam, as ondas vinham em direção a elas pela faixa inclinada de areia, subindo, descendo, ficando mais escuras na medida em que os minutos passavam, e o anoitecer se aproximava. Uma névoa suave surgiu da água e começava a flutuar em direção à fileira de pequenas casas de verão de madeira na subida. A pequena Blanche agarrou-se com

força à mão de sua mãe, pois o caminho à frente estava turvo por suas próprias lágrimas.

Na verdade, era um fragmento do passado, mais uma lembrança que um sonho, porque há muito tempo fez parte de algo que realmente aconteceu.

Tudo começou naquela tarde, na varanda, onde Jane e seu pai estavam ensaiando.

O período de ensaio diário era seguido religiosamente para manter Jane “em forma”, mesmo durante o mês de férias, e para preparar novos materiais para as apresentações do outono. Acontecia entre as duas e as quatro horas, na varanda, de acordo com a explicação de seu pai, para que Jane pudesse aproveitar ao máximo o saudável ar salobro. Se, ao mesmo tempo, atraíam um grande número de curiosos entre os vários visitantes casuais da praia e entre os inquilinos das casas adjacentes, nem ele nem Jane pareciam se importar muito.

Blanche, gordinha e bronzeada em seu maiô de listras azuis e brancas, era autorizada a participar dessas sessões, mas apenas como parte da plateia. Seu lugar cativo era ao lado da varanda, bem à direita e perto da cadeira do pai, de onde ele providenciava o acompanhamento musical de Jane em um magnífico banjo de cinco cordas. Estava estabelecido de forma consistente que o período de trabalho de Jane deveria ser sempre tratado com respeito e sobriedade solenes; Blanche poderia ficar e assistir apenas com uma rígida advertência de que ela deveria permanecer em silêncio absoluto. Também estava claro que qualquer interferência resultaria em sua expulsão imediata.

Durante um tempo, a pequena Blanche começou a achar cada vez mais difícil obedecer aos termos desse acordo. Ao ver Jane apresentar suas músicas e danças ante os olhos arregalados de seu público ao lado da varanda, sentia dentro de si um desejo crescente de compartilhar pelo menos um pouco do estrelato de Jane. Sua jovem e brilhante cabeça havia chegado à conclusão de que, se quisesse, poderia cantar e dançar tão bem como a idiota da Jane — e provavelmente muito melhor. Tudo o que tinha de fazer era dar muitos pulinhos, dar tchauzinhos e



fazer caretas. E qualquer um poderia se sair bem com isso. A tentação, no começo, apenas acenou, mas depois, enquanto Blanche ainda resistia, ela a puxou pelo colarinho e a empurrou, sem que pudesse fazer nada.

Com o toque do banjo alto em seus ouvidos, Blanche apareceu de repente de detrás da cadeira do pai e de imediato juntou-se a Jane na dança. Saltando violentamente para cima e para baixo, ela balançava a cabeça e acenava com os braços em um tolo frenesi de entusiasmo. E então, entrando em uma espécie de surto louco, inesperadamente abrilhantou sua performance com uma série de gritos que pareciam quase alaridos de indígenas em guerra.

Foi uma performance que exigiu — e obteve — a atenção instantânea e absoluta de todos os envolvidos, e, embora a música do banjo tivesse sofrido uma parada abrupta, a dança de Blanche, não. Impulsionada para novas alturas pelas gargalhadas do público, ela colocou a língua para fora da boca e sacudiu a cabeça de um lado para o outro com tanta força que, por um momento, parecia correr o perigo de se soltar de seu pescoço. E então, no instante seguinte, veio a retaliação; uma mão a atingiu no rosto, deixando-o ardido, e uma outra apertou seu cabelo, puxando-o tão forte que ela foi jogada no chão. A voz estridente de Jane repercutiu perto de sua orelha.

“Sai daqui! Sai daqui, sai daqui, *sai daqui!*”

Então, uma mão maior e mais pesada, a de seu pai, apertou seu braço, empurrando-a vertiginosamente para seus pés.

“O que acha que está tentando fazer?”, gritou seu pai. “O que deu em você?”

Blanche olhou aturdida para o rosto corado e furioso dele, e, por um momento, foi atingida por uma terrível sensação de enjoo. Ao mesmo tempo, tinha consciência de que Jane estava de pé ao seu lado, com as mãos na cintura, respirando pesadamente, com esforço e justa indignação.

“Você não pode dançar, sua gorda suja! Quem disse que você podia?”

Então, seu pai a conduziu rapidamente pela varanda, descendo os degraus até a areia. “Agora saia correndo daqui,

mocinha”, disse ele com frieza, “e não volte até que esteja pronta para se comportar e deixar a pobre Janie em paz.”

Blanche tropeçou ao virar a esquina da casa, fora da vista do público, que ria com ansiedade. Ela então se refugiou sob os degraus de madeira que levavam à varanda dos fundos, e lá, em sua sombra, encolhendo-se, começou a chorar.

Quase duas horas depois, sua mãe a encontrou e a levou pela mão pela praia escurecida pelo pôr do sol. Quando chegaram onde já não podiam ser vistas da casa, elas pararam. Sua mãe, sentada em uma pedra que se erguia da areia, puxou-a para perto de si.

“Você não deve se importar, querida”, disse ela. “Tente encontrar alguma maneira. Seu pai não tinha a intenção de fazer isso, não como pareceu, ele não tinha a intenção. É que ele tem que dar a Jane uma atenção especial que não dá a você — ou mesmo a mim — por causa de seu trabalho. Nós devemos muito a Jane, você sabe, todos nós. Se não fosse por ela, não teríamos todas as coisas boas que temos. Você não teria todas essas roupas bonitas. Nós não poderíamos vir aqui e viver perto do mar no verão. Nós perderíamos... ah, muitas coisas bacanas. Janie trabalha muito por nós... e por você também, querida.” Sua mãe levantou seu queixo suavemente com a ponta do dedo e olhou profundamente nos seus olhos por um momento. “Mas você é a sortuda, querida, de verdade... É, você... se você soubesse... Você verá um dia. E, quando isso acontecer, deve se lembrar de ser mais gentil com Jane e com seu pai do que eles são com você agora. Entende?”

Sem entender muito bem, mas ansiosa para agradar a mãe, Blanche concordou. “Aham”, murmurou ela. “Eu acho que sim...”

“Espero que tenha entendido, meu amor; ah, eu realmente espero.”

Em todos os anos que se passaram desde então, Blanche nunca mais havia pensado nesse momento na praia até agora, e ela se perguntou por que de repente isso viera à sua mente com tanta clareza. Pensando bem, conseguia até se recordar que sua mãe usava um vestido de voil azul-claro, decorado com delicados bordados de cor marfim. Balançando a cabeça com grande

assombro, Blanche libertou-se desse devaneio e olhou em direção à porta. Escutou com atenção, mas ainda não havia nenhum som que indicasse que Jane já tivesse levantado.

Voltando à janela, mais uma vez se levantou da cadeira. Desta vez, impulsionando-se subitamente para a frente, estendeu a mão, agarrou a grade e puxou-se até quase conseguir ficar de pé. Olhando para o jardim, franziu a testa, decepcionada; ainda estava deserto.

Ela sentiu um pequeno tremor de ansiedade; talvez algo acontecera. Talvez a sra. Bates tivesse adoecido durante a noite e se encontrasse fechada dentro de casa. Ou ela poderia ter sido chamada para ajudar em alguma emergência. Estava começando a ficar tão tarde...

Seu olhar voou de repente para a casa no final do jardim ao perceber uma das portas de vidro da sra. Bates se abrir, como se ela aparecesse naquele instante intencionalmente para mostrar a Blanche a loucura que era sua teoria desmedida. Vestida como sempre, com seu avental e chapéu de palha, surgiu placidamente no gramado. Fez uma pausa, olhou o resto do jardim com evidente satisfação e depois foi abrir a torneira. Blanche, aproximando-se da grade, impulsivamente colocou a mão no bolso onde estava o bilhete.

Porém, pensando que talvez tivesse escutado um som vindo de algum lugar no corredor, puxou a mão de volta rapidamente. Olhou para a porta e, ao ver que estava fechada, voltou para o jardim e para a sra. Bates. Por um longo instante, ficou completamente imóvel, sua indecisão paralisando suas ações. Se jogasse o bilhete pela janela agora, a sra. Bates ainda estava tão longe que talvez não percebesse. Mas, se esperasse para jogá-lo, e Jane entrasse no quarto antes de ter uma chance de lançar o papel... Então escutou algo novamente no corredor, com mais clareza desta vez, e assim sua decisão foi tomada; soltando a grade, ela se jogou para trás e caiu em sua cadeira.

Acabara de mover a cadeira para longe da janela e virar-se quando a porta se abriu e Jane apareceu.

Jane usava sua roupa matinal de sempre, um roupão acolchoado de cetim branco, velho e sujo. Seu cabelo tingido

estava no mesmo estado de desordem selvagem de quando ela acordou e saiu da cama, e nos pés usava chinelos de couro vermelho. Evidentemente, já estava acordada e circulando silenciosamente pela casa havia algum tempo, pois, ao entrar, Blanche viu que ela carregava outra bandeja coberta. Parou por um momento na porta e olhou apressadamente para o quarto com os olhos ainda tão inchados de sono que não eram mais que uma fenda em seu rosto. Blanche enfiou a mão no bolso e protegeu o bilhete que escrevera para a sra. Bates.

Sem mostrar nenhum interesse especial, Jane colocou a bandeja de café da manhã na mesa e pegou a da noite anterior, e voltou para a porta. Porém, pouco antes de sair do quarto, ela fez uma pausa, olhou de volta para a bandeja que acabara de deixar e depois para a que estava carregando.

Blanche não sabia se o olhar de Jane havia ou não se movido em sua direção; houve uma rápida agitação das pálpebras quase fechadas, e nada mais. E então, como se estivesse com disposição para uma decisão súbita, Jane voltou para a bandeja na mesa, colocou a mão no pano e puxou-o para o lado. Nesse momento, Blanche desviou os olhos rapidamente. Ela permaneceu imóvel, mesmo depois que os passos de Jane desapareceram pelo corredor e pela escada. Mas então, sabendo que teria de voltar, cedo ou tarde, ela se forçou a virar-se e a olhar em direção à mesa.

Por um momento, ficou com o olhar fixo. Tinha tanta certeza de que seria confrontada por uma visão repugnante que levou alguns instantes até que sua mente se ajustasse ao fato de que o que estava olhando era apenas seu costumeiro desjejum: um ovo cozido, suco de laranja, torradas com manteiga e chá.

Do andar térreo vieram os sons familiares de Jane preparando-se para tomar seu próprio café da manhã, como sempre.

*Como sempre.* A frase pulou de sua aglomeração de pensamentos, apresentando-se a ela com nítida definição. *Como sempre, Jane trouxe o café da manhã, que, como sempre, era o mesmo café da manhã de todos os dias. E agora, como sempre, Jane estava lá embaixo preparando seu próprio café da manhã.*

Diante de tanto “hábito”, o terror da tarde e da noite anteriores de repente pareceu suave. Com um olhar demorado em direção à porta, ela enfiou a mão no bolso e tirou o bilhete que havia escrito na terrível escuridão da noite:

*... obrigada a lhe pedir sua ajuda... um assunto muito sério... preciso desesperadamente falar com meu médico... o mais rápido possível... uma questão de vida ou morte... Por favor... por favor... por favor...*

Seus olhos perpassaram o bilhete, depois se voltaram para a janela aberta. Depois de ver a pobre Jane, a pobre e insignificante Jane, em seu roupão sujo, seus cabelos desgrenhados e os olhos inchados, o bilhete parecia extremamente melodramático. Ainda assim... Com um ar de resolução, ela voltou para a janela, levantou-se da cadeira e alcançou a grade.

A sra. Bates estava quase chegando aos canteiros abaixo da janela. Ela se aproximou pela esquerda, tomando muito cuidado para regar bem a cerca viva que dava para a rua. Blanche colocou o bilhete na grade e esperou. Pensou com muito cuidado; se a sra. Bates não visse o bilhete caindo, ela poderia assumir que se tratava de um pedaço de papel qualquer que voara para o quintal durante a noite, e ignorá-lo. Teria de esperar, então, até que a mulher estivesse virada completamente em sua direção. Segurando-se bem, Blanche tentou, enquanto esperava, projetar-se na mente da sra. Bates: ela tentou imaginar a primeira reação da mulher quando visse o bilhete caindo da janela, e o que pensaria quando o pegasse e o lesse.

Naturalmente, seria uma surpresa. Mas depois — depois desse primeiro momento de surpresa — ela pensaria que era um tipo de piada? Ah, não, não, ela não poderia fazer isso! Não com um bilhete que dizia que alguém precisava de um médico. Mas estaria disposta a assumir a responsabilidade de chamar o médico, como o bilhete pedia? Ela podia ser uma dessas mulheres muito tímidas ou muito cautelosas para se meter nos assuntos de seus vizinhos. Na verdade, Blanche não sabia nada sobre a sra. Bates; não fazia nenhuma ideia sobre o tipo de pessoa que poderia ser. Avançando, estudou a figura com mais

atenção. Suponhamos que era o tipo de mulher que gostava de sempre estar no centro da confusão, que poderia tentar interferir pessoalmente em vez de ligar para o dr. Shelby. Ou que ela estivesse em busca de notoriedade e ligasse para os jornais!

Os jornais! Blanche se afastou da janela, como se alguém ameaçasse bater nela. Suponhamos que seu bilhete fosse parar nos jornais. De repente, ela o viu com bastante clareza, fotografado e reproduzido nos jornais da noite — juntamente com um histórico, sem dúvida, de sua carreira, terminando com o acidente que deu fim à mesma. Talvez até descubram algumas das informações sobre o acidente que o estúdio conseguiu encobrir, alguns pequenos detalhes...

Ela soltou a grade e se acomodou na cadeira. Percebia agora que seu plano continha perigos que não havia considerado; poderia facilmente haver consequências desagradáveis, consequências que ela não ousaria provocar. Mas se jogasse fora essa chance, não haveria outra até que a sra. Stitt viesse na sexta-feira...

Então ela se lembrou: a sra. Stitt mudara seus planos esta semana; ela avisou que viria na segunda-feira de manhã. Amanhã! O terrível peso de sua ansiedade logo desapareceu. Que estupidez ter se esquecido disso; com o medo, isso desapareceu por completo de sua mente. Mas agora que havia se lembrado, tudo ficava tão simples... Quando a sra. Stitt viesse amanhã, ela imediatamente a mandaria ligar para o dr. Shelby da cabine telefônica mais próxima, e assim que viesse... Que completa idiota tinha sido por ter se deixado ficar em tal estado sem motivo nenhum. Dobrando o bilhete rapidamente, quase envergonhada, ela o enfiou de volta em seu bolso.

Com certeza, a sra. Stitt também havia informado Jane sobre seus planos. Então seria difícil para Jane armar alguma coisa muito terrível, sabendo que a mulher viria na manhã seguinte. Recordando suas fantasias mórbidas sobre os planos de Jane de fazê-la morrer de fome e de medo, Blanche sentiu certa decepção. A que ponto havia chegado! Quando Jane tirou o pano da bandeja do café da manhã para mostrar a ela que não havia nada de errado, ficou evidente que aquele absurdo terminara.

Ao pensar no café da manhã, Blanche olhou para a bandeja e, vendo a comida, percebeu estar faminta. Aliviada, ela virou a cadeira e foi até a mesa.

Conforme o dia passava, em silêncio e sem incidentes, o otimismo recém-descoberto de Blanche parecia justificado. Jane passou a maior parte do tempo lá embaixo. Pontualmente à uma da tarde ela apareceu com o almoço de Blanche, tirou o pano da bandeja como fez no café da manhã, para que ela pudesse ver que continha somente uma salada de frutas com gelatina e alguns biscoitos.

Depois do almoço, Blanche leu um pouco e então, para compensar o sono que perdera durante a noite, cochilou. Pouco depois das quatro, ela acordou, bem descansada, e levou a cadeira para a janela, para ver que a sra. Bates, de acordo com sua agenda habitual, retornara ao seu jardim. A mão de Blanche procurou o bilhete no bolso, mas o manteve ali, intocado.

Às sete, quando Jane trouxe sua bandeja de jantar e a deixou na mesa sem retirar o pano, Blanche não sentiu a apreensão do dia anterior. Com apenas uma pontada momentânea de dúvida, moveu a cadeira na direção da mesa, estendeu a mão e retirou o pano.

A comida parecia maravilhosa. Havia duas costeletas perfeitamente grelhadas, uma porção pequena de purê de batatas, cenouras e ervilhas, uma pequena salada verde e uma fatia de torta de cereja. Entusiasmada, Blanche agarrou o garfo e pegou um pouco de batata.

Nem bem havia levado a comida até a boca, com um suspiro intenso começou a se inclinar para a frente. Deixando o garfo cair, despercebido, no chão, ela alcançou rapidamente o guardanapo. E então parou, olhando para o prato com mais atenção.

Ela enxergara agora o que não vira antes: a refeição toda tinha sido cuidadosamente polvilhada com areia fina e branca.

**O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
BABY  
JANE?**

05

Às quinze para as nove, a casa ainda estava em silêncio; até então Jane não havia acordado nem saído de seu quarto.

Blanche, mais uma vez, havia passado a noite em uma insônia amedrontada, interminável. Mais uma vez, esteve sentada durante toda a madrugada em sua cadeira, ouvindo o silêncio infinito, seu coração acelerado com medo de... ela não sabia de quê. E, novamente, ela observou o amanhecer entrar obliquamente na sala através da janela, passando pela grade com uma discricção fria e cinzenta. Agora, conforme o dia começava a maturar, e uma faixa de luz dourada aparecia no peitoril, Blanche esperava cada vez mais tensa, rezando fervorosamente para que a sra. Stitt chegasse antes de Jane acordar.

Faltavam apenas dois minutos para as nove quando ela por fim ouviu um som vindo do andar de baixo e logo levou a cadeira até a porta. Era um leve som de algo raspando que, mesmo de tão longe, Blanche reconheceu como a chave da sra. Stitt entrando na fechadura da porta dos fundos. Depois de um momento, a porta se abriu e se fechou novamente. Os passos da sra. Stitt ecoavam pela cozinha, e Blanche colocou a mão no batente da porta, se esforçando para não gritar.

Mais uma vez, uma porta se abriu, agora a do armário do térreo, e Blanche pôde visualizar a sra. Stitt guardando seu



chapéu e o casaco, tirando o avental de limpeza, vestindo-o, amarrando-o em volta da cintura. A qualquer momento, a mulher subiria. Ansiosa, Blanche levou a cadeira de volta para o quarto. Os passos recomeçaram, aproximaram-se pelo corredor inferior, atravessaram a sala de estar e subiram a escada.

Entrando no corredor do andar de cima, a sra. Stitt aproximou-se rapidamente. Ao ver Blanche sentada na cadeira, ela parou na porta, surpresa.

“Edna!”, disse Blanche.

“Já está acordada?”, perguntou a sra. Stitt. “A casa está tão silenciosa...”

“Venha cá”, disse Blanche, impacientemente, mantendo sua voz baixa. “Entre e feche a porta.”

A sra. Stitt começou a andar, porém, ao ver a cama arrumada, hesitou e olhou de volta pelo corredor em direção ao quarto de Jane. “Ela também já acordou?”

Blanche sacudiu a cabeça. “Edna, ouça...”

A sra. Stitt, ainda olhando pelo corredor, levantou a mão com um gesto abrupto de advertência. “Bem, bom dia”, disse ela sem rodeios. “Pensei tê-la ouvido se mexendo por aí.”

Blanche ficou paralisada em sua cadeira, enfraquecida pela decepção. Agora ela teria de esperar; teria de suportar mais dessa ansiedade terrível.

Quando a sra. Stitt entrou no quarto, Jane apareceu na porta atrás dela, com os olhos inchados, amarrando a faixa de seu roupão sujo. Seu olhar estreito foi direto para a mesa e a bandeja de jantar coberta. Sem dizer nada, ela entrou no quarto, pegou a bandeja e levou-a apressadamente em direção à porta.

A sra. Stitt olhou para Blanche. “O que queria, srta. Blanche?”, perguntou ela.

“Bem”, Blanche ficou desconcertada, esperando que Jane saísse. “Eu...”

Na porta, Jane parou e se virou, seu olhar dirigindo-se à sra. Stitt. “É melhor descer e tomar o café da manhã”, disse ela.

O rosto da sra. Stitt produziu um leve rubor de raiva. “Em um minuto”, disse ela, virando-se para Blanche.

“Não é nada importante”, disse Blanche, resignadamente. “Pode cuidar disso quando trazer meu café da manhã.”

“Tudo bem”, concordou a sra. Stitt.

Ao virar-se e encontrar Jane ainda ali, ela atravessou rapidamente a porta, entrou no corredor e passou por Jane, decidida a não ajudá-la com a bandeja ou até a mostrar qualquer sinal de que pensava que deveria ajudar. Blanche não conseguiu conter um suspiro de derrota quando Jane, lançando um último olhar fugaz em sua direção, seguiu pelo corredor e sumiu de vista.

Quinze minutos depois, Blanche recebeu seu café da manhã, mas foi Jane quem o levou para o andar de cima, não a sra. Stitt. Como na manhã anterior, Jane deixou a bandeja e retirou o guardanapo. Trazia apenas seu desjejum da manhã habitual.

Sozinha, Blanche se forçou a comer. A sra. Stitt agora sabia que Blanche queria falar com ela; com certeza voltaria para o andar superior antes de ir embora. Contudo, conforme as horas da manhã passaram, e nada da sra. Stitt, a sensação de incerteza desesperada de Blanche aumentou. A sra. Stitt não voltaria até a sexta-feira; se não conseguisse conversar com ela esta manhã, seriam quase quatro dias até ter uma nova chance.

Blanche fechou os olhos para conter as lágrimas de medo e frustração. Precisava falar com o dr. Shelby hoje. Ela *precisava*. Não aguentava mais nada disso. Não importava se havia algum perigo ou não, não podia suportar a perspectiva de outro dia sozinha nesta casa com Jane. Olhou para o relógio no suporte e viu, preocupada, que eram quase onze e quarenta e cinco. A sra. Stitt iria embora em apenas quinze minutos!

Movendo a cadeira na direção da porta, ela fez uma pausa e escutou. Por um longo momento, não escutou nada e, então, ouviu uma série de sons fracos vindos da sala de estar. Em silêncio, levou a cadeira para o corredor e depois para a galeria. No corrimão, olhando para a sala de estar, emitiu um leve suspiro de alívio.

“Edna!”, sussurrou ela. “Edna!”

A sra. Stitt, que limpava a mesa da biblioteca logo abaixo, deu alguns passos e então olhou para cima. Voltando rapidamente,

olhou para o corredor de baixo. O que ela viu deve ter lhe tranquilizado, pois quando Blanche fez sinal para que subisse, ela concordou com a cabeça e largou o pano.

Blanche esperou que ela a encontrasse na porta de seu quarto. “Graças a Deus!”, suspirou ela. “Tive tanto medo de que você não voltasse a subir...”

“Eu tentei de todas as maneiras que podia. Ela está determinada a me impedir.”

“Onde ela está agora?”

“Na cozinha, acho... ou talvez na varanda.”

Quando entraram no quarto, Blanche balançou a cabeça, apontando o caminho atrás de si. “Feche a porta”, disse ela com impaciência, “feche-a.” A sra. Stitt concordou com um olhar de preocupação. Sua mão acabara de encostar na porta quando, com um som surpreendentemente estridente, o telefone tocou no corredor. Elas trocaram rápidos olhares. A sra. Stitt moveu-se apressadamente de volta ao corredor.

“Não!”, gritou Blanche. “Não, não se preocupe com isso!”

“Mas ela com certeza vai saber que estou aqui em cima.” A sra. Stitt atendeu antes que pudesse tocar novamente. “Alô?”, disse ela.

“Edna!” Blanche lamentou. “Por favor... Você *tem* de me escutar. Preciso falar com o dr. Shelby!” Ela parou, desesperada, e então, apesar do fato de que a sra. Stitt estava falando — estava dizendo coisas — ao telefone, ela prosseguiu. “Edna, você tinha razão sobre Jane. Nos últimos dois dias... ela me manteve completamente desamparada aqui nesta casa. Sou uma prisioneira neste quarto, com o...”

“Sim, sr. Cooper”, dizia a sra. Stitt rapidamente ao telefone. “Sim, está tudo bem, tudo bem. Sim, tenho certeza. Até logo... sim... até logo.” Desligando, ela se virou e voltou rapidamente para o quarto. “Agora, me diga”, disse ela, ansiosa, “eu não conseguia ouvir ele e você ao mesmo tempo...”

“*Sra. Stitt!*”

Elas se viraram rapidamente para a porta, enquanto os passos raivosos de Jane se moviam com rapidez pela escada, e

depois pelo corredor. No instante seguinte, ela estava ali, na porta, ofegante, seu olhar pulando de Blanche para a sra. Stitt.

“Com quem você estava falando ao telefone?”

A sra. Stitt cruzou a mão sobre sua barriga inexistente com um gesto de irritação. “Com o sr. Cooper, do mercado”, disse ela brevemente. “Eles não têm a sua marca de legumes enlatados para a entrega de amanhã, e ele queria saber se eles poderiam trazer de outro tipo. Eu disse que estava tudo bem.”

Jane aceitou esta explicação com um olhar de certa suspeita. Houve um momento de silêncio. “Pensei que você fosse trabalhar apenas lá em baixo hoje”, disse ela, por fim. Seu olhar se moveu para Blanche, e voltou rapidamente.

“Eu... eu só pensei em dar uma olhada aqui em cima antes de sair”, disse a sra. Stitt, com uma fúria muda. “Só isso.”

“Está tudo bem, Jane”, disse Blanche com sensibilidade.

Sem dar importância, Jane olhou para o relógio e depois novamente para a sra. Stitt. “Já se passaram três minutos da sua hora”, disse ela sem rodeios. “É melhor ir logo senão vai chegar atrasada na sua próxima casa.”

A sra. Stitt mediu-a deliberadamente com os olhos e depois concordou. “Eu já estou indo”, respondeu-lhe. Observou-a com preocupação e fez um ligeiro movimento de ombros. “Na próxima vez, a primeira coisa que vou fazer é arrumar o seu quarto, srta. Blanche.” Após outro momento de hesitação, ela se virou e saiu do cômodo.

Blanche sentiu um ligeiro aperto no coração porque, pela primeira vez em dias, Jane a encarou diretamente e manteve seus olhos sobre ela. Nas profundezas dos olhos brilhantes de Jane, mais aterrorizantes do que qualquer pássaro morto em um prato ou uma refeição salpicada com areia, estava o mais puro ódio. Longe dali, como reverberações ocas de outro mundo, mais equilibrado, os passos rápidos da sra. Stitt soavam indignados pelo corredor do térreo até o armário e, depois de um breve intervalo, pela cozinha e então pela porta dos fundos.

“Por favor”, disse Blanche, com a voz fina de tanto esforço, “Jane...” Precisava saber o que se passava na cabeça de Jane, por que estava fazendo essas coisas horríveis com ela. Agora

que tinha perdido a chance com a sra. Stitt, não aguentaria mais não saber. “Só me diga...” E então, vendo o vazio da negação se formando nos olhos de Jane, ela parou.

Era sempre assim com Jane, sempre foi. Confrontada com sua própria maldade, ela simplesmente a negava. Ela a negava diante de toda lógica e prova. *Pássaro morto...? Areia...? Não sei do que está falando. Você deve estar louca.* Não adiantava nada, absolutamente nada; Blanche já podia ouvir as respostas de Jane.

Ela balançou a cabeça em um gesto de derrota, e Jane, com a boca torta numa expressão de desprezo, virou-se e saiu. Blanche ficou sentada olhando para ela, com medo das batidas estrondosas de seu próprio coração.

Uma da tarde e Jane não havia trazido o almoço de Blanche. Não que isso importasse, certamente, não que Blanche estivesse preocupada com a comida em seu clima atual de desânimo e cansaço. Mais tarde, quando ouviu Jane subir as escadas, ela se virou e fechou os olhos, fingindo dormir.

Jane passou pela porta aberta sem hesitar e continuou pelo corredor até seu próprio quarto. Blanche abriu os olhos e sentou-se. Escutou sons de movimento do quarto de Jane, sons suaves, rápidos e propositados. Continuaram por alguns minutos e depois a porta se abriu, e Jane voltou a aparecer no corredor.

Ela passou pela porta rapidamente, sem olhar para dentro do quarto, e Blanche percebeu, com espanto, que ela estava vestida para sair. Usava um vestido coberto com casaco, e, na cabeça, uma boina de veludo vermelho com uma absurda fivela de diamante. Blanche virou-se, escutando com atenção, incrédula, o progresso de Jane pela escada e pela casa até a porta dos fundos.

Um instante depois, ouviu um toque distante de saltos no caminho de concreto que passava pelo quintal até o portão para a garagem. Blanche moveu sua cadeira rapidamente para a janela, onde o som ficava mais alto na direção da garagem. Depois de um momento, ouviu o golpe da porta do carro e, em seguida, o rugido do motor.

Blanche não podia acreditar; tinha de ser um truque. Era isso, é claro, essa era outra das brincadeiras terríveis de Jane. Contudo, escutou o som do carro saindo da garagem, virando e descendo a rua.

O silêncio, desta vez, parecia entrar na casa como um suspiro prolongado de alívio. Blanche agarrou os braços de sua cadeira num alerta tenso. Precisava agir imediatamente; qualquer que fosse a intenção de Jane, havia uma oportunidade nesse momento que deveria aproveitar antes que a perdesse. Impulsionando-se em direção à janela, ela olhou com esperança para o jardim lá embaixo. A sra. Bates não estava lá. E provavelmente não estaria por pelo menos mais uma ou duas horas.

Voltando da janela, logo se dirigiu para o corredor até o telefone. Não duvidou, por um momento, que Jane teria se lembrado de tirar do gancho o telefone do andar térreo, mas tinha de se certificar.

Apanhou o telefone e se afastou, sentindo, de novo, uma súbita onda de pânico. Não era nenhuma surpresa que Jane estivesse disposta a sair e deixá-la sozinha. Ela estava impotente — completa e totalmente impotente —, separada de tudo e de todos fora desta casa. A mão gelada da histeria tocou seu coração, fazendo-o se contrair de repente. Ela não podia aguentar mais nada disso; simplesmente não podia! Não importava qual seria o risco, precisava sair dali! Tinha de se salvar!

Movendo-se com ansiedade, virou a cadeira e a impulsionou, não de volta para o quarto, mas para o corredor. As pinturas nas paredes — as imagens banais de natureza morta, a dançarina espanhola à luz da fogueira — brilharam de maneira débil, depois desapareceram atrás dela ao cruzar o topo da escada. Freando a cadeira até que parasse, permaneceu parada olhando para baixo.

A escada parecia se estender infinitamente até o térreo, e ela sacudiu a cabeça, como se estivesse negando o impulso insano que a trouxera aqui. Mas não se deixou afastar.

Ao longo dos anos, muitas vezes conseguiu descer esses degraus. Não, é claro, sem a ajuda de Jane. Mas isso não significava que era impossível para ela descer sozinha, se precisasse. Desenvolvera uma força incrível em suas mãos e em seus braços, tanto pela manipulação constante de sua cadeira como pelo uso da barra de elevação sobre sua cama. Olhou para a coluna no topo da escada; se ela se apoiasse com força com as duas mãos, apoiando-se com a perna direita... Mais uma vez, sua cabeça se moveu em um gesto involuntário de negação. Era *impossível*, ela nunca conseguiria fazer isso sem cair. Sentindo uma tontura repentina, agarrou os braços de sua cadeira e fechou os olhos.

*Ah, o carteiro, ele não vai se importar,  
Porque a mamãe diz que perto o céu está.  
Apesar de você ter partido...*

A canção ridícula, cantada na voz chorosa de criança de Jane duas manhãs antes, voltou à sua cabeça. Atrás de suas pálpebras fechadas, o tempo parecia girar para trás, e havia uma visão nebulosa de um grupo de pessoas rindo.

Elas estavam reunidas em torno de um piano, e no centro havia uma figura bêbada e saltitante, segurando as saias com mãos delicadamente arqueadas, cantando e dançando.

*Estou escrevendo, papai, querido.  
Eu a-m-o você!*

“É isso aí, Janie!”, gritou uma voz. “Mostre a eles!”

A figura executou um chute alto desajeitado, cambaleou para trás, rindo, e caiu no colo do jovem no banco do piano. Ela o beijou energicamente, deixando uma mancha vermelha em sua boca, e se afastou. Houve uma sessão desenfreada de aplausos.

“Uhuuu!”

“Mostre quem manda, Janie! Vamos, deem espaço para ela! Arrasa!”

Então, uma voz mais calma, de mulher, disse: “Ninguém vai pará-la? A pobre da Blanche presa com uma pessoa problemática assim em público. Marty deve estar morrendo de alegria.”

“Não se preocupe”, respondeu outra voz. “Se Blanche não fosse sua irmã, ela já teria se afastado há muito tempo.”

“Revoltante.”

“Terrível... simplesmente terrível...”

Enquanto isso, a figura no piano conseguiu se levantar. Ficou rindo, com a cabeça jogada para trás, a boca aberta em uma fenda vermelha de felicidade sem sentido. Os olhos grandes e proeminentes, virados para a luz, eram luminosos e ao mesmo tempo vazios, com uma espécie de euforia cega. E então virou o rosto para um lado, quando uma mão branca e fina apareceu do nada e a atingiu com força na bochecha.

“Pare com isso. Pare! Você não percebe a cena que está fazendo?!”

Blanche abriu os olhos, de repente, arregalando-os, como se estivesse fazendo um esforço imenso. Apanhada em um espasmo de tremor, agarrou os braços da cadeira com toda a sua força. Ela esperou que o arroubo passasse, recusando-se a pensar mais naquela noite mais que terrível.

Quando se sentiu mais equilibrada, ela se obrigou a olhar para a escada novamente. Tinha que tentar. Ela precisava, não importava qual fosse o risco. Chegara, por fim, à conclusão de que diante de si estava sua última esperança de escapar.

Passaram-se alguns minutos até que juntasse a força ou a coragem suficiente para chegar à coluna da escada, se levantar e sair da cadeira. Quando, enfim, conseguiu fazer isso, permaneceu imóvel por um momento, seu coração batendo rapidamente.

Apesar de já ter chegado a esse ponto, no entanto, ela ainda não havia se comprometido irrevogavelmente com o desesperado projeto, e o impulso de voltar e se abrigar na segurança da cadeira era quase insuportável.



Mas então, banindo o pensamento de sua mente, se obrigou a prosseguir. Jane, ela sabia, poderia retornar a qualquer momento, mas isso não parecia importar agora. Tinha que tentar, ela *precisava*...

O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

06

*Acompanhante-arranjador com exp., sexo masculino, para se juntar à estrela consagrada para apresentações em clubes, tv. Req: piano, violino. HO 6-1784.*

Jane estudou o texto corrigido que a garota havia jogado no balcão para ela. Então olhou para o original que ela mesma havia escrito:

*PRECISA-SE: Cavalheiro acompanhante para trabalhar com uma estrela consagrada de renome internacional em apresentações em clubes e programas de televisão. Deve ser virtuoso no piano e no violino, e também especialista em arranjos musicais. Para entrevistas pessoais, ligue HO 6-1784.*

Jane franziu a testa. Vendo como ambas as versões apareceriam impressas, lhe parecia óbvio que a sua era a melhor. Mas a garota atrás do balcão tinha tanta certeza sobre a dela... escrevera tudo tão rápido, como se realmente soubesse o que estava fazendo.

“Bem”, ponderou Jane, “eu não sei...”

O problema era que a sua era muito mais requintada, e era isso o que ela queria, algo elegante. Só queria que certo tipo de cavalheiro entrasse em contato.

Na cabeça de Jane, o tipo de homem que desejava que respondesse ao seu anúncio estava bem definido. Magro e distinto, começando a ficar grisalho nas têmporas, um pouco curvado, talvez, com modos gentis e paternais. Na verdade, ele parecia um pouco com o sr. Dahl, seu acompanhante quando ela era pequena. No caráter, era seu pai; falava como seu pai. Ele leria o anúncio no jornal, e ligaria para ela, e eles conversariam...

Seu olhar voltou para a versão corrigida... *estrela consagrada*... A garota dissera que era realmente a mesma coisa que ela dizia em seu anúncio. Mas não era verdade. Era... bem... objetivo, e essa não era a impressão que pretendia dar. Ainda não estava completamente certa se de fato queria resgatar seu antigo espetáculo; deveria conversar com alguém sobre isso antes.

Muitos dos veteranos estavam voltando a trabalhar. Você os via na televisão o tempo todo. Ed Wynn, Buster Keaton... vários deles. E os espetáculos com crianças sempre foram bons. Fanny Brice ganhou uma fortuna com Baby Snooks; ela estaria nisso se ainda fosse viva. Com novos arranjos para atualizar as músicas e um bom acompanhante... Mas já dissera essas coisas para si tantas vezes; agora precisava contar para outra pessoa, alguém que a escutasse, entendesse e enxergasse da mesma forma que ela.

“... e também”, disse a moça atrás do balcão, “é muito mais barato assim.”

Jane ergueu os olhos e, nesse momento, a fivela barata de bijuteria de sua boina de veludo vermelho brilhou com o falso resplendor de um riso cansado.

“Bem...”

Talvez devesse colocar seu nome no anúncio, afinal. *Baby Jane Hudson*. Ela estreitou os olhos, vendo-o impresso como costumava ser, e, por um momento, sentiu um pequeno tremor de entusiasmo. Então, de repente, abriu os olhos e a garota atrás

do balcão, pela primeira vez, estava com a atenção totalmente voltada para ela. Uma moça bonita, pensou Jane aleatoriamente, uma moça normal, mas mesmo assim bonita. A pobrezinha não sabia usar maquiagem direito. Nenhuma das jovens que você via nos últimos tempos sabia. Isto era um fato sobre a experiência teatral: você aprendia a se maquiar sozinha, para ao menos parecer viva. As garotas não usavam mais ruge. Não era de admirar que todas parecessem tão doentes e cansadas.

“Claro que podemos imprimir sua cópia”, disse a moça, “se é assim que realmente quer...”

Jane decidiu que a garota era muito simpática e que gostava muito dela. Para agradá-la, fazia do seu jeito. Era possível que a garota estivesse certa; de qualquer maneira, as respostas virão exatamente das mesmas pessoas; o objetivo era colocar todas as informações vitais com o menor número possível de palavras.

“Bem”, disse Jane, “como você trabalha para um jornal, provavelmente sabe mais do que eu.”

A moça, puxando o texto corrigido para o seu lado do balcão, sorriu. “Tenho certeza que terá resultados muito bons.”

Jane entregou-lhe uma cédula para pagar o anúncio, e a garota voltou para pegar seu recibo e o troco.

*Acompanhante-arranjador com exp., do sexo masculino, para se juntar à estrela estabelecida...* Profissional, pensou Jane, balançando a cabeça para si mesma; parecia profissional, quando você parava para pensar a respeito, mesmo que não fosse tão refinado quanto o dela. De repente, sua mente alcançou o futuro e novamente ela viu o homem com as têmporas grisalhas, respondendo ao anúncio, seguindo-a até a sala de ensaios, tocando piano enquanto ela cantava, fazendo elogios... fazendo elogios... E, então, ela teve um vislumbre repentino do rosto de Blanche, devastada de ciúme e ressentimento.

Dona Grande Coisa Rainha do Cinema. Senhora Incapacitada. Jane teve de sorrir. Blanche sempre foi um gato medroso: bastava provocar um grande medo nela para que fizesse o que você queria. Ela não iria mais fazer as coisas escondidas de Jane, mentir para as pessoas, tentar vender a

casa. Talvez ela soubesse agora que quando fazia coisas que irritavam Jane...

“Aqui está.”

Sorrindo, Jane pegou o dinheiro e o recibo da garota e colocou-os na bolsa.

“Obrigada”, disse ela com simpatia.

A moça assentiu, começou a se afastar, mas depois voltou. “Desculpa...”

Jane, fechando a bolsa, olhou para cima. “Sim?”

“Sei que não deveria, mas... bem... eu preciso saber. Neste anúncio... se importaria de me dizer... quem é a estrela?”

O sorriso de Jane se abriu. Ela fez um pequeno gesto apontando com a mão enluvada. “Eu”, disse ela. “Talvez você seja muito jovem para se lembrar, mas eu sou a Baby Jane original — Baby Jane Hudson.”

Os lábios da menina se abriram. “Bem”, disse ela, com um vazio olhar de perplexidade, “puxa vida...!” Ela olhou para longe, em direção a um colega de trabalho que tinha acabado de aparecer no final do balcão. “Hã... obrigada, srta. Hudson. Seu anúncio deve sair na edição da manhã, se quiser procurá-lo. Eu... espero que encontre a... pessoa... que deseje.”

“Sim”, concordou Jane, “obrigada. Muito obrigada.” Mantendo-se muito séria, virou-se e saiu.

“Caramba”, disse a garota, indo juntar-se a seu colega, “mas quem diabos é Baby Jane Hudson?”

No último degrau, Blanche inclinou-se para a frente, para descansar a cabeça contra a superfície fria e dura da coluna. Sua descida tinha sido árdua e dolorosa. Segurando-se no corrimão, galgando tediosamente um degrau após o outro, ela precisava descansar com frequência. Agora, enquanto se recuperava, pequenos pontos de luz brilhantes giravam atrás de suas pálpebras fechadas.

Depois de um momento, olhou para cima de novo. Fazia muito mais tempo que estivera no térreo pela última vez do que se lembrava. As cortinas eram novas. E lamentavelmente

equivocadas; pobre Jane, tinha um gosto tão horrível. Mas então Blanche virou o olhar para o teto e seus lábios se contorceram em um irônico sorriso de prazer. Contra um campo azul vívido, um espantoso arranjo de estrelas piscava para ela. Seu sorriso desapareceu, e seus olhos desceram até a lareira e a fotografia emoldurada da garota de rosto branco que uma vez acreditou que realmente poderia ter o céu e as estrelas, e ordenou que fossem pregados em seu teto. Que criança vã e desprezível essa aí havia sido. Que fraude sórdida, na verdade. E dificilmente em posição de acusar Jane de mau gosto. Blanche desviou o olhar, voltando sua atenção subitamente para o corrimão e a tarefa diante de si.

Ali perto, diante da parede da escada, ficava a cadeira esculpida e, logo depois, a mesa de madeira. A porta do corredor estava a poucos metros de distância, à direita. O tapete não chegava até a mesa, deixando aparecer um caminho de piso de madeira dura e reluzente. Analisando novamente a cadeira e sua posição contra a parede, ela se segurou na coluna da escada e puxou-se lentamente até ficar de pé.

Apoiando-se na coluna com a perna direita, ela se virou e afastou-se dos degraus. Inclinando-se para a frente, ela logo se aproximou do lado externo do corrimão, movendo as mãos com muito cuidado de um suporte ao outro, sempre adiante. No ponto em que o corrimão subia além de seu alcance, ela parou. A cadeira ainda estava a pouco mais de um metro de distância.

Depois de um intervalo, colocando uma mão na parede, ela avançou o máximo que conseguiu e fixou seu olhar com firmeza sobre a cadeira. Então, inspirando profundamente uma última vez, ela tomou impulso para a frente e se soltou. Sua perna direita se curvou na mesma hora, jogando-a no chão.

Ela caiu bruscamente, de lado, mas não de maneira dolorosa, e ficou parada por um momento, ofegante. Quando conseguiu, ela se ergueu e olhou em volta. A cadeira, agora, estava fácil de alcançar. Sentada no chão, puxou o corpo para a frente, e virou-se para que suas costas descansassem firmemente na parte da frente da cadeira.

Endireitando-se para se preparar, esticou-se e colocou as mãos com firmeza no assento. Lentamente, dolorosamente, ela ergueu o corpo, primeiro se ajeitando na borda do assento, depois até o fundo. Colapsando, por fim, na cadeira, ela se sentiu mole antes de um súbito ataque de tontura. Quando o mundo por fim se estabilizou, olhou para a mesa. Depois de outro instante, estendeu a mão, agarrou a borda e puxou. Debaixo dela, as pernas da cadeira se moveram fácil mas ruidosamente pela superfície encerada do chão.

No final da mesa, ela encarou diretamente a porta aberta do corredor. A partir desse ponto, a cadeira seria inútil, já que o chão da sala era coberto de parede a parede com um grosso tapete. Seu olhar passou pela porta aberta da sala de ensaios até o pequeno nicho arqueado onde ficava o telefone. Não estava a mais de dois ou três metros de distância, porém, no momento, não conseguia pensar em nenhuma maneira possível de alcançá-lo.

Jane, fechando seu casaco, ficou olhando para a vitrine iluminada e desorganizada da loja de roupas Nu-Mode Dress Shoppe, em um êxtase tão concentrado que beirava um estado de fixação. O vestido que atraía seu olhar de maneira tão magnética era de cetim bordô, ajustado elaboradamente no corpete e no quadril, com o tecido preso no lugar, ou aparentando estar preso, por duas presilhas grandes de strass vermelho. O manequim sobre o qual o vestido estava preso, uma criatura incrivelmente esbelta com uma peruca de náilon platinado cintilante, retornou o olhar de Jane com grande desdém.

*Um vestido para coquetéis.* Jane saboreou a frase e tudo o que implicava, e para ela implicava muita coisa. Sofisticação. Diversão. Glamour. Para o momento em que havia sido transportada, estava de pé em uma varanda com vista para as águas iluminadas pela lua. Havia uma música melódica ao fundo, estrangeira. Um homem sem nada de especial em seu tamanho ou seu rosto brindou-a galantemente com um copo de

champanhe borbulhante. Olhando para o modelo na vitrine, Jane felizmente estava inconsciente de seu próprio reflexo a apenas alguns centímetros de distância, no vidro, da cópia fantasmagórica de boina vermelha ridícula com sua fivela brilhante, do seu casaco justo e disforme por distribuir as deformações de seu próprio corpo sob ele. Ela também não estava ciente de que a cena de sua imaginação era de uma trivialidade monótona, nem que tal cena havia sido incluída religiosamente em todos os filmes de Blanche.

Alguém esbarrou em Jane, e ela foi empurrada de volta para a realidade. O barulho do trânsito, os passos batendo devagar pela calçada. Jane suspirou. O vestido nunca seria seu. Blanche era muito avarenta para deixar uma pessoa comprar algo bonito de vez em quando.

Era por isso que sempre insistia para que Jane parasse de tingir os cabelos, insinuando que ela era muito velha. Também tentava fazê-la parar de usar joias quando saía. Só para economizar dinheiro. E se Jane, às vezes, queria alguma coisa, qualquer coisa bonita, como o vestido da vitrine ou o cinto dourado com pedras coloridas do Fashion Mart, sempre vinha o velho sermão sobre sua renda limitada, e como elas precisavam economizar cada centavo. Isso era uma grande bobagem também. Havia bastante dinheiro, em algum lugar... se você conseguisse colocar as suas mãos nele.

Blanche não gostava das coisas bonitas, na verdade. Ela não gostava de ser lembrada que havia algo bonito neste mundo além de si. A maneira como mantinha sua aparência era... simplesmente antinatural. Havia momentos em que Jane quase rezava para que Blanche perdesse sua beleza, que envelhecesse e ficasse feia... como deveria. Havia momentos...

Jane afastou-se relutantemente da vitrine e do lindo vestido e começou a descer a rua. Amava o Boulevard e todas as coisas bonitas nas vitrines — aquele colar ali, todo de pérolas cor-de-rosa, e o chapéu feito de plumas cor de lavanda. Então, olhando para a vitrine de uma joalheria, ela viu que estava fora de casa havia mais de uma hora, e apertou o passo. Precisava se



apressar; não era inteligente deixar Blanche sozinha por tanto tempo.

Fazendo força contra a cadeira, Blanche foi se erguendo, aos poucos, até ficar de pé. Ela se equilibrou em sua perna direita enrijecida e depois se soltou para avançar e agarrar o batente da porta com as duas mãos. Em seguida, ela se inclinou para a frente e entrou na passagem escura do corredor.

Ao chegar o mais longe que ousava, ela parou. A borda prolongada da porta da sala de ensaios não estava a mais de dois metros de distância. Soltando uma das mãos do batente, ela a estendeu para a porta, soltou a outra mão e se lançou para a frente, segurando a maçaneta externa. Logo trouxe a primeira mão para a maçaneta oposta e se empurrou com força contra ela para interromper seu impulso para baixo.

Por um momento, a escuridão do corredor pareceu ficar mais espessa, e a girar em torno de Blanche, mas ela apertou a bochecha com força contra a borda da porta e esperou que a sensação passasse.

Quando a escuridão diminuiu, ela se ergueu com mais firmeza contra a porta. Usando o pé direito como guia, projetou-se com a porta, um centímetro de cada vez, em direção à parede adiante. Lágrimas de exaustão lhe ardiam nos olhos; contudo, através do borrão embaçado, ela podia ver o nicho do telefone se aproximando cada vez mais.

Já perto o suficiente do aparelho, estendeu a mão para o batente e se balançou em direção a ele. Desta vez, porém, sua força falhou e Blanche desabou no chão.

Ela permaneceu ali, na escuridão ameaçadora, imóvel, uma figura amarrotada e ofegante, com medo de perder a consciência. E então, olhando para cima e vendo que o nicho estava quase diretamente acima dela, descansou a cabeça para trás, em sua mão, confiante.

Junto com sua força, veio uma sensação preocupante de urgência, e ela se reanimou. Havia passado muito tempo desde que começara a descer a escada; Jane poderia retornar a

qualquer momento. Colocando as mãos diante de si, impulsionou o corpo para cima, a fim de conseguir se sentar e encostar-se à parede.

Por fim, ao alcançar o nicho, descobriu, com uma pontada de decepção, que o telefone estava além do seu alcance. Mas então, vendo o fio, ela o alcançou e o agarrou. Tomando o cuidado de se afastar do caminho, puxou-o para si.

Depois de apenas um momento de resistência, o aparelho deslocou-se para a frente, até a beirada, balançou-se brevemente e depois caiu, atingindo o chão acarpetado com um baque surdo.

Blanche trouxe o aparelho para seu colo e apertou bem os olhos, numa tentativa de clarear seus fervilhantes pensamentos. Então, pressionando o fone contra a orelha, ela discou e esperou. Houve uma série de zumbidos fracos, um clique e, em seguida, uma agradável voz feminina: “Escritório do dr. Shelby. Como posso ajudar?”.

Blanche inclinou-se, tensa, para a frente, segurando o telefone com as duas mãos. “Srta. Hilt?”, suspirou ela. “Srta. Hilt, quem fala é Blanche Hudson. Eu... o doutor está? Tenho de falar com ele. É... é sobre a Jane... minha irmã... É extremamente importante... urgente...” Pressentindo que estava prestes a balbuciar coisas sem sentido, ela repentinamente se controlou. “Ele está?”

“Bem...”, um tom de hesitação surgiu na voz da srta. Hilt, “... ele está com um paciente no momento...”

“Mas eu preciso falar com ele!”, gritou Blanche. “*Preciso!*”

Houve uma ligeira pausa, e então a srta. Hilt disse: “Vou tentar chamá-lo — espere, por favor...”

Ela escutou um clique e depois, silêncio. Pareceu uma eternidade antes que o segundo clique soasse, trazendo a linha de volta à vida. A voz que falava desta vez era grave, reconfortante e amigável.

“Srta. Hudson? A srta. Hilt disse que está um pouco aborrecida com alguma coisa. Qual é o problema?”

“Dr. Shelby...” Blanche fez uma pausa. Seus pensamentos ainda estavam confusos e pouco claros. Como ela poderia fazê-

lo entender? “Dr. Shelby, estou com medo... Quero dizer, é a Jane... ela... Doutor, preciso vê-lo imediatamente. É muito importante! Pode vir aqui em casa?”

“Bem, sim”, respondeu o dr. Shelby, “creio que sim, se é realmente tão urgente. Mas... houve algum tipo de acidente?”

“Não.” Blanche sacudiu a cabeça. “Não posso explicar, não agora, não por telefone, mas... o senhor deve vir imediatamente antes que Jane volte. Doutor, o senhor vem, não?”

“Bem... sim, claro. Mas a senhorita não pode me dar uma ideia do que esperar? Se Jane não está em casa agora... ela não pode vir até o consultório? Se eu quiser fazer um exame... ou precisar fazer testes...”

“Não”, interrompeu Blanche de imediato, “não, o senhor não entende. Não é... físico. Ela nunca iria aí... não por sua própria vontade. E eu sou incapaz...”

“Então é um tipo de... distúrbio emocional, não é?”

Blanche acolheu a frase com gratidão. “Sim, sim, é isso. Ela está emocionalmente perturbada.”

“Ela é violenta?”

“Violenta?” Blanche colocou uma mão na testa, ainda tentando clarear seus pensamentos. O importante, disse a si mesma, era levá-lo até a casa antes que Jane voltasse e a encontrasse no térreo. Não importava o que dissesse agora. “Sim”, respondeu, “sim, ela é. Doutor, venha imediatamente.”

“Talvez eu devesse mandar a polícia...”

“Não!”, gritou Blanche assustada. “O senhor não está entendendo. Veremos essa história de polícia depois...”

Ela se calou, seu corpo inteiro tomado por uma repentina convulsão de terror. Houve uma mudança no corredor, uma diminuição da escuridão, uma entrada de luz... Uma porta fora aberta em algum lugar atrás dela. Virando-se com medo, um suor frio em sua testa, ela olhou para a retaguarda, para o corredor. A porta da cozinha, quando a viu da primeira vez, estava apenas entreaberta. Agora, no entanto, vendo melhor, estava escancarada. Confusa por seu próprio medo, percebeu a silhueta da figura curvada de Jane na porta aberta.

“Srta. Hudson?”, chamou o dr. Shelby ao telefone. “Tem certeza?”

Blanche respondeu distraidamente, sua atenção congelada em Jane. “Sim”, disse ela em voz baixa, “sim...”

“Muito bem. Estarei aí o quanto antes.”

Ela ouviu um clique e depois o zumbido da linha morta. Blanche abaixou o fone do ouvido, mas continuou a segurá-lo com força na mão.

“Jane...”, suspirou. Quanto tempo havia que estava parada ali? Quanto tinha ouvido? “Jane, eu... eu desci sozinha. Nunca pensei que seria capaz... não...”

Quando Jane aproximou-se, ela deixou o telefone cair de sua mão. Em uma compulsão irracional de voar, colocou uma mão no batente da porta, a outra no nicho. Tentou se levantar e ficar de pé, mas sua força desaparecera por completo. Enquanto se soltava, uma mão surgiu da escuridão e a atingiu bruscamente no rosto. Ela desabou no chão, caindo dolorosamente sobre um cotovelo. Tremendo de susto, virou-se e olhou para cima.

“Jane!”, sussurrou. “Oh, por favor!” Ao ver o rosto de Jane, ela se virou novamente, cobrindo os olhos com as mãos.

“Quem trouxe você para baixo?”, gritou Jane, furiosa. “Quem mais está nesta casa?”

Blanche sacudiu a cabeça, negando desesperadamente. “Não tem ninguém. Oh, Jane, me escute...!”

Mais uma vez, a mão a atacou, golpeando-a, com uma raiva cega, na parte de trás da cabeça.

“Eu *ouvi* você! Ouvi o que você estava falando sobre mim! Acha que não sei o que está acontecendo... o que você está tentando fazer comigo!”

Blanche olhou para cima; lágrimas de horror lhe escorriam pela face. “Por favor... Jane... eu não estou tentando fazer nada! É só...” Uma terceira vez, a mão disparou, agredindo Blanche, agora lhe acertando em cheio no rosto e no nariz. Uma dor lancinante atravessou sua cabeça, expulsando as palavras de sua mente. “Não, Jane, não...!”

E então ela foi agarrada de qualquer jeito sob os braços e erguida do chão.

“Oh, não! Por favor...!”

Jane a arrastou pelo corredor em direção à sala de estar. Blanche escutou um barulho, provavelmente a cadeira da entrada sendo derrubada, e pensou por um momento que nunca tinha percebido a intensidade da força de Jane.

E então ela a forçou escada acima. Sua própria voz parecia chegar até ela de uma grande distância, fina de dor, implorando a Jane para soltá-la. Ela caiu, e a beirada do degrau a fustigou como uma estocada entre as costelas, mas as mãos furiosas de Jane a agarraram novamente e continuaram arrastando-a. Depois do que pareceu uma eternidade, sua cadeira surgiu vagamente diante de si; Jane endireitou o corpo de Blanche e a jogou. Ela caiu em sua cadeira, em choque, gemendo de medo e de dor.

“Jane!”, falou ela com a voz rouca, mas o nome ficou perdido sob o ruído de sua própria respiração pesada.

A cadeira se moveu, e a fez girar e cair sobre o braço. A boca escura do corredor se abriu mais à frente, correu até ela e a engoliu.

Houve um momento de escuridão indefinida. Estava se aproximando loucamente de seu quarto. Sua cama se materializou do meio da confusão, ela foi atirada para a frente, e bateu contra o braço de sua cadeira. Com o impacto, a sala girou, e ela foi jogada de novo contra o braço da cadeira. A porta do corredor apareceu como um remendo preto que diminuía rapidamente no cinza a sua frente, e ela sabia que estava se afastando para a parede oposta. Com um soluço de alerta, estendeu a mão para as rodas, que giravam, mas o instinto a impediu de tocá-las, para não queimar as mãos. E então se chocou contra a parede, recebendo outro impacto, desta vez quase paralisante, na parte inferior das costas.

Com dificuldades para respirar, ela lutou para se sentar na cadeira, mas não conseguiu. Ficou estirada, ofegante, contra o braço, os olhos fixos na figura na porta.

“Jane”, soluçou ela, “escute...”

Por um longo momento, Jane simplesmente ficou ali, olhando. Então foi em direção à porta.

“Jane!”

Os olhos brilhantes voltaram em sua direção. “Não espere que algum médico venha ajudá-la”, disse Jane. “Não espere ninguém.”

“Jane... Jane! Espere!”

A porta bateu. Houve um prolongado momento de silêncio, seguido do som da chave entrando na fechadura.

“Jane!”, gritou Blanche. “Ah, Jane... Deus do céu! Não me tranque! Jane!” Ela olhou horrorizada para o rosto branco na porta. “Oh, por favor”, sussurrou ela, “Jane...”

Quando a sala começou a girar ao seu redor novamente, ela se empurrou com força contra os braços da cadeira. Mas aquilo continuou, implacavelmente, e tudo girava, rodava, trazendo consigo uma escuridão horrível que se enredava cada vez, e a apertava, e comprimia dolorosamente o ar de seus pulmões.

No corredor do térreo, Jane pegou o telefone, endireitou-o e discou. Quando atenderam, ela baixou a voz, dando-lhe um leve toque de urgência secreta que a fazia parecer impressionantemente como a de Blanche.

“Aqui fala a srta. Hudson”, disse ela. “Por favor, deixe-me falar com o doutor.”

“Hã?” A enfermeira falou com óbvia surpresa. “Só um minuto, srta. Hudson.”

Houve uma pausa prolongada, e então o dr. Shelby entrou na linha. “Já estou a caminho, srta. Hudson. A srta. Hilt me tirou do elevador.”

“Dr. Shelby...” Jane fez uma pausa, deixando sua voz ainda mais baixa. “Eu não quero que a Jane ouça... Doutor... Desculpe-me... Eu... No fim das contas, não preciso que venha até aqui. Foi tudo um mal-entendido... Que bom que o alcancei a tempo.”

“Mas...”

“Eu sei... mas está tudo bem agora. Ela... a Jane... ela foi a um médico por conta própria... outro médico... e é muito melhor assim...”

“Bem...”, uma nota de irritação fracamente disfarçada apareceu na voz do médico, “... é claro, se ela está sob os cuidados de outra pessoa...”

“Sim”, disse Jane rapidamente, “ela está. Então, não seria correto, na verdade, que o senhor interferisse, não é?”

Desligando, ela recolocou o telefone no nicho, depois virou-se resolutamente em direção à sala de estar e à escada.

2



O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

07

“Encontrou algo nos classificados?”

Edwin Flagg virou-se desajeitadamente no banco do piano e viu sua mãe colocar sua bandeja de almoço sobre a mesa de jogos ao lado do instrumento. Sem responder, ele deixou cair o jornal que estava ao seu lado.

Del Flagg endireitou-se, limpando as mãos sobre a saia de seu desbotado vestido de ficar em casa, movendo-as lentamente, com uma sugestão grotesca de sensualidade por seus quadris largos, e subindo até a cintura.

“Eu não vi você marcar alguma coisa?”

As dobras suaves e carnudas do rosto de Edwin pareceram se contrair ligeiramente com uma expressão de fria repugnância. A velha Del não deixava passar nada. Ele não podia fazer um movimento sem que ela soubesse. Era maravilhoso que não o seguisse até o banheiro. Resignadamente, pegou o jornal e o entregou a ela.

“Aqui... este aqui.”

“Ah, maravilhoso!”

Os olhos azuis e pálidos de Edwin se iluminaram brevemente, com mágoa. Ela nem sequer tinha lido e já estava toda entusiasmada. Se ele arrotasse, ela sairia correndo para contar aos vizinhos.

“Não é nada de mais”, disse ele. “Puxa vida!”

Del Flagg ergueu o olhar míope do jornal com uma expressão ofendida de perplexidade. Era a mesma expressão que sempre fazia quando ele a tratava com *secura*.

Resmungando, Edwin se mexeu novamente no banco para ficar em frente à mesa. Ele estendeu a mão e pegou um sanduíche de atum. Enquanto mastigava, deixou o olhar se mover despreocupadamente pela sala. A antiga cadeira de balanço com a vareta desgastada atrás. O divã quebrado com sua capa cafona de elástico. A impressão barata, toda amarelada, de *O Fim da Trilha*. A horrível luminária sobre a TV — feita em gesso para representar uma tenda indígena. Quando estava ligada, lançava uma luz vermelha espalhafatosa. O olhar de Edwin, criticando esses objetos, demorava-se brevemente em cada um, depois passava para o próximo com uma expressão de prolongada melancolia.

O edifício, um dos dez que formavam um conjunto habitacional em uma ruela, era velho e deprimente, um prédio residencial decadente em uma área pobre da cidade. E foi ali que Edwin tinha vivido desde que se lembrava. Ali, com Del sempre ao lado dele, pobre, de mente simples, carente, adorando cegamente Del, tinha vivido os trinta anos de sua vida. E, por mais feio que o apartamento fosse por dentro, o mundo imediatamente do lado de fora dele era ainda mais feio. A calçada central que ligava as unidades do conjunto era irregular e estava toda rachada, cercada por manchas de grama e ervas daninhas secas e moribundas. Os arbustos de oleandro abandonados, um dos quais ficava ao lado da pequena varanda de cada unidade, estavam feios e sem forma, suas folhas cobertas de poeira e fuligem. Nessa atmosfera, Edwin havia moldado uma vida que, na realidade, era apenas um refúgio da vida.

Foi aqui, também, anos antes, que Edwin ficou sabendo sobre sua própria ilegitimidade. Essa informação não lhe foi passada por Del, mas jogada em sua cara como um epíteto cruel pelas crianças do bairro. A partir desse dia, escondendo sua dor e sua vergonha dentro de si, onde nem mesmo Del pudesse ver, Edwin desenvolveu desgosto e ódio por sua mãe, iguais em intensidade

talvez apenas ao amor dela por ele. Foi então que Edwin começou seu afastamento sistemático de um mundo que, para sua compreensão infantil, só poderia achá-lo desprezível e obscuro.

Tendo herdado de seu pai não identificado uma inteligência muito superior à de Del em todos os sentidos, Edwin aprendeu cedo a usar o amor superprotetor e sem críticas de sua mãe em vantagem própria. Na escola, ele estudou música com a intenção declarada de fazer disso seu trabalho na vida. Já dedicado a uma carreira musical, ele estaria seguro, após a graduação, da tediosa e aterradora necessidade de se aventurar no mundo em busca de uma vida.

Se, nos dez anos seguintes, Edwin não conseguisse ganhar nenhum dinheiro com suas composições musicais, seria apenas porque ele era o tipo de gênio não reconhecido no mercado comercial. Não que o próprio Edwin alguma vez tenha precisado dar esse tipo de desculpa; Del estava sempre ansiosa e feliz em fazer isso por ele. Na verdade, ao longo dos anos, não foi Edwin quem se desculpou com Del por não fazer sucesso, pelo contrário. E isso foi exatamente como Edwin tinha planejado.

Enquanto isso, Del sustentava os dois como empregada doméstica. Dessa forma, ela conseguiu, ao longo dos anos, suprir adequadamente pelo menos as suas necessidades básicas — bem o suficiente, isso é certo, para que Edwin prosseguisse sua “carreira” sem interrupção. As coisas foram evoluindo sem problemas, mesmo que fossem difíceis — até o ano passado.

Durante os últimos meses, Del passou a ter problemas de saúde. Ela começou a desenvolver artrite; primeiro nas mãos, depois nos ombros, tão rapidamente que, em muito pouco tempo, seu aproveitamento no trabalho era quase nulo. Ultimamente, até aceitar um trabalho ocasional de apenas um dia estava fora de questão; ela não suportava a dor. O tempo de vacas magras finalmente havia chegado para Edwin e Del, e conforme as poucas economias de Del diminuía, tornava-se cada vez mais evidente que, em virtude de sua saúde, a responsabilidade por seu sustento fora transferida para Edwin. Claramente, a não ser

que algum tipo de milagre acontecesse, o que era bastante improvável, Edwin deveria ser forçado a sair ao mundo, afinal, para buscar uma nova fonte de abastecimento.

Essa perspectiva, depois de toda uma vida de isolamento defensivo, era, para Edwin, quase terrível demais para enfrentar. Ele não sabia por onde começar, ou até mesmo se *poderia* começar. Era uma empreitada obviamente condenada ao fracasso desde o início; numa desanimada autoavaliação de sua situação, Edwin percebeu ser totalmente inútil para o mercado de trabalho.

Ficava tão na defensiva diante de estranhos que com frequência achava impossível falar com eles. E ele não causava boa impressão, sabia disso; era gordo e desajeitado, pálido e com uma aparência flácida. Já não tinha o vigor da juventude; seu cabelo começara a rarear, sumindo de sua testa rosada a partir de duas entradas laterais cada vez maiores. Temia qualquer homem, incluindo os mais jovens. As mulheres, em geral, sentindo seu ódio por todas as mulheres, não gostavam dele instintivamente — ódio cujas raízes levavam a Del.

Mas, mesmo supondo que ele reunisse coragem para sair e procurar trabalho, que tipo de trabalho procuraria? O que poderia fazer? O que poderia ser treinado para fazer? Nada, com certeza, com as mãos, pois tinha de preservar seus dedos para o piano. Não demonstrava nenhuma aptidão para os números e era mais que inútil com qualquer coisa mecânica. Só de pensar em tentar ser vendedor já lhe dava dor no estômago.

Na verdade, havia apenas a sua música. Apesar de Edwin ter lamentavelmente abusado e negligenciado qualquer talento que Deus lhe tenha dado, basicamente era um músico competente. Mas, ainda assim, não tinha experiência profissional, nenhum contato, não pertencia a nenhum sindicato. Assim, a única coisa que sabia fazer parecia totalmente inútil para ele. Mas o que aconteceria quando as últimas economias de Del acabassem, Edwin não sabia. Talvez houvesse algum tipo de agência municipal ou estadual que interferisse a tempo para evitar a fome. Ele esperava que sim. De qualquer forma, estava quase

seguro de que não havia nada que pudesse fazer em relação a isso.

No entanto, havia uma obrigação moral envolvida, e até mesmo Edwin podia perceber isso. Ele precisava, pelo menos, fazer algum tipo de gesto. Assim, ultimamente ele passou a pedir a Del para ir até a vizinha e pegar emprestado o jornal da manhã da sra. Steele, para que ele pudesse olhar os classificados de emprego. E foi assim que encontrou o curioso anúncio na seção de teatro solicitando um acompanhador-arranjador.

Del Flagg, tendo submetido o anúncio ao mesmo escrutínio febril que um curador poderia ter dedicado a um antigo manuscrito, finalmente olhou para cima e sorriu.

“Mas olha”, disse ela com perspicácia cautelosa, “esse quase parece ter sido feito de encomenda para você, não é?”

Sem olhar, Edwin concordou com a cabeça. Não havia, de acordo com sua análise, nenhum grande perigo de esse anúncio em particular levá-lo para a armadilha do emprego remunerado. Mesmo deixando de lado a sua evidente inutilidade para o mercado de trabalho. Embora fosse verdade, como Del disse, que o trabalho descrito no anúncio poderia ter sido feito sob medida para ele, ele duvidava muito que tal trabalho realmente existisse. Edwin não era tão inocente a ponto de acreditar que os artistas de verdade, com contratos para se apresentar em bares e na televisão, contratariam seus acompanhantes por meio de classificados de emprego. Ainda assim, não viu nenhum problema em marcar o anúncio ou mesmo, se chegasse a tanto, fazer uma entrevista. Estaria resolvendo sua obrigação de procurar trabalho, e, quando não desse em nada, ninguém poderia dizer que ele não havia tentado.

“Gostou do seu sanduíche?”

Identificando em sua voz uma nota de tristeza, Edwin assentiu. “Está bom.”

Del passou a mão sobre o papel, pressionando suavemente o lugar onde havia marcado o anúncio. Edwin pressentiu que ela já havia pensado em algo para se preocupar. Ouvira dizer que ela fora linda quando jovem e que trabalhara como figurante em filmes. Olhando para Del agora, não conseguia acreditar; ela era

horrível, com seus cabelos grisalhos e sua cara de buldogue. Ela levantou os olhos do papel de repente e, ao ver a expressão de Edwin, franziu a testa.

“Você vai ligar?”, perguntou ela.

Durante um longo momento, ele não respondeu. E então encolheu os ombros. “Acho que sim.”

“Quem você acha que é? A estrela, quero dizer.”

“Tenho certeza de que não tenho a menor ideia.”

“Casas noturnas, também, hein?”

Edwin concordou com a cabeça. Deus, como ela podia cismar com qualquer coisinha. “Isso é o que diz. Por quê?”

Del observou o rosto dele. “Você acha que as casas noturnas são boas para um artista?” Ela acariciou o papel uma última vez e colocou-o ao lado dele, no banco. “Isso significa apenas casas noturnas por aqui... ou fora da cidade também?”

“Como eu deveria saber? Não é meu anúncio, sabe. Eu não o coloquei no jornal.”

“Bem... eu não sei.” Ela o estava observando agora, com cuidado, mas tentando manter seu olhar vago. “Você gostaria de ir para longe — para fora da cidade — com alguém assim?”

Edwin franziu a testa, a irritação crescente. “Alguém assim como?”, perguntou, colérico.

“Bem, você sabe... poderia ser qualquer um. Eu não gostaria.”

“Se eu quiser o trabalho, e eles quiserem me contratar, imagino que vou ter de fazer o que eles mandarem. Não?”

Del concordou, com tristeza. “Sim, acho que sim... se você quiser assim.” O olhar dela se afastou de forma evasiva. “Eu ficaria aqui sozinha quando o fizerem ir embora. Seria... engraçado. Sabe?”

A irritação de Edwin saltou dentro dele como um animal pequeno e furioso. Ah, Deus! O que ele não daria para estar longe daqui... longe dela... livre! Pela primeira vez em sua vida, a centelha da ambição ganhou vida para Edwin, e de repente ele desejou não ter dúvidas sobre o anúncio. Desejou poder acreditar que o trabalho era real, que era dele, que seria contratado para tocar em estúdios de televisão e casas noturnas,

a quilômetros e quilômetros de distância. Se essa velha idiota soubesse como ele adoraria — como ele ardia de desejo! — de ir embora e deixá-la ali mesmo.

“Talvez você também pudesse me levar”, disse Del, sorrindo com essa nova inspiração. “Talvez eles não se importem...” Edwin olhou para ela, piscando furiosamente em um esforço para não atacá-la. “Tem uma coisa, no entanto...”

Ela fez uma pausa, esperando que ele lhe desse toda a atenção. Por um momento, Edwin tentou resistir a essa tática, mas, à medida que o silêncio crescia entre eles, obrigou-se a ceder.

“Que coisa?”

“Não diz se essa estrela é um homem ou... ou uma mulher. Apenas diz que é uma estrela. Deveriam imaginar que você gostaria de saber, não é?”

Edwin olhou para a mesa, estendeu a mão para a bandeja e pegou um pedaço grande de bolo. Sabia aonde ela queria chegar. Quando, no nascimento de Edwin, Del abandonou qualquer associação com os homens, ela renunciou ao sexo como algo pecaminoso e ruim, e esperava que o mundo em geral renunciasse a isso também. Mas se estava preocupada com o contínuo celibato de Edwin, isso não era necessário; não era provável que ele saísse tanto do seu casulo. Não a essa altura!

“Que diferença faz?”, perguntou ele.

“É que... bem, se é alguém com quem você vai viajar e tal...”

“Ah, Jesus!” Edwin explodiu. “Ah, Senhor, Jesus Cristo! Eu ainda nem *consegui* o trabalho. Nem ao menos liguei para perguntar sobre isso. E já...”

“Eu não quis dizer nada”, disse Del rapidamente, assustada, “nada para se preocupar. Foi só uma observação.”

Retornando a um silêncio furioso, Edwin deu uma grande mordida no bolo. Por um longo momento, manteve a massa esfarelada na boca, sugando sua doçura, como que se esforçando para se livrar da amargura que sempre esteve lá dentro dele. Durante todo esse tempo, Del manteve os olhos em seu rosto, com cautela, com cuidado.

“Você vai ligar?”

Ele mastigou um pouco mais, depois engoliu. “Você não quer que eu ligue, é isso?”

“Não! Não, não estou dizendo isso, querido. Eu... acho que eu... bem... se você realmente fosse a algum lugar... acho que eu acabaria por morrer de solidão.”

Embora Edwin não acreditasse na legitimidade do anúncio, quanto mais ela se opunha à ideia do telefonema, mais imperativo se tornava para ele fazer isso — como uma espécie de confirmação desse novo sentimento que havia surgido dentro dele. Ele apontou com a cabeça para o papel. “É a única coisa que apareceu desde que comecei a procurar.”

Del concordou, com os olhos desolados. “Eu sei... Eu sei...” Durante um longo momento, ficou olhando para ele; então, com um gesto de resignação, ela se virou. Atravessando o antigo aparador embutido que separava a sala de estar da sala de jantar, apanhou o telefone e levou-o até Edwin.

“Quero que você faça o que quiser.” Ela parou diante dele, entregando-lhe o telefone. “Vá em frente e ligue. Não quero que diga que o convenci a não ligar.”

Edwin colocou o pedaço de bolo de volta na bandeja e olhou para o telefone com uma expressão de desânimo. Agora que havia conseguido o que queria, de repente ficou com medo. Ele odiava o apartamento e sua vida com Del. Mas o mal aqui era conhecido, e o do mundo lá fora ainda estava por ser descoberto.

Ele estendeu a mão para o telefone, encostou no fone e depois se afastou. Eis o pesadelo que temeu por toda a sua vida... mergulhar no desconhecido hostil... o rompimento... Ele podia sentir a umidade em sua testa. Engolindo em seco, olhou para o telefone e para o número marcado no jornal. Levantou o olhar lentamente na direção de Del, os olhos arregalados com um apelo assustado.

“Você pode ligar para mim?”, perguntou ele, colocando o telefone nas mãos de Del. “Você liga...”



**O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
BABY  
JANE?**

08

Assim que alcançou a porta, ela parou e olhou para si mesma na parede espelhada com um vago ar de dúvida. Usava um vestido de renda vermelha desbotado, um pouco justo abaixo do peito direito. Brilhantes reluziam em seu pescoço e em seus pulsos, seu rosto parecia febril com o ruge e o batom. Seus olhos mostravam, no entanto, que ela não estava se sentindo bem.

Não que o consumo de bebida fosse culpado de alguma forma por seu estado atual de indisposição. As pessoas não entendiam isso. Você não se sentia mal porque bebia. Era o contrário. A bebida tornava tudo mais claro, e, quando havia coisas ruins em sua mente — como nesses últimos dias —, você podia parar de pensar nelas. Tirando os olhos do espelho, ela se afastou abruptamente.

Só tinha tomado dois drinques até agora — talvez três —, o bastante para estar alerta. Não o suficiente para deixá-la bêbada, nem metade do que era necessário para isso. De qualquer maneira, precisava de alguma coisa para estabilizar seus nervos hoje. Estava nervosa por saber que um estranho estava a caminho. Ela franziu a testa, se esforçando para lembrar. Flagg. Sim, era esse o nome dele: Edwin Flagg. Saindo do quarto, ela passou pelo corredor até a sala de estar. O relógio na lareira mostrava uma e vinte e cinco da tarde. O sr. Flagg deveria chegar à uma e meia.

Na verdade, o retorno do anúncio foi muito decepcionante — no total, foram apenas cinco respostas. Ou, pelo menos, apenas cinco que ela se lembrava de ter atendido. Três dos candidatos perguntaram logo de cara se o trabalho era sindicalizado; quando ela foi vaga sobre o assunto, eles desligaram. A quarta ligação era de uma mera criança, um estudante de música de alguma academia obscura. Apenas o quinto — esse sr. Flagg — pareceu sincero em sua resposta. Ele havia pedido à sua secretária que ligasse e marcasse um horário.

Sr. Edwin Flagg. Ela gostou do nome. Parecia firme e patriótico. Olhou em volta, verificando se a sala estava preparada para a entrevista. Ela iria sentar-se no divã, e ele ficaria ali... Juntou as mãos rapidamente para evitar a tremedeira. Realmente deveria tomar apenas mais uma dose, apenas uma para se garantir. Não queria que o sr. Flagg tivesse a impressão de que ela era nervosa assim o tempo todo. Só teve tempo de chegar ao corredor quando ouviu os passos que se aproximavam no terraço e parou. Seu olhar fitou o relógio: o sr. Flagg certamente acreditava na pontualidade. Então a campainha tocou. Mesmo que estivesse ouvindo, ela foi andando devagar, como se surpreendida. Fez um pequeno gesto nervoso com a mão e depois, com um suspiro de resignação, foi até a porta.

Sua primeira reação quando abriu a porta foi de puro choque. Certamente, aquele não podia ser o sr. Edwin Flagg. Não havia nenhuma possibilidade de conciliar a visão daquele homem pálido e gorducho, usando um casaco barato, de péssimo caimento, e de calça larga com a visão que tinha alimentado em sua mente. Evidentemente, havia algum erro: o sr. Flagg sem dúvida teve um imprevisto e...

“Hã... Olá”, disse o jovem, nervoso. “Sou Edwin Flagg.” Retirando um lenço do bolso, ele secou sua testa brilhante, inseguro. Ele não dirigira até lá... fora caminhado. “Eu tinha... hã... uma reunião com a srta. Hudson. À uma e meia.”

Jane o observou por mais um momento. Então, consciente do longo silêncio entre eles, ela sorriu. “Sim”, assentiu ela, “eu sou a srta. Hudson.” Ela recuou, fazendo um gesto relutante para dentro. “Entre.”

O jovem, no entanto, não aceitou imediatamente o convite. Sua mão, trazendo o lenço para a bochecha, parou de repente, no meio do gesto. Ele olhou para ela mais diretamente, como se estivesse se esforçando para focar seus traços com mais nitidez. Jane repetiu com dificuldade o gesto convidando-o para entrar.

“Entre.”

Ela o levou a uma cadeira, a que ficava à direita da lareira, e então sentou-se no divã. Arrumando a saia com cuidado, olhou para o rapaz com uma expectativa ansiosa, e foi saudada com um olhar semelhante ao do sr. Flagg. O que ele esperava dela? Jane sentiu uma sensação de agitação e pânico no estômago. Ele não era o tipo de pessoa que deveria ser, não chegava aos pés do que ela havia imaginado. De repente, sentiu uma aversão positiva por esse jovem asqueroso, de olhos pálidos, como se o tivesse apanhado em uma mentira deliberada, e só desejava que fosse embora. No entanto, estava aqui, agora, e ela precisava dizer algo a ele.

“Você viu meu anúncio no jornal?”

O jovem sorriu mecanicamente. “Sim. Eu estava dando uma olhada naquela... parte do jornal, sabe... e como eu toco tanto piano quanto violino...” Ele terminou a frase com um gesto sem sentido, de desconforto.

Jane assentiu. “Sim. O anúncio dizia isso — não dizia? —, tocar piano e violino era obrigatório.”

“Sim. Sim, dizia isso. Pareceu quase uma coincidência... de certa forma, pareceu... então, é claro...” Ele concluiu novamente com o mesmo gesto tenso.

O silêncio entre eles retornou. Jane se mexeu levemente e, em um espasmo de nervosismo, deu uma breve risada. O jovem olhou para ela com os olhos pálidos assustados. Ela moveu o olhar com ansiedade na direção da cozinha.

“Chá?”, perguntou com uma súbita inspiração. “Por que eu não faço um chá para gente? E então podemos tomar chá e... bem, conversar. Gosta de chá... sr. Flagg?”

“Ah, sim!” Edwin Flagg se inclinou, ansioso, para a frente. “Sim, eu gosto... muito.”

Com uma expressão de perplexidade, Edwin a observou enquanto ela saía para o corredor. Mais uma vez, apanhou o lenço e terminou de esfregar a testa ainda úmida. Ele tinha razão desde o início. Uma velha idiota e bêbada, parecia uma prostituta. Que tipo de trabalho poderia oferecer a alguém? Ele ficou imaginando se conseguiria se levantar e sair sem que ela ouvisse.

No final, era a sala, a própria casa, que impedia Edwin de sair. A casa era antiga, verdade, muito negligenciada, pelo visto, mas ainda era uma boa casa, uma casa bem construída que, quando nova, deveria ter custado muito dinheiro. Edwin respeitava as coisas caras, simplesmente por sua capacidade de controlar os preços. As cortinas, por exemplo. Elas não combinavam com o tapete, ou mesmo com a sala, mas foram feitas sob medida. Edwin percebia coisas assim. As pinturas que vislumbrara na galeria, tinha certeza de que eram originais.

Tudo era bom, apesar de velho; havia várias coisas também bastante valiosas. A estatueta de jade esculpido da mesa da biblioteca era uma peça excelente. As luminárias nas mesas de canto tinham sido feitas de um par de grandes castiçais de metal que eram autênticas peças de altar orientais. E o porta-retratos de prata na lareira...

O olhar de Edwin passou rapidamente pelo porta-retratos, moveu-se para além dele e voltou. A moldura estava vazia. Onde deveria haver uma foto, havia apenas um retângulo de papelão marrom. Observou aquilo com uma súbita suspeita. Desvinculado de seu motivo, por que o porta-retratos foi deixado em exibição? A foto foi removida com raiva... com tristeza? E onde estava agora? Ele escutou um som atrás de si e olhou para a porta.

A velha estava indo na sua direção, levando com uma incerteza desesperada uma grande bandeja de chá com um serviço de prata decorado. Levantando-se o mais rápido possível da cadeira, Edwin correu para ajudá-la com o peso. O brilho da prata resplandeceu em seus olhos, e ele sentiu, enquanto aparava a bandeja, uma curiosa e inesperada sensação de luxo.

“Um peso tão grande para uma... garota... tão pequena”, disse ele, com um galanteio repentino.

Ele ruborizou ligeiramente, consternado com o uso hesitante e obviamente canalha da palavra “garota”. De alguma forma, isso parecia ter sido exigido dele, uma obrigação. Virando-se rapidamente, levou a bandeja em direção à lareira e a colocou sobre a mesa de centro.

A velha garota tinha tomado uma ou duas doses na cozinha. Percebeu isso quando aceitou o convite para mudar-se de sua cadeira para um lugar ao lado dela, no divã. Acomodando-se nas almofadas profundas, ele se virou para encontrar seu sorriso e devolvê-lo. A bebida, ao menos, parecia ter melhorado muito o seu humor. Que piranha encarquilhada e ridícula, como a velha Del...

“Sempre acho que para os estranhos é bom... compartilhar o pão”, disse ela, jogando conversa fora. “Isso ajuda muito. Você não acha?” Edwin concordou com a cabeça, seus olhos procuravam o prato de bolinhos com cobertura que ele havia notado na bandeja. Não eram da mercearia; eram bolos de padaria, provavelmente frescos e muito saborosos. Apesar de tudo ser tão louco, isso era uma melhora em relação a estar em casa com Del. Ela serviu uma xícara de chá para ele, derramando um pouco no pires. Então, com um pegador, tentou colocar um dos bolos em um prato, mas o deixou cair.

“Aqui”, disse Edwin, “deixa que eu faço isso.”

Por um momento, seus olhos se encontraram e o sorriso dela se ampliou. “Obrigada”, sorriu ela, em uma tentativa vacilante de elegância. “Você é muito gentil... muito simpático.”

Depois de servir os dois, Edwin tomou um pouco de seu chá. Então, pegando seu bolo, deu uma mordida. Afundando-se no conforto de sua doçura, recostou-se no divã com uma maior sensação de luxo.

“A senhorita mencionou seu espetáculo no anúncio”, ele a lembrou com coragem e franqueza súbitas. “Que tipo de espetáculo é?”

Deixando a xícara de chá na mesa, a velha levantou os pés e, com uma afetação grotesca, se encostou.

“Bem”, disse ela devagar, “acho que devo dizer que estive aposentada... por um tempo. Precisei abandonar minha carreira

por um tempo por causa de... uma doença na família.”

“Ah, sinto muito.”

“Não havia mais nada a fazer.”

“Mas agora a senhorita está novamente livre... para voltar à sua profissão.”

“Ah, sim... sim, isso.”

Edwin fez uma pausa, sentindo uma espécie de diversão borbulhante. Era como se eles estivessem jogando um jogo, brincando de festa do chá. Apanhando um segundo bolo, ele o enfiou inteiro na boca, mastigou e o engoliu. Ele olhou para a velha e especulou: ela deve ter algum dinheiro escondido, em algum lugar, talvez uma herança, se houve uma morte recente na família.

“Pode descrever seu espetáculo?”, perguntou ele com muita seriedade. No rosto corado e flácido, surgiu uma espécie de provocação marota. Estava escondendo algo dele agora, brincando, uma surpresa incrível. Ela parecia, para ele, naquele momento, um ser bizarro além da imaginação, além da própria realidade. Ele tinha vontade de estender a mão e dar-lhe uma bofetada no rosto para ver qual seria sua expressão.

“Eu sou Baby Jane Hudson.”

A primeira coisa que ele pensou foi que com certeza não a tinha entendido bem. Ou isso, ou ela quis fazer uma espécie de piada, uma piada interna que não tinha como ele conhecer. Seus olhos, no entanto, fixos em seu rosto, para ver sua reação, diziam muito claramente que ela não estava brincando.

“Baby Jane Hudson?”, disse ele, cautelosamente.

Ela assentiu, olhando para ele agora com dúvida e desapontamento. “Isso mesmo.”

“Bem...”, disse ele. Ele hesitou, mas continuou rapidamente. “Bem, eu simplesmente não acredito!”

Com esse falso show de espanto, ele salvou o dia. O rosto de Jane se iluminou instantaneamente, e ela se inclinou para a frente, apertando as mãos sobre os joelhos em um gesto de entusiasmo infantil. Sua respiração, cheirando a uísque, atacou as narinas de Edwin.

“Pretendo resgatar meu antigo espetáculo. Do jeito que costumava fazê-lo... exatamente igual.” Seu olhar foi além dele até uma cena brilhante, visível apenas para ela mesma. “Ah, eu sei que alguns dos arranjos antigos estão desatualizados. A música, você sabe, muda tanto, o jeito de se fazer e tal.”

Edwin concordou com a cabeça. “Sim”, murmurou.

“Todos estão desesperados por bons espetáculos, sabe. Tem Las Vegas. E a televisão. Você lê as revistas *The Reporter* e *Variety*?”

Edwin olhou para ela sem entender.

“Todos estão à procura de espetáculos. Eles estão simplesmente desesperados. E há pessoas que ainda se lembram de mim, muitas.” Ela se virou para Edwin, esperando sua confirmação, e ele concordou com a cabeça. “Muita gente da velha guarda já está de volta. Ed Wynn e Jimmy Durante — muitos deles. Lembra-se de Baby Snooks?”

Edwin sorriu. Baby Snooks. Sim, ele se lembrava de Baby Snooks... Fanny Brice. Um espetáculo de comédia infantil. Ele olhou para a velha sob uma nova perspectiva. Se ela tivesse um verdadeiro talento para a comédia como o de Brice...

“As chances são grandes”, disse ele, corajosamente. “Não vejo nada contra.”

Ela encostou-se novamente, olhando agora para Edwin com uma deferência inconfundível. “Sabe, tive um pressentimento sobre você. Uma espécie de... sensação... na hora em que abri a porta e o vi ali, parado. Sabia que seríamos amigos...” O sorriso dela parecia que se virava para dentro, e ela passou a mão na saia sem pensar. “É claro que vou ter que perder um pouco de peso. Mas vou começar uma dieta, de qualquer maneira. Amanhã, primeira coisa. Estava pensando no figurino. Não acha que eu deveria copiar todo o meu antigo?”

Edwin voltou sua atenção de forma evasiva para a xícara de chá. “Bem, é claro que não me lembro...”

“Oh, claro que não. Mas eu quero sua opinião, sr. Flagg. Antes de chegar, coloquei todas as fotos na sala de ensaios para que possa olhar e me dizer o que pensa.” Virou-se para ele, seu sorriso iluminado de repente. “Ah, gostaria que papai pudesse

estar aqui agora! Você nunca vai perder o seu talento, ele costumava me dizer. Quando se nasce com talento é para a vida toda. Você pode perder o dinheiro, a juventude e a boa aparência, mas... Bem, gostaria de ver as fotos?”

Na sala de ensaios, ela o levou ao piano e mostrou-lhe um grande álbum de couro.

“Este só tem fotos. Tenho muitos outros com todos os meus cartazes e folhetos e todo esse tipo de coisa, se quiser ver tudo.” Enquanto Jane falava, Edwin notou, ela se olhava discretamente nos espelhos. “Enquanto olha tudo, sr. Flagg, vou recolher a bandeja de chá.” Ela virou-se e se dirigiu para a porta.

“Por que eu não ajudo?”, ofereceu-se Edwin, com um pouco de malícia.

Ela se virou na porta. “Oh, não. Eu consigo fazer isso.” Ela se estabilizou momentaneamente contra o batente. “Seu primeiro nome é Edwin?”

Ele concordou com a cabeça. “Sim.”

“Edwin”, murmurou ela, e depois, também assentindo com a cabeça, como que confirmando, se equilibrou e saiu da sala, fechando a porta com muito cuidado.

Edwin deu atenção primeiro ao piano. Grande, bem-feito — caro. Ele abriu a tampa sobre as teclas. Tocou algumas notas, deixando-as silenciar e morrer quando as tocava. O instrumento estava terrivelmente desafinado; ainda pior do que o seu antigo em casa. Ele fechou a tampa e alcançou o álbum.

Olhou para a primeira das fotografias com certa incredulidade. De uma impressão desbotada, já marrom pela idade, uma menina de sete ou oito anos com cachos escuros e grandes olhos largos sorria com uma malícia que poderia ser de uma garota de vinte. Vestida minuciosamente na moda de cinquenta ou sessenta anos atrás, estava posando de uma forma curiosa, com um dedo apontado com uma delicadeza afetada para a ponta arredondada de seu queixo. Franzindo a testa, Edwin virou a página.

A mesma criança aparecia na segunda página. Dessa vez, seus cachos saíam de seu chapéu parecendo molas de aço. Ela vestia uma blusa e uma calça, e estava de pé contra um pano de



fundo pintado que representava uma clareira em uma floresta. Uma perna gordinha estendida, como um bêbado se apoiando; na mão direita, carregava um pequeno bastão irlandês, na esquerda, um enorme trevo de papelão.

Edwin virou as páginas. A criança aparecia várias vezes, em um desfile interminável de figurinos e poses. Aquela fofura lhe parecia um pouco mais enjoativa a cada foto. Chegando a um recorte de jornal amarelado, Edwin parou. Na parte superior estava a foto da criança usando o chapéu. Acima, na caligrafia floreada da época, a legenda: BABY JANE HUDSON. E, acima disso, havia um pedaço do título do jornal, com a data de 23 julho de 1906.

Edwin fechou o álbum e afastou-o com uma sensação aguda de confusão. A velha tonta não colocava o pé em um palco havia mais de cinquenta anos! Ela estava louca. Se ela realmente acreditava... na sua idade... Ele se virou, horrorizado.

Percebendo que havia partituras no suporte, estendeu a mão para alcançá-las. Mais uma vez, ele foi confrontado com uma foto da criança repulsiva, dessa vez com o nariz delicadamente inclinado para uma grande rosa falsa. *O Segredo da Rosa*.

Ele passou rapidamente pelos outros. *O Passarinho na Neve. A Noite em que Papai foi para o Céu. Tom-Tom Tomboy. Um Anjo Me Contou. Venha Brincar*. Sob a música impressa havia algumas notas escritas à mão, meticulosamente transcritas, intituladas informalmente para indicar seu uso. *Música de fundo para “Gettysburg Address”*. *Música de fundo para “I’m Just a Hooligan”*. *Música de fundo para “Stammering”*.

Edwin colocou as partituras de volta. Então esse era seu espetáculo, esse... lixo. Ele olhou para o banco do piano. Sem dúvida, estava lotado de mais do mesmo. Então ergueu a tampa.

E não se desapontou: havia fotos e folhas de música em abundância. Começou a vê-las, depois parou, olhando para uma fotografia — se, de fato, era mesmo uma fotografia — que ele havia vislumbrado entre dois pacotes de partituras. Com hesitação, ele a puxou para vê-la inteira.

Olhou com perplexidade para o rosto pálido que aparecia fragmentado entre rabiscos violentos de giz de cera vermelho.

Era a imagem de uma mulher, isso era evidente, e, pelo que podia ver, tinha sido uma loira muito bonita. Mas quem a rabiscou tinha feito isso, como bem se podia ver, com um ódio selvagem. A ponta do giz penetrara profundamente na fotografia, deixando pesadas marcas vermelhas na boca e no nariz. Em toda a área do rosto, as marcas eram mais leves e rápidas, como se o vândalo, não contente com a mutilação, quisesse destruí-la por completo.

Edwin sentiu um estremecimento de horror atravessá-lo quando sua mente de repente saltou para o porta-retratos de prata vazio na sala de estar. Como se tivesse de repente se agitado sob seu toque, ele soltou a imagem no banco e fechou a tampa. Ao mesmo tempo, ouviu a porta se abrir atrás de si.

“Edwin?”

Ele se virou para encontrá-la vindo tropeçando em sua direção. Ergueu as sobrancelhas em uma consulta silenciosa.

“Você viu as fotos?”, perguntou ela.

Virado como estava, Edwin vislumbrou sua imagem nos espelhos. Estava visivelmente pálido. Mas então, com um leve desconforto, viu-se sorrir.

“Sim”, ele se ouviu dizendo, “ são maravilhosas.”

# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

09

Com certa cautela, a sra. Stitt fechou o portão e começou a caminhar em direção à varanda de serviço. Ao entrar no quintal, percebeu a figura sombria e robusta na porta da cozinha e imaginou que Jane Hudson estivesse esperando por ela. Tinha de ser um dia difícil hoje, pensou com impaciência, justo quando ia trabalhar meio período. Sem dúvida, ela já havia começado a beber. Pobre srta. Blanche... A sra. Stitt parou quando, ao aproximar-se, Jane surgiu de repente na varanda e veio até a escada.

Jane estava vestida para sair, observou a sra. Stitt amargamente, toda arrumada com um casaquinho de pele curto com ombreiras antiquadas e aquele ridículo chapéu vermelho de lã que a fazia parecer uma mendiga velha ou algo do tipo. Era repugnante ver uma mulher dessa idade saindo em público vestida assim.

Então a sra. Stitt viu o que havia na mão de Jane, o pedaço de pano, a roupa, e percebeu, olhando mais de perto, que era seu próprio avental de faxina. Surpresa, levantou o olhar do avental para o rosto de Jane. Ela estava certa: pelo seu olhar, dava para ver que a bebida já estava bem encaminhada.

“Bem”, disse ela, com uma cautelosa jovialidade, “tudo pronto pra, hã, sair cedinho?”

Em resposta, Jane simplesmente a observou, seus olhos brilhantes e febris em suas bolsas de carne flácidas. Sua cabeça se virou ligeiramente. Deu uma sacudida, na verdade, como em um espasmo nervoso, e de seus cachos tingidos surgiu um brilho frio de um par de brincos pendentes. Sua boca, ela mesma quase perdida sob duas grandes manchas vermelhas, lutava contra um tremor silencioso. O casaco de pele, a sra. Stitt percebeu agora que olhava com mais atenção, pertencia a Blanche, um que ela ainda usava nas raras ocasiões em que saía.

“A srta. Blanche está acordada também?”, perguntou ela.

Como resposta, Jane estendeu a mão, entregando o avental para ela. “Aqui.” Sua voz era baixa e tensa, mas determinada. “Não precisa ficar. Nós não precisamos mais de você.”

A sra. Stitt ficou tão atordoada por um momento que não conseguiu falar. Sua boca preparou-se para dar um sorriso, como se estivesse se esforçando para confirmar a impressão de que isso certamente era uma piada, e depois desistiu.

“Mas eu não...”

“Eu teria ligado, mas eu não tinha seu número”.

Quando a surpresa desapareceu, a sra. Stitt sentiu os primeiros tremores rápidos de raiva. “A srta. Blanche tem meu número”, disse ela, com firmeza. “Ela poderia ter me ligado se...”

Os olhos fixos de Jane se arregalaram um pouco, alarmados. “Você está despedida”, disse ela abruptamente. “Você... você pode ir embora... agora mesmo.”

“Espere um pouco, srta. Hudson...”

“Você será paga por hoje, não se preocupe. Nós lhe enviaremos um cheque. Aqui... pegue seu avental. E é melhor você me dar a sua chave da casa.”

A sra. Stitt apanhou o avental e enfiou-o com força sob o braço. “Eu não tenho a chave”, disse ela com calma. “Acabei de perceber quando estava subindo a ladeira, agora mesmo... esqueci hoje.”

Jane a encarou, incerta, piscando. “Tudo bem, então”, disse ela por fim, “pode enviá-la pelo correio quando chegar em casa.”

Teimosa, ela ficou parada ali, esperando que a sra. Stitt se afastasse.

A sra. Stitt, no entanto, ainda não estava satisfeita. “Já que eu vim até aqui”, disse ela, com um olhar mais duro, “melhor eu ver a srta. Blanche antes de ir. Se estou despedida, gostaria de ouvir isso diretamente dela. Foi ela quem me contratou. Foi ela quem me pagou. Então é ela quem deve me demitir.”

A boca de Jane se transformou em uma linha reta e dura. “Você não pode vê-la”, disse ela. “Ela... ela ainda está dormindo.”

“Então eu espero. Não me importo nem um pouco.”

“Mas eu estou de saída. Tenho que estar no banco na hora que abrir.”

“Não precisa se preocupar”, disse a sra. Stitt. “A senhorita pode confiar em mim aqui, sozinha. Não vou fugir com nada.”

Um olhar de incerteza, quase de medo, apareceu no rosto de Jane. “Não posso ficar aqui discutindo”, disse ela, desesperada.

“Não há nada para se discutir. Já que você vai me pagar a diária de qualquer jeito, eu posso ser útil até que a srta. Blanche acorde.”

Jane voltou rapidamente para a varanda, bateu a porta de tela e trancou-a. “Você está demitida, é tudo o que sei. Então pode ir embora!”

A sra. Stitt, apesar de sua justa indignação, sabia quando tinha sido derrotada. Encolhendo os ombros, ela se virou e começou a caminhar.

Deveria ter pedido demissão, disse a si mesma, agora fervendo de raiva; deveria ter se retirado muito tempo antes. Qualquer outra pessoa teria saído, haja vista as artimanhas que aquela lá preparava. Um minuto ela era a grande dama, dando ordens e ameaçando praticamente cortar sua cabeça; no minuto seguinte, era a garotinha fazendo bico, achando que era tão fofa e maliciosa que poderia tirar o seu juízo. Fofa! Ela era asquerosa. E uma louca também. A sra. Stitt tinha visto certas coisas pela casa e duvidava que a pobre srta. Blanche soubesse...

Pobre srta. Blanche. A coitada certamente não sabia de nada disso. Jane provavelmente se levantou cedo só para poder fazer tudo escondido da srta. Blanche. Jane sempre foi ressentida com

ela, a sra. Stitt sabia disso; sem dúvida, vinha tentando havia muito tempo pensar em alguma maneira de se livrar da irmã.

E que tipo de história ela planejava contar por ela não ter ido trabalhar hoje? Alguma coisa boa, sem dúvida, alguma coisa, com certeza, para desmerecê-la aos olhos da srta. Blanche. Abraçando sua bolsa com força contra o peito, a sra. Stitt desceu rapidamente a rua, fez a curva no final do quarteirão e foi em direção à parada de ônibus da avenida.

Tinha acabado de se sentar no banco na calçada quando viu o cupê cinza aparecer na esquina. Ela observou o suficiente para ver que Jane estava sozinha no carro, depois se virou, concentrada, fingindo não ter notado. A velha idiota, vestida como uma rainha em uma ópera cômica. Como as pessoas devem rir dela pelas costas — a sra. Stitt pensou, com satisfação — quando a veem caminhar pela rua.

Bem, pensou, dando um tapinha na bolsa, pelo menos ela se deu melhor que Jane Hudson em uma coisa: ainda tinha a chave. Mesmo que fosse bobo e sem sentido, isso fez com que ela se sentisse melhor por saber que Jane não tinha conseguido fazer tudo de seu jeito. E mais: também não enviaria a chave. Que a sua alteza real saia e faça uma nova.

A sra. Stitt puxou a manga do casaco e olhou para o relógio. Nove e meia da manhã, quase. Quando chegasse em casa, seria por volta das dez e meia. Praticamente toda a manhã já teria passado. E então teria que dar meia-volta e ir para o centro da cidade, a fim de conversar com as pessoas do júri. Com uma nova onda de raiva, pensou que agora precisaria começar a procurar outro emprego para preencher suas sextas-feiras.

Ela encontraria um novo emprego muito mais rápido do que as irmãs Hudson encontrariam uma nova faxineira. A sra. Stitt tinha certeza disso. Elas iam ver, assim que pedissem a outra pessoa para subir toda a colina sem transporte. Isso para não falar de aguentar toda a loucura e a bebedeira daquela velha. Ninguém suportaria esse tipo de coisa. Ninguém além dela. E a única razão pela qual fazia isso era a srta. Blanche.

Sentia dó da srta. Blanche, com aquela bitolada da Jane ficando pior e pior a cada minuto. Algo horrível aconteceria

naquela casa algum dia; podia sentir isso. A sra. Stitt deu um suspiro profundo e trêmulo. Bem, tentou ajudar da única maneira que sabia, mas é engraçado como, às vezes, as pessoas não conseguem ver uma coisa que está bem ali na sua frente. Houve momentos, de fato, que não pôde deixar de pensar... a srta. Blanche não era uma mulher burra, mas a maneira como continuava aguentando as coisas... Vendo o ônibus se aproximar na rua, ela se levantou e endireitou o casaco. Esqueça, disse para si mesma, apenas esqueça... não há nada a ser feito a respeito agora.

Abrindo a bolsa para pegar o dinheiro, seus olhos bateram na polêmica chave da casa das Hudson. Lá estava, ao lado de seu caderno, seu disco de identificação preso com um laço de corda vermelha brilhante. Na rua, o ônibus parou na calçada e abriu as portas para deixá-la entrar. A sra. Stitt ergueu os olhos e em seguida os baixou rapidamente em direção à chave. Agora que Jane Hudson saía, percebeu de repente, meio surpresa, que não havia nada que a impedisse de voltar até a casa, se quisesse. E seria bem-feito para a velha jararaca se ela voltasse e contasse para a srta. Blanche exatamente o que estava acontecendo. Dentro do ônibus, o motorista se inclinou para olhar para ela. “Vai subir, senhora?”

A sra. Stitt ergueu os olhos e, após hesitar outro instante, sacudiu a cabeça. “Me desculpe...”

“Bem, pelo amor de Deus!”

A porta voltou a se fechar, e o ônibus saiu rugindo, intimidando a todos em seu caminho. Mais pensativa agora, a sra. Stitt virou-se e começou a subir novamente a ladeira.

Ela entrou na cozinha com um cuidado quase furtivo, então parou para tentar ouvir qualquer som vindo de cima. Ao mesmo tempo, olhou com ironia para a garrafa de uísque quase vazia no ralo. O lugar estava uma bagunça. Com uma indignação renovada, ela abandonou seu ar anterior de discrição e foi corajosamente da cozinha para o corredor e a escada.

Quando chegou à galeria, ela fez uma pausa e olhou para o corredor. A porta da srta. Blanche estava fechada. Ainda estava dormindo, então; Jane não mentira sobre isso. Ela se virou e

olhou para a sala bagunçada abaixo. Como já estava lá, manteria sua palavra e seria útil. E aí poderia preparar o café da manhã da srta. Blanche e levá-lo para ela. Já havia passado muito da hora da srta. Blanche acordar, de qualquer maneira, então não seria um problema despertá-la. Ah, haveria uma bela cena quando a senhorita-rainha-de-Sabá voltasse do banco e descobrisse o que acontecera. Mas a sra. Stitt estava preparada para aceitar isso.

Primeiro, ela arrumou a cozinha, derramando com prazer o resto do uísque e jogando a garrafa no lixo. Quando terminou e estava com a bandeja de café da srta. Blanche pronta, eram quase dez e quinze. Sentindo-se bastante alegre agora, inexplicavelmente, na verdade, considerando-se tudo, ela pegou a bandeja e se encaminhou ao corredor.

Na porta da srta. Blanche, fez uma pausa para escutar, esperançosa de ouvir algum som lá de dentro que indicasse que ela já estava acordada. Não ouviu coisa alguma, e então franziu a testa. Já era tarde, não era comum que a srta. Blanche dormisse tanto. Apoiando a bandeja contra a parede, a sra. Stitt estendeu a mão e bateu muito delicadamente.

“Srta. Blanche?”, chamou ela. “Sou eu, srta. Blanche, Edna. Já está acordada?”

Ela esperou, mas não houve resposta. A sra. Stitt empertigou-se. Como era comum com as pessoas com deficiência, a srta. Blanche tinha um sono muito leve; em geral, o menor som a acordava instantaneamente. A sra. Stitt bateu de novo, um pouco mais alto desta vez.

“Srta. Blanche?”

Mais uma vez ela esperou, mas ainda não houve resposta — nenhum som, de nenhum tipo. Um leve arrepio tocou a parte de trás do pescoço da sra. Stitt; havia algo errado aqui, algo que definitivamente não era como deveria ser. Sem hesitar mais, estendeu a mão para a maçaneta da porta e empurrou. Os pratos e os talheres na bandeja se chocaram quando seu movimento para a frente foi impedido abruptamente por uma tábua. A porta estava trancada.

A sra. Stitt olhou sem acreditar, boquiaberta. Ninguém — nem mesmo Jane Hudson — sairia e deixaria uma pessoa com



deficiência trancada em um quarto como esse! Devia haver alguma coisa de muito errado. Colocando a bandeja do café da manhã no chão, ela tentou novamente, mas a porta continuou se recusando a se mover; estava, de fato, seguramente trancada.

Por um momento mais, ela ficou imóvel por puro assombro. Mas então uma onda de raiva a trouxe de volta à vida. Virando-se com firmeza, olhou para o corredor na direção do quarto de Jane. A porta estava aberta, deixando um raio de luz brilhante entrar até o final do corredor. A sra. Stitt seguiu em frente, decidida: se a chave do quarto de Blanche estivesse em qualquer lugar da casa, seria lá.

Na porta, ela parou. Seus olhos, piscando com a claridade, passaram pela cama amarrotada e desfeita, a ridícula coleção de animais de pelúcia empilhada na cadeira de cetim rosa, a interminável exposição fotográfica de Baby Jane Hudson nas paredes. Seu olhar parou, por fim, na penteadeira sob as janelas, e ela se aproximou.

A sra. Stitt abriu as gavetas com rapidez, com raiva, uma após a outra, revelando os compartimentos separados de bijuteria barata, as flores artificiais, os lenços brilhantes e os cosméticos ordinários. Não encontrando nada que parecesse uma chave, ela guardou tudo novamente e voltou sua atenção para a escrivaninha contra a parede ao lado. Depois de olhar de maneira rápida e infrutífera o lixo aleatório em cima da mesa, as revistas e as cartas, ela abriu a gaveta do meio. Havia uma variedade desordenada de papéis de carta e envelopes de cores diferentes — rosa, lavanda, azul-claro, branco com bordas de intensas rosas amarelas. Colocando essas coisas de lado com impaciência, a sra. Stitt descobriu embaixo de tudo isso um livro de endereços com uma capa de plástico branco. Ao folheá-lo, percebeu que nunca tinha sido usado; não havia nenhum nome escrito. Ela passou a mão na parte de trás da gaveta, tateando, encontrou algo e puxou. Era um bloco de notas comum, com uma capa marrom. Estava prestes a empurrá-lo de volta para a gaveta com um gesto de repulsa quando alguns pedaços de papel caíram do meio das páginas e voaram para o chão. Rapidamente, ela se abaixou e pegou-os.

Por um momento, segurando-os na mão, ela parou, sentindo um rápido golpe de apreensão que não entendeu bem. Eram cheques, cheques cancelados; alguns dos que sempre ficavam guardados no livrinho de contabilidade no quarto da srta. Blanche.

Então Jane os havia pegado, apropriado-se deles. Mas por quê? O olhar da sra. Stitt se moveu para o bloco de notas que deixou aberto pronto para receber de volta os cheques entre suas páginas. Rapidamente, ela o aproximou da luz. Linhas e linhas estavam preenchidas com o nome da srta. Blanche. *Blanche Hudson... Blanche Hudson... Blanche Hudson...* Por toda a página, o nome tinha sido repetido várias vezes.

A assinatura da srta. Blanche! Ou cópias dela! Os olhos da sra. Stitt se moveram com rapidez entre o bloco de notas e os cheques. Era mais do que óbvio, Jane Hudson estava praticando — forjando! — a assinatura da srta. Blanche. Com um brilho de medo no olhar, a sra. Stitt olhou para o corredor na direção da porta trancada do quarto da srta. Blanche.

Jane Hudson chegou ao banco apenas alguns minutos após o horário do início do expediente, então não teve de esperar na fila. Mexendo em sua bolsa com um ar de nervosismo que mal podia controlar, tirou o cheque da pensão enviado por Bert Hanley e foi até o guichê mais próximo. Ela reconheceu o jovem no caixa, embora não o conhecesse pelo nome.

“Como está hoje, srta. Hudson?”, perguntou o rapaz.

“Oh, estou bem”, disse Jane. Respirando profundamente, ela colocou o cheque no balcão entre eles. “Aqui...”

Virando o cheque, o jovem verificou a assinatura do verso, colocou o papel de volta no balcão e o carimbou. Ele olhou com um ar de expectativa educada. “Seu envelope de depósito?”

Jane, com a garganta repentinamente seca, conseguiu manter seu sorriso. “Dinheiro”, disse ela em uma voz rápida e baixa. “Eu... Blanche... ela quer que eu retire tudo em espécie desta vez.” O jovem ergueu as sobrancelhas. “Ela deve ter algum motivo especial, eu imagino”, disse ela rapidamente.

Concordando com a cabeça, o jovem abriu sua gaveta, contou o dinheiro — o que para Jane pareceu uma fortuna — e empurrou-o delicadamente para ela com a mão.

“Aqui está.”

Por um instante, Jane simplesmente olhou para o dinheiro, quase com medo de tocá-lo.

“É assim que a senhorita queria?”

Olhando para ele, Jane assentiu. Então, estendeu a mão e jogou o dinheiro de qualquer jeito na bolsa, ansiosa para tê-lo, de uma só vez, seguro consigo mesma.

“Obrigada”, disse ela com uma súbita falta de ar. “Muito obrigada.”

Na calçada, ela parou e encarou o caloroso brilho do sol. *Não tenho que pedir para ninguém*, pensou ela. *Posso comprar qualquer coisa que eu quiser. Posso caminhar por esta rua, se eu tiver vontade, e comprar tudo o que vejo.* Virou a cabeça ligeiramente, e seus brincos lançaram rápidos lampejos brilhantes de fogo. E então ela sorriu, de repente, como se o sol tivesse tocado, também, uma superfície clara e refletora dentro de Jane.

Mas não havia tempo para visitar as lojas, nem mesmo para olhar as vitrines. Com a sra. Stitt demitida e Edwin chegando, havia coisas que precisava fazer. Afastando-se, ela virou a esquina em direção ao estacionamento, onde tinha deixado o carro. Tudo fora tão terrível anteontem; ela se sentia perdida e assustada. Mas agora ela estava segura de si mesma, certa de tudo o que estava fazendo. Tinha muito dinheiro. E agora um novo amigo.

Edwin Flagg. Edwin. O simples pensamento em seu nome acelerou seu passo, como se a própria vida tivesse acelerado de repente, de modo que ela precisasse se apressar para acompanhá-la. Ele dissera que a veria novamente esta tarde. E isso era um sinal de que realmente gostara de Jane; ele não teria prometido se não gostasse. Ela deu um rápido suspiro de satisfação. Fazia bem saber que havia alguém em algum lugar que gostava de você e pensava que o que você fazia era certo.

Na entrada do estacionamento, ela correu pelas fileiras de carros na direção do cupê cinza. Puxando a bolsa para mais perto, ela a abraçou com força contra o peito. Cinquenta dólares por semana, ela pensou feliz, era muito pouco para pagar por um bom amigo como Edwin, muito pouco mesmo.

A sra. Stitt olhou para a porta trancada com uma onda crescente de pânico. Fechando as mãos em punhos rígidos, ela bateu contra a porta o mais forte que pôde.

“Srta. Blanche!”, gritou ela. “Srta. Blanche! Pode me ouvir? Srta. Blanche!”

Sua voz, no entanto, foi absorvida por um silêncio macabro. Ela se virou, tentando pensar no que deveria fazer. A srta. Blanche estava drogada lá dentro, estava convencida disso. Era a cara de Jane — bebendo como ela só — dar à pobre criatura um de seus sedativos e depois sair, deixando a irmã sozinha. Era perverso... criminoso!

Com um ar de súbita decisão, pegou a bandeja do café da manhã, levou-a para a galeria e desceu a escada. Havia tomado uma decisão: abriria aquela porta ainda que demorasse todo o dia e metade da noite. E se Jane Hudson entrasse e a pegasse fazendo isso, a coisa ia ficar bem feia — para Jane Hudson.

Ela entrou na cozinha e colocou a bandeja sobre a mesa diante da pia, depois foi até a gaveta de ferramentas sob o armário e a abriu. Pegou um martelo, o maior e mais pesado que havia, e uma grande chave de fenda. Armada desses apetrechos, saiu rapidamente da sala e voltou para a escada. De uma forma ou de outra, disse a si mesma, com firmeza, que aquela porta seria aberta.

A sra. Bates passava tanto tempo podando a cerca viva da frente que agora já não havia muito que cortar. Mais cedo, ao ver Jane Hudson sair de carro, ela logo se posicionou na cerca de plantas onde poderia ver quando ela retornasse. A sra. Bates sabia, por observação, que quando Jane Hudson saía assim de manhã raramente demorava mais que alguns minutos, apenas o

suficiente para ir até o mercado no final da colina e voltar. Esta manhã, no entanto, justo quando havia algo que queria falar com Jane Hudson, ela foi para algum lugar de onde estava demorando a retornar.

Tinha consigo um recorte, tirado da seção de televisão do jornal da noite anterior, cujo título dizia: ESTRELA COM DEFICIÊNCIA RECUPERA A POPULARIDADE PELA TV. E havia uma foto de Blanche também, uma das antigas, tirada pelo estúdio na década de 1930. O artigo em si não dizia muito, mas era bom. Carinhoso. Se as irmãs Hudson não o tivessem visto, a sra. Bates tinha certeza de que iriam gostar que ela lhes mostrasse. O suficiente, esperava lá no fundo, para que pudesse ser convidada a entrar na casa e conhecer Blanche Hudson em pessoa.

Ela já estava, na verdade, planejando o que iria escrever para as pessoas de sua cidade natal. Não iria exatamente mentir e dizer que ela e Blanche Hudson eram amigas íntimas, mas poderia sugerir, só pela emoção que daria a todos imaginar a relação entre alguém que conheciam e uma estrela de cinema.

Havia apenas um pequeno problema, contudo: a sra. Bates se perguntava se a saúde de Blanche Hudson não tinha piorado ultimamente. O que a fazia pensar isso era que a janela que decidira ser a de Blanche, a que ficava no meio do andar superior, tinha ficado fechada nos últimos tempos. Antes, à noite, havia sempre uma luz naquela janela, mesmo quando o resto da casa estava no escuro. Nas últimas quatro noites, porém, ela permaneceu apagada. E mesmo durante o dia as cortinas ficaram fechadas. Se Blanche Hudson adoecera a ponto de não abrir a janela, então certamente estava muito doente para receber visitas.

A sra. Bates considerou pegar o recorte e entregá-lo à faxineira. Sabia que estava lá hoje; ela a viu subindo a colina. No final, porém, decidiu não fazer isso; uma empregada dificilmente teria a liberdade de convidá-la a entrar na casa. A sra. Bates olhou para trás, para a cerca viva, com um suspiro de derrota; não havia mais nada para ser cortado, e não podia ficar ali, esperando, sem nada para fazer. Ela se virou e começou a andar de volta para a casa.

Tinha acabado de chegar na entrada quando ouviu o som de um carro. Olhou para trás e viu o cupê cinza atravessar o cruzamento. Deixando a tesoura no chão, ela colocou a mão no bolso da blusa e correu com ansiedade.

“Srta. Hudson!” Ao virar a esquina, ela logo abriu caminho ao longo da parede do jardim na direção da garagem das Hudson. “Srta. Hudson! Tenho algo aqui para a senhorita — e também para sua irmã!”

Jane Hudson, saindo da boca negra da garagem, estacou, surpresa, e depois deu um rápido passo para trás, se retirando. Seu olhar se dirigiu para o portão que levava à segurança do quintal. Porém permaneceu onde estava, com um rosto fechado e cauteloso, observando a sra. Bates se aproximar.

A sra. Bates, parou diante dela e abriu um largo sorriso. “Acho que devo me apresentar”, disse ela. “Sou a sra. Bates — Pauline Bates —, sua nova vizinha da casa ao lado. Acho que já era hora de nos conhecermos, não?”

Jane Hudson simplesmente olhou para ela, não oferecendo nenhuma resposta, nem mesmo piscando uma pálpebra. Um minuto se passou, um bem incômodo. A sra. Bates fez um gesto de súbito nervosismo.

“E é claro que eu sei quem a senhorita é. Naturalmente, claro, por causa da sua irmã famosa.” Percebendo o que parecia ser uma coloração súbita no rosto gordo e desagradável diante dela, ela hesitou. “Eu... eu sei como isso provavelmente pode soar bobo, e tenho certeza que está cansada de ouvir isso, mas eu de fato sou uma das fãs mais fervorosas de sua irmã. De verdade. Desde garotinha, em Fort Madison, eu simplesmente a adorava. Para mim, ela sempre foi muito mais bonita do que qualquer outra...” Mais uma vez a sra. Bates vacilou, ciente de que estava falando bobagens infantis. “A senhorita deve ter muito orgulho dela com o seu novo sucesso na TV, quero dizer, e tudo mais...”

Embora seu rosto permanecesse inerte, Jane Hudson concordou secamente. “Sim”, disse ela. “Sim, eu tenho.”

A sra. Bates estendeu o recorte. “Bem, de qualquer forma, eu vim aqui porque... encontrei isso no jornal da noite passada e

pensei... talvez, se a senhorita não tivesse visto... eu deveria guardar e trazer.”

Depois de olhar o recorte por um momento com uma leve suspeita, Jane Hudson estendeu a mão e o pegou. Mais uma vez ela assentiu. “Obrigada.”

“Não por isso.” A sra. Bates sorriu formalmente, mas se forçando a parecer amistosa. “E... já que estamos aqui conversando, eu queria perguntar... a sua irmã está bem?”

O olhar de Jane Hudson, que se afastara de novo em direção ao portão, voltou para a sra. Bates com uma rapidez feroz. “Bem?”, perguntou. “O que a senhora quer dizer?”

O sorriso da sra. Bates se desfez sob um olhar abertamente inquieto. “Bem... nada, na verdade.” Por um momento, quase chegou a admitir sua especulação sobre a janela acima do jardim, mas algo no rosto de Jane Hudson a fez rejeitar a ideia. “Acabei de lembrar que ela é... uma pessoa com deficiência. Só pensei em perguntar, só isso.” Ela apontou com a cabeça para o recorte na mão de Jane Hudson.

“Bem... eu só queria lhe trazer isso... pensei que talvez ficasse feliz com a lembrança.”

Um pouco da tensão pareceu sumir do rosto de Jane Hudson de repente. “Claro que sim”, disse ela, sua voz apenas um pouco mais cordial do que antes. “Eu... vou mostrar para a Blanche.”

“Que bom”, disse a sra. Bates. “E mande meus cumprimentos, sim? De uma velha fã.”

“Sim.”

Esperando que ainda pudesse conseguir o tão desejado convite, a sra. Bates hesitou um momento mais; contudo, quando ele por fim não veio, ela se virou para se retirar. Com uma súbita resolução, no entanto, nascida de um ressentimento também repentino, por conta do comportamento decididamente distante de Jane Hudson, ela voltou.

“Srta. Hudson”, disse ela com uma sorridente franqueza, “eu estava pensando... espero não estar sendo muito atrevida... mas será que eu poderia conhecer sua irmã em algum momento? Quero dizer, ela recebe alguma visita? Escrevi para todos os

meus amigos da minha cidade contando que somos vizinhas — e todos sempre perguntam por ela. Significaria tanto...”

“Sinto muito”, disse Jane Hudson, abrupta, “minha irmã — Blanche — não ficará mais aqui. Ela... ela vai embora. Desculpe...” Jane se moveu em direção ao portão. “Tenho que entrar agora. A faxineira não veio hoje, então preciso...”

“Ah, sim, ela veio”, disse a sra. Bates, ansiosa, até agora, para dar uma boa notícia. “Sim, ela veio. Eu a vi subindo a colina até a casa um pouco depois de a senhorita sair...”

Alguma coisa no rosto de Jane Hudson a deteve. Havia um aperto, uma drenagem, de modo que de repente os olhos da mulher, saindo da máscara pálida de seu rosto, pareciam ter ficado maiores e mais escuros. E então, sem nenhuma explicação, ela se virou, saiu em direção ao portão, abriu-o e desapareceu lá dentro. Em sua esteira, ao mesmo tempo, uma coisa veio voando, de um lado para o outro, até chegar ao meio-fio. Atravessando a rua, a sra. Bates olhou para a calçada e viu que era o recorte de jornal que entregara a Jane. Com uma sensação de desânimo, ela o apanhou, limpou e colocou de volta no bolso. Primeiro, a sra. Stitt pensou que poderia simplesmente remover a fechadura e assim abrir a porta. Então, olhando melhor, viu que isso era claramente impossível. A fechadura, um pedaço de metal grosso feito à mão, tinha sido, de alguma forma, encaixada na madeira e presa ali sem a ajuda dos parafusos e trincos costumeiros.

Abandonando esse plano, então, voltou sua atenção para as dobradiças. Presas à porta da mesma maneira misteriosa que a fechadura, tinham, no entanto, os pinos expostos, de modo que havia a possibilidade de soltá-los. Pegando a chave de fenda e o martelo, a sra. Stitt se ajoelhou, se aproximou da dobradiça inferior e começou a trabalhar: pôs a ponta da chave de fenda contra o pino, ergueu o martelo e bateu.

Engatada, por fim, em um curso de ação direto e positivo, a animação da sra. Stitt experimentou um aumento deliberado. O fato de que Jane Hudson pudesse retornar a qualquer momento não a desconcertava nem um pouco agora. Se alguém fosse ser culpado neste caso, a sra. Stitt decidiu, seria Jane Hudson. Tal



pensamento tinha acabado de passar por sua cabeça quando ela ouviu o golpe da porta da cozinha no térreo, seguido por uma série de passos apressados pelo corredor inferior. Com calma, a sra. Stitt colocou as ferramentas de lado e levantou-se. Conforme os passos subiam a escada e atravessavam a galeria, ela se virou para encarar a entrada totalmente preparada e tranquila.

“Bem”, disse ela, de maneira equilibrada, “então decidiu voltar, não é?”

Jane, aparecendo na entrada, parou atônita. E então seu rosto se contorceu de raiva.

“O que está fazendo aqui?”, perguntou ela. “O que eram essas batidas que eu ouvi?”

Em resposta, a sra. Stitt apontou para a porta trancada. “O que tem na cabeça saindo e deixando sua pobre irmã trancada desse jeito? Qual é o seu problema para fazer uma coisa assim?”

A boca de Jane se abriu, mas ela logo a fechou. Sua expressão, agora, era de incerteza. “Não é da sua conta”, respondeu, numa falsa bravata. Então seus olhos se arregalaram pela súbita descoberta. “A senhora disse que tinha esquecido a sua chave.”

“Bem, acontece que eu a encontrei depois. E que bom, na verdade, com esse tipo de coisa acontecendo. Suponhamos que algo tivesse acontecido na sua ausência e a srta. Blanche precisasse de ajuda. Suponhamos que a casa se incendiasse. A senhorita se preocupou em pensar nisso?”

O rosto de Jane se crispou de raiva. Ela bateu o pé. “Não é da sua conta o que eu faço na minha própria casa!”, gritou ela. “Não é da sua conta! Está despedida! Agora saia!”

“Ah, não é da minha conta, não é?”

“Não! Não, não é! Nem de qualquer outra pessoa! Esta é a minha casa, e eu exijo que saia daqui!”

“*Sua casa!*” A sra. Stitt deu um passo ameaçador para a frente. “Esta é a casa da srta. Blanche; esta casa é *dela!*”

Uma chama se acendeu violentamente nos olhos de Jane. “Saia!”, gritou mais uma vez. “Saia, *saia*... agora!”

A sra. Stitt simplesmente balançou a cabeça. “Ah, não. Não até eu saber exatamente o que está acontecendo aqui. Não até

que eu saiba que a srta. Blanche está bem.”

Uma faísca de incerteza cruzou furiosamente o olhar de Jane. “Ela está... dormindo”, disse ela. “Eu dei a ela um comprimido para dormir.”

A sra. Stitt assentiu numa confirmação irritada. “Foi o que eu pensei! Simplesmente saiu e deixou a irmã em casa, dopada. E eu creio que, como isso não era o suficiente, também era preciso trancar a porta?” Ela fez uma pausa, seus olhos escuros ferozmente determinados. “Eu não vou me mexer nem um centímetro deste lugar até a senhorita pegar a sua chave e me deixar dar uma olhada lá dentro.”

Jane, com a boca ainda aberta, pareceu encher os pulmões de ar. “Eu não vou abrir!”, disse ela. “Eu *não* vou! A senhora não pode me obrigar! Agora saia e vá para a sua casa!”

A sra. Stitt deu outro passo à frente. “Eu acho”, disse ela com um tom de equilíbrio mortal, “que é melhor me entregar a chave daquela porta, se sabe o que é melhor para você.”

Jane deu um tropeço para trás. “O que vai fazer?”, perguntou. “Eu não vou abrir.”

“Tudo bem, então.” Depois de uma pausa breve, mas eficaz, a sra. Stitt prosseguiu: “Então vou ter de ligar para a polícia, certo? De uma maneira ou de outra, eu quero saber o que está fazendo, assinando o nome da srta. Blanche em cheques e trancando-a em seu próprio quarto”.

O rosto de Jane ficou branco de medo. “Eu não fiz isso!”, engasgou. “E isso também não!”

“Então por que está tão assustada?” A sra. Stitt apontou um dedo. “Agora, abra já essa porta, não quero mais saber de brincadeiras, está me entendendo?” Jane, neste momento, só conseguia olhar para ela e balançar a cabeça. “Será muito melhor para a senhorita se me deixar dar uma olhada lá dentro do que ter que se ver com a polícia.” A sra. Stitt apontou com a cabeça para o suporte do telefone. “Devo ligar?”, perguntou ela. “O que acha?”

Jane virou a cabeça, e o enfeite de sua boina reluziu na escuridão com um brilho súbito e vulgar.

A sra. Stitt estendeu a mão. “Vamos, me dê essa chave. Eu só vou olhar e ver por mim mesma se ela está bem. Se estiver, vou embora e deixo vocês em paz. Eu nem vou precisar acordá-la. Vamos, agora, me dê aqui.”

Lentamente, com os ombros amolecendo pela derrota, Jane abriu sua bolsa. Ela colocou a mão dentro e pegou a chave. Olhando para a sra. Stitt, os olhos aborrecidos e dissimulados, deixou a chave cair em sua mão estendida. A sra. Stitt assentiu com satisfação, depois se virou e encaixou a chave na fechadura.

Ao abrir a porta, encontrou o quarto tão imerso na escuridão que foi forçada a parar no batente por um momento e esperar que seus olhos se adaptassem. Então, quando o quarto e os objetos lá dentro começaram, aos poucos, a assumir dimensões e formas, ela inclinou-se bruscamente para a frente, e seus olhos se arregalaram de horror. Por um período de quase quinze segundos, permaneceu imóvel, sem respirar, e então, com um gemido baixo de entorpecida descrença, colocou a mão trêmula na maçaneta da porta para se apoiar.

Atrás dela, Jane se abaixou e pegou o martelo.

O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

10

*Sob uma lanterna oriental,  
Em uma árvore oriental,  
Sentou-se um casal oriental,  
Fazendo amor em japonês.  
Do seu jeito oriental,  
À sua maneira oriental,  
Foi isso o que ele lhe disse,  
Porque ela gostava de ouvi-lo dizer:  
Cante, cante uma canção, canção,  
Chang chang chang,  
Minha querida nipônica,  
Eu amo você.*

Ao apertar os olhos até quase fechá-los, ela podia começar a ver o oceano. Podia ver as ondas enquanto cresciam do azul plácido e avançavam, subindo, subindo, quebrando, caindo, dissolvendo-se sobre a areia em uma espuma acelerada e risonha. E se conseguisse apurar os ouvidos também — algo que você tinha de aprender a fazer dentro de sua cabeça e de seus pensamentos — dava para ouvir as ondas, ouvi-las rugir enquanto quebravam, ouvi-las cair e sussurrar pela areia. Às vezes, até parecia, se virasse o rosto para cima, ser possível sentir o toque quente do sol. Mas ela queria continuar a ver as

ondas — *tinha* que continuar observando-as — então ela manteve a cabeça baixa. Todo o tempo ela podia ouvir seu pai na varanda, passando as dunas, tocando seu banjo, cantando:

*Tique-tique toc toc,  
Ching ching chigo,  
Seja uma querida,  
E case-se comigo.*

Ela adorava a praia, adorava mais do que qualquer outro lugar do mundo. Era especial e quente, e papai estava lá com ela o tempo todo e não tinha que ir a nenhum lugar para cuidar dos negócios. Quando crescesse, iria morar sempre na praia, apenas ela e papai. Eles iriam ter uma casa pequena, com uma varanda na frente, onde poderiam conversar e tocar juntos, e as pessoas iriam parar para assistir...

*Diga, meu senhor, aquela é a sua filha?*

*Toda minha, amigo, de ninguém mais. Não é, querida?*

*Meu Deus, ela realmente sabe cantar e dançar. Estou falando sério, deveria pensar em levá-la aos palcos.*

*Não está falando sério!*

*Sim, eu estou. Ela é uma maravilha, essa aí, uma pequena maravilha.*

*Bem, amigo, acho que está apenas um ano e pouco atrasado. Não que eu não aprecie sua gentil sugestão. Pelo contrário. Mas... bem, talvez tenha ouvido falar da minha filha, em algum lugar, pelo seu nome profissional. Nós a chamamos de Baby Jane.*

*Baby Jane? Baby Jane Hudson? Senhor, está brincando comigo, não é? A menina linda ali? Bem, que surpresa! Sabe, eu achava que ela parecia muito talentosa, o jeito que estava cantando e dançando na frente de todos, sem ficar tímida, assustada, nada disso. Meu Deus, aposto que o senhor é um homem orgulhoso de ter uma filha assim.*

E então papai colocou seu braço ao redor dela e a puxou para perto de si, como em um abraço de urso modificado, e você

podia dizer, pelo jeito que o homem sorria, que ele pensava que ficavam bem juntos.

*Amigo, se eu ficasse mais orgulhoso, acho que estouraria os botões do meu colete.*

*Por Deus! Então, essa é a própria Baby Jane Hudson! Eu realmente estou surpreso!*

Papai a abraçou forte, tão apertado que ele quase expulsou todo o ar de dentro dela, e então a soltou.

E quando ela crescesse, e ela e papai voltassem à praia para ficar... Seus olhos se arregalaram, e o oceano começou a sumir, para desaparecer nos espelhos juntamente com a batida e o som do canto do papai...

A mão dela se moveu e quase derrubou a garrafa no chão ao seu lado. Ela pressionou a mão em sua sobrancelha, como se estivesse limpando seus pensamentos. Papai adoeceu na epidemia — ele e a mamãe, e ambos morreram. E ela nunca voltou para a praia; ela nunca mais tinha visto a pequena casa com a varanda... Ela e Blanche foram para a Califórnia, para morar com a tia Jewel. E a tia Jewel começou a fazer um escândalo sobre a Blanche imediatamente, dizendo como ela era bonita, e que tinha um amigo no estúdio que poderia ajudá-la a trabalhar no cinema. Rapidamente, Jane fechou os olhos de novo, apertando, com força, tentando fazer o oceano voltar... e a sensação calorosa do sol... e o papai...

*Disse o rapaz oriental,  
Para sua esposa oriental,  
Seremos tão felizes,  
Em nossa casa de papel de arroz...*

Ela sentou-se, balançando-se no ritmo da música boba.

*Tique-tique, toc toc*

Uma campainha tocou em algum lugar, estridente, perturbadora, e seus olhos se abriram, colocando num voo intempestivo o surf, a areia, a música. Ela olhou ao redor, seu rosto atordoado, como se tentasse lembrar onde estava. Sua mão se afastou, encostou na garrafa e depois voltou quando a campainha tocou novamente.

Seu olhar levantou-se, e agora, ali nos espelhos, estavam apenas o piano e o banco, e, atrás, no canto, envolvida pelas sombras, ela mesma. O barulho. Era a campainha. Alguém estava tentando entrar!

Ela recuou contra a parede, tornando-se tão pequena e silenciosa quanto possível. A polícia. Ela parou, franziu a testa. Por que pensaria na polícia? Ela os odiava. Eles a tinham tratado horrivelmente antes, na época do estúdio. Sempre a trataram como lixo, e eles não foram simpáticos até ela dizer que era irmã de Blanche Hudson. Uma vez até lhe deram uma bofetada e a xingaram, e dessa vez ela se recusou a dizer, de qualquer jeito. Esperou até que os homens viessem do estúdio e depois... Ela odiava a polícia... odiava...

Por um momento, quase se lembrou de uma coisa, algo com uma sensação sombria e triste, mas que depois desapareceu, e ela decidiu que não queria se lembrar. Nunca mais queria se lembrar de nada triste ou feio.

Contudo, tinha de pensar em quem era a pessoa que continuava a tocar a campainha desse jeito persistente. Ela sabia que se pudesse apenas... E então se lembrou, e não era nada triste. Edwin! Edwin disse que voltaria hoje e tocaria piano para ela. Lembrou-se e sentiu um toque instantâneo de calor.

*... Ping ping ter,  
Se você não me aceitar,  
Eu vou morrer...*

Edwin estava na porta, esperando que ela viesse e o deixasse entrar. Somente ao se inclinar para a frente e agarrar a perna do piano com as duas mãos, ela finalmente conseguiu ficar de pé.

Ao se levantar, foi dominada por uma súbita tontura; teve de se apoiar no piano por um momento, e descansar a cabeça na superfície firme e fresca da tampa. A campainha tocou de novo.

“Já vou”, murmurou ela, “já vou.”

Equilibrando-se da melhor maneira que podia, ela se virou para a porta, mas, no primeiro passo, a sala inteira pareceu deslizar para trás, em um rápido contramovimento, e ela quase caiu. Endireitando-se, ela se forçou a continuar e, quando algo a golpeou bruscamente no ombro, olhou em volta, surpresa ao ver que era o batente da porta.

Apoiando-se no batente, ela se aproximou e olhou de volta para a sala e para a garrafa abandonada no chão. Pensou em voltar para buscá-la, mas então a campainha tocou mais uma vez e ela desistiu. Virando-se, se enfiou no corredor, segurando-se com as mãos para evitar bater nas paredes.

Em um súbito lampejo de clareza, ela lembrou que Edwin lhe dissera que viria às duas da tarde. Tanto tempo, então, tinha se passado desde... Ela parou, colocando a mão rapidamente na mesa. Desde o quê? A coisa sombria e triste se agitou novamente no fundo de sua consciência e desta vez, embora ainda não quisesse, ela sabia que deveria se lembrar. Era muito importante que se lembrasse agora — muito, muito, importante.

Por um instante quase se lembrou, porém a campainha tocou outra vez, e seus pensamentos foram desviados. Edwin. Piscando, ela olhou para a porta. Talvez Edwin gostasse de ir à praia com ela. Eles podiam encontrar uma pequena casa em algum lugar com uma varanda de frente para o mar... Precisava se apressar para deixá-lo entrar porque, se não o fizesse, ela ficaria sozinha... completamente sozinha... Ela o deixaria entrar e lhe daria o dinheiro que lhe havia prometido. E ele seria seu amigo, e nunca falaria por suas costas ou armaria algo contra ela, como a Blanche...

Jane parou quando a coisa — a coisa triste e feia que tinha esquecido — saltou na sua frente como um bicho-papão vindo das sombras da escada. Ela se virou e ergueu os olhos, com medo, para a galeria — e além do corredor, até o lugar visível apenas em sua mente. Ficando sóbria em um instante, ela olhou



de novo para a porta onde Edwin esperava. Percebendo o que quase fizera, recuou horrorizada.

Ela voltou a colocar a mão na mesa, esperando o som repetido da campainha, encolhendo em antecipação ao seu choque. Mas desta vez ele não veio. Um minuto se passou, e outro. Então ela escutou o som de passos indo embora.

“Não”, sussurrou ela, “oh, Edwin, não...”

Ela correu, passou pela porta até as altas portas de vidro e olhou para o terraço. Obscurecida pelas cortinas, viu Edwin quando ele saiu do terraço e começou a descer os íngremes degraus. Permaneceu imóvel até ele sumir, e o som de seus passos desapareceu na rua. Ela voltou para a sala, com lágrimas reluzindo em seus olhos. Ficaria sozinha, afinal... completamente sozinha... e perdida...

Começou a voltar, na direção da escada, como se estivesse sendo atraída e não pudesse fazer nada. Por fim, após uma pausa, franziu a testa e se obrigou a continuar. No topo, começou a atravessar a galeria, mas novamente vacilou, incapaz de se forçar além desse ponto. Permaneceu parada, indecisa, e depois se virou, convulsivamente, como se quisesse descer de novo. Porém, de repente, seu rosto de menininha cansada ruiu e ela desmoronou contra a coluna da escada, segurando-se com força para se apoiar. Um som trêmulo de dor escapou de seus lábios e depois de um instante voltou para ela do teto abobadado acima, em um suspiro triste e ressonante.

Só para piorar seu atual estado depressivo, Del tinha preparado macarrão com queijo de novo para o jantar. Estava chegando ao ponto em que ele considerava o hambúrguer uma verdadeira iguaria. Além disso, Del tinha algo para falar para ele, alguma notícia ou fofoca desagradável que ele não iria gostar. Ele sempre sabia, quando Del tinha aquele brilho em seus olhos de eu-sei-algo-que-mostra-que-você-não-é-tão-inteligente. Talvez ela soubesse que Jane Hudson não abrisse a porta para ele hoje; Deus sabe que não ficaria surpreso se ela soubesse. E era realmente o que tudo isso significava: a velha não queria mais

vê-lo. Ela estava bem ali; ele a ouviu se mexer lá dentro. E viu o carro na garagem; ele também havia verificado isso. Então, tudo foi pelo ralo... o trabalho, os cinquenta dólares por semana que ela lhe havia prometido... a chance de se libertar de Del. Então, de volta para a união do macarrão com queijo. A união de dois, a união inquebrável... a maldita, fervorosa, inabalável união... ele e Del.

“Você não parece muito bem esta noite, querido. Está cansado?”

Ele podia sentir os olhos dela se alimentarem dele, cavando pequenos buracos em seu rosto, quase, tentando chegar aos seus pensamentos e sentimentos dentro de seu crânio. Se ela soubesse!, pensou ele. Mas, quando lhe respondeu, sua voz soou calma.

“Eu acho que sim... sim.”

“Você... ensaiou?”

“Aham.”

“Ela disse quanto vai pagar?”

Edwin ergueu os olhos bruscamente. Será que ela descobriu de alguma forma a promessa de dinheiro de Jane Hudson? Mas isso era impossível.

“Não. Não, ela não disse.”

Os lábios de Del se contorceram em um sorriso pálido e falso. “Parece engraçado... não saber quanto vai ganhar... ou se vai mesmo ganhar alguma coisa ou não. Você não perguntou a ela?”

“Mãe... Por Deus!... Estou cansado.”

O sorriso dela desapareceu. “Não entendo por que você não quer discutir isso comigo.”

“Discutir! Ah, Jesus!”

“Não precisa blasfemar para mim. Eu não criei você assim.”

Edwin abriu a boca e, depois de um momento, fechou-a.

Del fez um movimento incerto com a mão. “Acho que você não deveria nunca mais voltar naquele lugar, de qualquer maneira.”

Lá vamos nós, Edwin disse a si mesmo; lá vem... Ele suspirou fadidamente.

“Por que não?”, perguntou ele. “É um trabalho, não é?”

Houve uma pausa enquanto Del colocava as mãos na borda da mesa e apertava o pano com força na superfície curvada. “Você se lembra de eu mencionar que aquele nome era familiar... Jane Hudson?”

“Lembro.”

“Eu deveria ter me lembrado na hora, mas foi há muito tempo, sabe. De qualquer maneira, eu estava ali na frente hoje — na casa da Hazel — e acabei mencionando, no meio da conversa, que você tinha conseguido esse emprego com uma atriz. E eu disse seu nome — Jane Hudson. Bem, você deveria ter visto o rosto da Hazel quando falei.” Del olhou para ele por um momento, depois rapidamente olhou para baixo de novo. “Perguntei qual era o problema, e então ela começou a me lembrar — você sabe, da época em que nós duas fazíamos trabalho como figurantes em filmes, e tudo aquilo aconteceu...” Ela fez uma pausa, pressionando com ainda mais força o pano sobre a borda, observando a marca da mesa aparecer no tecido. “Acho que você não sabe nada sobre ela, não é?”

Edwin olhou para Del fixamente; pelo visto, essa seria uma história mais espetacular do que ele pensava. “Jane Hudson”, disse ele sem rodeios. “Ela é Jane Hudson. Pelo menos é quem diz ser.”

“Bem, sim”, disse Del seriamente, “mas ela também é a irmã de Blanche Hudson... Blanche Hudson, uma grande e importante estrela. Ela te disse isso?”

Novamente, Edwin manteve seu olhar imóvel.

“Você sabe... aquela que ficou com deficiência física num acidente no auge de sua carreira.”

... *no auge de sua carreira*. Mentalmente, Edwin virou o olhar para o céu. Deus misericordioso, por que ela sempre tem que falar como uma colunista de alguma antiga revista de fofoca? Blanche Hudson... ele achava ter ouvido o nome em algum lugar, parecia familiar.

“Bem, foi ela que fez isso... que deixou a Blanche deficiente. Jane Hudson, quero dizer. Feriu a própria irmã!”

Edwin olhou com uma surpresa genuína.

“Eles abafaram tudo na época. Pensaram que talvez algumas das operações que tentaram poderiam fazê-la andar novamente — para que ela pudesse voltar a atuar. Então, naturalmente, não queriam vir a público dizer que sua própria irmã tinha tentado matá-la.”

“Matá-la?”, perguntou Edwin. “Você quer dizer assassiná-la?”

“Sim, acho que sim”, disse Del, “é a mesma coisa.”

“O que aconteceu?”

Del encontrou o olhar dele do outro lado da mesa, satisfeita por ter conseguido capturar seu interesse tão completamente. “Bem, tudo começou em uma dessas grandes festas, você sabe, uma dessas grandes festas de Hollywood onde tem muita gente do cinema. Foi na casa de um grande produtor, havia muita bebida e tudo mais. Bem, Jane Hudson ficou bêbada e começou a dar vexame — como sempre fazia; ela era famosa por isso. Só que dessa vez, bem, acho que Blanche decidiu que não podia suportar mais. Dizem que ela a agarrou na frente de todos — que Blanche agarrou Jane — e disse a ela para ir buscar seu casaco porque estavam indo para casa.

“Bem, isso tinha sido ruim o suficiente. Você pode imaginar. Houve uma grande discussão entre as duas e, finalmente, quando saíram da casa e foram para o carro, começou tudo de novo. Jane tinha decidido que ia dirigir; e Blanche, que ela não ia. No final, porém, Blanche cedeu — acho que só porque estava muito envergonhada e ansiosa para sair dali. E então, a primeira coisa que qualquer um escutou na manhã seguinte foi que tinha havido um acidente horrível, e que Blanche estava ferida no hospital.”

“Bem, então... foi apenas um acidente.”

“Bem, sim, mas então a verdadeira história começou a vazar. Aconteceu nos portões da frente de seu próprio jardim — um par de grandes coisas de ferro extravagantes, dizem que eram, diante da entrada de automóveis. Nunca entraram em detalhes sobre o que aconteceu, mas não havia muita dúvida sobre isso. Blanche e Jane Hudson chegaram em casa naquela noite, Blanche saiu do carro para mexer no aparelho que abria o portão e Jane tentou atropelá-la e matá-la. Ela apenas esperou Blanche

ficar na frente desses portões e acelerou, dirigindo para cima dela. Me dá arrepios só de pensar nisso.”

Edwin olhou para ela com dúvida e horror.

“Mas isso não é o pior”, disse Del. “Depois de atingir Blanche, Jane simplesmente saiu do carro e fugiu. Imagine só; é incrível que pela maneira como o carro foi esmagado ela mesma não tenha morrido. E acho que ela teria morrido, mas estava muito bêbada. Você sabe que as pessoas bêbadas nunca se machucam em um acidente porque estão relaxadas? De qualquer forma, ela devia saber que Blanche estava muito ferida, mas foi embora mesmo assim, e a deixou lá para morrer. A própria irmã!

“Foram encontrar Jane Hudson, mais tarde, em um hotel barato do centro”, continuou Del, “bêbada como um gambá e fora de si. Tentaram suavizar a coisa toda, dizendo que ela tinha entrado em choque e não se lembrava de nada. Alegaram que ela não queria machucar Blanche, que seu pé apenas escorregou no acelerador. Mas algumas pessoas de dentro pensavam diferente. Todos sabiam que Jane Hudson tinha inveja de Blanche e sempre tentava atrapalhar suas coisas.”

Del fez uma pausa, balançou a cabeça. “Mas a pior parte é que Blanche Hudson *teria* morrido, ali mesmo, na rua, como um cachorro, mas ela conseguiu rastejar até a varanda de um vizinho para pedir ajuda. Agora, se essa não é a pior coisa que você já ouviu...”

Edwin baixou o olhar para o prato. “Provavelmente é apenas mais uma história do cinema”, disse ele. “Naquela época eles faziam um grande escândalo sobre tudo.”

“Eu até ouvi dizer que eles a internaram por um tempo depois do acidente”, continuou Del, “essa Jane Hudson por quem você está tão louco.”

“*Louco?*” Edwin ergueu os olhos, irritado. “Eu não acredito nessa história, só isso. Foi apenas um acidente, como disseram.”

“Bem, muitas pessoas disseram que não foi... pessoas que deveriam saber.”

“Talvez eu lhe pergunte da próxima vez que a vir”, disse Edwin.

O olhar de Del se ergueu bruscamente, golpeando com força o dele. “Você vai ver uma mulher assim novamente? Uma mulher que tentou matar a própria irmã?”

Edwin então começou a rir. A risada veio engasgada, explodindo de dentro dele em uma enxurrada fragmentada. Riu tanto que teve de se apoiar contra a mesa. Diante dele, Del o observava com crescente preocupação.

“Edwin...?”

Ele balançou a cabeça, deixando o riso morrer lentamente, limpando as lágrimas dos olhos.

“Não se preocupe”, disse ele, sua voz ainda instável com os resquícios de sua alegria histórica. “Não pretendo vê-la novamente. Você está certa, está absolutamente certa, não se deve sair com tipos mortíferos — principalmente com o tipo que mata rapidamente. Me dê sempre desse veneno velho e lento, porque o sangue é muito mais espesso do que o arsênico.”

Del franziu a testa, perplexa. “Você não deveria falar assim”, disse ela.

Edwin não respondeu. Ele disse que não acreditava na história. Mas acreditava. Ele acreditava, em parte, porque isso explicava tanto sobre Jane Hudson que o deixava desconcertado e, em parte, apenas porque queria. Isso estabeleceu uma espécie de parentesco entre ele e Jane Hudson; ambos tinham boas razões para não gostar de si mesmos; ambos eram párias. E — mesmo que tardiamente — isso fazia deles amigos.

“Blanche Hudson apareceu enquanto você estava lá?”

Edwin olhou para cima, assustado. E então, balançou a cabeça. Blanche Hudson não tinha aparecido. Até onde ele se lembrava, não houve nenhum barulho que indicasse sua presença na casa. Jane Hudson nem a mencionara. Era curioso. E, então, apareceu na sua mente o porta-retratos de prata vazio em cima da lareira e a fotografia destruída no banco do piano. “Ela era uma mulher absurdamente rica”, dizia Del. “Blanche Hudson realmente ganhou uma nota. E agora... acho que elas estão isoladas juntas naquele casarão. Mas você pode imaginar as duas morando juntas depois do que aconteceu? Não seria horrível?”

Edwin concordou com a cabeça, pensativo. “Sim”, disse ele, “seria horrível.”

“Mas acho que uma tristeza compartilhada é meia tristeza.”

Edwin desviou o olhar. Talvez fosse ver Jane Hudson novamente, afinal de contas. Se sua irmã foi uma grande estrela e investiu bem seu dinheiro... Talvez ele devesse ser um pouco mais persistente, um pouco menos sensível sobre o desprezo de hoje. Jane Hudson o tinha contratado e prometido um salário. Se pudesse falar com a irmã dela, Blanche, que sem dúvida controlava o dinheiro... Olhando para Del, ele sorriu. Uma tristeza compartilhada — era mesmo verdade — era meia tristeza. Ele sabia tudo sobre isso.

O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
**BABY  
JANE?**

11

Jane acordou no escuro, com o coração acelerado. Tudo ao redor era uma ameaça de alguma coisa, um perigo terrível e envolvente. Sua cabeça latejava, e havia um gosto ruim em sua boca. Ela estendeu a mão em um esforço cheio de temor para determinar onde estava. Sua mão tocou algo quente e macio, e então ela percebeu que estava deitada no divã na sala de estar. E então, aos poucos, começou a lembrar. “Edwin?”, chamou. “Edwin...?”

Não houve resposta. E então ela percebeu que não poderia haver nenhuma resposta porque ele não estava lá. Ele estivera lá — Edwin, Edwin Flagg —, mas fora embora. E então... ela subiu a escada... até onde a sra. Stitt estava, caída no corredor...

E ela se lembrou de tudo — sua decisão de esperar até escurecer, quando seria mais seguro. Sentou-se com as mãos crispadas, forçando-se a planejar. Ela esperaria a escuridão chegar, e então... Mas agora a escuridão havia chegado: estava aqui.

Agarrando-se na parte de trás do divã, ela conseguiu se levantar e se sentar. Uma dor apunhalava sua cabeça por dentro e, mesmo com a escuridão, apareceu uma vermelhidão opaca, que fazia um zumbido. A sra. Stitt. Edna. Ela prendeu a respiração ante a lembrança do nome, tentando fazê-lo sair de sua mente. Só pensar no nome já a fazia querer chorar e chorar,



sem poder fazer nada. Levantando-se, caminhou com dificuldade pela escuridão até a sala.

Na cozinha, encontrou o interruptor e acendeu a luz. O local ganhou vida com uma claridade cruel. O lixo no ralo. As garrafas, duas, uma quase vazia. E a bandeja de gelo cheia, agora, de água morna. O resto, porém, estava limpo e arrumado. A sra. Stitt... Ela atravessou a sala, abriu a porta e saiu para a varanda.

Ao lado do tanque, encostada nele, estava a cadeira de rodas, a leve e dobrável que Blanche comprara a fim de levar no carro, para as vezes em que precisasse sair. Jane esticou a mão até ela. Mas então a mão vacilou e caiu.

Como tudo aconteceu? Como tinha conseguido fazer coisas tão terríveis? Não queria machucar ninguém. Mas eles a tinham atormentado, estorvado, forçando a isso. Não era culpa sua — se ao menos alguém em algum lugar entendesse isso. Lágrimas corriam livremente pelas suas bochechas e caíam na escuridão.

“Edwin...”

Ele era uma pessoa gentil, uma pessoa boa, agradável e educada. Mas eles nunca seriam amigos agora. Ela se encolheu ao pensar no que Edwin Flagg, em sua bondade, pensaria dela se soubesse as coisas terríveis que havia feito. Afastando esse pensamento, ela estendeu a mão e pegou a cadeira. Se conseguisse passar por essa última e terrível parte, prometeu a si mesma, esse seria o fim. Amanhã ela acordaria e seria diferente. Ela seria boa — como Edwin — e nunca faria nada de mal novamente. Nunca, nunca mais.

*No convés do transatlântico, a garota dos lindos olhos se voltou para o jovem com os cabelos escuros e ondulados e sorriu. Estrelas brilhavam nos olhos dela, seu cabelo retinha o resplendor do luar.*

*“Oh, Mike”, suspirou ela, “que idiota eu fui. Você acha que algum dia conseguirá me perdoar?”*

*“Perdoar você?”, disse o jovem. “Kathy Anderson, eu posso fazer muito mais do que apenas perdoar você — se você me der uma chance.”*

*Eles caíram nos braços um do outro e se beijaram. A noite soluçou com música. A cena desapareceu. FIM.*

A sra. Bates levantou-se da cadeira com um pequeno suspiro de prazer e desligou o televisor. Era um filme lindo, mesmo agora, depois de todos esses anos. Os filmes pareciam muito melhores naquela época, muito mais bonitos. Provavelmente por causa da Depressão, e todos os problemas que as pessoas estavam tendo; elas precisavam ver coisas bonitas para tirar seus pensamentos de si mesmas.

Agora que o filme havia terminado, no entanto, a sra. Bates se sentia inquieta. Ela estava sozinha esta noite; Harriett tinha ido para algum lugar com um parente de fora da cidade. Ela olhou através das portas de vidro para o outro lado do jardim, para a casa das Hudson. Estava tão escura, tão quieta. Uma imagem da garota dos olhos lindos surgiu em sua mente. Não importava como era a vida de Blanche Hudson agora, certamente era uma recompensa para ela saber que uma vez tinha sido aquela linda criatura na tela, usado todas aquelas roupas lindas e caras, e andado por todos aqueles lugares maravilhosos e requintados. A vida, então, devia ter sido um sonho que se tornou realidade, uma experiência tão perfeita que tocava todos os seus dias pelo resto de sua vida. Indo até as portas envidraçadas, a sra. Bates abriu a mais próxima e olhou para a noite. A lua estava cheia, branca e alta no céu. Uma brisa suave tocou sua bochecha. Talvez, pensou ela, já que estava tão agradável lá fora, uma pequena caminhada a cansaria e a ajudaria a dormir.

Colocou um casaco leve sobre os ombros, e percorreu a calçada até chegar à rua tranquila, e começou a subir a colina. A casa das Hudson parecia grande e fantasmagórica à luz da lua, e novamente a visão de Blanche Hudson como ela era no filme veio à mente da sra. Bates. Como tinha sido linda; certamente tal beleza nunca havia se desvanecido, não inteiramente.

Talvez, pensou ela enquanto se movia ao longo da cerca viva, uma das janelas do outro lado da casa estivesse iluminada e ela pudesse olhar para dentro, e conseguisse vislumbrar Blanche Hudson. Ela sorriu de sua própria tolice; estava se comportando exatamente como uma garota do ensino médio com sede de glamour. Ainda assim, supunha que sua curiosidade fosse apenas natural; pelo menos Harriett parecia compartilhar desse

sentimento e entendê-lo. Aproximando-se da frente da casa, ela olhou para a entrada. Estava bem escura; não parecia haver luz em nenhum lugar.

Decepcionada, seguiu em frente, despontando rapidamente no círculo irregular de radiação fraca que emanava da luz suspensa no centro da interseção. Foi quando hesitou por um momento, virando para a esquerda em seguida, mantendo-se perto do muro que cercava o quintal das Hudson.

Ela dera apenas alguns passos naquela direção quando ouviu um som, olhou para frente e viu o portão do quintal se abrir. Parou e esperou, enquanto duas pessoas na escuridão, uma delas sentada em uma cadeira de rodas e empurrada pela outra, surgiram no portão e saíram para a rua. Ela começou a andar, depois parou de novo, observando, enquanto os vultos se viraram na direção da garagem.

Depois do encontro com Jane Hudson naquela manhã, a sra. Bates não estava disposta a abordá-la novamente; a mulher com certeza não lhe dera nenhum sinal de que queria seguir no rumo da amizade entre vizinhos. Mas, certamente, pensou ela, Blanche Hudson não era como sua irmã. E ainda havia o recorte para ser usado como mecanismo de apresentação. Erguendo a mão, ela seguiu adiante.

“Srta. Hudson!”

Os vultos escuros, agora perto do portão aberto da garagem, pararam abruptamente. Jane Hudson se virou, olhando através da escuridão a aproximação da sra. Bates. Voltando-se para a cadeira de rodas, ela a empurrou, de forma rápida e muito deliberada, para o escuro da garagem. A sra. Bates parou de repente, com um suspiro de espanto.

Por um instante, só conseguiu pensar em recuar, mas então a raiva começou a ferver dentro dela, e com isso a determinação de forçar Jane Hudson a apresentá-la de maneira educada e civilizada a sua irmã. Acelerando para a garagem, ela olhou para dentro a tempo de ver a luz se acender no carro quando Jane Hudson abriu a porta. Viu também, com uma sensação de assombro, que a pessoa na cadeira de rodas, apesar da noite

estar agradável, estava envolta da cabeça aos pés em um pesado cobertor. *Minha irmã*, dissera Jane Hudson, *vai embora...*

“Srta. Hudson...”, disse a sra. Bates.

Jane Hudson ficou parada por um momento onde estava e depois bateu a porta do carro rapidamente, apagando a luz. Houve passos rápidos, e então ela apareceu na área mais clara do lado de dentro do portão. Olhando para fora, lançou um olhar de puro ódio para a vizinha e, então, sem nenhum pretexto de ter uma desculpa real para fazer isso, estendeu a mão e fechou o portão da garagem na cara da sra. Bates.

A sra. Bates mal podia acreditar. Por um minuto, ficou atordoada demais para se mexer. Sentiu um impulso repentino de alcançar a maçaneta do portão e abri-lo novamente. Ah, ela poderia dizer uma ou duas coisas a essa Jane Hudson! E a Blanche Hudson também, falando nisso! Era uma questão de educação... E então, consciente do silêncio dentro da garagem, se impressionou com o absurdo da situação. Será que as duas ficaram tão apavoradas com sua presença que realmente se esconderam lá dentro, no escuro, tremendo de medo de que ela fosse atrás delas? Quem achavam que eram?

Em uma nova onda de raiva, a sra. Bates se virou e saiu da garagem em direção à esquina. Apenas esperem, pensou ela, furiosa, esperem até eu contar a Harriett! Ora, eu nunca fui tão insultada em toda a minha vida!

Cansada, Jane carregou a cadeira de rodas até a varanda e a colocou de volta em seu lugar, ao lado do tanque. Ao entrar na cozinha, acendeu a luz e parou por um momento, olhando para a saia e os sapatos sujos. Por um instante, aquilo ameaçou voltar, aquele momento terrível na escuridão lá no parque, quando arrastou o corpo de Edna Stitt do carro e o empurrou para que rolasse para baixo, até a escuridão do desfiladeiro. Mas então, afastando a memória para longe, onde ela pertencia, voltou sua atenção para a pia e a garrafa quase vazia que estava lá. Ela a pegou, inclinou-a para sua boca e bebeu com vontade. A bebida

queimou sua garganta, trazendo lágrimas para seus olhos, e ela abaixou a garrafa de novo, ofegante.

Tossindo, levou o uísque para a mesa e sentou-se. Tinha sido tão terrível lá na escuridão. Ela tirou a boina e a deixou cair na mesa. Os brilhantes do broche piscaram para ela, atingindo seu olho, e ela olhou fixamente para seu brilho reluzente e cheio de pontos com uma espécie de fascínio cego.

Nada, pensou ela com tristeza, era realmente o que parecia ser. As pedras no broche não continham nenhuma luz própria e, ainda assim, capturavam a triste resplandecência amarela do teto e a transformavam nesse brilho dançante. Mas elas não a capturavam e a mantinham, de fato.

Nada podia realmente ser capturado e mantido — nem possuído. Às vezes, você achava que tinha uma coisa, mas depois parte dela — ou tudo — sempre escapava. A vida em si não poderia ser possuída, nem mesmo um minuto dela. Via isso com uma clareza repentina... como a vida estava sempre escapando, sempre se alterando e mudando, como as luzes dançantes nas pedras falsas, se alterando, mudando e se lançando nas sombras sem você. Tudo era apenas um reflexo. As pessoas eram apenas reflexos. Quando a luz estava caindo em sua direção, você podia realmente acreditar, às vezes, que havia se encontrado e que todo o brilho e a vitalidade súbita eram realmente você. E então, quando estava começando a ter certeza, a luz ia embora novamente, e o reflexo — que parecia ser você — desaparecia e sumia. E então esperava pelo próximo fecho de brilho, sempre pensando que dessa vez o pegaria, o seguraria com firmeza e saberia de uma vez por todas quem e o que você realmente era. Porém, enquanto esperava, enquanto vagava lá na escuridão, você não conseguia nem encontrar a forma ou o coração de si mesmo, e isso era terrível, e você sentia medo...

A cara de Jane, sentada ali, parecia estar abatida, pendurada sobre si mesma como um pano esfarrapado. Seus olhos estavam sem brilho, protegidos da luz pela inclinação para a frente de sua cabeça. Ela estava perdida. Perdida, e terrivelmente assustada. Em seu pavor, voltou-se para o triste panorama do dia, tentando

descobrir por qual desvio errado havia chegado a este momento final de solitária desolação.

Quando conhecesse o caminho, talvez pudesse refazer os minutos como passos para que amanhã ela voltasse ao começo brilhante de hoje. Quanto mais encarava, mais obscuro o caminho se tornava para ela. Era uma pista sombria pela qual viajara às cegas.

Ela fora conduzida, impotente, por elementos e forças além de si mesma. Nada disso era sua culpa; havia sido forçada, implacavelmente, cruelmente. Contudo, forçada ou não, viu em seu medo que deveria voltar, ou seguir uma nova direção; deveria escapar enquanto a fuga ainda era possível. Piscando, ela ficou com o olhar mais e mais fixo...

Não estava sozinha neste dia. Edwin Flagg também estava aqui — um pouco para trás, onde as sombras começavam a se aprofundar —, rotundo, sorridente, vigilante. Seus lábios estavam cheios e úmidos com murmúrios de concordância educada, de modo que, quando ele se virava para a luz da vida, emitia o brilhante reflexo dourado da promessa. Todavia, quando falava com ele, tentando fazê-lo vê-la e ajudá-la, ele se virava, observando-a dissimuladamente de soslaio, com uma expressão de desgosto.

Ele sabia. Edwin sabia o que ela havia feito. Ele era bom e por isso tinha uma sensibilidade especial para o mal. E agora estava pronto para fugir quando ela desse o primeiro passo em sua direção. Não seguraria sua mão estendida e a levaria de volta através da escuridão para a segurança; ele não a guiaria para trás, passando pelas piores sombras de todas as profundezas sombrias onde a sra. Stitt continuava gritando palavras furiosas, horríveis demais para serem ouvidas.

Mas havia ajuda ali, no fundo, em algum lugar. Tinha de haver, porque havia luz, uma luz *real* que era sua própria fonte. Se isso pudesse ser alcançado, se pudesse se lançar com rapidez através do terror sombrio que a rodeava até o seu perímetro externo, ela estaria segura; girando e rodando, pegaria um pouco da luz e se encontraria, mesmo que apenas por um momento, e correria para aquela tranquilidade brilhante onde as

sombras não ousavam aparecer. O passado gritava para ela, incitando-a para que fosse rápida e voasse como um meteoro incandescente pela escuridão até a luz. E então, de repente, estava o caminho que ela vinha procurando o tempo todo — ali, logo depois de Edwin Flagg. Quando a luz girou, lançando seu feixe em uma nova direção, Blanche apareceu, estendendo a mão, oferecendo-a a Jane.

“Blanche!”, gritou Jane de repente, sua voz estridente com medo e alívio. “Ah, Blanche...!”

*Vocês são irmãs, a voz de seu pai lhe respondeu, a mesma carne e o mesmo sangue. E isso significa que vocês sempre têm que ficar juntas, custe o que custar.*

“Blanche...!”

Sua cabeça se ergueu e ela olhou ao redor, com uma perplexidade aturdida. Estava muito cansada, terrivelmente cansada. No entanto, mesmo assim, não podia descansar, ainda não. Com muita dificuldade, ela se levantou, foi até o armário e abriu a porta. Tirando um copo, encheu-o com água. E então, olhando para as prateleiras mais altas, encontrou uma caixa de bolachas e a pegou. De posse da caixa e do copo d’água, ela se virou e seguiu pelo corredor.

Atravessando a galeria para o corredor superior, ela parou diante da porta do quarto de Blanche. Por um longo momento, ficou ali parada, na escuridão, em um esforço, ao que parecia, para se manter completamente imóvel. Jane pensou, com uma sensação doentia de horror, que podia sentir, através das solas dos sapatos, a mancha úmida no carpete onde havia limpado o sangue que, talvez mesmo agora, ainda continha alguma agitação leve de vida, uma parte pequena e brilhante da breve ilusão que havia sido a sra. Stitt. Colocando a caixa de bolachas debaixo do braço, enfiou a mão no bolso do casaco e tirou a chave.

Mesmo quando destrancou a porta e a abriu, ela não entrou imediatamente. Por alguns instantes, hesitou no batente, consciente apenas no primeiro momento do fedor vindo de dentro que atingia suas narinas. Por fim, deu um passo relutante para a

frente, encontrou o painel dos interruptores de luz e ligou os mais próximos.

A luminária da mesinha de cabeceira acendeu, lançando sua luminosidade fraca e circular contra a escuridão mais profunda além da cama. Jane deu outro passo, hesitou, e depois seguiu em frente.

Na beira da cama, ela parou, olhando para a figura imóvel e esparramada que jazia ali, para a camisola torcida e suja, para o rosto pálido sobre o qual a boca havia sido obliterada por uma tira larga de fita adesiva. Ali, perto da cama, o cheiro rançoso era muito mais forte, mas ela parecia não notar.

O rosto de Blanche Hudson, com suas feições comprimidas e, de alguma forma, diminuídas, estava tão quieto e sem sangue quanto uma máscara mortuária de gesso. Os olhos permaneciam fechados e imóveis nas cavidades fortemente sombreadas, e no osso da face esquerda, como uma mancha fuliginosa na brancura da cera, havia uma contusão oblíqua. Seu cabelo, de um cinza fosco nessa luz, se lançava do rosto imóvel e atravessava o travesseiro em um emaranhado opaco. Seus punhos, presos com um pedaço de fio marrom, estavam amarrados na cabeceira da cama. As roupas de cama, torcidas ao redor e embaixo dela como sua camisola, davam um testemunho mudo de uma luta vã pela liberdade.

Jane a olhou fixamente, seu rosto impassível. E então, virando-se para a mesa de cabeceira, ela deixou as bolachas e a água. Inclinando-se para perto da figura imóvel na cama, analisando-a, ela estendeu a mão para o adesivo na boca, soltou-o em um canto e o rasgou.

“Blanche?” Seu tom era estável, sem qualquer emoção decifrável. “Blanche?”

Os lábios brancos e murchos de Blanche Hudson permaneceram imóveis. Depois de um momento, Jane se afastou, olhando de volta para a cama como se estivesse em profunda perplexidade. Encontrando uma cadeira, ela arrastou-a para perto da cama e sentou-se.

“Blanche?”



O nome ficou suspenso no ar por um momento, depois desapareceu no silêncio turbulento. Jane estendeu a mão para os pulsos amarrados, encontrou o cordão atado e o soltou. As mãos, entorpecidas, caíram rigidamente no travesseiro, logo acima da cabeça, e ficaram imóveis.

“Blanche?”, disse Jane. “Blanche, acorde!” E então o sentimento surgiu quando seu rosto se contorceu com um espasmo de terrível dúvida. “Blanche!”

Por mais um momento, o rosto sobre o travesseiro ficou imóvel e, então, em uma aparente resposta ao comando incisivo de Jane, as dobras frouxas nos olhos agitaram-se, de maneira bem fraca, e se esforçaram para abrir.

“Blanche! Blanche...!”

Os olhos se abriram repentinamente, ficando tão grandes que olhavam com um terror que sem dúvida parecia conter toda a vida remanescente no corpo patético. Blanche Hudson olhou para a irmã, os olhos gritando em um alerta silencioso e eloquente.

Jane gesticulou com a mão na direção da água e das bolachas. “Eu trouxe uma coisa para você”, disse ela gentilmente.

Os olhos continuaram a olhar, de maneira fixa, sem compreender. O quarto se encheu de silêncio.

“Seu jantar!”, falou Jane de repente, com a voz tensa e brutal. “Aqui!”

Com isso, os olhos piscaram como se entendessem, e os lábios brancos, começando a mostrar um leve sinal de cor, formaram uma palavra silenciosa. Então os olhos se voltaram e se esticaram em suas órbitas para seguir a direção que Jane havia apontado. Pararam ao encontrar o copo de água, e os lábios se moveram novamente. Um sussurro fraco, o som de uma respiração entrecortada e nada mais, emanou no quarto. Os lábios de Blanche formaram a palavra “Água”.

Sobre a cabeça perdida, as mãos se mexeram, e um olhar de surpresa apareceu nos olhos febris. As mãos se moveram novamente, mas sem direção e ainda mantendo a rigidez de garras frágeis.

“Água...” Blanche suspirou de novo, puxando as mãos austeramente para perto de seu rosto. “Água... por favor...”

O olhar de Jane, embora permanecesse fixo em Blanche, estava distante e desatento. Então, de repente, os olhos dela mudaram e ganharam vida.

“Blanche”, disse ela, quase sem fôlego, colocando a mão na beirada da cama, “não foi realmente culpa minha. Não foi... Eu disse a ela para ir embora... Eu disse a ela que tinha sido demitida... mas ela voltou... ela *entrou escondida*... depois que eu saí... e disse que ia chamar a polícia.” Seu rosto desmoronou em um espasmo de autopiedade. Levando as mãos aos olhos, ela começou a fungar. “Eu estava tão assustada”, soluçou, “com tanto *medo*!”

Na cama, com os olhos fixos com um brilho cintilante no copo de água, Blanche baixou a mão devagar, dolorosamente, em direção à borda do travesseiro imundo.

“Me escute!”, gritou Jane. “Me *escute*!”

**O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
BABY  
JANE?**

12

Os feixes da luz do sol se dispersavam pelas barras das cortinas pesadas, e Blanche soube, pela curta extensão deles, que ainda era de manhã.

Com o medo, perdera a noção do tempo ali no escuro e agora não tinha ideia de quantos dias haviam se passado desde que estava trancada no quarto, o quanto se passou desde aquele primeiro momento terrível em que recuperou a consciência e se viu amarrada na cama. Depois do primeiro dia, quando percebeu que Jane havia começado a beber e que ela poderia ser mantida em cativeiro por tempo indefinido, aparentemente, em meio a um espaço intermediário cheio de medo, começara a pairar em um lugar murado, aflitivo, onde o tempo, o espaço e a luz nunca penetrariam. Ela se sentiu quase fora de seu corpo, curiosamente separada até mesmo de seus próprios instintos animais. Agora que ela estava livre de novo, tudo era muito estranho, muito confuso.

Sua cabeça descansou no travesseiro, e seus olhos mais uma vez se fecharam. Então, de repente, seus lábios se abriram, como se quisesse gritar, e em sua mente havia uma visão terrível, uma visão de alguém parado em uma porta aberta... Mas desapareceu de novo; foi quase instantâneo, o esquecimento. Ela suspirou e passou a mão pelo travesseiro.

Estava cansada demais para pensar em qualquer coisa, fraca demais, e já tivera pesadelos suficientes por muito, muito tempo.

Consciente, então, de que havia movido a mão, ela abriu os olhos novamente, com uma rápida sensação de prazer. Esquecera que suas mãos estavam livres e que podia movê-las. Ela mexeu a mão de novo, saboreando a sensação de deslizá-la sobre o tecido do travesseiro. Virando a cabeça para poder olhar para a mão, flexionou os dedos e sorriu com a conquista. Galhos secos, pensou ela, gravetos onde a vida ainda se agitava obstinadamente.

A esperança, supunha ela, foi o que a sustentou naquele primeiro dia terrível de aprisionamento. E a esperança era o que ela havia perdido quando se deixou levar ao limbo da inconsciência. Agora, com a vida retornando aos seus dedos endurecidos, a esperança havia começado a voltar também. E então ela teve uma lembrança de Jane sentada à luz do abajur, seu rosto tão perto... tão triste e perdido. Seu olhar se moveu para além de sua mão e viu de relance o copo na mesa e o pouco de água que restava nele.

Lembrando que tinha derramado um pouco da água antes, estendeu ambas as mãos para o copo e o envolveu cuidadosamente. Ao mesmo tempo, tentou levantar-se um pouco para poder beber com mais segurança e conforto, porém o esforço foi grande demais. Depois de apenas um instante, ela foi obrigada a abandonar o copo. Com dificuldade de respirar por causa desse esforço, ela caiu para trás e fechou os olhos. No mesmo momento, porém, ouviu o som de passos se aproximando e olhou para cima, alarmada.

Seus pensamentos, depois do que havia passado, eram automaticamente de medo e autopreservação. Seu olhar disparou em direção ao precioso copo de água. Jane estava vindo para tirá-lo dela!

Tremendo de ansiedade, ela pegou o copo. A água era sua e não ia entregá-la. Ela se mexia muito rapidamente, com pouco cuidado: seus dedos enrijecidos golpearam o vidro em vez de se curvarem em torno dele, e ela ficou olhando, horrorizada, ao vê-lo cair e ouvi-lo quebrar no chão. Ela desabou no travesseiro, o

corpo tremendo com soluços secos de desespero. Do outro lado do quarto, a porta se abriu e Jane, vestindo seu roupão branco e sujo, entrou.

Blanche virou o rosto. Se Jane vinha para tapar sua boca e amarrar suas mãos mais uma vez, ela não se importava; não iria resistir. Perdera a sua água e, ao lado dessa tragédia, nada mais importava, nada mais no mundo inteiro. A partir de seu sofrimento quase histérico, tinha pouca consciência dos sons da movimentação no quarto, a porta do banheiro que se abrisse, o barulho da água corrente. Ainda estava perdida em sua própria desgraça quando algo úmido e quente tocou suavemente seu rosto. Seus olhos se abriram e ela viu que Jane estava debruçada sobre ela, lavando seu rosto com um pano molhado.

Jane pareceu tão velha para ela, tão incrivelmente velha, por algum motivo, que por um momento ela se perguntou se não era realmente alguém que só se parecia com Jane. O rosto sobre o dela a fez pensar em um pedaço de papel áspero que tinha sido amassado com raiva e depois só parcialmente alisado. Quando os olhos de Jane se voltaram de repente para os seus, ela desviou o olhar rapidamente, com um novo tremor de medo.

“Blanche”, disse uma voz suavemente, “Blanche, por favor... Me desculpe...”

Um leve suspiro de alívio tocou os lábios de Blanche. Então tinha acabado, o horror realmente tinha chegado ao fim, finalmente. Ela olhou para Jane, sentindo uma sensação repentina e totalmente irracional de amor. Ainda muito fraca para falar sem se esforçar, ela balançou a cabeça para mostrar seu perdão.

O pano úmido deixou seu rosto e moveu-se sobre seus braços e suas mãos. Era uma sensação boa, boa... Ela deixou seus olhos se fecharem novamente e sentiu-se caindo em um estado de feliz suspensão. Na verdade, ela não dormiu, pois estava ciente de que Jane a erguera para trocar a roupa de cama e, depois, colocara um travesseiro novo embaixo de sua cabeça. Então a voz de Jane a trouxe gentilmente de volta à vigília total, e ela recebeu comida, sopa quente de uma tigela, uma cuidadosa colherada de cada vez. A comida, ao chegar ao seu estômago,

lhe deu uma leve sensação de náusea, mas também de vigor; um alívio gradual da dormência que havia se apoderado de seu corpo.

“Blanche...?”

Ela olhou ao redor e encontrou Jane sentada perto da cama, curvada para a frente, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Era difícil enxergar, no entanto, porque as cortinas ainda estavam fechadas e, na penumbra, apenas os objetos mais próximos pareciam nítidos para ela. Ela moveu a mão debilmente pela cama na direção de Jane. Ao perceber isso, Jane olhou para cima, os olhos brilhando com as lágrimas.

“Você vai me ajudar, não vai?”, disse ela. “Estou com tanto medo, Blanche... e não há ninguém além de você. Se eles me encontrarem... se descobrirem... não sei o que farão comigo!”

Blanche olhou fixamente para o rosto assustado e confuso, tentando juntar as palavras em sua cabeça cansada de modo que fizessem sentido. Ela moveu os lábios, mas as palavras ainda não vinham. Então Jane apertou as mãos diante dela como uma criança implorando.

“Foi culpa dela... você ouviu o que ela disse. Ela não ia embora. Disse para ela ir embora... e ela não ia. Você tem o direito — não tem? — de fazer alguma coisa quando uma pessoa não sai da sua própria casa! Ah, Blanche...! Eu não sabia... não queria matá-la!”

Matar! A palavra irrompeu na consciência de Blanche como se tivesse sido gritada com uma estridência violenta em meio a um silêncio mortal. Ela sentiu seu corpo todo esfriar. Matar! Mais uma vez, uma visão surgiu vagamente no fundo de sua mente. Havia um vulto... caindo... caindo... e depois... uma porta bateu. A visão pairou brevemente no limiar da memória e desapareceu de forma abrupta. A sensação de frio e medo, no entanto, permaneceu. Se apenas tivesse força suficiente para pensar com clareza, para saber o que isso significava.

“Temos de ficar juntas, Blanche, você e eu”, disse Jane, tensa. “Papai sempre nos disse isso, lembra? Temos a mesma carne e o mesmo sangue... nada mais importa. Blanche, você não vai deixar eles me machucarem, vai? Blanche...?”

Blanche continuou a observá-la, em silencioso terror. Matar. Jane disse matar. Ela se encolheu no travesseiro, afastando-se de Jane. Isso foi um erro... o rosto manchado de lágrimas de Jane endureceu na mesma hora. “Fale comigo!”, ela exigiu rudemente. “Por que você não fala comigo? Você não se importa, não é? Você tem inveja de mim... e me odeia... e quer que aconteçam coisas ruins comigo. Você sempre quis!” E então, evidentemente chocada com suas próprias palavras ásperas, ela parou, olhando para Blanche com um rosto branco de apreensão.

“Não, eu não quis dizer isso”, disse ela rapidamente. “Blanche, eu vou cuidar de você... eu vou... e você vai ver... vai voltar a gostar de mim. Precisa de mim para cuidar de você; precisa mesmo. Vou pentear seu cabelo e arrumá-lo para você ficar bonita. Você é a irmã linda. Blanche... todo mundo sempre dizia isso. Eu vou ser boa com você, Blanche... se você apenas me ajudar, se não me deixar sozinha. Você ouviu. E eles vão acreditar em você. Eles sempre acreditam em você...”

Capturada e presa pela intensidade do olhar de Jane, Blanche conseguia apenas olhar de volta para ela. Ainda assim, era incapaz de compreender. Jane queria algo dela, isso estava claro, mas ela não sabia o quê. Apesar disso, com a tontura negra da fadiga começando a girar dentro de sua cabeça, ela assentiu.

“Sim”, disse Jane com ansiedade, interpretando-a. “Sim.” Ela sentou-se em silêncio por um momento e depois, pensativa, levantou-se. “Se eles vierem, você vai falar com eles. Você não vai deixar eles me machucarem...”

Blanche conseguiu balançar a cabeça de novo... Pobre Jane, parecia tão triste, tão desesperadamente triste. Suas pálpebras caíram e fecharam. Ela ouviu Jane sair do quarto e fechar a porta, e se deixou ficar completamente entorpecida. A sensação de tontura passou gradualmente, e ela experimentou um agradável sentimento de flutuação. Ela estava quase caindo no esquecimento do sono quando a palavra voltou, como se estivesse gritando em seu ouvido:

*Matar!*

Um vulto caiu, desabando em silêncio. Uma porta bateu. Seu pulso acelerou com o pânico, agora como antes, e ela sabia que precisava fugir, precisava se salvar. Seus olhos se abriram e correram de um lado para o outro por todo o quarto. Seu coração batendo era uma dor vermelha em seu peito.

E então o quarto ficou mais nítido, com foco, e, percebendo onde estava, ela fechou os olhos de novo. Quase imediatamente, a sensação de flutuar retornou, e ela sabia que estava adormecendo.



# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

13

Depois de passar os últimos dois dias se recuperando, Blanche estava se sentindo melhor, muito mais alerta: o real havia começado a se desvencilhar do irreal. Consciente, ao acordar na manhã do terceiro dia, de um ruído intermitente de arranhões vindo de algum lugar de fora das cortinas, ela percebeu quase imediatamente que era apenas o galho do eucalipto tocando o parapeito do lado de fora, e se perguntou se haveria uma tempestade de primavera a caminho.

Jane havia passado um tempo considerável ao lado da cama de Blanche nos últimos dois dias. Houve momentos em que a voz dela parecia encher o quarto indefinidamente com seus murmurinhos infelizes. As palavras se aglomeravam em um martírio de arrependimento que Blanche, em um estado de dormência inconsciente, não tinha conseguido entender. Enquanto isso, Jane a alimentara e cuidara dela com uma prestatividade quase doentia.

Colocando as mãos sobre a cama, Blanche tentou se sentar, sem sucesso, no entanto. Não havia recuperado as forças tanto como pensava. Testando uma nova tática, alcançou a barra de elevação. Ela conseguiu se segurar, mas, quando tentou se levantar, não foi capaz nem de mexer o peso morto de seu corpo. Evidentemente, teria de esperar mais um dia ou dois antes de tentar novamente.

Mais uma vez, ouviu-se o som de arranhões do lado de fora, e Blanche ficou lá, deitada, pensando que, quando Jane chegasse com seu café da manhã, pediria a ela que abrisse as cortinas para que pudesse olhar para fora. Ela se virou para o botão que tocava a campainha da cozinha. Então, com uma sensação repentina e estranha de desolação, ela hesitou em usá-lo.

Ficou deitada por um momento, refletindo sobre aquela coisa curiosa que havia sentido, perguntando-se o que a motivara, que impressão ou lembrança fugaz a provocara. Tentou arduamente trazê-la de volta, mas ela não voltou. Ainda havia muita coisa que não lembrava. Achava que nunca ficaria sabendo quanto tempo fora deixada ali, na escuridão, atrás da porta trancada; sabia que nunca teria coragem de perguntar.

Esqueça isso, disse a si mesma com firmeza. Tudo o que precisava saber por ora era que o pior tinha passado. A raiva de Jane e suas bebedeiras, e até mesmo, talvez, esse último período doloroso de arrependimento extremo, estavam no fim, e tudo deveria voltar a ser como antes. Ainda assim, alguma coisa a incomodava, uma sensação de inquietude... havia algo iminente que precisava de toda a sua atenção. Havia alguma coisa... Ao escutar um som, ela se virou bem a tempo de ver Jane entrar no quarto carregando sua bandeja de café da manhã, e percebeu, com uma sensação de surpresa, que tinha se concentrado tanto que não ouviu sua irmã se aproximar pela escada.

Blanche se sentiu um pouco tensa ao ver a bandeja e tentou relaxar. Jane, muito claramente, não estava vestindo o roupão sujo esta manhã, e sim um vestido de ficar em casa verde-claro recém-lavado. Seu cabelo estava penteado para trás, de forma simples e natural, e no rosto, nenhuma maquiagem, de forma que ela parecia, ao contrário de sua aparência habitual, estranhamente pálida e desbotada. Seus movimentos eram de uma serenidade quase artificial. Quando colocou a bandeja cuidadosamente na mesa e a descobriu, havia apenas o desjejum de Blanche.

“Você está melhor?” Jane mexeu nas coisas na bandeja, evitando o olhar de Blanche.

Blanche assentiu com a cabeça. “Sim.”

Jane estendeu a mão e ajudou-a gentilmente a se sentar encostada nos travesseiros. Blanche analisou o rosto da irmã com uma leve expressão de incredulidade. No olhar rebaixado e no comportamento de Jane havia um toque de santidade que, sob diferentes circunstâncias, poderia estar muito próximo do cômico.

“Parece... parece que está um pouco mais frio... hoje”, conseguiu dizer Blanche com uma voz rouca.

Jane concordou, e se estava ciente de que eram as primeiras palavras que Blanche falava em voz alta desde a sua libertação, ela não deu nenhum sinal. “Vou trazer seu roupão”, disse.

Quando terminou de ajudar Blanche com o roupão, ela foi até o banheiro e voltou de lá com uma toalha morna e, outra vez, lavou o rosto de Blanche. Feito isso, colocou a bandeja de café da manhã sobre a mesinha de cama e a moveu para que ficassem sobre as pernas de Blanche. Voltando para a porta, ela parou para olhar para trás.

“Volto quando você terminar... para limpar.”

Blanche assentiu com a cabeça. “Obrigada, Jane.”

“Estou feliz que você esteja se sentindo melhor.”

Blanche olhou para a sombra de Jane indo embora com uma expressão de interrogação perturbada. Esse tom suave e piedoso, esse comportamento humilde... nada disso era natural para Jane... não parecia possível que essa atitude pudesse ser verdadeira. Mas, se Jane estava fingindo, que propósito poderia haver nisso? Blanche pegou uma torrada, deu uma mordida e começou a mastigar despreocupadamente. Mas seu olhar permaneceu na porta aberta.

Jane voltou meia hora depois para arrumar o quarto e levar a bandeja de volta para a cozinha. Novamente, ostentava o ar calmo de comedimento, a subserviência exaustiva, e de novo Blanche sentiu uma reação curiosa de apreensão. Assim que Jane saiu do quarto, Blanche lembrou-se das cortinas. Começou a chamar a irmã. Porém, quando conseguiu falar o nome de Jane, seu olhar baixou para o carpete do corredor e as palavras morreram abruptamente em sua garganta.

“Sim?”, perguntou Jane, voltando para a porta. “O que é? O que foi?”

A visão da mancha no tapete surpreendeu Blanche em um silêncio paralisante. A coisa que permanecera obscurecida na penumbra no fundo de sua mente foi subitamente empurrada para a luz ofuscante da lembrança completa. Vozes irritadas ecoavam claramente em sua memória; e então o vulto estava lá diante dela, uma silhueta nítida na porta. Havia um segundo vulto, segurando algo na mão, levantando a coisa e baixando-a violentamente sobre a cabeça do outro. O resto foi como antes. O primeiro vulto caiu. O segundo deu um passo à frente e bateu a porta.

“Blanche? O que foi?”

Blanche olhou para cima, desviando seu olhar à força do tapete. “Nada”, disse ela com rapidez. Sua respiração, porém, era tão limitada em seus pulmões que ela mal conseguia pronunciar as palavras. “Eu... eu acabei de ter um ataque de tontura. Não é nada. Estou bem agora.”

Mas Jane permaneceu na porta, com uma mão na maçaneta, observando-a com um estranho ar de indecisão. Permaneceu por mais um momento, e então, por fim, se virou e fechou a porta.

Blanche ficou sentada olhando para as sombras; pensamentos e lembranças intensas de terror surgiam em sua mente, como gritos demoníacos. *Eu não queria matá-la*, dissera Jane. Matar... Blanche levou a mão à boca para conter um choro inesperado de angústia. Agora sabia quem era o vulto na porta. Ela sabia... que Jane assassinara Edna Stitt.

*Srta. Blanche, eu apenas me preocupo com você. Fico pensando no que poderia acontecer... e fico acordada à noite.*

A sra. Stitt tentou avisar, mas Blanche não lhe dera ouvidos. Lágrimas de remorso queimaram em seus olhos, e ela deixou a mão cair. Durante todos esses anos, havia apostado cegamente. E se achava tão esperta. Agora via que sua cegueira destruíra duas preciosas vidas... a da pessoa que a havia auxiliado durante todos esses anos... Jane... e a de quem tentara salvá-la... Edna Stitt. A culpa, então, era tanto dela quanto de Jane.

Então, o clima atual de arrependimento de Jane estava explicado: ela estava tentando, de maneira patética, redimir-se. Por assassinato. Era horrível demais, feio demais... Blanche queria gritar contra o pesadelo que agora compartilhava com Jane, mas se obrigou a ficar quieta. Evidentemente, o crime de Jane não havia sido descoberto; ela deve ter conseguido alguma forma de esconder o corpo da sra. Stitt. Talvez nesta mesma casa. Blanche estremeceu com um frio repentino. A polícia tinha de ser informada imediatamente. Quaisquer que fossem as consequências, não havia alternativa.

Blanche parou, forçada a perceber de uma vez por todas que continuava à mercê de Jane tanto quanto antes. Provavelmente, Jane ainda controlava o telefone do térreo. Seu olhar se ergueu para a porta fechada. Na verdade, estava mais indefesa; mesmo que o telefone estivesse disponível, ainda se sentia fraca demais para alcançá-lo. Lentamente, o velho pânico começou a se intensificar lá dentro. Ela precisava sair... precisava encontrar uma maneira de conseguir ajuda...

Seu olhar pousou na janela coberta. Antes, tinha tentado jogar um bilhete para a vizinha. A sra. Bates. Talvez, se conseguisse sair da cama e atravessar o quarto... Guiada pela lembrança de sua tentativa anterior, enfiou a mão no bolso do roupão, encontrou o pedaço de papel que procurava e puxou-o para fora.

*Sra. Bates: Aqui é sua vizinha, Blanche Hudson...*

Graças a Deus Jane não tinha encontrado. Talvez fosse um sinal da providência divina. Blanche leu o bilhete com cuidado. Ele serviria.

Ao ouvir o som de passos no corredor, rapidamente escondeu o bilhete sob as cobertas. Fingindo ter adormecido, deitou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Do lado de fora, felizmente, Jane passou pela porta fechada e seguiu em frente, sem parar no corredor. Blanche voltou a abrir os olhos e simplesmente ficou ali ouvindo.

Depois de um intervalo, quando Jane desceu de novo, ela pegou o bilhete sob as cobertas e se sentou. Apesar de seu estado atual de esgotamento físico, estava cheia de uma

convicção urgente de que deveria agir de imediato antes que a chance fosse perdida. Respirando fundo, empurrou as cobertas e virou-se para a janela com cortinas.

A assustada determinação se tornou numa terrível dúvida. Nunca poderia ir tão longe; não tinha resistência. Ainda assim, procurou algum tipo de ajuda. Sua cadeira de rodas estava ali, encostada na parede logo depois da mesa de cabeceira, fora do alcance.

Ela *precisava* chegar à janela; tinha de pensar em um jeito. Em um surto de determinação frenética, alcançou a barra de elevação, agarrou-a com ambas as mãos e, então, com a vantagem de estar apoiada nos travesseiros, conseguiu se puxar e sentar-se.

Voltou sua atenção para a cadeira. Estava tão terrivelmente distante. Mas então, vendo o brilho da luz refletido em uma superfície lustrada e curva da mesa de cabeceira, ela se lembrou de sua bengala e sorriu. Apoiando-se com uma mão, esticou a outra e tirou a bengala de seu esconderijo.

Feito isso, começou a se virar na cama. Usando a barra de elevação para manter-se ereta, ela foi se mexendo um pouco de cada vez, até ficar de frente para a cadeira de rodas. Quando enfim conseguiu, colocou as mãos cuidadosamente na cama. Agarrando-se à borda do colchão, balançou as pernas entorpecidas para fora e para baixo.

Lutando contra uma nova sensação de tontura, voltou sua atenção para a mesa de cabeceira e estendeu a mão para a bengala, trazendo-a para o seu lado. Então, respirando profundamente outra vez, ela estendeu os braços e se inclinou para a frente.

Suas mãos golpearam o topo da mesa, mas seus braços a seguraram. A tontura voltou, pior do que antes, mas ela se recusou a ceder.

Depois de um instante, tirou o braço esquerdo da mesa, pegou a bengala e estendeu-a em direção ao braço da cadeira de rodas. Conseguiu alcançar a cadeira com facilidade. Prendendo a alça da bengala no lugar, ela puxou. A cadeira permaneceu teimosamente imóvel, no mesmo lugar, e, com uma

sensação de desapontamento, Blanche percebeu que o freio estava acionado.

Por um momento, entrou em pânico, mas então começou a ver uma maneira de contornar o obstáculo. Puxando a bengala de volta para a mesa, ela a inverteu, apontou para o pedal que acionava o freio e pressionou.

Foram necessárias várias tentativas até que o freio cedesse. Sem fôlego pelo esforço, Blanche baixou os braços para a mesa e se inclinou para a frente, a fim de descansar. Quando se sentiu melhor, empurrou o corpo de novo até conseguir se sentar. Então, estendendo a mão com a bengala, ela prendeu-a ao redor do braço da cadeira novamente e puxou. A cadeira moveu-se com facilidade para a frente.

Ela colocou a cadeira na posição correta e olhou para as pernas que balançavam, imaginando se a direita ainda continha sua fração de força e a aguentaria o tempo necessário para passar em segurança da beira da cama até a cadeira. Ela fez uma pausa e apurou os ouvidos; Jane parecia ainda estar se movimentando na cozinha.

Quando se sentiu firme o suficiente, estendeu a mão com a bengala, apertou o freio e o acionou de novo. Apoiando-se com uma mão no braço da cadeira, ela levou a bengala ao chão e baixou os pés até o apoio inferior. Movimentando-se rapidamente, ela se jogou para a frente.

Usando os braços como apoio e guia, ela balançou-se por um momento no espaço, descansado seu peso por um instante em sua perna direita, se contorceu o melhor que pôde, e se jogou para trás na cadeira. Ela caiu com uma sacudida, consciente de que a borda da cadeira a machucara, mas respirou aliviada com a vitória. Tinha conseguido! Agarrando o braço da cadeira, ela se empurrou para cima com a bengala e tentou melhorar sua posição no assento. Então, de repente, desabou e caiu para trás, a escuridão irrompendo ao seu redor com uma rapidez cruel. Lutou como um nadador luta contra a maré que puxa para se libertar das profundezas escuras, para subir novamente até o ar e a luz.

Permaneceu imóvel por vários minutos, percebendo lentamente um silêncio ameaçador vindo do térreo. Ela olhou para a porta, procurando qualquer interrupção na pulsação estática da casa. Nos últimos minutos, Jane poderia facilmente ter subido as escadas sem que ela percebesse. Estendeu a mão para o descanso de pés, onde a bengala fazia um ângulo sobre suas pernas — serviria como arma de defesa, se necessário. Mas então ouviu um som bem distinto vindo do andar inferior, e se inclinou para trás com um suspiro de alívio. Depois de um momento, segurando a roda com firmeza, ela se virou para a janela.

Colocou a mão entre as cortinas, onde se dividiam, levantou a mais próxima, segurou-a o mais longe possível da cadeira e, movendo-se para a frente, deixou-a cair para trás.

A luz do sol atacou seus olhos dolorosamente, e por um momento ela ficou cega. O eucalipto tocou a grade e se afastou do seu campo de visão. Blanche abriu os olhos devagar, dando-lhes tempo para se ajustar. Ela puxou a outra cortina e a jogou para trás para se juntar à outra. Ficou sentada por um instante, ouvindo o silêncio do lado de fora.

O céu, embora incrivelmente azul, estava salpicado aqui e ali com nuvens brancas e finas. Ao longe, a plumagem superior de outro eucalipto ondulava sob a persuasão errática de uma brisa forte.

Estendendo a mão para o trinco, Blanche abriu a janela. A brisa se lançou sobre seu rosto, balançou seus cabelos, depois ficou abrupta e completamente inerte. O galho do lado de fora reapareceu, bateu na grade e desapareceu.

Recuperada, Blanche esticou a mão, agarrou a grade e, usando a bengala como suporte, levantou-se. Inclinando-se para a frente, num esforço, ela olhou para o jardim abaixo. Estava deserto e totalmente quieto. Ela conseguiu se agarrar por um momento mais, então soltou-se e caiu de volta em sua cadeira.

Voltou seu olhar para o céu, tentando adivinhar a hora do dia pela inclinação da luz do sol... era possível que a sra. Bates já tivesse feito sua primeira visita do dia, o que poderia significar uma longa e desastrosa espera.



Ela parecia estar sentada numa ilha de silêncio, e então veio novamente à sua cabeça o medo de que Jane entrasse no quarto e a encontrasse. Ela se obrigou a escutar com mais atenção.

Quando, enfim, ouviu um som, ela o reconheceu imediatamente; mesmo sem ver, era capaz de rastrear o progresso da sra. Bates enquanto ela abria uma das portas envidraçadas, saía para a trilha, pegava a mangueira e ligava a água. Tremendo, tirou o bilhete do bolso, estendeu a mão para a grade e se levantou.

Sim, ela estava lá! A sra. Bates, vestindo sua blusa e seu grande chapéu, já tinha começado a andar pelos canteiros de flores ao lado do gramado sob a cerca. Blanche repeliu um impulso de gritar, temendo que uma coisa horrorosa e desconhecida pudesse acontecer se Jane ouvisse e subisse a escada. Ela se soltou e caiu de volta na cadeira; precisava conservar sua força decrescente até que o som da água lhe indicasse que a sra. Bates estava logo abaixo.

A espera era quase insuportável. Estendendo a mão novamente, abriu as cortinas e escutou. Pensou ter ouvido um som lá embaixo, mas no mesmo instante o eucalipto bateu repentinamente na janela, deixando-a incerta. Ela se virou. Aos poucos, o som da água foi chegando mais perto, até que teve certeza de que a sra. Bates tinha chegado ao canto mais próximo da janela. Ela alcançou a grade.

A sra. Bates de fato se posicionou quase exatamente onde ela havia imaginado. Quando a mulher fez a curva, Blanche se esticou para a frente ansiosamente. Segurando-se perto da grade, tentou atrair a atenção da sra. Bates, agitando a folha de papel entre as barras. No entanto, a sra. Bates, que tinha o rosto totalmente oculto sob a aba larga do chapéu, permaneceu concentrada em suas tarefas. Mais uma vez, Blanche precisou se controlar para não gritar.

“Vamos, vamos!”, sussurrou para si mesma. “Vamos logo!”

O próximo movimento da sra. Bates levou-a quase precisamente à posição sob a janela. Seu rosto, porém, estava mais do que nunca escondido sob a aba do chapéu. Blanche se esticou ainda mais para a frente, totalmente inconsciente da

mordida fria das barras contra sua bochecha. Estendendo o bilhete no ar o mais longe que podia, ela o soltou.

E então sabia que gritaria, sabia que deveria; agora que a sra. Bates tinha o bilhete, isso realmente não importava. Ela abriu os lábios. Mas não falou. Em vez disso, ouvindo um som se aproximando, ela se virou, com o rosto tenso de medo.

Uma mão abriu as cortinas, agitando-as com violência, jogando-as para trás. Blanche caiu em sua cadeira, procurando freneticamente sua bengala...

A sra. Bates, captando um lampejo de algo branco, olhou para baixo, viu o bilhete e se inclinou para pegá-lo. Ao apanhá-lo, teve a impressão de ser um rabisco infantil. Começou a alisá-lo em sua mão, mas então, ouvindo alguém gritar seu nome de algum lugar da casa, ela se virou, ainda segurando-o, e começou a caminhar naquela direção.

“Aqui fora, Harriett!”, gritou ela.

Ao se aproximar da casa, Harriett Palmer apareceu na calçada e, acenando com alguma coisa, correu.

“Você viu isso?”

Chegando ao lado da sra. Bates ao mesmo tempo que ela se endireitava depois de desligar a água, Harriett estendeu o jornal. Dobrando-o rapidamente de volta para a segunda página, apontou para uma foto no canto superior esquerdo.

“Olhe isso!”

A sra. Bates olhou para a foto. Era de uma mulher, uma mulher de meia-idade, aparentemente, com o rosto angular e, devido à finalidade da foto, sorrindo formalmente. Uma mulher de aparência simpática, na verdade, mas de modo algum bonita. A reprodução, no entanto, era ruim e, no entendimento da sra. Bates, poderia ser uma foto de praticamente qualquer pessoa. Ciente dos olhos de Harriett em cima dela, franziu as sobrancelhas em um esforço adicional para tentar reconhecê-la.

“Você não vê quem é ela?”

A sra. Bates balançou lentamente a cabeça. “Eu... não, acho que não.” Enquanto falava, porém, seu olhar baixou para a

legenda sob a foto: VÍTIMA DE ASSASSINATO. “Ah, não!”, falou ela, ofegante, rejeitando a ideia de que qualquer um de seus conhecidos poderia encontrar uma morte violenta ou digna de notícia. “Ela... ela não é alguém que conhecemos?”

“Sim”, assegurou Harriett, “é, sim. Olhe de novo. Você não vê? É a mulher que faz faxina para as Hudson. Aí está o nome dela — veja — Stitt, sra. Edna Stitt. Toda sexta-feira, por três anos, eu a via subindo a colina até a casa delas.”

Olhando para a foto, relutante em reconhecê-la, a sra. Bates assentiu. “Terrível”, murmurou, “terrível...”

Harriett acenou com a cabeça na direção da casa das Hudson. “Você acha que elas já sabem? Eles a encontraram esta manhã — a polícia — em uma vala no parque. Disseram que provavelmente o corpo estava lá havia alguns dias.”

A sra. Bates sacudiu a cabeça; ela se sentiu subitamente vazia e fria por dentro. Era difícil acreditar que as pessoas realmente podiam fazer coisas tão terríveis umas com as outras. Assassinato...

“Eu não sei...”, disse ela vagamente.

“Nunca notei se elas recebem a edição da manhã ou não.”

Harriett olhou para o jornal novamente. “Dá uma sensação estranha, não é? Ela era viúva também, a coitada.”

A sra. Bates, fazendo um leve som cantado, deixou que seu olhar se elevasse por todo o jardim até a casa das Hudson e a janela no meio do andar de cima. Curiosamente, ela teve a impressão de que apenas um momento antes a janela tinha sido aberta e as cortinas, afastadas. Mas agora estava fechada.

“O que foi?”, perguntou Harriett.

A sra. Bates olhou para o lado. “Nada”, disse ela, “nada.” E forçou seus lábios em um sorriso. “Vamos entrar e tomar uma xícara de chá quente. Está ventando um pouco.”

Harriett logo assentiu; o assunto do misterioso fim da sra. Stitt ainda tinha de ser totalmente explorado. “Eu adoraria.”

A sra. Bates foi até a porta de vidro aberta, apontando a casa para Harriett. Quando parou para tirar o chapéu, olhou novamente na direção da casa das Hudson. Então, lembrando-se, olhou para o pedaço de papel ainda apertado em sua mão.

Amassando-o até virar uma bola comprimida, ela o guardou no bolso da blusa e correu para dentro.

# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

14

Estava de pé, diante da parede espelhada, perto das janelas onde a luz era mais forte, olhando para si mesma com um olhar firme e perturbado. Assustada com o fantasma de si mesma nos espelhos, lentamente assumido e em demorada evolução, ela recuou um pouco para as sombras. Levantando ligeiramente a saia em um gesto delicado, colocou um pé na frente do outro e apontou o dedo do pé em um ângulo. Então, rapidamente, com um pequeno gemido de dor, se virou. A realidade, agora que havia surgido completamente, não seria ofuscada por uma mera sombra. Percebia claramente agora que sua melhor e mais simpática personalidade, que sempre a havia esperado logo depois do horizonte do momento seguinte, não existia, nunca havia existido e nunca iria existir. As coisas que ela havia feito — a pessoa que ela havia se tornado — não podiam ser modificadas por um mero desejo.

Ela sabia agora: o amanhã que contemplava a Jane Hudson que ela sempre acreditou ser a verdadeira nunca iria chegar. As pessoas tinham bons motivos para se sentir como se sentiam em relação a ela. Blanche sempre teria medo dela, sempre iria querer escapar e deixá-la sozinha. A sra. Stitt estaria morta para sempre. Amanhã, depois de amanhã e ainda depois conteriam sempre as coisas terríveis que ela havia cometido hoje, ontem e anteontem. Lentamente, Jane levantou a mão para a lesão em

sua bochecha, onde Blanche a havia atingido com a bengala. Lágrimas brotaram rapidamente em seus olhos já inchados e se derramaram por suas bochechas.

Ela não fora sensata. Havia começado a ver isso claramente. Permanecera por um tempo em um mundo totalmente afastado da realidade. Mas o impacto da plena percepção de que tinha de fato matado outro ser humano a libertou daquele mundo para o limbo do agora. Era como uma criança que se espantava com seu próprio ataque de raiva ao quebrar sem querer um pedaço de porcelana: o delírio furioso tinha passado, mas o presente tranquilo se tornava ainda pior com a ameaça iminente de alguma terrível vingança.

Abaixo do nível de sua primeira consciência estava o pensamento que ela ainda se recusava a aceitar, exceto como um sentimento sombrio e desconfortável: a única solução real para o terror em que se encontrava agora era se entregar à polícia. Era o medo, no entanto, que impedia essa aceitação, o medo da própria polícia e um novo medo, ainda meio oculto em seu subconsciente, de que outra experiência traumática pudesse levá-la de volta à loucura.

As coisas, porém, não poderiam continuar como estavam. Logo chegaria a hora em que seria forçada a ver o que deveria ser feito, e então fazê-lo. Mas não ainda, chorou sua parte assustada, não hoje. Porém, enquanto isso, o que faria com Blanche? Sua própria liberdade, agora estava dolorosamente claro, só poderia ser mantida às custas de Blanche. Se ao menos pudesse fazer Blanche entender... se pudesse fazê-la ver que o perigo havia acabado, que era apenas uma questão de ser um pouco mais paciente...

Saindo da sala, fechou a porta atrás de si, sem nem sequer olhar para os espelhos. Nunca mais entraria nessa sala; hoje havia aprendido a desprezar até mesmo sua própria imagem refletida.

Na cozinha, foi até a mesa, puxou uma cadeira e sentou-se. Pegando um guardanapo de papel, secou as lágrimas dos olhos. Ficou sentada ali, olhando a cozinha, desanimada, vendo se estava tudo em ordem. De repente, tornou-se muito importante

para ela que a casa fosse mantida limpa e arrumada. Era como se, ao fazer da maneira correta as coisas externas ao seu mundo, pudesse se livrar do seu caos interno. E, mesmo assim, enquanto estava sentada ali, seu olhar foi atraído novamente para o armário onde a bebida era guardada. Havia duas garrafas lá, cheinhas, novas, fechadas.

Ela olhou para as mãos trêmulas. Não havia consumido sequer uma gota em quatro dias — nem uma gota. Mas agora, depois do que aconteceu lá em cima com Blanche... depois de ver o medo terrível e brutal nos olhos de Blanche... Ela juntou as mãos, apertando os dedos com força, em um esforço para impedir que tremessem. Colocou-as com firmeza sobre a mesa, mantendo-as imóveis, e sentou-se olhando para elas, como se para confirmar a força de sua própria determinação. Nada, porém, podia parar o tremor do lado de dentro.

Por compulsão, seus olhos se voltaram novamente para o armário. Deixar a bebida era parte de sua penitência. Tinha sido difícil no começo, mas então viu que Blanche estava melhorando e parecia estar aprendendo a confiar nela novamente, então valia a pena. As duas estavam juntas de novo... sem importar o que acontecera. Assim como papai dissera... Mas agora... agora estava sozinha como antes. Sozinha e perdida.

Estava perdida no inferno, disse a si mesma numa angústia repentina, perdida e condenada para sempre a um inferno ardente de remorso inútil. Sua loucura havia começado com seu medo de perder Blanche, de perder, finalmente, o perdão de Blanche. E terminou ao trazer a si mesma, de maneira definitiva e irrevogável, exatamente aquilo que temia. Então, o que importava agora? O que importava qualquer coisa? De que valia fazer penitência quando você já tinha sido julgada e amaldiçoada para sempre? Não havia como voltar atrás, não havia como mudar nada disso, não agora. Levantando-se lentamente, com as mãos ainda apertadas à frente, ela começou a atravessar a sala.

Parou diante do armário, olhando para ele... olhando... De que adiantava qualquer coisa? De quê? Soltando as mãos, afastou-as bruscamente, alcançou o trinco e abriu a porta.

No momento em que Edwin desceu do ônibus e parou para olhar para o alto da colina, as luzes da rua acenderam, assinalando o caminho em curva à sua frente, com sua iluminação fraca e intermitente. O sol já havia caído, mas o céu ainda não trazia os profundos tons da noite. Edwin, com o rosto pálido enrugado pela tensão, dirigiu-se para a esquina e começou a subir.

Edwin finalmente decidira deixar Del, simplesmente abandoná-la. Não podia mais suportar vê-la. Nem mesmo, agora que estava longe, pensar nela. Você tinha que sobreviver. Ele havia raciocinado dessa maneira na tentativa de se justificar. Você tinha que cuidar de si mesmo; foi assim que o mundo foi criado. Por dois dias ele pensou sobre isso, até que ficou claro que teria de começar com seus meios disponíveis. Jane Hudson tinha dinheiro, ou pelo menos acesso a ele, e, portanto, poderia ajudá-lo nesse seu começo. Até havia lhe prometido dinheiro e também um emprego, e por isso estava em dívida com ele. Ela estava em dívida com ele, e ele estava determinado a encontrar uma maneira de fazê-la pagar.

Quando ele chegou à entrada da casa das Hudson, no entanto, toda a sua determinação cuidadosamente fomentada começou a ruir sobre sua própria fundação irregular, e ocorreu a Edwin que ele ainda não havia se comprometido com essa tarefa de maneira irrevogável. Ainda podia desistir. Del ficaria feliz em tê-lo de volta. Ele hesitou. Então, indo em direção à porta, apertou a campainha; Del sempre ficaria feliz em tê-lo de volta.

O som da campainha tocou na cozinha em um contraste repentino, que quase fez Jane derrubar seu copo. Agarrando-se à borda da mesa, ela se inclinou para a frente e olhou para a boca preta do corredor.

Sua primeira reação foi de pânico. Eles vieram por sua causa! Eles vieram, e ela estava sozinha. Não podia suportar isso, não podia. A campainha tocou de novo e, quase imediatamente, uma vez mais. Ela se levantou da cadeira e, movendo-se como se estivesse assombrada, cruzou o corredor. Ao chocar-se contra o canto da porta, ela fez uma pausa, dizendo a si mesma para ficar



muito, muito quieta. Se não os deixasse saber que estava lá, eles teriam de ir embora depois de um tempo. E ela então fugiria.

Entrando na sala de estar, tentou atravessar a escuridão na ponta dos pés, mas cambaleou e caiu contra uma das cadeiras. Apoiando-se e piscando com força para distinguir as formas escuras das janelas, ela se endireitou e tomou uma nova direção.

“Estou muito, muito bêbada”, disse a si mesma em um sussurro sigiloso, “então devo ter muito, muito cuidado.”

A campainha tocou novamente, ecoando de volta do teto distante. Caminhando devagar, balançando-se até chegar à janela central, ela colocou a mão na cortina e olhou para fora. De imediato, reconheceu a figura desajeitada no terraço. Ele voltou! Justo quando pensava que nunca mais o veria, justo quando estava tão abandonada e sozinha no mundo, ele voltava para ela. Com um pequeno grito de alívio e alegria, ela foi em direção à porta. Mas então parou. Não podia deixá-lo entrar. Não deveria. Era muito perigoso. Ela não podia nem mesmo deixar que ele soubesse que ela estava lá.

Mas por quê?

Ela fez uma pausa, tentando fazer tudo se encaixar em sua mente ébria. Que perigo poderia haver em apenas ver Edwin? Que tolice! Edwin não era perigoso. Ele não machucaria uma mosca. Era seu amigo, seu único amigo, e veio para... ajudá-la. Claro! Ele tinha ouvido falar que ela estava com problemas e veio ajudá-la. Isso era exatamente o tipo de coisa que Edwin faria. De repente, Jane deu-se conta que a campainha estava em silêncio havia algum tempo. Ela se moveu rapidamente de volta para a janela e olhou para fora. Na penumbra do lado de fora, o vulto escuro de Edwin já estava descendo os degraus e chegando à calçada. Apressando-se, ela correu para a porta e a abriu.

“Edwin!”, gritou ela. “Edwin!”

Na escuridão cada vez mais densa, ele parou e se virou. Depois de um momento de hesitação, ele voltou, subindo sem fôlego a escada.

“Eu... eu achei que talvez tivéssemos nos desencontrado de novo”, falou com a respiração ofegante. Ele foi em sua direção

com um ar de determinação incomum. “Que bom que não.” Porém, ao se aproximar dela, ele hesitou, e parou. “Mas talvez...”

Jane moveu a mão com urgência, apontando para dentro. “Entre”, disse ela, abalada. “Você tem que entrar... você *precisa*, Edwin... e... e tome uma bebida comigo. Você precisa!”

Blanche virou a cabeça no travesseiro, escutando. Primeiro o repetido toque da campainha, e agora — tinha quase certeza — havia o som de vozes vindas da cozinha. Olhando fixamente para a escuridão, ela se esforçou para ouvir melhor. Sim, tinha certeza agora, *havia* vozes. A de Jane. E a de um homem.

Acordara pouco tempo antes, sentindo-se pesada e doente. Por algum tempo, não se lembrou de nada e então, lentamente, tudo voltou para ela: seu encontro com Jane na janela e seu subsequente mergulho na inconsciência. E ela também se lembrou de outra coisa, de um momento fugaz de consciência — Jane lhe dando algo em um copo d’água... Uma droga?

E então, lembrando-se do resto, percebeu que havia passado muito tempo desde que jogou o bilhete pela janela, e a ajuda ainda não tinha chegado. A sra. Bates, então, a havia abandonado deliberadamente. Ou Jane havia encontrado alguma maneira de impedir qualquer interferência. Desde então, permanecera deitada na escuridão, abandonada e desanimada. Mais uma vez havia falhado.

*Vou morrer*, disse a si mesma, *eu sinto, eu sei*. E imaginou como a morte chegaria para ela. Seus olhos alcançaram a escuridão, buscando alguma visão da morte, de sua forma e substância. Apareceria um fantasma benevolente, um anjo com rosto gentil, vestido de branco, como tinha visto nos livros da escola dominical quando era criança? Ou haveria... apenas a morte, um declínio gradual e sem acontecimentos até que simplesmente não restasse nada? Lágrimas escorreram sobre seu rosto e ela sabia que estava chorando, mas estava cansada demais para enxugá-las. Agora, porém, com o som das vozes, a esperança mais uma vez começou a pulsar dentro dela. Havia um estranho na casa, alguém que talvez a salvasse. Veio o som

abafado de risos, seguido pelo breve chiado de água corrente. O homem riu novamente, sozinho. Se ela pudesse ao menos avisar que estava lá, que precisava de sua ajuda!

*Tinha* que fazer isso. Precisava pensar em um jeito. Repetiu isso várias vezes para si mesma, esperando que a mera repetição de alguma forma gerasse algum plano de ação em sua mente. A risada voltou e lá, na escuridão, ela apertou a mão contra a testa em um esforço para pensar.

Pensar era realmente doloroso para ela; sua mente parecia quase machucada de cansaço. Respirou profundamente, tentando se concentrar no ar fresco e no efeito revigorante que ele proporcionava em suas respostas. Ainda forte em sua mente estava o pensamento de que seria muito mais agradável simplesmente esquecer tudo, desistir da luta e voltar ao sono — e à morte. Aí não haveria mais incômodos, sem mais desse cansaço terrível; seria o fim. Mas então escutou um leve estrondo, como se um copo tivesse sido derrubado, e ela foi levada a um novo estado de alerta.

Um estrondo. O pensamento chegou espontaneamente, estimulado pelo som; era barulho o que ela deveria fazer, derrubar alguma coisa, causar um estrondo alto e surpreendente. A cozinha ficava quase diretamente abaixo. Ela apertou a mão contra a testa com mais força, em um novo esforço para pensar e lembrar. Havia algo completamente óbvio...

A bandeja! Jane havia trazido o almoço para o quarto quando chegou e a encontrou na janela. Ela a colocara... tinha visto de relance ali... sim, sobre a mesa de cabeceira. Era fácil alcançar. Se Jane não tivesse lembrado de tirá-la...

Rolando da melhor maneira que podia para a esquerda, bateu a mesa em busca da bandeja. A bandeja estava lá. Estava lá! De sua posição atual, no entanto, Blanche só conseguia alcançá-la com as pontas dos dedos.

A debilidade, tanto mental como física, era sua maior inimiga. Virando-se na cama, usando os cotovelos para se impulsionar e se guiar, ela se esforçou para se aproximar. Ofegante, molhada de suor, ela se arrastou lentamente pela cama até ter certeza de que poderia alcançá-la. Parou por um momento, tentando,

através do som irritante de sua própria respiração, escutar os sons da cozinha logo abaixo. Não tinha tempo a perder, sabia disso; o estranho pode decidir ir embora a qualquer momento. Tateando pela escuridão, continuou a procurar a borda da bandeja. Quase imediatamente, sua mão encontrou o metal frio e segurou-o. Seu pulso se acelerou com uma batida pesada em seus ouvidos. Será que ele saberia, quem quer que estivesse lá embaixo? Será que imaginaria seu desespero?

Respirando fundo, ela afastou os dedos do canto da bandeja até o centro da borda da frente. Mais uma vez parou, ouvindo os sons abafados vindos da cozinha, e então puxou a mão para a frente. Nada aconteceu. A bandeja, que era pesada, pesada demais para sua pouca força, se recusou a mover-se.

Mas não estava derrotada, ainda não. Descansando mais um pouco, desta vez estendeu as duas mãos. E então parou, consciente, de repente, de que nos últimos minutos não havia escutado nenhum som novo vindo da cozinha, somente o silêncio. Ali na escuridão seu grito de ansiedade foi apenas um leve gemido. Ele tinha ido embora!

Blanche ficou deitada ali, a bochecha pressionando profundamente o colchão, as mãos ainda ancoradas na borda da bandeja. As lágrimas apareceram de novo em seus olhos. E então, repentinamente, veio uma gargalhada alta. Imediatamente, ela apertou os dedos na bandeja e a puxou, rolando ao mesmo tempo.

Os pratos, os talheres e o copo caíram no chão com um rápido ruído. Então a bandeja caiu sobre todo o resto com um estrondo que ressoou através da escuridão como um trovão... Estava feito, e o silêncio desceu tão repentina e escandalosamente quanto o barulho. Trazendo o braço dolorido de volta para a cama, Blanche se deitou, sem fôlego, escutando... escutando...

*Eu preciso receber o dinheiro que você me prometeu. E eu quero hoje.*

Edwin tinha a intenção de dizer isso, e assim, sem rodeios, logo que a visse. Em primeiro lugar, queria terminar logo com aquilo; em segundo, estava determinado a colocar esse relacionamento no nível profissional a que ele pertencia. Agora que finalmente deixara Del, estava determinado a não ser mais um bajulador de mulheres velhas, fracas de espírito e neuróticas.

No entanto, apesar de sua forte determinação, ele havia sofrido uma crise de covardia; era muito mais difícil fazer reivindicações financeiras para uma mulher do que ele imaginava. Contudo, tinha a desculpa de que Jane Hudson, em seu atual estado de emotividade alcoólica, não estava disposta a discutir negócios. Ainda assim, decidira que ela lhe daria o dinheiro. Jane *tinha* que fazer isso. E, por esse motivo, ele decidiu ficar e beber com ela. Cedo ou tarde, certamente apareceria uma maneira de cumprir seu objetivo.

Sob a luz agressiva da cozinha, Edwin sorriu mais à vontade e serviu-se de sua terceira dose de uísque puro — a concentração de álcool mais pesada que já experimentara em toda a sua vida. Soltando a garrafa, olhou para Jane Hudson, que ainda balbuciava para ele alguma incoerência alcoólica. No começo, tinha sido algum absurdo sobre como ela havia sido condenada e jogada no inferno. Agora era um monte de bobagens sobre como ele era o único amigo que tinha em todo o mundo, e o único de que precisava. Ele ficou contente ao perceber, no entanto, que a velha estava pelo menos começando a se animar. Acabara de fazer essa observação quando Jane, como se para assegurá-lo de que estava correto, de repente jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada, surpreendendo por sua penetração estridente.

“Nós vamos aparecer no Ed Sullivan!”, gritou Jane Hudson, dizendo as palavras entre as explosões de risos que iam diminuindo. “Mas ele terá de lutar para conseguir a gente. Pare com isso, Ed — nós lhe diremos —, você não pode ter Baby Jane Hudson por tão pouco!”

“Ou”, acrescentou Edwin rapidamente, “Herr Maestro Flagg!”

“Ou Herr Maestro Eddie — Edwin — Flagg”, concordou Jane, balançando a cabeça abruptamente. “Não, senhor!”

“Ou até mesmo o piano — você também não vai conseguir isso a preço de banana! Ou o maldito violino!”

“Não nos incomode, Ed”, disse Edwin, tomando outro gole de sua bebida, “até que você possa falar realmente sério. Talvez consiga a Marlene por essa pechincha. Ou Frankie. Mas Baby Jane e Maestro Flagg... você está brincando?” Com isso, o próprio Edwin foi dissolvido em surtos de risos.

“Nem a pau!”, gritou Jane. “Mil vezes não!”

“Mil vezes *nem a pau!*”

“Talvez você consiga fazer Clark Gable dançar tango... ou Orson Welles serrar Marilyn Monroe ao meio, mas... mas...”

Edwin se remexeu na poltrona, tremendo de tanto rir. Estava se divertindo tanto que demorou alguns instantes para notar que o humor de sua companheira havia se alterado de novo e tão rapidamente quanto antes. Quando a olhou, surpreso, Jane Hudson devolveu o olhar com uma sacudida triste de cabeça.

“Não”, disse ela, “não.” Seus olhos se encheram de lágrimas, e Edwin sentiu uma onda de raiva por ela querer estragar sua diversão. “Não é certo rir...”

“Ah, vamos lá, vamos lá!”, disse Edwin com raiva. “Você disse que tudo de que precisava era um amigo... que tudo ficaria bem se tivesse um amigo. Bem, aqui estou eu, sou seu amigo. Não é? Então, qual é o problema agora?” Jane sacudiu a cabeça novamente, e as lágrimas brilharam em seus olhos como joias trêmulas. “Você estava se sentindo ótima um minuto atrás. Vamos, anime-se!”

“Eu quero”, disse Jane. “Eu quero tanto, Edwin. Mas não posso ser feliz agora... não agora...” Ela olhou para ele de repente, com os olhos estranhamente firmes através do brilho das lágrimas. “Edwin...”, disse ela, “eu posso te contar... uma coisa... e você promete não achar que eu sou... horrível? Quero dizer...”

Edwin acenou com a mão. “Claro”, respondeu solenemente. “Você pode me dizer o que quiser... sempre que quiser. Não precisa se segurar; apenas tire isso do seu peito.”

Os olhos de Jane procuraram seu rosto. “Você promete?”

“Prometer o quê?”

“Não... não deixar de ser meu amigo?”

“Sim, claro, eu prometo.”

Jane Hudson abriu as mãos sobre a mesa em um gesto de decisão, e, quando olhou para ele, seus olhos pareciam ter uma expressão de absoluta sobriedade. Preparando-se para o que estava prestes a dizer, umedeceu os lábios nervosamente com a língua. E então, naquele momento, aconteceu. O barulho. Um som calamitoso e esmagador quase diretamente acima deles. Edwin, assustado, deu um pulo, derrubando a cadeira atrás de si. Por um instante, ele olhou para o teto, depois para o rosto pálido e alterado de Jane.

“Meu Deus!”, disse ele, “o que foi isso?”

**O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
BABY  
JANE?**

15

Jane balançou a cabeça, aparentemente sem entender. “O que aconteceu?” Edwin virou-se desengonçado em direção ao corredor. “Quem está lá em cima?”

“Ninguém! Edwin...!”

Em um instante, Jane se postou ao lado dele, segurando seu braço com força. Edwin olhou para seu rosto pálido, sentindo um tremor passar pelo corpo dela. Alguma comunicação muito urgente e terrível pareceu ocorrer entre os dois. O que pretendia dizer antes do estrondo? Ela esteve à beira de algum tipo de confissão? Virando-se para o corredor escuro, ele se desvencilhou de Jane.

“Vou subir e dar uma olhada.”

“Não!” Depois de um momento de hesitação, ela foi rapidamente atrás dele. “Não! Edwin... não é nada!”

Ele seguiu pelo corredor, cambaleando pela escuridão até a sala de estar, e então até a escada, os passos pesados pela bebida. Jane disparou atrás dele, segurando novamente a manga de sua camisa.

“Edwin... me escute!”

Em vez de se intimidar com as objeções de Jane, ele agarrou o corrimão e começou a subir. No topo da escada, parou e esperou que ela o alcançasse.

“Edwin...”



“Acenda as luzes.”

“Edwin, por favor, me escute...”

“Acenda as luzes”, disse Edwin com uma autoridade rude nascida basicamente da bebida. “Acenda, caramba!”

Então ela se afastou, obediente, e escutou-se o clique de um interruptor. Os bulbos em forma de chama nos suportes de ferro forjado, idênticos aos da sala de ensaios, se acenderam com um brilho alaranjado e empoeirado. Ao longo da parede, as pinturas se iluminaram com um brilho oleoso e úmido. Jane Hudson voltou-se para ele e seu rosto parecia amarelado e doentio.

“Volte para baixo”, implorou ela. “Por favor... me deixe contar primeiro.” Ele se virou para ela ameaçadoramente, satisfeito com sua reação de medo. “O que está acontecendo aqui?”, perguntou Edwin. Seguindo a direção do olhar dela, ele se dirigiu para a entrada do corredor.

*“Edwin!”*

Houve tanta intensidade em seu grito que ele parou e, com um leve sentimento de desânimo, olhou para Jane. Por um instante, seus olhos se encontraram e se detiveram, e então ela sacudiu a cabeça em mudo desespero. Naquele momento, Edwin desejou não ter vindo, não ter insistido em subir aquela escada. E então as palavras saíram da boca de Jane, numa onda que não seria detida.

“Ela ia me colocar para fora... para fora de casa... sozinha...” Ela começou a soluçar, como se lhe contasse algum sofrimento terrível. “Eu... eu não sabia o que fazer. Ela me odeia! Ela acha que eu não sei, mas eu sei. Sempre me odiou... mesmo quando éramos pequenas... quando éramos crianças. Todos esses anos...” Ela parou de repente, olhando para ele, piscando entre as lágrimas. “Edwin...?”

Edwin apontou com a cabeça em direção ao corredor. “Sua irmã?”

Por um momento mais ela continuou a encará-lo e então, derrotada, confirmou. “Sim. Blanche... Ela está lá dentro. Mas está tudo bem...”

“Lá dentro?” Compelido agora, mesmo contra sua vontade, a participar desse momento até o fim, Edwin caminhou na

escuridão em direção à porta fechada.

“Mas está tudo bem agora”, disse Jane. “Você não está entendendo.” Edwin estendeu a mão e tentou abrir a porta. “Está trancada”, disse ele. Ele se virou para ela, olhando para seu rosto assustado. “Você a trancou, não é?”

Jane concordou com a cabeça. “Você disse que seria meu amigo... Você prometeu...” Edwin estendeu a mão bruscamente. “Onde está a chave?”

Jane deu um passo vacilante para trás. “Não”, disse ela, balançando a cabeça. “Não!”

Edwin olhou para ela, pensando no quanto se parecia com Del ali, no escuro, com aquela expressão de perplexidade ferida em seu rosto velho e idiota. Em uma explosão de raiva, ele a agarrou pelos ombros e começou a sacudi-la. “Me dê a chave!”, gritou. “Me dê a chave!” Como em um pesadelo, ele viu a cabeça de Jane balançando diante de si e ouviu o suspiro sufocado de sua voz.

“Edwin... não faça isso!”

Ele a soltou e estendeu a mão novamente. “Me dê a chave!”

Jane assentiu, ainda ofegante. “Sim”, sussurrou ela. “Está no meu quarto...”

Edwin a seguiu, observando da porta Jane apanhar a chave na gaveta da escrivaninha e trazer de volta para ele.

“Muito bem.” A raiva dele desapareceu de repente, deixando-o esgotado e indisposto. Ainda assim, agora que tinha a chave, ele precisava continuar. “Muito bem”, repetiu ele, e voltou para o corredor.

Ao ouvir o som da chave tocar a fechadura, Blanche se ergueu na escuridão, esforçando-se para encarar a porta. Ela havia ganhado! Seu coração batia descontroladamente com a maravilhosa certeza de que finalmente conseguira ajuda. Um momento antes, ouvindo sem fôlego as vozes do lado de fora de sua porta, ela só conseguia rezar e esperar. Mas agora ela sabia!

A chave girou na fechadura e a porta se abriu. Ainda com muito esforço, ela só conseguia ver um fraco feixe de luz sobre o

carpete, interrompido por uma grande sombra que se alongava. Mas então olhou para cima e o viu lá na porta: uma silhueta forte, imponente, enorme. Precisava falar; tinha que fazê-lo entender o que significava para ela o fato de ele ter vindo.

“Graças a Deus!” Ali na escuridão, sua voz era apenas um sussurro seco, tão fraco que ela não estava certa de que ele tinha ouvido. “Graças a Deus você veio...”

Lágrimas começaram a escorrer incontrolavelmente por seu rosto, lágrimas de gratidão e alívio. O vulto na porta se moveu ligeiramente. Mas não entrou.

Com um tremor de apreensão, Blanche levou a mão ao peito, observando. Um momento se passou, e então o homem se moveu novamente, tateando a parede em busca do painel que continha os interruptores de luz. Quando o encontrou, ouviu-se um clique fraco e uma luz forte veio do teto, obrigando Blanche a fechar os olhos. Houve um momento de silêncio e, depois, o homem deu um nítido grunhido de prostração.

Abrindo os olhos com dificuldade por conta da claridade, Blanche olhou para ele. Estava parado perto da porta, olhando para ela com uma expressão estupefata de horror. Piscando furiosamente contra a luz, tinha apenas uma vaga impressão de sua aparência: era robusto, a testa brilhando pela transpiração. Ela se esforçou para se apoiar nos cotovelos.

“Me leve embora... para longe daqui...”, disse ofegando. “Por favor... por favor!”

Blanche esperou, mas ele continuou parado. Quando sua visão ficou mais nítida, olhou com atenção para o seu rosto e viu que ele estava paralisado pelo choque. Mas então sua expressão mudou e se tornou uma repulsa doentia. Deu um passo vacilante para trás em direção ao corredor, e sua mão se estendeu novamente, de forma mecânica, para o interruptor de luz.

“Por favor!” Blanche sussurrou com medo. “Oh, por favor!”

O interruptor fez um clique, e a escuridão caiu sobre ela com o impacto entorpecedor de um golpe físico. O homem na porta era mais uma vez apenas uma silhueta enorme e sem rosto.

“Não!”, gritou ela. “Não!” Ela tentou em vão empurrar seu corpo para a frente pela cama. “Não me deixe aqui! Não...!”

Por mais um instante, o homem ficou parado ali na porta, como se estivesse indeciso. E então, fazendo um som como se fosse vomitar, ele se virou e esticou a mão para a porta.

“Não!”, gritou Blanche, sua voz não mais do que um leve suspiro agora, até para si mesma. “Não, não. Você não pode fazer isso!”

A porta se fechou abruptamente, e ele se foi. Em seu lugar ficaram apenas a escuridão e o impacto pungente do que havia acontecido. Ela ainda tentou se esticar em direção à porta, e então se virou, pressionando o rosto com força na roupa de cama amarrotada.

“Oh, por favor!”, soluçou, “por favor... por favor!”

Trêmulo, Edwin afastou-se da porta e estendeu a mão para a parede. Por um momento, não conseguiu falar ou fazer qualquer outro movimento. Era um pesadelo além da imaginação, a súbita visão daquele rosto pálido e devastado, com seus olhos afundados, seus cabelos brancos emaranhados, seus lábios azulados e sem vida puxados para trás sobre os dentes em uma careta horrível de súplica. E o corpo retorcido e atrofiado em sua camisola amassada. E a voz seca e sussurrante... a voz de uma pessoa morta... ou de alguém próximo da morte.

Não poderia continuar olhando para ela nem mais um minuto. Não poderia ter ido até ela e a tocado nem se sua própria vida dependesse disso. Era muito horrível, muito repugnante. Ele se virou, tomado por uma nova sensação de náusea, e saiu para o corredor. Passos ecoaram atrás dele, que olhou em volta e viu Jane Hudson emergindo das sombras.

“Eu não podia confiar nela”, disse Jane. “Eu cuidei dela todos esses anos... todos esses anos... e ela só queria... só queria se livrar de mim... se afastar de mim. É só por mais alguns dias... até amanhã... ou o dia seguinte...”

Edwin virou-se e se afastou. Indo até o topo da escada, segurou a coluna em busca de apoio. O suor em sua testa, captando a luz dos globos alaranjados, brilhava como gotas de bronze polido. Ele ficou ali, esperando que o enjoo passasse.

Tudo o que queria agora era estar longe dali, longe da terrível e arrasadora realidade do horror que acabara de ver naquele quarto. Ele olhou para Jane, seus olhos escuros de ódio.

“Sua própria irmã!”, ele conseguiu dizer.

“Você não entende!”

“Isso é horrível... *horrível!*”

Jane esticou a mão para ele. “Não”, ela implorou. “Não fique do lado dela. Todo mundo sempre, sempre faz isso. Você não sabe...”

Edwin endireitou-se, olhando para ela com perplexidade. “Você é louca”, falou ofegando. “Você é louca...”

Jane balançou a cabeça. “Você é meu amigo”, protestou, “meu amigo... e você prometeu...!”

Tremendo, Edwin virou-se para a escada. “Eu quero sair daqui.” Fugindo da mão estendida de Jane, ele desceu os degraus.

“Aonde você vai?” Ela se aproximou, seguindo-o. “Edwin...?”

Inalterado, ele continuou até a sala de estar e dali para a porta da frente.

“Não me deixe aqui sozinha!”, gritou ela. “Eu não vou aguentar se você fizer isso! Edwin... você não pode me deixar sozinha, não pode! Não posso ficar sozinha agora... você não entende...”

Edwin abriu a porta e, quando ela tentou alcançá-lo, ele parou e a olhou.

“Afastese de mim”, disse ele com repulsa. “Afastese!” Depois que foi embora, Jane ficou olhando para a porta fechada, desiludida e aturdida. Ele tinha fingido ser tão bom, tão amável; tinha fingido ser seu amigo. E então percebeu: ela o odiava... *odiava!* Virando-se, lançou seu olhar até a escada, em direção à galeria e ao corredor escuro. Seu rosto se contorceu e então, com um soluço tímido e sufocado, ela começou a chorar.

O choro, no entanto, durou apenas um instante, pois então, de repente, ela viu o terrível perigo do que havia acontecido. Edwin a vira — ele sabia — e revelaria tudo! Provavelmente estava a caminho da delegacia neste exato momento! Ela soltou um pequeno lamento de terror. Precisava impedi-lo! Precisava ir

atrás dele e encontrá-lo. Ela correu convulsivamente em direção à porta.

Assim que tocou a maçaneta, ela se afastou novamente. Ele fora embora havia muito tempo; ela nunca seria capaz de alcançá-lo a pé. Seria mais seguro ir de carro. Se ao menos pudesse encontrá-lo e fazê-lo entender... se pudesse convencê-lo a voltar para casa com ela... A chave. A chave do carro estava no seu quarto, no andar de cima. Ela teria que correr... depressa...!

Edwin, ao sair da casa das Hudson, desceu a rua às cegas, passou pela luz suspensa no cruzamento e seguiu pela escuridão. Passando por várias casas, chegou a um segundo cruzamento iluminado, e começou a seguir a rua em uma curva descendente acentuada. Dominado, naquele momento, por uma sensação arrebatadora de fraqueza, ele parou. Indo até a pequena barreira protetora de pedra que se estendia por toda a curva, resolveu se sentar.

Distraidamente, olhou para o abismo negro depois do muro. Nunca havia sofrido um choque como este; ele nunca fora confrontado de maneira tão brutal com a dura e hedionda realidade. Quando o rosto esquelético e suplicante de Blanche Hudson reapareceu em sua mente, ele se esforçou para apagá-lo. Não pensaria nisso de novo. Não podia suportar — ainda não.

Ficou sentado ali, olhando para a escuridão abaixo, seus pensamentos misturados, incertos e descontrolados. No momento, sabia apenas uma coisa: daquela noite em diante, jamais conseguiria pensar em Jane Hudson ou em sua irmã sem experimentar mais uma vez a mesma náusea terrível que sentia agora.

# O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

16

O olhar de Jane se projetava pelo para-brisa seguindo o avanço dos faróis. Ao mesmo tempo, resistia conscientemente ao impulso de dirigir com mais rapidez, com medo de não vê-lo no escuro. Ele poderia estar escondido nas sombras profundas de um dos lados da rua, tentando fugir dela. Jane se inclinou para a frente sobre o volante, os olhos atentos em busca da figura desajeitada.

E então, quando passou por baixo da segunda luz da rua e guiou o carro até a curva, ela o viu. De costas para a rua, estava sentado no muro, apoiando-se sobre ele com as duas mãos. Fitava a escuridão do outro lado, de cabeça baixa. Jane sentiu de novo a rápida reviravolta interna que sentira em casa devido à traição de Edwin; sua visão ficou turva de raiva, e seu pé, quase que com vontade própria, pressionou o acelerador. Mirando agora a figura encolhida sobre o muro, os faróis apontaram em sua direção.

Ao ouvir o som do motor, o gemido de sua aceleração repentina, ele olhou para trás. Jane viu, enquanto ele se virava, que seus olhos estavam arregalados de susto. Edwin piscou furiosamente contra o brilho forte dos faróis e ela se perguntou se ele tinha percebido o que estava prestes a lhe acontecer. Seus lábios se separaram em uma tentativa infrutífera de gritar; estava obviamente paralisado pelo medo.

E então começou a se movimentar de maneira convulsiva. Balançando-se para trás, ele subiu no muro, como uma criança gorda e desajeitada, afastando-se instintivamente do perigo. Jane pisou no acelerador com ainda mais força, e o carro quase pulou diretamente sobre ele. Edwin olhou para trás, com medo, e, nesse instante, mesmo através da luz penetrante, seus olhos pareceram se encontrar. Contudo, outro rosto pareceu surgir diante de Jane, um rosto igualmente corroído de medo, apanhado pela iluminação intensa de outros faróis. Os portões repentinamente estavam lá, pairando à sua frente, os portões altos com desenhos intrincados... os mortíferos portões. Com um grito abafado, ela apertou com força o pé no freio.

Com o barulho violento dos freios em seus ouvidos, ela viu Edwin recuar ainda mais no muro, seus olhos vidrados e enormes. E então tudo mudou. Os freios estavam em silêncio, mas os gritos continuaram — só que agora vinham de Edwin. E ele estava caindo, com os braços abertos contra a noite. Por um momento, parecia estar quase suspenso na escuridão, e então mergulhou e desapareceu do outro lado do muro. Depois disso, houve um silêncio tão completo que por um momento o mundo inteiro tinha ficado inerte.

Ela ficou sentada ali, incrédula, olhando para o ponto na escuridão em que vira Edwin pela última vez. Não podia acreditar que aquilo realmente tinha acontecido. Não queria que acontecesse; sabia disso agora. Não importava o quanto estivesse zangada ou assustada, não queria realmente machucá-lo. Um som veio de algum lugar atrás de Jane, um grito, a batida de uma porta. Ela se virou para olhar pela janela traseira, tensa. A luz de uma varanda foi acesa, uma pessoa apareceu em uma porta iluminada. Havia som de vozes, indagando, preocupadas.

Percebendo que havia desligado o motor, ela rapidamente engatou a marcha e tentou ligar o carro. Foram necessárias três tentativas para que conseguisse dar a partida e, a essa altura, podia ver pessoas começando a se materializar vagamente na rua atrás dela. Após engatar a ré, acelerou o carro para a frente e para longe do muro, em uma manobra curta e barulhenta. Em resposta, uma voz gritou de algum lugar, e, ao olhar pelo



retrovisor, viu um homem acenando enquanto corria atrás do cupê de Jane.

Os faróis, cortando o escuro, atingiram a sombra de uma mulher que subia correndo a colina. Quando o carro acelerou, a mulher recuou depressa até o meio-fio e esperou que ele passasse. Para Jane, em seu atual estado de pânico, o rosto da mulher era apenas uma bolha esbranquiçada e sem feições que apareceu repentinamente na escuridão e depois retornou como um borrão.

Passando diante da casa das Hudson e pelo círculo de luz no cruzamento, ela ouviu vozes lá embaixo e olhou naquela direção. Então viu um homem aparecer na rua, alguns metros à frente, e começar a descer em direção à curva.

“O que foi?”, gritou a sra. Bates. “O que aconteceu?”

O homem parou e olhou para trás. Era o sr. Junquist, o empreiteiro que morava nas proximidades. “Não sei”, respondeu ele. “Um acidente, pelo jeito que soou. Na curva. Ali é um lugar terrível. Nós batemos lá há pouco menos de um ano.”

“Ah, meu Deus!”, disse a sra. Bates, aproximando-se dele. “Então deve ter sido a srta. Hudson...”

Quando eles começaram a descer a colina juntos, o sr. Junquist se virou para ela. “Jane Hudson?”, perguntou. “Como assim?”

A sra. Bates evitou o olhar dele, subitamente envergonhada: não queria que pensasse que ela passava o tempo espionando os vizinhos. Na verdade, foi apenas por puro acaso que vira o cupê das Hudson atravessar o cruzamento na direção da curva; a sra. Bates fora até a casa de Harriett e, ao ver que a amiga saía, estava retornando para casa naquele instante.

“Bem...”, disse ela, insegura, “não tenho certeza. Ouvi um carro sair daqui há pouco tempo. Acho que apenas supus... não sei...”

Várias pessoas já haviam se reunido na curva antes que eles chegassem lá. Um homem iluminava com uma lanterna um conjunto de marcas negras de pneus no asfalto.

“Acho que foi por um triz”, disse ele. “Um alarme falso.”

“Graças a Deus”, respirou aliviada a sra. Bates.

“Mas eles certamente saíram queimando os pneus.”

Uma mulher de avental assentiu, concordando. “Deve ter sido uma pessoa que não conhecia bem a rua. Quem mora aqui não faria essa curva tão rápido. Eu com certeza não.” Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. “Mas é engraçado. Alguém gritou como se estivesse realmente ferido.”

“Crianças, provavelmente”, disse de maneira sombria o homem com a lanterna. “Só uma turma de garotos loucos.”

“Bem”, disse a sra. Bates, “contanto que ninguém tenha se machucado.”

“Isso mesmo”, concordou o sr. Junquist. “De qualquer forma, eu precisava desse exercício.”

Quando ele se virou para ir embora, a sra. Bates o seguiu. Ao mesmo tempo, no entanto, um som chegou fraco aos seus ouvidos, e ela parou.

“Escutem!”, disse ela bruscamente para os outros. “Shh!”

Todos se viraram para ela. Seus olhos refletiam o brilho fraco da lâmpada da rua acima. Houve um momento de silêncio.

“Você não ouviu alguma coisa?” A sra. Bates olhou para o sr. Junquist. “Tenho certeza de que escutei um barulho.” Mais uma vez, levantou a mão pedindo silêncio, e, depois de um momento, o som voltou, distante, um gemido de dor. “Ali! Eu bem que disse... vem de algum lugar ali embaixo!”

Em conjunto, todos se aglomeraram rapidamente em volta do muro, inclinando-se para olhar o barranco escuro. O homem com a lanterna a acendeu, direcionando seu pálido feixe de luz para o penhasco logo abaixo. O som veio de novo, e ele virou o feixe para a esquerda. A sra. Bates, encostada no muro, deu um fraco grito e apontou.

“Ali! Ele está ali!”, berrou então.

Quando o círculo de luz se centrou vagamente na figura abaixo, ela se virou para erguer o corpo dolorosamente, em uma posição meio sentada. Ao mesmo tempo, olhou na direção deles, mostrando um rosto branco com todo o lado esquerdo tomado

por uma mancha vermelha. A sra. Bates virou-se rapidamente para os outros.

“Temos que ajudá-lo!”

“Eu sei como posso chegar lá.” Era o homem com a lanterna. “Aqui, alguém segure isto aqui para mim.”

A sra. Bates virou-se lentamente, olhando de volta para onde ela sabia que estavam as marcas negras de pneus no asfalto. Depois de um momento, seus olhos, assombrados por uma tenebrosa especulação, ergueram-se na direção da casa das Hudson. Quando ela deixou o muro e começou a subir a rua, uma voz gritou atrás dela.

“Quer que eu vá com você?”

Era o sr. Junquist, mas a sra. Bates sacudiu a cabeça. “Não precisa”, disse ela. “Fique e veja se pode ajudar. Acho que alguém deveria chamar a polícia.”

Jane estacionou o carro na garagem, desligou o motor e saiu. Ao dar a volta na colina, ela pôde retornar por uma rota oposta àquela da curva. Ao sair para a rua, ela ouviu vozes lá embaixo e parou.

O que eles haviam descoberto? Eles já o haviam encontrado? Ela sabia que era mais sensato ficar longe, mas precisava saber... precisava. Buscando as sombras próximas ao muro, ela se moveu com lentidão em direção ao círculo de luz no cruzamento.

Ao alcançar a borda externa da luz, ela parou de novo e escutou. Alguém estava gritando alguma coisa, dando instruções. De onde estava, porém, era impossível ver qualquer coisa. Por um instante, ela hesitou, dizendo a si mesma que deveria se esconder logo na casa. E ainda assim foi incapaz de se afastar. Depois de um momento, voltou a avançar, com cautela, para a luz. E então tropeçou quando um vulto saiu com rapidez de um ponto oposto na escuridão e acelerou em direção a ela.

Após a mútua surpresa e o reconhecimento, as duas mulheres estacaram. Por instantes, simplesmente ficaram ali, na fraca arena da luz, olhando uma para a outra, consternadas e

sem palavras. A sra. Bates foi a primeira a se mover e falar. Sob a influência do choque dos últimos minutos, ela ergueu a mão em um gesto melodramático de acusação e apontou para o morro abaixo.

“Você fez aquilo!”, disse ela com aspereza. “Você é a responsável! Você deveria estar nas mãos da polícia!” De repente, ficou pálida. Chocada com suas próprias palavras, ela se virou e correu para a escuridão.

“Não!”, gritou Jane, olhando para ela. “Não!” Em algum lugar na escuridão, os passos da sra. Bates hesitaram, vacilantes, e pararam. “Eu não quis fazer isso!” Estendendo a mão em um gesto de súplica, Jane começou a caminhar. “Você não entende...!”

“Não se aproxime”, gritou a sra. Bates. “Fique longe de mim!” E seus passos recomeçaram, correndo.

Jane permaneceu onde estava, o olhar fixo no vazio, em absoluta desolação. E então concluiu: a sra. Bates sabia. Ela *sabia!* Estava sempre por perto, bisbilhotando. Na noite em que saiu com o corpo da sra. Stitt na cadeira de rodas... Ela olhou com sofreguidão ao redor, como se sentisse um irresistível perigo se aproximando. Virando-se, ela começou a andar na direção da casa.

“Blanche!”, gritou ela, sua voz fina de medo. “Ah, Blanche!...”

**3**

# O QUE TERÁ ACONTECIDO A **BABY JANE?**

17

Desde que saíram, Blanche havia cochilado duas vezes — ou perdido a consciência —, de modo que não fazia ideia de onde se encontravam agora ou há quanto tempo estavam na estrada. Apenas a umidade do ar e o aumento do frio a faziam pensar que já era muito, muito tarde.

Tudo parecia uma parte de alguma aventura tragicômica, Jane lhe colocando seu casaco e seus sapatos com uma pressa desesperada, carregando-a escada abaixo, deixando-a lá jogada no último degrau enquanto buscava a cadeira de rodas dobrável. Estranhamente, tudo havia passado em silêncio. Nenhuma explicação foi dada; não houve nenhuma troca de palavras entre elas desde então.

No início, tinha ficado muito deslumbrada com as luzes coloridas da cidade e dos carros em movimento para notar qualquer outra coisa. Mas depois, apesar da fraqueza e do cansaço, percebeu que tinham passado duas vezes pelo mesmo caminho, e constatou que embarcaram nessa viagem curiosa pela noite sem nenhum destino predeterminado. Jane estava fugindo às cegas, evidentemente em meio a algum medo irracional. Tudo havia sido precipitado, é claro, pela estranha visita do homem ao quarto de Blanche. Tinha acabado de começar a pensar sobre isso quando adormeceu pela primeira vez...

Agora, despertando de seu segundo lapso de consciência, a primeira coisa que notou foi um silêncio assustador. Seu corpo estava rígido por ter permanecido muito tempo na mesma posição desconfortável, e, quando alcançou a janela para se levantar, o deslocamento trouxe uma pontada aguda de dor. Conseguindo se erguer um pouco, ela olhou para a escuridão e viu o que parecia ser vagamente a parede branca de um pequeno edifício. Foi então que notou que o carro não estava mais em movimento.

Ela olhou em volta e percebeu, surpresa, que estava sozinha. Jane fora embora e a deixara! As janelas do carro estavam fechadas e as portas, trancadas. Ela se virou novamente para a janela, com as primeiras sensações de uma ansiedade real.

Ouviu passos do lado de fora. Ela logo se virou quando uma chave tocou a fechadura da porta do lado oposto.

A porta se abriu, e Jane, emoldurada indistintamente pela noite, entrou e olhou para ela. Da negra distância da noite vinha um som, um barulho suave e sussurrante que parecia estranho e familiar ao mesmo tempo. Quando Jane falou, sua voz estava tranquila, desprovida de qualquer tom emotivo.

“Você acordou.”

Blanche não respondeu. Ciente de uma forte brisa entrando no carro, sabia que estavam perto do mar. O som, então, era das ondas quebrando. Jane olhou por cima do ombro para a escuridão.

“Eu estava caminhando... na areia.” Sua voz ainda continha uma nota de desapego, como se estivesse falando, na verdade, para si mesma. “É agradável...”

Blanche assentiu, ansiosa, de repente, para deixá-la feliz, imaginando por que estava tão assustada por terem vindo para a praia.

“A água tem luzes no escuro”, murmurou Jane. Blanche hesitou e depois, numa atitude de súplica final, inclinou-se, tensa, para a frente. “Por favor, Jane”, implorou, “por favor, me leve para casa! Estou tão cansada... tão cansada...”

Por um longo momento, Jane ficou em silêncio, olhando para a noite, e Blanche se perguntou se ela ao menos tinha ouvido.

Então, de repente, Jane se virou, buscando o olhar da irmã.

“Você deveria ver o mar, Blanche”, disse ela. “Você costumava gostar...”

Blanche já tinha desabado novamente no banco e fechado seus olhos, sentindo-se derrotada. O ruído interminável das ondas ecoava fatalmente no fundo de sua consciência.

“Sim, Jane”, sussurrou ela finalmente, “sim...”

*Oh, Senhora Manhã,  
Aí na colina,  
Venha da noite,  
Com o passo bem quieto.  
Sua voz é o canto dos pássaros,  
Tão feliz, tão alegre.  
Oh, Senhora Manhã,  
Eu te desejo um bom-dia!*

Abrindo os olhos, Blanche olhou para um mundo de irrealidade cinzenta. Em algum lugar além da névoa flutuante, havia um barulho suave. E então se lembrou. O mar. Ela moveu a mão por baixo do cobertor que a cobria e sentiu a areia.

*Oh, Senhora Manhã...*

Era um poema infantil que ela e Jane aprenderam quando crianças. Sua mãe lhes havia ensinado a declamar, alternando suas vozes suavemente para não quebrar o ritmo. Durante anos tinha sido um ritual diário para elas recitar o poema para sua mãe logo de manhã, quando entrava no quarto delas para acordá-las. Mas isso foi há muito, muito tempo. Blanche piscou os olhos, tentando clarear o embaçamento do sono. Ela e Jane tinham acabado de recitar o poema? Ou isso aconteceu apenas em sua mente? Sentindo um movimento à sua direita, ela olhou e viu Jane sentada ao seu lado, olhando para a névoa através de pálpebras quase fechadas.



Blanche se virou; estava com frio, e o cobertor parecia pesado e úmido sobre seu corpo. Por quanto tempo, ela se perguntou, esse horror poderia continuar? Quanto mais disso suportaria? Esses lapsos, tinha certeza agora, não eram sono, mas inconsciência. Talvez da próxima vez ela simplesmente caísse adormecida para nunca mais voltar. Talvez fosse melhor assim, mais misericordioso. As lágrimas fustigavam seus olhos, mas então um novo som chegou aos seus ouvidos, e, piscando, ela olhou para o cinza.

Alguém estava vindo na direção delas, correndo. Blanche tinha acabado de perceber isso quando uma figura apareceu repentinamente em meio à névoa, um homem magro, musculoso, bronzeado, vestindo apenas uma sunga branca. No momento em que apareceu, já estava quase em cima delas; um jato de areia atingiu o cobertor de Blanche quando ele parou abruptamente a menos de um metro de distância. Ele a observou, e então moveu o olhar para Jane, surpreso e espantado. Sua expressão seguinte foi de completo aborrecimento. Ele flexionou as pernas e os ombros em uma demonstração inconsciente de sua impaciência.

“Desculpe”, disse ele, com secura. “Não costuma vir ninguém aqui a esta hora.”

Blanche lutou freneticamente para se levantar. Precisava dizer alguma coisa — qualquer coisa — para detê-lo!

“Por favor...!”, conseguiu falar, fracamente.

Mas o cobertor a derrotou; seu peso parecia sufocar o ar de seus pulmões enquanto lutava contra ele. Antes mesmo que se levantasse sobre um cotovelo, o homem se virou e correu novamente para a névoa.

Desesperada, ela afundou novamente na areia, e de novo escutou o som surdo dos passos do homem, desaparecendo rapidamente no som das ondas.

Enquanto esperava o café ficar pronto, Paul Singer abriu as persianas das janelas da copa e olhou para a praia. A névoa estava começando a se erguer de verdade agora; era possível

começar a enxergar o cinza mais profundo do oceano além da linha da praia.

No que dizia respeito a ele, no entanto, não se importava se a neblina permanecesse assim o dia todo. O nevoeiro não era um problema num domingo; era uma boa desculpa para simplesmente ficar deitado preguiçosamente. Além disso, ele e Kath tinham recebido amigos da cidade que ficaram até depois das três da madrugada, e quando sua cabeça se sentia como a dele esta manhã, um belo dia sem sol era exatamente o que o médico receitava.

Porém, é óbvio, não seria assim; os Martin deveriam vir à tarde para tomar alguma coisa. Este era o único problema em ter uma casa de fim de semana na praia: você tinha que pedir a todos para ir embora. Um som borbulhante saiu da cafeteira no fogão, e ele se virou. Mas não tão rápido a ponto de não notar as duas mulheres na areia.

Ele se virou e olhou para fora novamente. Na verdade, através do nevoeiro, apenas uma delas estava ligeiramente visível, uma figura baixa e gorda, parecia, vestindo um casaco azul chamativo. A outra, aparentemente deitada, estava quase totalmente escondida. Havia algo surpreendente na visão das duas mulheres ali na névoa, algo bizarro. Ele ficou por quase dois minutos inteiros olhando para elas antes de se dirigir para o fogão.

Olhou para o relógio na prateleira. Quase dez horas. Nesse ritmo, então, o nevoeiro deveria se dispersar por volta do meio-dia. Ele levou seu café de volta para a mesa e, quando se sentou, olhou de novo para as duas figuras encolhidas na areia, agora quase completamente escondidas por trás de uma camada de neblina. Seu olhar se desviou em direção à estrada, ao ver de relance um cupê cinza estacionado perto da garagem. Obviamente, as mulheres tinham saído da cidade sob sua própria névoa.

Ficou imaginando por que acabaram chegando aqui em uma hora tão curiosa. Eram turistas, provavelmente de fora do estado, não familiarizadas com os caprichos do clima da praia. Ainda assim, era estranho que ninguém as tivesse avisado. Pegando

seu café, ele o bebeu com cuidado e tirou as duas mulheres da cabeça. Daria apenas mais dez minutos de sono a Kath e então iria acordá-la.

Não se importava em preparar seu próprio café, mas a comida — esse era um assunto inteiramente diferente.

O sol, quando finalmente queimou a última névoa, desabou na areia com uma intensidade desenfreada. Blanche podia sentir o rastro do suor em seu couro cabeludo enquanto ele se acumulava e escorria por baixo de seus cabelos. Jane envolvera o cobertor em volta dela com tanta força que Blanche não conseguia se livrar dele, e mesmo atrás de suas pálpebras fechadas o sol queimava com um brilho tão ardente que se tornava quase insuportável. Ela, no entanto, não queria acordar Jane, que enfim sucumbira à exaustão e havia adormecido.

Com a chegada do sol, também surgiu a multidão dominical na praia — quase, ao que parecia, com a mesma rapidez milagrosa. Havia grupos de famílias munidos de guarda-sol e cesta de piquenique, grupos de jovens fazendo barulho e rindo, usando trajes de banho diminutos e chapéus de palha extravagantes. E os vagabundos predadores de cabelo sebooso que perambulavam no meio da multidão com uma preocupação sinistra, os valentões agressivos e os solitários à procura da alma gêmea. A maioria chegou cedo para garantir um lugar perto da água. Apenas dois pequenos grupos se acomodaram perto de Blanche e Jane. Um deles, poucos metros à direita, era formado por um jovem casal, uma dupla saudável e de aparência tranquila, e seus dois filhos, uma menina por volta dos dois anos e um bebê em um berço portátil. Depois de estender uma manta grande e colorida, a jovem mãe deu à menina um balde de brinquedo e uma pá, depois dividiu o jornal de domingo com o marido e sentou-se para ler. O segundo grupo, à esquerda, era composto por três garotas entrando na adolescência, de pele escura e sorridentes; quando chegaram, prontamente se esticaram sobre enormes toalhas de praia e viraram o rosto para

o sol. Como Jane continuava a dormir, Blanche prestou atenção a esses dois grupos com muita curiosidade.

Uma única vez, uma das garotas, uma jovem bonita, com enormes olhos escuros e usando um biquíni amarelo-brilhante, olhou na direção de Blanche. Mas então, ao encontrar um olhar nervoso, rapidamente olhou para longe, antes que Blanche pudesse fazer qualquer movimento para chamar sua atenção. Então, sentindo uma agitação ao seu lado, Blanche virou-se e viu Jane sentada, espreguiçando-se, piscando furiosamente contra o sol. Com uma leve expressão de quem acaba de se lembrar de uma inquietação, Jane olhou em volta, abaixando os braços rapidamente. Ao ver Blanche, balançou a cabeça, como se estivesse se tranquilizando.

“Está quente”, disse Jane com uma voz fraca. “Eu tiro o cobertor, se você quiser.” Enquanto ela fazia isso, Blanche a observou, tentando encontrar em sua expressão retraída alguma pista sobre seus pensamentos. Ao mesmo tempo, Blanche resistiu ao impulso de pedir novamente para ser levada para casa. Jane, agora que havia acordado, parecia triste e depressiva. Ela dobrou o cobertor em um quadrado compacto, e o colocou sob a cabeça de Blanche, como um travesseiro.

“Você deve estar com sede”, disse ela numa espécie de gentileza cansada. Examinando a praia, voltou o olhar para a subida em direção à estrada. “Tem uma barraca de bebidas ali.” Levantou-se e limpou a areia do casaco distraidamente. “Vou comprar alguma coisa para você.”

Virando a cabeça no cobertor dobrado, Blanche observou o progresso de Jane enquanto ela se dirigia para a barraca. Uma figura triste e derrotada, uma velha que viveu os anos vazios de uma vida que havia acabado, na verdade, quase antes de começar. Dois jovens, gritando de maneira desagradável, passaram pela linha de visão de Blanche, e ela olhou de volta para o trio de garotas. Levantou a mão para chamar sua atenção, porém, ao mesmo tempo, uma delas pegou um rádio portátil de sua maleta de couro e ligou-o. Sob o som do jazz estridente, Blanche se virou.

Observando o jovem casal com os filhos, tentou pensar em alguma maneira de chamar sua atenção. Ela esperou, encarando-os pacientemente, mas eles permaneceram virados de costas, atentos à sua leitura. Sabendo que o tempo estava passando depressa, ela voltou a olhar para as meninas, levantou a mão e acenou.

“Senhorita!”, chamou Blanche, tentando em vão levantar a voz acima do barulho da música. “Moça, por favor...!”

Continuou a acenar para elas, centrando sua atenção na garota de biquíni amarelo. Ocorreu-lhe que Jane pudesse estar olhando de longe, mas não se importava. Mantendo os olhos na garota, ela se esforçou para se levantar e sentar. De repente, como se forçada pela intensidade do olhar de Blanche, a garota se virou e olhou bem em sua direção.

Logo Blanche encontrou e prendeu o olhar da garota ao seu, e acenou para ela. A garota devolveu o olhar com surpresa, quase assustada, insegura, e depois se virou para as companheiras. Blanche observou, sua respiração virando suspiros rápidos de ansiedade.

Depois de uma breve conversa com as outras duas, a garota olhou para trás novamente. Blanche acenou com mais insistência. Houve uma troca de olhares e então, enquanto suas amigas observavam com uma desconfiança escancarada, a garota levantou-se com relutância e começou a caminhar.

Quando chegou a alguns metros de distância, ela parou e olhou seriamente para Blanche, pronta, parecia, para fugir a qualquer momento. Blanche podia entender a relutância da garota; sabia que coisa horrorosa e desconcertante ela deveria parecer para essa jovem e saudável criatura. A moça fez um leve movimento com a cabeça, como se em negação, mas depois, mordendo o lábio, perplexa, permaneceu onde estava. Blanche, em um esforço para tranquilizá-la, tentou sorrir.

“Me escute”, sussurrou ela com grande dificuldade. “Você deve ouvir com atenção...”

Em um esforço óbvio para ouvir, a garota franziu a testa. Ela olhou para trás nervosamente para suas companheiras, então arriscou outro passo para a frente e se ajoelhou.

“Você tem que me ajudar”, disse Blanche, falando rapidamente, com a voz seca e rouca. “Eu tenho uma deficiência... não posso andar... e estou em perigo. Estou doente... e minha irmã... minha irmã não me deixa ir embora daqui. Você precisa trazer alguém... a polícia... então eles podem me levar para o hospital. Meu nome é...”

Ela parou, olhando com surpresa e sem acreditar: a garota, com os olhos escuros concentrados em seu rosto, balançava a cabeça.

“Mas você não pode se recusar!”, falou Blanche, quase sem fôlego.

A garota apenas balançou a cabeça com mais força. “Desculpe”, disse ela, seu jovem rosto perturbado. “*Por favor.* Eu... visita... eu... *turista.* Eu nunca... não... entendo... idioma. Desculpe. Lamento... lamento...”

Blanche observou com espanto e desespero enquanto a menina se levantou e correu para junto das outras. De perto da arrebentação, ouviram-se risos, barulhos de reclamação e alegria, o rugido constante das ondas que quebravam. Ela fechou os olhos, observando com uma resignação exausta para a vermelhidão flamejante atrás de suas pálpebras — a vermelhidão mista do sol impiedoso e seu próprio sangue minguante.

“Santo Deus”, suspirou ela, “santo Deus...”

Uma brisa soprou de repente em seu rosto e algo tocou sua bochecha. Ela se assustou e abriu os olhos de novo. A folha do jornal, que atravessou a praia levada pela brisa, havia se alojado no cobertor dobrado. Estendendo a mão, ela a colocou diante de seu rosto para se proteger do sol.

Tinha acabado de ajeitar satisfatoriamente o jornal, porém, quando viu uma foto de si mesma e o virou para ver melhor. Era uma das fotos antigas — da loira de rosto pálido. Desaparecida, dizia a legenda abaixo.

Havia outra foto também, de Jane, e diversas mais.

Antes de conseguir vê-las melhor, no entanto, uma nova rajada de vento bateu no papel, arrancou-o de suas mãos enfraquecidas e o levou para longe. Em sua última olhada de relance, o rosto da loira com os olhos esfumaçados estava

tomado por uma animação repentina, como se estivesse em meio a um espasmo de riso incontrolável.

E então ela desapareceu.

**O QUE TERÁ  
ACONTECIDO A  
BABY  
JANE?**

18

Sentada, ainda de pijama, com uma perna pendurada no braço da cadeira, Katherine Singer olhou com uma fascinação mórbida para a primeira página do jornal e balançou a cabeça.

“Você simplesmente se pergunta, às vezes”, disse ela, pensativa, “como as pessoas podem fazer coisas assim umas às outras. De vez em quando há uma coisa assim.”

Esparramado no chão da sala, Paul Singer ergueu os olhos relutantemente da seção de esportes. “Como o quê?”

“Como essa mulher que trancou a irmã — uma antiga estrela de cinema — e a manteve prisioneira. Você tem que ser louco para fazer uma coisa dessas, não?”

“Claro que sim”, concordou Paul. “Ela não matou alguém também?”

“Bem, dizem que ela é ‘procurada por suspeita de assassinato’. Acho que isso é o mesmo que dizer que foi ela. Uma mulher que fazia a faxina da casa para elas.” Ela balançou a cabeça. “Lembra, nós a vimos na televisão na semana passada... Blanche Hudson. Meu Deus...”

Paul Singer soltou um breve grunhido concordando, e retornou à sua própria leitura. Kath continuou analisando atentamente a história sobre o desaparecimento das irmãs Hudson, dando atenção especial às fotos que a acompanhava. Ela gostou bastante de uma do homem robusto na cama de



hospital com sua mãe ao lado, sua bochecha encostada na dele. EDWIN FLAGG, VÍTIMA INTENCIONAL. Havia algo na expressão do homem, um tipo de perplexidade entorpecida, que tornava a imagem quase engraçada. Abaixo foram colocados retratos de uma sra. Pauline Bates e da sra. Edna Stitt, a pobre faxineira assassinada. Segundo a história, a bolsa da sra. Stitt havia sido encontrada em um armário na casa das Hudson.

“Acha que ela realmente a matou?”, perguntou Kath.

Paul assentiu. “Acho que sim.”

“Ela deve ter matado. Quero dizer, seria fácil encontrar alguém... alguém com uma deficiência assim... se ainda estivesse por aí. Elas seriam reconhecidas em qualquer lugar que fossem. Mas coitada... da Blanche Hudson... ela teve tantos problemas em sua vida.” Deixando o jornal cair no chão, ela levantou os braços vigorosamente sobre a cabeça e se alongou.

“A que horas chegam os Martin?”, perguntou ela bocejando.

“Hã?”

“Os Martin, Stan e Glenna. Você os convidou. Quando eles disseram que viriam?”

“Às três, eu acho, entre três e três e meia.”

Kath fez uma careta. “Para beber, né?”

“Sim, eu acho...”

“Bem, nesse caso, é melhor você dar um pequeno passeio até o mercado. Estamos sem nada... bebida, comida, o pacote completo.”

“Tá, tá...”

“Bem, é melhor você fazer isso.”

“Hã?”

“São quase duas agora. Se eles chegam às três, é melhor você se mexer. De qualquer forma, tenho que arrumar essa bagunça.”

“Ok.”

Vinte minutos depois, barbeado e usando óculos de sol, Paul Singer saiu da casa de praia até a garagem ao lado da estrada e descobriu que o cupê cinza que notara antes, da janela da cozinha, estava estacionado de tal forma que bloqueava a entrada da garagem.

Sua primeira reação foi de aborrecimento; quando as pessoas vinham para a praia, achavam que podiam fazer qualquer coisa. Você podia jogar seu lixo em qualquer lugar, podia estacionar seu carro onde quer que encontrasse um espaço... Ele parou. As duas mulheres haviam chegado no meio do nevoeiro; provavelmente nem perceberam. Olhou para a praia. A multidão dominical estava reunida em peso; ele nunca seria capaz de encontrá-las nessa confusão. Isso significava que ele mesmo teria de mover aquela porcaria. Ele se virou para a casa e chamou Kath.

Era uma velha rotina, e eles sabiam isso de cor; Kath entrava para dirigir, enquanto ele ficava do lado de fora e empurrava. Tomando seu lugar na parte de trás do cupê, Paul inclinou-se para a frente e então, parando, olhou para o banco do motorista. Isso também fazia parte da rotina.

“Soltou o freio?”

Kath olhou apressadamente pela janela e depois, aborrecida, alcançou o freio de mão.

Ao soltar o freio, baixando-o, seu olhar viu o documento do carro, preso em sua capa protetora na coluna da direção. Tirando a mão do freio, ela tocou a capa e a virou.

“A todo vapor!”, gritou Paul do lado de trás.

O carro se lançou para a frente, mas Kath, olhando para o nome no documento, soltou um pequeno suspiro de reconhecimento e agarrou novamente o freio.

“Ei? Qual é o grande...”

“Paul!”, gritou Kath. “Paul, venha aqui!”

Quando ele apareceu na janela, ela olhou para o marido com uma expressão de desespero estupefato. E então, seu rosto jovem e brilhante se contorceu com um espasmo de desgosto. Ela tentou abrir a porta, agarrando a maçaneta.

“O que foi?”, perguntou Paul. “O quê...?”

Saltando do carro, ela segurou seu braço em um aperto forte e assustado.

“No documento”, disse ela, sem fôlego, “o nome! Paul... esse carro... pertence a Blanche Hudson!”

Tinha vomitado, ela se lembrava disso. Foi o leite frio que a deixou enjoada. Seu estômago reagiu imediatamente. Primeiro as cólicas terríveis; depois, a ânsia de vômito. Mãos a levantaram e tentaram acalmá-la. E, quando o episódio passou, essas mesmas mãos a ajudaram a se deitar novamente no cobertor dobrado. Agora, conseguindo abrir os olhos por um momento, viu Jane olhando para ela com uma curiosa expressão de confusão.

Não pôde evitar irromper em lágrimas; não tinha mais nenhum controle sobre si. Parecia se afastar de si mesma, com vergonha e aflição, enquanto implorava a Jane por sua vida.

“Leve-me para casa!”, chorou ela. “Oh, Jane, Jane... eu não aguento mais isso! Estou com medo... muito medo...”

A parte dela que permanecia distante balançou a cabeça em severa negação: não importa. Não tem a menor importância se você está com medo ou não. Você causou isso a si própria e não há nada que possa fazer para impedir agora.

Mas sua voz continuou a choramingar. “Por favor, Jane, não me deixe morrer... não aqui! O calor está tão terrível...”

A expressão de Jane ficou ainda mais triste, como se também escutasse uma segunda voz dentro de si. “Eu não deveria ter trazido você”, disse ela. “Eu... eu não queria estar sozinha... quando eles me encontrassem. Não queria machucar ninguém... nunca... eu não sabia...” Sua voz sumiu em um suspiro de desespero.

“Me ajude”, sussurrou Blanche. “Você *precisa!*” Ela tentou se aproximar, mas sua mão se recusou a se mexer. Tinha que fazer Jane entender. Ela precisava, antes que fosse tarde demais. “Jane, me escute...”

“Eu não quis fazer isso...”, murmurou Jane.

“Vá e traga ajuda”, implorou Blanche. “Jane, por favor...” Jane ainda olhava para ela, mas em seu rosto não havia sinal de outra coisa a não ser sua própria angústia. “Jane, você precisa! Se não fosse por você...”

*Não!* A parte mais escondida de si mesma se manifestou de repente, gritando furiosamente: *Não, você não pode mais mentir! Não agora. Você deve dizer a verdade. Isso é tudo que importa agora. Você precisa...!*

E então foi como se tivesse se reunido com seu outro eu, dentro de si. Não estava mais com medo, e, olhando para Jane, sentia apenas uma pena e um arrependimento esmagadores.

“Jane... Jane, me escute”, disse ela. “Você precisa escutar...”

Mas o rosto de Jane parecia, estranhamente, estar desaparecendo de vista. Um momento estava lá, delineado no vermelho incansável do sol escaldante, e no seguinte ele se dissolvia em um borrão inexpressivo. Ou será que alguma vez realmente esteve lá? Era possível que isso fosse apenas uma ilusão histórica... parte de algum delírio final. Mas isso não importava. Tudo o que importava agora era que ela tivesse tempo para falar a verdade... mesmo, se fosse necessário, num sonho alucinatório. “Eu preciso contar a você”, disse ela. “Jane... não foi do jeito que você se lembra... a noite do acidente.”

E então tudo foi despejado torrencialmente, e ela não podia impedir, mesmo que quisesse. “No caminho de casa, naquela noite, você adormeceu... desmaiou... ao volante. Consegui fazer o carro parar e... troquei de lugar com você. Quando chegamos aos portões, eu a acordei e fiz você sair para abri-los. Eu já estava com raiva e quando vi você parada ali, na luz, toda atrapalhada... de repente, fiquei tão cheia de ódio...”

Uma voz pareceu protestar, uma voz baixa, tremendo e assustada. “Não, Blanche, não...!”

“Você se lembrou, não foi? Os filmes antigos fizeram você se lembrar.”

“Não. Eu... sim... acho que eles devem ter feito isso. Ultimamente... Houve momentos em que eu parecia me lembrar. Você sempre me odiou... eu sabia disso.”

“Sim, sempre. Quando eu era criança, ouvia repetidamente como você era inteligente, famosa, como eu tinha que agradecer por tudo, pelas roupas que eu usava, pela comida que eu comia. E eu odiava que papai quisesse estar apenas com você... sempre me mandando para algum lugar...”

“Eu... eu não quero ouvir!”

“Quando assinei com o estúdio, pedi para colocar aquela cláusula como vingança. Papai estava morto... e você teve todo o amor e a atenção que ele pôde dar a qualquer uma de nós. Eu

sabia o que isso faria com você, viver da minha caridade; eu tinha vivido da sua por tempo suficiente. Mas... então... naquela noite... você estava na luz e eu estava atrás do volante. Realmente não sei o que passou pela minha cabeça... coloquei meu pé no acelerador...”

“Não, não! Eu... eu pensei que tinha só sonhado com isso!”

“O carro correu para a frente. Você se virou e... por apenas um momento... havia um olhar horrível em seu rosto. E então você cambaleou... ou caiu. De qualquer forma, você desapareceu no escuro. E então o carro bateu no portão.”

“Quando tudo acabou e eu sabia que tinha me machucado, gritei por você, mas você tinha fugido... desaparecido... De alguma forma, consegui sair do carro e procurar ajuda. Eles me disseram mais tarde... quando encontraram você... que você tinha entrado em choque, e não se lembrava. E então, quando descobri o que todos pensavam... decidi deixá-los continuar a pensar. Eles me disseram que você precisava de ajuda... mas eu disse que não poderia sujeitá-la à vergonha de um exame mental.”

“Oh, Blanche!...”

“Joguei sua vida fora, Jane. Sem a culpa, a falsa culpa que lhe dei... com a competição entre nós terminada... você poderia ter tido uma vida feliz... até mesmo um marido, talvez... e filhos. Mas tudo estava acabado para mim, e eu queria que estivesse acabado para você também...”

O resto veio em um suspiro prolongado. “Foi tudo minha culpa... a sra. Stitt... tudo isso. Eu sou a culpada.”

Ela fez uma pausa, esperando uma resposta. Mas não houve nenhuma. Então, sentindo um movimento à sua direita, ela se virou naquela direção.

“Jane?” Ela conseguiu se forçar a abrir os olhos, mas tudo o que via era um borrão ardente. “Jane? Você escutou...?”

Havia lágrimas em suas bochechas, lágrimas quentes e ácidas de remorso. Ela realmente tinha falado ou era apenas uma ilusão? Teria finalmente conseguido se livrar da terrível verdade?

“Me perdoe, Jane...” Se havia imaginado aquilo ou não, uma mão pareceu tocar a dela, levemente, bem de leve, e depois soltar. Ela se deitou, apoiando a cabeça no cobertor, deixando o som da multidão... e do oceano... crescer e se apagar ao seu redor...

Segurando o fone no ouvido, Jane olhou através do vidro da cabine telefônica, passando a multidão na praia, até o mar cintilante. Não devia se deixar pensar, não mais, porque, quando tentava pensar, ficava terrivelmente confusa, e isso a assustava. Havia levado mais tempo do que esperava chegar de onde havia deixado Blanche na praia até aqui, no Point. Esperando pela conexão, ela se sentiu à beira do choro por conta da impaciência. Havia muito pouco tempo. Por que não podiam se apressar?

“Gabinete do xerife do condado”, disse uma voz rouca, de repente, em seu ouvido.

Jane colocou a mão no peito como se sentisse uma pontada de dor. “Alô?” ela disse, sua voz estridente de tensão. “Aqui é Jane Hudson. Estou ligando para dizer...”

“Qual é o seu nome de novo, por favor? E me dê seu endereço também.”

“Não”, disse Jane, balançando a cabeça, “não, você não está entendendo. Eu sou Jane Hudson... a irmã de Blanche Hudson. Escute... por favor, escute... minha irmã está muito doente... e estamos aqui na praia...”

“Espere um minuto,” disse a voz, seu tom agora apressado. “Você é a irmã de Blanche Hudson?”

“Isso mesmo. E Blanche está terrivelmente doente. Você tem que mandar um médico imediatamente. E deixe-me dizer onde procurá-la... porque... eu... eu não posso ficar aqui com ela...”

De repente, consciente dos três homens do lado de fora da cabine — os dois policiais de patrulha uniformizados e o jovem de óculos escuros —, ela parou. Virou-se totalmente na direção deles, e o jovem assentiu. Sentou-se completamente imóvel, olhando para eles, sem se importar com o fone quando ele caiu

de sua mão. O oficial mais próximo da porta abriu-a, pegou o fone e colocou-o no gancho.

“Esta parece a mulher?”, perguntou ele.

Atrás dele, o jovem assentiu novamente. Seus olhos baixaram para encontrar os de Jane por um momento e depois, evidentemente assustados com o que viram, se afastaram. Tremendo, agora, Jane cruzou as mãos e colocou-as cuidadosamente, quase com arrogância, no colo.

“Srta. Hudson?” A voz do oficial continha um estranho tom de gentileza. “A senhorita é Jane Hudson?”

Jane olhou para suas mãos, para as veias que corriam descontroladamente ao longo das costas sob a pele frouxa. Sem olhar para cima, ela assentiu.

“Srta. Hudson, sinto muito, mas precisa vir conosco. Há um alerta sobre a senhorita e sua irmã desde o início da noite passada.”

Sua voz era tão calma, tão amigável. Jane assentiu novamente e, quando ele tocou seu braço, ela conseguiu de alguma forma ficar de pé. Se ao menos conseguisse parar de tremer, parar de sentir tanto frio e medo... E então, com uma sensação de surpresa, percebeu que estava chorando.

“Sinto muito”, disse o policial. Sua mão, segurando o braço dela, guiou-a para fora da cabine. “Agora, onde está sua irmã, srta. Hudson? Ela também está aqui na praia?”

Jane se esforçou para se concentrar, para entender o que ele estava dizendo. Era importante entender tudo agora. Mas seu coração continuou batendo tão forte que tornava isso muito difícil. Seu toque, pensou ela, parecia muito quente em seu braço; queria se afastar, mas sabia que não ousaria. O que iriam fazer com ela?, ficou imaginando. Eles a machucariam? Eles a matariam?

“... sua irmã, srta. Hudson”, dizia o jovem oficial, seu tom de repente bastante insistente. “Se nos disser agora onde ela está, isso vai economizar muito tempo e nos poupar de problemas.”

Jane olhou para ele. Não era um homem feio, nem parecia grosseiro ou estar com raiva. Mas não se pode deixar levar pelas

aparências. Algumas das pessoas mais bonitas eram realmente muito más. Blanche sempre foi tão bonita...

“Sua irmã, srta. Hudson...”, dizia o policial. “Vai nos mostrar onde ela está?”

Jane assentiu. “Vou”, respondeu. Ela se virou e olhou para a praia. “Ela está ali... Está doente... muito doente... devemos nos apressar...!”

Ela os guiou em um caminho diagonal pela praia, movendo-se rapidamente, os três logo atrás dela. De todos os lados, as cabeças giravam com curiosidade conforme passavam.

“Sabe onde as viu exatamente, sr. Singer?”, perguntou o policial atrás dela.

“Eu... não... apenas a área geral. É muito difícil dizer quando o nevoeiro está mudando tanto.”

Jane moveu-se rapidamente através do mar de cabeças que se viravam. O oficial, chegando ao lado dela, tocou seu braço.

Ela sorriu e se virou para ele. Mas, ao ver que era um estranho, ela saiu correndo, assustada, e se afastou. Uma mão se fechou rapidamente sobre seu braço e a puxou de volta.

“Sua irmã, srta. Hudson”, disse o homem, aproximando seu rosto do dela. “Tem certeza de que sabe onde ela está?”

Ela ergueu os olhos para ele, perplexa. Por que estava atrás dela assim? E por que ele — e os outros dois atrás dele — continuavam olhando para ela daquele jeito engraçado? Uma rápida sensação de terror agitou-se profundamente dentro de si, e sua testa se franziu, antecipando as lágrimas. Com uma expressão de preocupação, o homem soltou o braço de Jane.

“Não tenha medo”, disse ele.

Ela se virou e olhou para os outros, a vasta extensão de olhares ansiosos. Os rostos jovens e os velhos, encarando, encarando... Mas o que queriam dela? O que estavam procurando com tanta expectativa? Seu rosto estava tão quente. Febril. Por que a luz estava tão quente em seu rosto? Se ela contasse ao papai...

“Srta. Hudson... sua irmã...!”

De repente, ela se lembrou de tudo, numa memória completa e perfeita, e foi como se finalmente tivesse conseguido acordar



de um sono profundo e perturbado. Ela se sentiu completa e intensamente viva. Virando-se, olhou para as centenas e centenas de rostos que a encaravam.

“... sua irmã está doente e desamparada...”

Curvando-se completamente, segurando a cabeça no ângulo certo, ela se endireitou e segurou a saia. Com cuidado ao arquear as mãos nos pulsos, exatamente como o papai lhe havia ensinado, ela começou, de uma maneira muito bonita, a dançar.

FIM

**CONTOS**  
**HENRY FARRELL**



# O QUE TERÁ ACONTECIDO À PRIMA CHARLOTTE?

HENRY FARRELL

A inspiração para o filme *Hush... Hush, Sweet Charlotte* (Com a *Maldade na Alma*)

Charlotte soube no momento em que ouviu o som do trator na Casa Hollis que a batalha era iminente. Ela acordou e viu um monstro futurista de aço bruto rugindo, uma enorme máquina de demolição, aproximando-se dos cômodos ornados e imponentes da antiga Casa Hollis.

Ela abriu caminho por uma paisagem surrealista de terra destroçada e vegetação mutilada, lançando poeira, desordem e ruína em todas as direções. Sua pretensa vítima, a própria Casa Hollis, uma estrutura exuberante de dois andares, com amplos terraços e varandas, parecia uma relíquia decadente de um estilo de vida do Sul dos Estados Unidos agora extinto. No seu atual estado de negligência, no entanto, a casa não era páreo, na verdade, para a máquina sem remorso. Tal fato se tornava aparente conforme Charlotte assistia ao monstro, do ponto de vista de uma das sacadas que estavam desmoronando, encontrar um grande edifício abandonado, no limite externo do jardim de rosas, e o derrubar sem cerimônia ou hesitação, deixando-o para trás como uma caixa de fósforos estilhaçada e esmagada.

Mas Charlotte sabia que o espírito da Casa Hollis era feito de material consideravelmente mais resiliente do que o de sua alvenaria fragmentada. Na verdade, incorporava a força da frágil, mas determinada, personalidade da própria Charlotte Hollis, herdeira, dona e protetora de toda a propriedade Hollis, agora em apuros. Charlotte, embora não sendo mais jovem, sempre fora e continuava sendo uma mulher muito atraente, pois ardia nela o dedicado zelo dos fanáticos, que abrigava uma ideia fixa havia muito tempo ponderada. Antes surpreendentemente bonita, ainda havia nela vestígios da aura de uma beleza viva que no ano distante de sua apresentação à sociedade fez dela uma das debutantes mais célebres do país — e talvez até do mundo. Também pela volatilidade de seus modos, seria possível imaginar que ela em algum momento poderia ter sido o catalisador tanto da paixão quanto do escândalo — e, sim, até mesmo da tragédia. Esta última característica estava naquele instante em vívida ascendência, já que suas belas e bem-educadas características se misturavam de maneira apaixonada enquanto carregava o velho rifle de caça do pai rapidamente pelo corredor do andar de cima até a luz forte da sacada, onde ela precipitou-se diante das nuvens de poeira crescente como uma fúria vingativa.

Apontando o rifle de modo a ter uma mira irresponsável sobre a máquina monstruosa e seu operador, ela levantou sua voz em vão, embora de forma estridente, contra o ruído estrondoso.

“Saia da minha terra!”, gritou ela. “Leve essa coisa daqui para longe da casa do meu pai ou — que Deus o ajude — eu vou atirar!”

Foi quando Velma apareceu de repente na porta atrás de Charlotte, vestindo um uniforme compacto e improvisado, o distintivo de seu status de enfermeira distinguindo-a da posição mais degradante da de faxineira. Contudo, ela também parecia uma vagabunda de nariz fino que incorporava todos os piores traços que costumavam ser atribuídos aos pobres do Sul.

Velma observou a cena melodramática diante de si, não com inquietação, mas com uma espécie de indolência irônica e fraca.

“Com sua visão, você poderia machucar alguém com essa coisa.” Porém, acostumada a ignorar Velma, Charlotte apenas

tentou mirar com mais cuidado. Abaixo, o operador, concentrado em seu trabalho, permaneceu alheio.

Mas então o capataz, que estava ocupado dirigindo a equipe de limpeza, olhou para cima por acaso e viu Charlotte apontando o rifle na direção deles. Com um grito de advertência, ele saiu correndo na direção da máquina. Foi nesse mesmo momento que Charlotte, sabendo que sua ordem fora ignorada, atirou. O projétil atingiu, com um som estridente, o flanco do veículo de demolição e ricocheteou imprudentemente para longe. Na sacada, caiu um pedaço da alvenaria que se desfazia sob uma pesada urna de pedra que decorava um dos cantos.

O operador, surpreso, fez a máquina parar por completo e, olhando para o capataz, seguiu seu olhar até a casa, para a sacada e para Charlotte. A própria Charlotte havia se distraído momentaneamente com a pedra que caía, mas seu olhar voltou para a cena abaixo quando o capataz, descuidado de tanta raiva, avançou pelo gramado até o terraço.

“Charlotte Hollis”, gritou para ela, “agora você se meteu em problemas de verdade! Fazer uma coisa dessas! Eu vou entrar na Justiça imediatamente!”

“Quem se importa para onde você vai”, gritou Charlotte de volta. “Contanto que vá! E leve essa máquina com você e com esses homens! Esta terra é minha.”

“Não é mais, não é. Esta terra pertence ao condado — toda ela —, e você sabe disso!”

Charlotte estava se fazendo totalmente de surda para essa afirmação. “Estou dizendo para sair”, gritou ela de volta, “e é melhor você prestar atenção!”

O capataz, que havia começado a ir embora, voltou atrás.

“Eu tenho mais aqui para você”, continuou Charlotte, quase como se isso fosse uma competição entre crianças. “Você deveria ter saído daqui três meses atrás. Você tinha as ordens judiciais!”

De longe, o operador viu que a urna de pedra, partida, havia começado a se inclinar, e agora era sua vez de dar um aviso. O capataz, ouvindo o chamado e vendo a urna, rapidamente recuou

e se afastou, enquanto a urna, inclinando-se ainda mais, tombou e se espatifou no chão de pedra do terraço.

O capataz e Charlotte, na contracorrente do silêncio, trocaram olhares: ele, de frustração e uma crescente raiva; ela, de um leve divertimento. Então, o capataz, aproveitando o pretexto para se retirar, deu meia-volta e saiu. Sinalizando ao operador para parar sua máquina e ir embora, ele entrou em sua caminhonete batendo a porta e dirigiu furiosamente para longe.

Com sua vitória concluída, Charlotte entregou o rifle a Velma e entrou na casa, tornando-se por um momento a bela jovem sulista do passado em toda a sua glória. Velma, incapaz de recusar o rifle, lançou-lhe um olhar rancoroso.

“Agora você realmente se meteu em problemas.”

Quando Charlotte não se incomodou em responder, ela a seguiu. “Achou que eu ficaria satisfeita só por ter gente atirando pedras na casa para te expulsar.” Charlotte, ainda a ignorando, entrou em seu quarto, mas Velma, não se sentindo tão facilmente desencorajada, seguiu-a para o arremate. “Eles estão começando a me xingar também — só por trabalhar para uma mulher como você. Dizem que terá que sair e deixá-los construir o projeto só por eu ter vindo aqui pra falar por você...”

Finalmente, Charlotte virou-se para a mulher e, com um olhar de desprezo, bateu a porta na sua cara. Velma ficou ali com a arma em um estado de raiva total, apenas desejando que tivesse coragem de usá-la.

Naquela noite, a antiga Casa Hollis, banhada pela luz da lua, parecia um imenso palácio de terror em contraste com a escuridão. Pelo menos era o que pensava o menininho de nove ou dez anos que se dirigia para a casa, vindo da ilusória proteção das sombras.

“Vá em frente. A janela está aberta ali... está muito fácil.”

“Mas e se ela me pegar...”

“Você quer ser um cocheiro, como eu e o Buzz? Então entre lá e pegue o que você deve pegar.”

O menino pensou, concordou com medo, e virou-se para o terraço e para as portas de vidro quando um de seus companheiros sussurrou: “Deve ser alguma coisa que ela tenha tocado com as próprias mãos!”.

Concordando novamente e tentando arduamente engolir seu terror, o menino subiu os degraus devagar. Então, pensando ter ouvido alguma coisa, parou e olhou para trás com um desejo sombrio em direção à cerca viva, depois para a casa que parecia se elevar sobre ele com uma ameaça física. Comprometido agora, ele se forçou a abrir a janela. Olhou para dentro, hesitou, escalou e entrou na escuridão da casa.

Ele percorreu o quarto com sombras extraordinárias e muita bagunça, até o corredor, olhando para qualquer objeto que lhe chamasse atenção, incerto sobre pegar qualquer coisa. Parou e olhou para o corredor, sem vontade de exigir mais do que precisava. Ouvindo um barulho de movimento, ele se virou, com os olhos esbugalhados de terror. Mas não havia nada. Olhou para outra sala e, por um momento, pensou ter visto alguém parado olhando para ele. Mas então viu que era apenas um grande retrato e se dirigiu para outra porta; olhou para dentro e foi confrontado com uma profusão de imagens de si mesmo em painéis espelhados. Mas então, diante dele, em uma mesa banhada pelo luar, viu um conjunto de chá para uma pessoa, obviamente, os restos de um chá da tarde.

Cruzou o cômodo com cuidado, na ponta dos pés, e segurou a alça de uma delicada xícara de chá, parando para olhar em volta. Tudo ainda estava imóvel. Prendendo a respiração contra o próprio medo, voltou pelo caminho que veio, indo até o corredor e entrando no quarto por onde viera.

Movia-se rapidamente agora, ansioso para sair da casa, e se dirigiu para a janela aberta. Mas foi só naquele último momento, quando o sucesso parecia garantido, que uma figura parecida com um fantasma se ergueu à luz do luar à sua frente — uma criatura feroz com brilhantes olhos assassinos e mãos esticadas como garras. Com um grito estrangulado de terror, o garoto pulou pela janela, ainda agarrado tenazmente à xícara, e correu pelo terraço e desceu as escadas até as plantas, onde tropeçou e



caiu, pousando nos pés de seus companheiros, com a preciosa xícara de chá despedaçada diante dele.

Dentro da casa, Charlotte, ainda em pé na torrente da luz da lua, olhou para a figura que se ia, e sorriu um sorriso bem-humorado. Foi quando ela ouviu um coro de vozes infantis cantando vagamente no meio da noite:

*“Oh, doce Charlotte, Minha doce Charlotte,  
Com seu jeito doce e adoçado,  
Eu contei suas graças,  
Você numerou meus dias.  
Eu te dei meu coração,  
Então não consigo entender  
Por que você cortou minha cabeça...?  
Sem falar das minhas mãos.”*

Com isso, o sorriso desapareceu de seu rosto. Por um momento, um olhar de tristeza despontou, mas depois desapareceu quando uma determinação orgulhosa tomou conta de suas feições.

“Ladrões!”, gritou ela de repente para a noite. “Vão embora antes que eu solte os cachorros atrás de vocês!”

No dia seguinte, o delegado, acompanhado — sem dúvida por proteção — do capataz, aproximou-se do amplo terraço da frente da velha casa. Eles estavam hesitantes, mas obstinados, sabendo que tinham um trabalho a fazer.

Charlotte, observando a aproximação deles de dentro da casa, fez Velma descer a escada para impedi-los. No patamar, ela parou para ouvir, pronta para pegar sua arma, se necessário.

“Estamos aqui para falar com a srta. Charlotte”, disse o delegado com tensa contundência.

“Bem”, disse Velma, impassível, “você não pode. Ela me falou para dizer que está se sentindo mal, na cama. Ela não pode ver ninguém.”

“Velma Cruthers”, disse o capataz, “você sabe muito bem que não é verdade.”

Velma encolheu os ombros. “Ela falou para dizer...”

Enquanto isso, Charlotte estava descendo a escada para ouvir melhor, mas podia ser vista pela porta aberta pelo delegado. Ela recuou apressadamente para fora do seu campo de visão, mas o delegado, encontrando uma maneira de sair, fez o pronunciamento que fora até lá para fazer, assegurando-se de que Charlotte o ouviria.

“Bem, então, dê um recado meu para a srta. Charlotte. E isso é oficial. O que ela fez ontem mudou essa situação de civil para criminal — se decidirmos abrir um processo contra ela. Agora, não queremos fazer isso — mas ela deveria ter desocupado o local há mais de um mês, e cedemos o máximo que pudemos. Apontar uma arma para as pessoas é uma coisa, mas disparar é outra. Está chegando o fim de semana, então isso está a favor dela. Assim, ela tem até terça-feira de manhã para sair e mais um dia para remover seus pertences. Depois, não terei escolha. Serei obrigado a agir, não importando se eu queira ou não.”

Velma achou tudo isso um pouco divertido. Gostava de emoção, especialmente o tipo que ainda poderia deixar a srta. Charlotte em desvantagem.

“Hummm”, murmurou Velma, “eu não sei como ela vai receber isso.”

“Talvez ela goste de uma temporada na cadeia do condado”, disse o delegado, alto o suficiente para ter certeza de que Charlotte ouvisse. “Você pode dizer isso a ela também.”

Velma assentiu. “Tá bom. Ela vai ter um ataque.”

“Isso é problema seu”, o capataz se intrometeu, caminhando na direção de Velma. “Você quer trabalhar para ela...”

O delegado estendeu a mão para detê-lo, fazendo-o se afastar. “Vamos, Bob...”

Eles se viraram e saíram, mas não sem um olhar apreensivo do delegado.

Um pouco animada, Velma entrou na casa e fechou a porta. Ouvindo um gemido da direção da escada, ela olhou para cima e viu Charlotte caída no patamar, apalpando o próprio flanco. Sem

nenhuma mudança perceptível de expressão, Velma subiu para ajudá-la.

“Oh, Deus!”, gemeu Charlotte. “Essa perseguição... nunca terminará até me colocarem no meu túmulo.”

“Acredito que não”, disse Velma, levantando Charlotte grosseiramente. Apesar de sua impotência, Charlotte se soltou de Velma, afastando suas mãos. “E como se não fosse o suficiente”, rosnou furiosamente, “eu fiquei com você — uma caipira vagabunda!” Lágrimas de autopiedade se formaram em seus olhos. “Eu preciso da minha própria gente... da minha própria estirpe... minha própria família! E estou sozinha, sozinha! Ligue para o dr. Bayliss! Vá, vá... faça isso logo. Vá...!”

Ela assistiu furiosamente enquanto Velma, imperturbável como sempre, descia a escada.

“Diga-lhe que eu quero a Miriam!”, gritou atrás dela. “Diga a ele que eu quero que ela volte!”

Um táxi percorria a estrada sem grande pressa. Sua passageira, Miriam Hollis, olhava para a cena que passava com uma espécie de impassividade irônica. Miriam era uma mulher “chique e bem-sucedida”, o que quer dizer que era visivelmente inteligente, convincente, linda — uma espécie de mulher para ser vista em todos os restaurantes, clubes e hotéis elegantes de todas as grandes cidades do mundo. Ela parecia completamente deslocada em seu ambiente atual.

A vista da janela do táxi, por enquanto, era de calma e silêncio rústicos. A estrada, ladeada de árvores, era quente, exuberante e ampla — afinal, era o Sul “profundo”. Os olhos de Miriam foram surpreendidos por dois grandes postes de pedra, a entrada — não tinha dúvidas — de uma extensa plantação. Placas de metal nos postes anunciavam ostensivamente o nome “Mayhew”. Miriam inclinou-se um pouco para espiar a entrada, mas recuou e ficou impassível quando percebeu que estava sendo observada pelo motorista.

Logo o táxi chegou à área da demolição, e ela pôde ver que era o início de um grande e novo projeto. O táxi continuou até a

entrada da Casa Hollis, que marcava o fim das demolições para os novos edifícios. Miriam observou a casa e o terreno com a rapidez, e o interesse de quem observa as mudanças após uma longa ausência de uma cena que já foi familiar, se não amada.

Quando o táxi entrou na curva da entrada, Miriam notou que na varanda da frente havia o que parecia ser uma assombração cansada, vestindo uma camisola e empunhando uma arma. Miriam, levantando as sobrancelhas, saiu do táxi e pagou o motorista.

Charlotte, da sacada, direcionou toda a força de sua fúria atual para o táxi, apontando a arma naquela direção.

“E você também!”, gritou ela. “Volte para o carro e vá embora! Esta é uma área privada. Saia da minha terra!”

Miriam olhou para cima, assustada. “Charlotte!”, gritou ela, “Charlotte, pare com isso e vá para dentro! É a Miriam!”

Ao olhar com mais atenção na direção de Miriam, um alívio abençoado inundou Charlotte, e ela abaixou a arma. De repente, percebendo que precisava se vestir, correu para dentro. Ao mesmo tempo, Hugh Bayliss saiu da casa e desceu rapidamente os degraus para pegar as malas de Miriam. Sentia muito por não poder ter ido buscar Miriam no aeroporto; ele teve uma emergência. Por um momento, ficaram olhando um para o outro, um momento em que as lembranças do passado colidiram com a realidade do presente.

“Você mudou”, disse Hugh, sorrindo finalmente. “Você está mais bonita... mais bonita que nunca.”

Miriam não respondeu a gentileza. “Você também mudou”, disse ela, sem rodeios, e então, após a mais breve pausa, moveu a cabeça em direção à varanda. “Ela está muito louca?”

Hugh balançou a cabeça. “Honestamente... eu não sei. Mas, louca ou não, ela é inteligente... ainda mais inteligente do que você se lembra.”

“Mais mentirosa, você quer dizer”, disse Miriam categoricamente, “se estamos falando de como eu me lembro dela.”

“Acho que é difícil para você... voltar aqui depois de todos esses anos.”

“Sob essas circunstâncias?” Miriam caminhou à frente dele, subindo a escada e entrando na casa, empática, com o ar de quem tinha chegado para tomar conta de tudo.

Lá dentro, foi saudada por Velma, que estava parada ao pé da escada, uma afronta viva a tudo que Miriam representava.

“A srta. Charlotte disse para mostrar seu quarto.” Indicou com um meneio de cabeça a parte de cima da escada. “Lá em cima, ao lado do dela. Ela vai se arrumar para te ver em breve.”

Hugh chegou para fazer apresentações apressadas, que Miriam reconheceu brevemente com um olhar que insinuava sua descrença desdenhosa da denominação “enfermeira do dia” para essa criatura desprezível.

Os três subiram a escada e, quando passaram pelo quarto de Charlotte, a porta se abriu e ela, longe de estar vestida, se aproximou deles.

“Então você está aqui!” Ela jogou as palavras em Miriam quase como uma acusação. “Devo dizer que estou surpresa. Depois do jeito que você saiu daqui... quanto tempo faz? Vinte anos!”

Miriam a observou com frieza. Ela e Hugh entraram no quarto — Hugh sinalizando para que Velma levasse as malas de Miriam para o quarto dela no final do corredor. Charlotte olhou para Miriam com uma especulação incisiva. “Hugh insistiu para que eu a chamasse para vir aqui. Ele parece achar que preciso de algum tipo de cuidadora. Deus conhece os caipiras aí fora...” Suas palavras se desvaneceram em silêncio enquanto ela olhava para Miriam com mais atenção. “O que está pensando? Olhando para mim assim... Nunca poderia adivinhar o que você está pensando”, Charlotte riu, “ou mesmo se está pensando...”

“Deixe-me tirar sua dúvida. Estou pensando, depois de quase vinte anos, que fui uma idiota por voar mais de quatro mil quilômetros para vir aqui ajudar, só para você me insultar...”

“Você se insulta com muita facilidade.”

“Sim, é verdade, com mais facilidade que antes. E se você de fato não me quer aqui, então posso ir embora tão rapidamente quanto eu vim.”

Miriam saiu com raiva pela porta e seguiu pelo corredor em busca de Velma. Charlotte correu para a porta e gritou para o corredor atrás dela: “Eles estão todos atrás de mim. É a Jewel, ela nunca desiste. Ela fez todos ficarem atrás de mim... para derrubar a casa do papai...” Havia lágrimas em seus olhos. “Não estão colocando um dedo sequer na casa de Jewel. Estão todos atrás de mim... Miriam...?”

Miriam parou e se virou. Percebendo o desespero de Charlotte, sua expressão se suavizou. “Você está sozinha há muito tempo”, observou ela.

Hugh tocou a mão de Charlotte. “Você continua a se arrumar e deixa Miriam se acomodar, que tal?”

Charlotte o observou com um olhar aborrecido, e depois disse para Miriam: “O que você acha de ele ser meu médico?”

“Ele é médico”, disse Miriam, voltando imediatamente à frieza, “e você está doente.”

Os olhos de Charlotte se estreitaram: “E ele precisa de trabalho”. Hugh olhou para ela com uma rápida raiva reprimida. “Ora, Charlotte”, disse ele.

“Vou me vestir”, retrucou Charlotte, ignorando-o “e tomamos um belo lanche... no jardim, como costumávamos fazer.” Então se lembrou que o jardim não era mais apresentável. “Ou em algum lugar...”

“Ou em algum lugar...”, repetiu Miriam, e observou, impassível, enquanto Charlotte, agora sorrindo, voltava para o seu quarto e fechava a porta.

“Alguma opinião profissional?”, perguntou Hugh, enquanto Miriam caminhava com ele até a porta da frente.

Miriam sacudiu a cabeça. “Não sei. Onde fica a linha divisória entre a loucura e a singular excentricidade sulista? Você me diz.” Ela fez uma pausa para olhar a velha casa, sua grandeza minguante, a proliferação de móveis. “Você vai conseguir alguém para separar e embalar todas essas coisas?”

“Sim”, afirmou Hugh. Ele foi até uma mesa no corredor, abriu uma gaveta e pegou um revólver. Miriam franziu a testa ao ver

que ele lhe oferecia a arma.

“Você pode precisar disso”, disse a ela. “A sensibilidade está muito alta. Todos os antigos problemas foram desencadeados novamente... todos os velhos sentimentos. E agora com a maneira que ela está agindo... eles incendiaram um dos anexos na semana passada. A casa poderia ter desaparecido.”

Miriam pegou a arma. “É tudo tão melodramático.”

“Só por garantia. Velma só está aqui durante o dia.”

“Maior é a bênção, pela aparência dela. Tudo vai ficar bem. Não se preocupe.”

Na porta, Hugh parou e se virou. “Miriam, desde aquela noite horrível quando nos despedimos...”

“Tchau, Hugh”, disse Miriam com firmeza. “Eu ligo amanhã...”

A contragosto, Hugh se virou e foi embora.

Naquela noite, Miriam e Charlotte terminaram o jantar nas sombras opressivas da antiga sala de jantar e saíram para o terraço em busca de uma bebida, um pouco de ar e alguma conversa.

“Pense nos dias maravilhosos que passamos aqui quando éramos meninas”, lembrou Charlotte.

“Nós passamos?”, perguntou Miriam. “Você passou, tenho certeza.”

Charlotte olhou para ela com espanto. “Você não era feliz aqui? Mas certamente depois...”

“Depois de onde eu vim?”, respondeu Miriam. “Pelo menos eu não era um caso de caridade, uma órfã que recebeu abrigo da tempestade...”

Charlotte reconheceu isso. “Você sempre foi ambiciosa. Eu sentia isso mesmo naquela época. E se deu muito bem, viajando pelo mundo, juntando-se a todas as pessoas famosas. Você é uma sobrevivente. Você se deu bem.”

“Sim”, disse Miriam, esperando deixar por isso mesmo. “Sim, eu me dei bem.” *E eu quero continuar me dando bem*, pensou. “Como é que foi, a propósito, que Hugh se tornou seu médico?”

“De certa forma”, respondeu Charlotte, como se fosse uma pergunta que ela estava esperando, “acho que senti que devia isso a ele. Hugh poderia ter se dado muito bem se... se aquilo não tivesse acontecido do jeito que aconteceu. Mas há outra maneira de ver isso. Ele tinha sonhos muito altos.”

“Para mim”, disse Miriam. “Isso foi meio como diminuir seus sonhos, não foi? Se ele não conseguisse ficar com a herdeira, poderia ficar com a prima órfã. Mas então perdeu sua força de vontade muito rápido quando as coisas deram errado. Ele costumava planejar como seria quando tivesse seu consultório, e nós costumávamos...”

“Você agiu corretamente ao deixá-lo”, interrompeu Charlotte.

Miriam sorriu secamente. “Essa provavelmente é a observação mais diplomática que você já fez em toda a sua vida.”

A conversa logo mudou para a questão de Charlotte se mudar da casa, e ela e seus fantasmas do passado foram esquecidos momentaneamente.

“Eles nunca vão me tirar daqui... nunca... não a Jewel Mayhew... nenhum deles. Não me importa o que façam. Querem começar derrubando a casa. Eles me enviaram a notificação e trouxeram essas máquinas terríveis. Mas eu fiquei ali... bem ali, naquela varanda, e declarei a todos que não arredaria o pé, mesmo se me matassem!”

Miriam observou a performance sem nenhum entusiasmo visível. “Deve ter sido um momento eletrizante para todos.”

“Prometi ao papai que ficaria aqui e os enfrentaria... e enfrentaria a Jewel... até que eles limpassem meu nome.”

“Você acha que isso vai acontecer até a manhã de terça-feira?”, perguntou Miriam.

Charlotte virou-se para ela, furiosa, ameaçando por um momento jogar o pouco de bebida que restava em seu copo no rosto de Miriam. “Você está nisso com eles, não é?”, ela exigiu saber. “Você quer vê-los me convencer depois de todos esses anos!”

“Eu quero ver você parar de desperdiçar sua vida... embora só Deus saiba por que eu deveria me importar.”



“Você não se importou durante todos esses anos. Não voltou para me ver nenhuma vez... só veio aqui para vê-lo. E depois de tudo que papai fez por você... me abandonar...”

“Sou uma sobrevivente”, disse Miriam, com calma. “Você mesma disse.”

“Você nunca gostou de mim”, acusou Charlotte.

“Com um grande afeto, de fato, não. Mas éramos muito jovens na época”, respondeu Miriam, com a voz parecendo um aço gelado.

“E eu não gostava de você!”, revidou Charlotte. “Não gostava nem um pouco de você.”

Charlotte entrou na casa e subiu as escadas. Miriam a seguiu por alguns instantes, mas apenas até a varanda. Então, virando-se, ela foi até a porta da sala de visitas e olhou para dentro. A luz oblíqua da porta atingia o retrato de Charlotte pintado no ano em que debutou. Ela era muito bonita, no que poderia, na época, ser considerado “de um jeito bem tenso”, de certa forma.

Miriam fechou a porta e, pensando que tinha ouvido algo do lado de fora, dirigiu-se ao terraço. Mas não havia nada. Ela pegou a bandeja com os copos e voltou para dentro quando uma garrafa, com um repentino choque explosivo, bateu contra a parede, jogada de algum lugar da noite. Ela se virou e então, assustada, moveu-se rapidamente para dentro e trancou a porta.

Precisou de um momento para recuperar o equilíbrio, e então, como a casa e a noite do lado de fora permaneciam em silêncio, ela seguiu pelo corredor até a mesa onde Hugh havia lhe mostrado a arma. Miriam apanhou a arma lentamente e, com uma nova determinação, levou-a para cima.

No dia seguinte, Miriam delegara a Velma a tarefa de empacotar os artesanatos e outros objetos móveis leves ao redor da casa — totalmente contra a vontade de Velma, que perguntou, carrancuda: “A srta. Charlotte sabe que você me mandou fazer isso?”.

“Não”, respondeu Miriam.

“Ela vai surtar quando descobrir”, rosnou Velma. “Vai ficar enfurecida!”

“Pode ser”, disse Miriam. “Mas tem que ser feito mesmo assim.”

“Ela nunca vai sair desta casa”, disse Velma sombriamente, “e não me importa se você gosta de me ouvir dizer isso ou não, mas acho que ela tem suas próprias razões além da promessa ao seu papai. E eu não sou a única que pensa assim.”

“Obviamente, não”, disse Miriam, “e pode tirar o retrato de Charlotte de cima da lareira.”

Absolutamente revoltada, Velma revidou: “Não, senhora. Eu não vou colocar a mão naquela pintura. Não com ela em casa, não vou fazer isso mesmo. Eu a vi... ela fala com aquele retrato. Como se estivesse falando com outra pessoa. Sobre o que aconteceu naquela época, como se estivesse tentando explicar isso a alguém.”

“Eu não tenho que fazer esse tipo de trabalho pesado. Quando venho aqui é só para cuidar dela e cozinhar alguma coisa. Esse foi o combinado”, continuou Velma.

Hugh chegou na hora do impasse e assumiu no lugar de Velma o trabalho de empacotar os objetos. Juntos, ele e Miriam removeram o retrato, discutindo como conseguir que Charlotte saísse da casa. De repente, Miriam perdeu o controle do quadro e ele caiu no chão, danificando a moldura, mas poupando a imagem em si. Ela examinou a pintura com uma espécie de desapego sem emoção e começou a carregar o retrato para o corredor quando ouviu Charlotte gritar da varanda do andar de cima.

“Você pode colocar isso de volta, está me ouvindo? Pode colocar de volta na parede a que pertence.”

E as reclamações continuaram até Charlotte desabar. Hugh e Miriam correram para acudi-la, e Hugh a colocou na cama após lhe aplicar um sedativo. Para manter a paz, por ora, eles colocaram o retrato de volta na parede.

Atrás de si, Hugh e Miriam ouviram Velma dizer, com uma voz suave e alta o suficiente para que ouvissem: “Se querem saber o que acho, ela deveria ser internada em um manicômio”.

Hugh saiu da sala, enquanto Miriam permaneceu em um silêncio pensativo.

Charlotte foi acomodada e deixada aos cuidados de Velma, enquanto Hugh levava Miriam para a cidade. Ela pretendia buscar ajuda para desmontar e embalar as coisas da casa. Enquanto andava apressadamente pela rua, viu ninguém menos que Jewel Mayhew. Por um instante, não estava certa de que era Jewel; estava tão mudada desde a última vez que a vira, envelhecida e parecendo doente. Mas então Jewel viu Miriam e pareceu prestes a desmoronar de choque e surpresa. Ela, por fim, se virou rapidamente e caminhou na direção oposta.

“Pobre Jewel”, comentou Hugh, “está com problemas de saúde há muito tempo.”

“Eu não sabia”, disse Miriam.

Enquanto Miriam andava pela cidade comprando os produtos necessários, notou a frieza dos habitantes locais. Obviamente a reconheciam, porém se afastavam quando ela se aproximava, esnobando-a deliberadamente. Quando voltou ao carro, encontrou no banco uma cópia de um tabloide barato, e ali, estampada na capa, havia uma foto da Casa Hollis e de Charlotte, como quando era uma garota na época em que debutou, coberta pela figura de um fantasma — uma figura masculina sem cabeça ou mãos. O MISTÉRIO DA CASA HOLLIS, dizia a manchete e, em letras menores, continuava: “Prestes a ser demolida. O que estará escondido dentro dessas paredes?”

Miriam já se preparava para jogar fora o jornal, com repulsa, quando um jovem aproximou-se do carro, assustando-a. “Olá, sou Paul Selvin. Estou fazendo uma matéria para um jornal do Norte.” Ele era ousado, rápido e muito bem-vestido... e certamente não tinha jeito com as mulheres.

“Deixei isso aí para você. Pensei que poderia querer ver.”

Os olhos de Miriam brilharam de raiva. “Você estava completamente errado. Eu não quero!” Ela fez um movimento para ligar o carro, mas Paul enfiou a mão pela janela para impedi-la.

“Acho que você deveria ouvir o que tenho a dizer, srta. Hollis. O jornal em que trabalho é o *Now Magazine*. Acredito que já tenha ouvido falar.”

“Já ouvi falar”, respondeu Miriam.

“Então deve saber que não somos um jornaleco desse tipo”, disse, apontando para o tabloide. “Somos muito mais respeitosos, devo dizer, em nossa abordagem.”

“Vocês dificilmente poderiam ser menos.”

“Verdade. Exatamente. Mas somos os concorrentes mais próximos. Eu simplesmente queria lhe mostrar, e também para a srta. Charlotte, o que *e/les* estavam fazendo... o tipo de consideração... ou falta de consideração... que vocês podem esperar. Mas é claro que não se incomodam em pesquisar seus assuntos; não se incomodam com os custos e a inconveniência de buscar entrevistas...”

“Mas vocês, sim!”

“Verdade. Exatamente. Agora, preciso dizer com sinceridade: fui enviado aqui para fazer uma foto da sua prima... de preferência, uma foto dela deixando a casa.”

“Você pode ter que esperar um bocado.”

“Mas ela terá de sair em algum momento. Enquanto isso...”

“Você tem suas despesas”, retrucou Miriam.

“Sim. E uma boa dose de paciência. Mas o ponto é... a senhorita pode esperar uma cobertura muito mais compreensiva da minha publicação do que da concorrência.”

“Em relação ao quê?”

Paul riu, desconcertado pela franqueza de Miriam. “Bem, sim. Primeiro de tudo, gostaria de uma entrevista com Charlotte Hollis... uma entrevista pessoal. E também uma foto exclusiva dela saindo da casa.”

“Uma foto exclusiva?”

“Um aviso antes de ela sair... só isso... um pequeno telefonema.”

“Não um grande telefonema... só um pequeno...?”

O olhar de Miriam se deslocou para um senhor idoso e corpulento que evidentemente estava escutando, flanando com discrição ali por perto.

“Podemos fazer um trato. Tem as despesas. Estou autorizado a certos gastos para... os ‘contatos’.”

“Então por que você não vai fazer algum?”, respondeu Miriam.

“Você não está entendendo.”

“Eu entendo. Então, por favor, afaste-se do carro...”

Nesse momento, o senhor idoso, Waldo Hopper, se aproximou e, chamando atenção de Miriam, sorriu. Quando ele falou, para surpresa de Miriam, foi com um pronunciado sotaque britânico.

“Desculpe-me”, disse ele enquanto sorria, “se eu puder me intrometer...”

“Por que você deveria ser diferente?”

“Verdade. Exatamente”, respondeu Waldo, imitando Paul de maneira descarada. Miriam sorriu. “Mas eu só queria sugerir que esse jovem aqui tem certa razão. Afinal, ele está fazendo seu trabalho. Quer você o ajude com sua prima ou não, o jornal dele ainda fará uma matéria, e o sentimento e a opinião estão contra ela. Do jeito dela, que é quase totalmente negativo, ela é uma celebridade internacional de longa data. É comum se referirem a ela como uma assassina que não foi a julgamento. Se esse rapaz pode ajudar a mudar essa opinião com um matéria favorável, bem, então seria sensato considerar sua oferta.”

“Mas eu não poderia...”, começou Miriam.

“Claro, você não pode aceitar pagamento por uma entrevista com sua prima... e claramente você não é esse tipo de pessoa.”

“Eu não poderia garantir uma entrevista”, afirmou Miriam categoricamente. “E, de qualquer forma, tenho pouca influência sobre Charlotte.”

“Lamento saber disso. Esperava que pudesse ter alguma.”

“Ahn?”

“Sim”, continuou Waldo, “é que eu esperava falar com ela pessoalmente.”

“Você também é repórter?”, perguntou Miriam.

“Ah, não. Não é nada comercial. Você aceitaria o meu cartão?”

Ao ler o cartão, Miriam soube que Waldo era um criminologista amador associado a uma organização de Londres.

“Então você é um investigador?”

“Sim, mas não oficialmente. E esse era o meu caso favorito, quase tão famoso quanto Lizzie Borden, e muito mais interessante. Um amante desaparecido, uma mão decepada, mas um corpo nunca descoberto... Uma herdeira e um vestido ensanguentado... Eu fui escolhido para vir aqui e fazer um relatório. Devo dizer que quero conhecer sua prima desde que me lembro. E também me lembro da emoção que senti quando ouvi que a Casa Hollis seria demolida. Fiquei com medo de não chegar a tempo.”

“Mas você chegou. Parabéns. O que espera que encontrem naquela casa? Se você se lembra, logo após o assassinato houve rumores de que minha prima partiu para a Europa, e que foi vista lançando um embrulho misterioso ao mar.”

“Ah, eu sei tudo sobre isso. Conversei com quase todos que estavam a bordo e que ainda estavam vivos. Foi apenas conversa fiada, nada mais.”

“Mas isso foi há quase vinte anos.”

“Sim, eu sei.” Ele sorriu novamente. “Você deve estar pensando que sou alguma espécie de louco excêntrico, não é?”

“Sim, estou.”

“E acha que também sou perigoso?”, perguntou Waldo.

“Não, perigoso não.”

“Então vai pedir a sua prima para me receber... e a esse jovem também?”

Miriam hesitou e disse: “Talvez. Só acho que não vai adiantar”.

“Contanto que você peça.”

“Tenho que ir agora”, disse Miriam, levando a conversa a um fim enfático. “Adeus.”

“Muito prazer em conhecê-la”, disse Waldo, “a senhorita é ainda mais bonita do que descreveram em qualquer um dos jornais sobre o crime.”

Miriam ligou o carro e, ao colocá-lo em movimento, ergueu uma sobrancelha. “Obrigada. Acho.” E com isso ela partiu.

Charlotte estava nervosa ao entregar a Miriam a cópia do tabloide que havia recebido pelo correio de manhã.

“Isso é obra da Jewel”, gritou Charlotte, brandindo o jornal. “Ela nunca ficará satisfeita até que me tire daqui!”

“Eu a vi na cidade, Charlotte”, disse Miriam. “Está velha e doente. Não acredito que ela tenha alguma coisa a ver com isso.”

“Só porque não pôde segurar o marido”, disse Charlotte, “ela me culpa. Se ela tivesse ao menos se interessado por ele. Se tivesse ao menos se dado ao trabalho de reconhecer seu talento, sua música, só porque ele precisava de algum tipo de beleza, juventude e compreensão em sua vida...”

“Tudo isso acabou”, interrompeu Miriam. “Já faz anos.”

“Ah, é?”, protestou Charlotte. Ela tirou outro envelope que chegara pela manhã e o entregou a Miriam. “Dê uma olhada nisso...”

Miriam abriu uma folha de papel na qual estava rabiscada uma única palavra: “ASSASSINA”.

“Eu nem me preocupo mais em abrir a correspondência”, disse Charlotte. “Já sei o que tem nela.”

“Há quanto tempo isso está acontecendo?”, perguntou Miriam.

“Recebo uma assim toda semana, toda segunda-feira de manhã, nos últimos dezoito anos. Ela os envia.”

“Mas isso é inacreditável!”

“Quem mais poderia ter enviado?”, perguntou Charlotte. “É a consciência culpada da Jewel que a leva a fazer isso.”

“Ah, Charlotte, por que você ficou aqui assim durante todos esses anos? Por que jogou sua vida fora?”

“Não teria sido diferente em nenhum outro lugar. Tentei fugir para a Europa e eles me perseguiram lá. E eu prometi ao papai...”

“Você precisa sair agora!”, interrompeu Miriam. “Há pessoas vindo para embalar tudo. Você não deve interferir.”

“Eu não vou sair. Não enquanto ela ainda estiver aqui, não enquanto eles me chamarem de assassina. Eu não vou sair...”

“Você não tem escolha. Você precisa entender isso!”

“Então eles terão que me carregar!”

“Esse pode ser o caso, se você não se comportar.”

Deixando Charlotte, Miriam desceu as escadas e encontrou Hugh, que estava à espera. “Ela nunca vai ouvir a razão. Nunca”, disse-lhe Miriam. “Eu não sei o que ela acha que está protegendo aqui.”

As pessoas encarregadas de empacotar os pertences de Charlotte chegaram naquela tarde, e Miriam as colocou para trabalhar. Aproximaram-se dos quartos antigos com má vontade, quase com uma espécie de medo supersticioso. Charlotte as viu quando estava no patamar, depois se virou, voltou para o seu quarto e trancou a porta. Miriam virou os olhos para o céu, exasperada.

Naquela noite, enquanto Miriam estava deitada na cama, ela foi acordada pelo som de música, de um piano sendo tocado no andar de baixo. Levantando-se e colocando seu roupão, ela saiu para o corredor e viu que a porta de Charlotte estava aberta e, no corredor inferior, o brilho da luz da lua vinha da porta aberta do salão de baile. Ela olhou de volta na direção do quarto e do revólver na mesa de cabeceira, mas deixou a arma no aposento e começou a descer as escadas.

No salão de baile ela encontrou Charlotte, sentada ao piano e tocando a música que John Mayhew havia escrito para ela — a canção que as crianças agora cantam com palavras acusadoras. Só que Charlotte estava tocando a música como escrita por John — uma canção de amor por ela. Sua voz era melancólica e quase juvenil. Miriam hesitou, relutante em se intrometer, mas ouviu um barulho de acordes dissonantes do piano, um suspiro e depois o som de choro.

Miriam correu para a sala inundada pela luz da lua que entrava pelas portas de vidro que abrangiam toda a parede da sala e refletia em painéis espelhados que decoravam as paredes. Charlotte estava encolhida no chão, ao lado do piano, em um mudo terror, assustada demais para fazer qualquer barulho enquanto olhava para alguma coisa no teclado do piano.



Correndo até Charlotte, Miriam tentou fazê-la falar, mas a prima só conseguia soluçar enquanto seu olhar permanecia fixo na direção do teclado. Miriam seguiu seu olhar e de repente ficou paralisada, em estado de choque. Ali, no teclado, havia uma mão fina decepada.

Assim que se recuperou da repulsa da visão, Miriam virou o rosto de Charlotte para o outro lado, colocou-a de pé e ajudou-a a subir as escadas. Depois que acalmou Charlotte, ela voltou ao salão de baile, parou por um momento na porta e entrou relutantemente no local.

Ela encontrou o interruptor de luz e ligou o grande candelabro, trazendo a sala à vida. No começo, pensou ter visto outra mão antes de perceber que era apenas uma luva deixada por um dos ajudantes em uma das cadeiras douradas enfileiradas na sala.

Hesitante, ela se dirigiu ao piano, forçando-se a olhar para o teclado. Então parou, aliviada. A mão, ou o que quer que estivesse ali, havia desaparecido. Depois de um momento, ela foi até a janela para fechá-la, quando ouviu um som do lado de fora. Olhou para a escuridão e viu uma figura se afastando às pressas, indo além das sombras das cercas vivas. Pensativamente, ela fechou com firmeza a janela e a trancou.

No dia seguinte, o pessoal encarregado de empacotar tudo voltou para continuar o serviço. Enquanto trabalhavam, faziam especulações entre si. Depois de pegar intimidade no dia anterior, a casa havia se tornado menos ameaçadora para eles.

“Minha mãe”, disse uma das mulheres, “sempre dizia que se não fosse o papaizinho pagando todo mundo, com certeza absoluta já teria sido julgada. Ela foi a última a ver John Mayhew vivo lá naquela cabana. E dizem que tinha o temperamento de um gato selvagem quando a encontraram.”

“Isso ela ainda tem, é certo. Roubar o marido de outra mulher... e ela era muito bonita naquela época. Poderia ter ficado com qualquer jovem solteiro do condado.”

“Pelo que eu ouvi, o papaizinho teve que tirá-la da cidade. Não foi só para impedi-la de ir a julgamento que ele a mandou

para a Europa... havia outro motivo.”

“Você acredita nisso?”

“Mas cortá-lo daquele jeito! Encontraram uma das mãos dele aqui mesmo nesta propriedade.”

“Portanto, é lógico que o restante dele deve estar por aqui em algum lugar...”

“Isso dá arrepios, ela aqui, nesta casa, todos esses anos. Onde você acha que tem que esconder algo assim... como a cabeça de alguém?”

“Ninguém vai fazer uma coisa dessas. Nem mesmo ela.”

“Ah, sim. Então como eles descobriram aquela mão?” A mulher que pegava a cortina de repente descobriu a outra luva de trabalho. A outra mulher viu e deu um grito. Todos riram dela.

“Aquela mão velha poderia estar em qualquer lugar dentro desta casa.” A mulher se virou e apontou para as caixas empilhadas ao redor. “Ali dentro... ali dentro... ou...” Ela voltou sua atenção para uma grande caixa esculpida. “Ou pode ser que esteja neste caixãozinho aqui.”

“Caixão...?” A outra mulher engasgou. “Ah, não, não abra isso!”

Nesse mesmo instante, Charlotte apareceu, do nada. “Não!”, disse ela, com uma fúria controlada. “Não coloque suas mãos sujas nisso... não se atreva!” Ela encarou todos ali com olhos cheios de um ódio intenso. “Saíam!” Ela pegou um castiçal próximo e atirou-o cegamente na direção das pessoas. “Saíam, todos vocês!”

Miriam apareceu e tentou colocar Charlotte de volta sob controle, mas já era tarde demais. Nem Charlotte nem os trabalhadores quiseram se reconciliar. Os encarregados da mudança já não queriam ir até aquela casa da morte, de qualquer maneira.

Charlotte pegou a caixa esculpida e subiu as escadas com intensidade.

“Deve ter algo muito confidencial ali para ela carregá-lo dessa maneira”, resmungou um dos trabalhadores, pegando suas coisas para ir embora. Por pior que fosse perder o pessoal da mudança, o dia de Miriam piorou ainda mais quando Hugh

chegou para contar que o velho juiz Grannie estava vindo para conversar com Charlotte. O juiz, um velho amigo do pai de Charlotte, foi convencido pelo delegado e por outros a conversar com ela. Miriam estava quase levantando as mãos quando disse a Hugh: “Essa situação é impossível. Charlotte está completamente enlouquecida e deveria ser internada”.

“Então por que não discutir isso com o juiz? Charlotte não está em condições de falar com ele.”

No entanto, Charlotte testemunhou a chegada do juiz, horas depois. No andar de baixo, Hugh e Miriam deram-lhe as boas-vindas, mas explicaram que Charlotte estava muito doente para vê-lo. O juiz, um homem muito velho, parecia ter esquecido o propósito de sua visita. A visão da casa despertava nele todo tipo de lembranças — dos bons momentos que passaram ali e da tragédia que havia ocorrido. Parecia impossível levá-lo a discutir a questão de Charlotte e tirá-la da casa.

“Charlotte...”, disse o velho juiz, finalmente, “é horrível como eles crucificaram aquela pobre menina... assustador... assustador. Você imaginaria que eles ficariam satisfeitos em levar a coitada da sua mãe e o coitado do seu pai para seus túmulos em meio à tristeza e ao escândalo...?”

“Sim, claro”, disse Miriam. “É por isso que alguém deve persuadi-la a sair daqui...”

Nesse instante, Charlotte, agora completamente vestida com o que tinha de melhor, e toda a vivacidade de debutante do Sul de quarenta anos atrás, entrou na sala.

“Ora, juiz Grannie!”, ela exclamou, posando graciosamente na porta. “Acabei de ouvir o senhor falando; apenas um som baixinho da sua voz lá no meu quarto e imediatamente eu soube de quem se tratava!”

“Srta. Charlotte!”

“Há quanto tempo. Quando foi a última vez que estive nesta casa?” Inacreditavelmente, Charlotte e o juiz começaram a recriar uma cena do passado, representando o que aconteceu, Charlotte interpretando a jovem beldade sulista para o velho juiz

paternal. Miriam e Hugh apenas observavam, incrédulos. O juiz, era óbvio, estava senil, e não seria de nenhuma ajuda para eles. Charlotte, no final, falou de seu pai e de como ele a fez prometer ficar na casa, e nunca ceder à cidade e às pessoas. Ela começou a chorar com tanto sofrimento que Hugh teve de ajudá-la a subir para o seu quarto. O juiz, longe de cumprir seu propósito de persuadir Charlotte de que ela deveria ir embora, foi levado da casa por Miriam, ainda furioso contra os intrometidos da cidade que haviam intimidado aquela “coisinha pobre e indefesa”.

Naquela noite, Hugh levou Miriam até a cidade para pedir ao delegado que prorrogasse o prazo para que as equipes de demolição assumissem a casa. Primeiro, ele recusou.

“O que você vai fazer?”, perguntou Miriam. “Ela pode estar doente. E parece perturbada. Vai marchar até lá e despejá-la?”

“Bem, eu dificilmente poderia assumir a responsabilidade por esse tipo de ação.”

“E não pode simplesmente derrubar a casa com ela dentro.”

“Não...”

“Eu farei o que puder para tirá-la o mais rápido possível”, disse Miriam.

“Talvez se você não estivesse aqui. E se não houvesse ninguém para ajudá-la?”

“Você tentou isso antes de eu voltar e não deu certo. Ela é minha única parente viva, a única que restou. E existe o perigo de alguém machucá-la. Tenho que ficar.”

O comissário respondeu: “Mas se fizermos uma acusação criminal contra ela...”.

“Só vai atrasar e piorar as coisas”, retrucou Miriam. “Eu serei responsável por ela... pelo menos para garantir que não vai atirar em ninguém. Você tem que me dar um pouco mais de tempo.”

No final, o comissário concordou em dar a Miriam mais uma semana.

Quando foi para o carro, Miriam foi recebida por Paul Selvin, que inclinou o chapéu e sorriu. “Não gosto de incomodar”, disse

ele, “mas queria saber se teve a oportunidade de falar com sua prima.”

“Eu tive a oportunidade”, respondeu Miriam, “mas não tive a coragem.”

“Talvez se eu apenas aparecesse...”

Miriam encolheu os ombros: “E por que não? Todo mundo na cidade faz isso”.

“Amanhã então?”, perguntou Paul.

“Se você não se importa com o que faz com seu tempo. O mais provável é que Charlotte se recuse a ver você.”

“Então talvez a senhorita me faça companhia.”

Miriam riu, entrou no carro com Hugh e eles foram embora. A noite estava quente e úmida. Miriam dormia um sono leve e irregular. Mais abaixo no corredor, Charlotte se levantou da cama e olhou para as cercas vivas verdes. Havia um vulto lá? Ou foi um truque de luz e sua imaginação?

“John?”, sussurrou Charlotte. Ela ficou um momento a mais na indecisão e depois voltou para a casa. Entrando no corredor, Charlotte fez uma pausa, deu um ou dois passos silenciosos na direção da porta entreaberta de Miriam e escutou. Ao não ouvir nada, ela se virou e desceu as escadas correndo. Ao pé da escada, ela parou. A silhueta de um homem parecia se erguer contra a janela, e então se moveu para a frente e para trás, até tornar-se a sombra de um arbusto. Ela abriu a porta da frente, mas não encontrou nada além da noite e uma brisa. Então se virou e voltou para a casa. Antes de entrar, parou na porta da sala de visitas e olhou para dentro. Um rosto apareceu de repente na escuridão. Ela estacou, com o coração acelerado, até perceber que era seu próprio rosto jovem, capturado pela luz da lua, que iluminava o retrato. Então, ouvindo o que ela achava ser um pouco de música, foi em direção ao salão de baile. A porta, geralmente mantida fechada, estava entreaberta. Parecia haver uma figura em movimento novamente, desta vez dentro da luz alongada que brilhava pela porta. Ela começou a andar e parou, com um pouco de medo e incerteza, e então, pensando ter ouvido a música de novo, moveu-se lentamente ao longo do corredor até a porta e a abriu.

No andar de cima, Miriam se mexeu, inquieta, e acordou. Na cabeceira estava o revólver, perfeitamente visível no brilho suave da luz de segurança. Ela também ouviu a música — um tilintar suave do piano sendo tocado como antes. O som continuou por um instante antes de ela se sentar em plena consciência. Por um momento, ela apenas escutou e, em seguida, levantou-se da cama, vestiu o robe e saiu do quarto. No corredor, ela parou, olhando para baixo, prestando atenção na música. Virou-se para olhar para o quarto, mas foi puxada para trás bruscamente por um grito vindo de baixo. Ela correu de volta para o quarto e pegou a arma.

Enquanto se dirigia para as escadas, ouviu o som de vidro se quebrando, que voltou algumas vezes com um gemido estridente contínuo enquanto ela corria para a porta agora fechada do salão de baile.

Por um momento, não conseguiu abrir a porta, mas então usou tanta força para abri-la que quase a jogou para trás. A sala parecia loucamente agitada com a luz da lua, embora as portas de vidro estivessem fechadas. Ouviu um choro vindo de algum lugar no meio da escuridão. Acendeu as luzes e olhou em volta, em uma estupefação muda. Todos os painéis espelhados da sala tinham sido quebrados, o chão cheio de cacos brilhantes. Charlotte estava no centro da sala chorando, segurando o braço com a mão. A seus pés estava um dos martelos que os trabalhadores usaram quando empacotavam os móveis.

Miriam correu até Charlotte. “Charlotte, você está bem? O que é que você fez? Por quê, Charlotte? Por quê, Charlotte?” A pergunta saiu quase no reflexo.

Charlotte só conseguia soluçar e sacudir a cabeça; quando retirou a mão do braço, o sangue escorreu por seus dedos e ao longo do membro.

“Você fez isso, não é?”, Miriam exigiu saber.

Charlotte sacudiu a cabeça e finalmente soltou uma única palavra: “Não”.

“Então quem foi? Você estava aqui. Você viu. Quem fez isso?”

Charlotte olhou para trás, na direção das portas de vidro fechadas. “John...”, ela finalmente conseguiu respirar, “ele está

bravo comigo.” “Vá, ande”, ordenou Miriam, “suba para o seu quarto. Cuido do seu braço em um minuto.”

Quando Miriam foi testar as janelas de vidro, para se certificar de que estavam trancadas, encontrou uma delas destravada. Ela a abriu e olhou para fora, e, por um segundo, pensou ter visto uma figura em movimento, mas a luz a deixou incerta.

No dia seguinte, Miriam mostrou a sala a Hugh e Velma. Esta, reclamando o tempo todo, havia sido ordenada para limpá-la.

“Não é o tipo de coisa que alguém em sã consciência faria”, proclamou Velma. “Destruir um lugar assim... essa srta. Charlotte...”

Miriam interrompeu: “Ninguém disse que minha prima fez isso”.

“Ainda assim”, acrescentou Hugh. “Quem fez isso estava em um estado mental violento. De um jeito ou de outro, Charlotte precisa sair daqui antes que qualquer outra coisa aconteça.”

“Eu sei”, disse Miriam, “foi por isso que chamei você. Queria que estivesse aqui quando eu falasse com ela. Se necessário, acho que devemos dar a ela um forte sedativo... se você concordar com isso, é claro.”

“Vamos ver”, respondeu Hugh.

Quando saíram da sala, Velma se endireitou, e então, lentamente, deixando passar um tempo para que Hugh e Miriam não percebessem, seguiu-os em silêncio para ver e ouvir.

Para sua surpresa, Hugh e Miriam encontraram Charlotte fazendo as malas, arrumando suas coisas, aparentemente, para ir embora.

“O que você está fazendo?”, perguntou Miriam, incrédula.

“Preciso ir”, disse Charlotte de um jeito estranhamente calmo. “Estou percebendo agora...”

“Que bom, Charlotte”, disse Miriam, “tinha certeza de que você iria perceber, mais cedo ou mais tarde.”

“Sim”, disse Charlotte, e então, desviando o olhar para que Hugh e Miriam não pudessem ver sua expressão, ela

acrescentou: “Eu deveria ter visto isso antes. Mas eu não sabia...”.

Miriam deu uma rápida olhada para Hugh: “Você não sabia o quê?”.

“Que era isso o que John queria. Mas agora, depois da noite passada...”

Miriam olhou para Hugh, incrédula. Isso parecia ser uma prova de que Charlotte certamente estava louca.

No andar de baixo, Velma, que estivera escutando a conversa, foi até o telefone para contar a Paul Selvin, que a pagara a fim de obter informações, que Charlotte finalmente decidira deixar a casa.

Miriam e Hugh estavam no meio de uma discussão impetuosa quando Charlotte saiu do quarto. Charlotte estava tramando alguma coisa ou realmente decidira ir embora? Simplesmente teriam de esperar para saber.

“Mas eu não vou sair à luz do dia para todos olharem e se vangloriarem para cima de mim”, disse Charlotte com veemência. “Não são eles que estão me fazendo sair... é por causa da Jewel. Vou embora hoje à noite, quando estiver escuro, e eles não vão me ver, e então simplesmente vou desaparecer...” Ela se virou para Miriam. “Você vai me levar, não vai?”

“Sim, claro”, disse Miriam. “Aonde você quer ir?”

“A algum lugar ensolarado. Um lugar quente. Lembra daquela cidadezinha no golfo onde a vovó morava?”

“Eu nunca estive lá.”

“Ah, nunca? Deixa para lá. Nós vamos encontrá-la.”

“Eu lembro”, disse Hugh, “Eu sei onde fica.”

Miriam olhou para Charlotte e sorriu. “Vamos embora hoje à noite, então, depois do jantar.”

“Sim”, repetiu Charlotte, “depois do jantar. Eu vou desaparecer. Vou simplesmente deixar este lugar como está... para os chacais...”

“Acho que sim”, disse Miriam, preocupada. “É melhor eu arrumar minhas malas.”



Naquela noite, ao se sentarem para o jantar que Velma havia deixado para elas, Miriam observava Charlotte com nervosismo, sem saber se ela iria mudar de ideia ou não. Como a comida que Velma deixara era bem simples, ela foi até a cozinha, encontrou o caminho para a adega e voltou com uma garrafa de champanhe. Miriam sempre havia gostado de champanhe; e Charlotte, em sua profunda depressão, poderia tomar algo para se animar. Miriam abriu a garrafa e levou-a para Charlotte no terraço.

“Eu nunca tive uma cabeça boa para bebidas alcoólicas”, disse Charlotte. “Você não lembra?”

“Só um pouco não vai fazer mal”, considerou Miriam. “Além disso, há motivos para celebrar.”

Quando terminaram a garrafa, Charlotte estava visivelmente embriagada. Miriam percebeu e pediu: “Coma um pouco, pelo menos”.

Charlotte saiu da mesa e entrou na casa. Por um instante, permaneceu olhando para o corredor. Então, sem muita elegância e derramando um pouco do seu vinho, fez uma profunda reverência.

“Que gentileza”, disse ela, com uma voz leve e feminina: “Que gentileza todos vocês virem à minha festinha...”.

“Charlotte”, chamou Miriam, vindo do terraço.

“Ah”, disse Charlotte, sorrindo de volta para ela, “Eu só estou me divertindo. Não se preocupe comigo...”

“É melhor eu ir arrumar as coisas”, disse Miriam. Com um olhar inquisitivo para Charlotte, ela subiu as escadas. No corredor, Charlotte deu uma risadinha e ofereceu a mão a um jovem imaginário. Então caminhou de quarto em quarto, revivendo momentos do passado — a princípio, os felizes, em que ela era a linda filha de pais que a adoravam. Ela parou para encenar com seu pai apenas o tempo suficiente para sugerir um tipo de incesto “comunicativo”. Ela sempre conseguia o que queria de um homem... ou foi isso a que ela fora levada a acreditar. Poderia conseguir qualquer homem.

“John...”, murmurou Charlotte, e deu meia-volta. Era como se ele estivesse ali diante dela. Ela estendeu a mão e pegou a dele.

“Se alguém vir você...!”, disse com um prazer juvenil. “Se Jewel descobrir... Ela age de maneira agradável e simpática, mas você sabe como ela é... casado com ela...”

Charlotte correu pelo corredor, como se estivesse levando John, arrastando-o para as sombras da sala de música.

“Oh, se alguém soubesse! Se papai soubesse! Ah, eu odeio pensar... Não, não, você não deve me beijar aqui. Qualquer um pode aparecer. Se alguém aparecer, você vai direto para o piano e começa a tocar, como se fosse para isso que veio até aqui...”

Sorriu levemente para si mesma. “Ah, você é tão bobo vindo aqui desse jeito... para que os empregados vissem... mas estou feliz... Feliz! Oh, John, eu não me importo nada com aqueles garotos bobinhos que aparecem. Quando eu os vejo, e então eu olho para você... seu rosto lindo, tão lindo e suas mãos bonitas...”

Ela parou de repente, com as mãos estendidas como se quisesse pegar as dele, e então, quando outra visão surgiu diante dela, Charlotte gemeu e cobriu o rosto enquanto saía da sala.

Miriam logo apareceu no patamar do andar de cima, depois de levar algumas caixas do quarto de Charlotte. Ela a chamou, mas, sem prestar atenção e chorando, Charlotte estava apenas decidida a fugir da terrível visão que a confrontara ali no salão de baile. Ela correu em direção à grande porta da frente, agora desesperada para estar longe e fora da casa. Mais uma vez, Miriam chamou seu nome, mas Charlotte estava muito nervosa para ouvir. Puxando a porta, Charlotte correu para fora.

Ao atravessar a ampla varanda da frente, uma figura apareceu monstruosamente, e sem aviso, diante de Charlotte. Ela gritou, e houve um terrível clarão ofuscante de luz diante dela. Na esteira negra do flash, Paul Selvin aproximou-se, orgulhoso por ter conseguido sua foto.

“Srta. Hollis”, disse ele, “me desculpe se eu a assustei.”

Chorando em meio a um pânico terrível, ciente de algumas outras luzes piscantes na entrada para carros, Charlotte correu de volta para dentro da casa, batendo e trancando a porta antes

de se inclinar contra ela, aterrorizada demais para se mover. Miriam, carregando uma caixa, aproximou-se do topo da escada.

“Charlotte!”, gritou ela. “O que aconteceu?”

Do lado de fora, as luzes que piscavam na entrada, no fim das contas, eram do carro de Hugh. Ele parou e, tendo testemunhado o rápido drama na porta, saiu e foi imediatamente até Paul. Impedindo-o de fugir e debatendo-se com ele, Hugh apanhou sua câmera e a quebrou.

Do lado de dentro, Miriam continuava a olhar para Charlotte. “Charlotte”, dizia ela, “por favor...”

Charlotte saiu da porta, tentando controlar seus soluços, e olhou para Miriam. Ela tentou falar, contar o que aconteceu, mas não conseguiu formar as palavras.

“Tudo bem. Tudo bem”, disse Miriam. Ela começou a abaixar a caixa, mas escorregou. Quando tentou agarrar a tampa, a caixa, agora virada de lado, se abriu.

Charlotte olhou para a caixa aberta e seu conteúdo exposto. Seus soluços foram interrompidos por um novo e ainda mais terrível terror, pois ali, diante dela, sorrindo do alto da escada, havia uma medonha cabeça decepada. Enquanto ela olhava, incapaz de se mover ou fazer qualquer som, a cabeça caiu da caixa e rolou na escada, descendo tetricamente até o último degrau e seguindo pelo piso até seus próprios pés. Então, dando uma respiração profunda e convulsiva, Charlotte soltou um grito ensurdecedor.

Do alto da escada, Miriam olhou para baixo, assustada, e, gritando o nome de Charlotte, soltou a caixa e começou a descer.

Ao acordar em seu quarto escuro, Charlotte sentiu uma sensação instantânea de pânico, lembrando-se da experiência chocante que teve lá embaixo.

“Não tenha medo”, disse uma voz. Ela olhou em volta e viu Miriam sentada ao lado da cama, sob a luz fraca da lamparina. E então seu olhar passou por Miriam e se fixou em outra coisa nas sombras mais profundas. Levantou-se aterrorizada; a cabeça decepada parecia estar ali na cômoda, sorrindo para ela.

Miriam, percebendo o que a assustava, apressou-se a lhe garantir que não devia ter medo: “Não, não, está tudo bem”. Então estendeu o braço e trouxe para a luz a “cabeça”, que se materializou como uma velha cabeça de manequim. “É só isso, Charlotte. Eu sei como deve ter te assustado...”

Charlotte virou a cabeça para o travesseiro, chorando baixinho.

“Foi aquele idiota, explodindo aquela lâmpada de flash na sua cara. Você não podia ter certeza de nada.”

Miriam pegou uma pílula em um frasco ofereceu-a à prima, dando-lhe também um copo d’água. A princípio, Charlotte recusou, mas quando Miriam insistiu que Hugh recomendou que ela a tomasse ao acordar, ela hesitantemente a engoliu.

Charlotte olhou para Miriam com uma expressão curiosa, como se a visse pela primeira vez, e então, desistindo de lutar para ficar acordada, adormeceu novamente.

Certificando-se de que Charlotte estava descansando confortavelmente, Miriam saiu do quarto e voltou para o seu próprio aposento, tirou a arma da mesa de cabeceira e cuidadosamente a verificou, para ter certeza de que estava carregada.

Pela manhã, Charlotte foi acordada por Miriam entrando no quarto com a bandeja do café da manhã. No começo, permitiu inquestionavelmente que Miriam organizasse sua posição na cama e ajeitasse a bandeja para ela. Mas depois, agora completamente acordada, ela perguntou: “Velma não veio hoje?”.

“Eu liguei para ela ontem à noite e falei para não vir”, disse Miriam. E ante o olhar questionador da prima, acrescentou: “Se não fosse por ela, aquele repórter não teria estado aqui ontem à noite. E você não estaria nessa condição esta manhã”.

Charlotte observou Miriam com um tipo curioso de reflexão, e então, quando Miriam começou a sair, gritou para impedi-la. “Miriam”, chamou Charlotte, e em seu indiscutível olhar de doente havia um novo tipo de gentileza: “Sei que você não foi feliz nesta casa. E eu não fui muito boa com você”.

“Você estava muito envolvida consigo mesma e com todos os seus namorados”, respondeu Miriam.

“Sim. Eu acreditava em todas as coisas que papai me dizia... sobre como eu era bonita. E charmosa...”

“Você era linda”, disse Miriam. “Sim. E charmosa também.”

“Mas não fui bem uma lenda... Eu sei... Fiz coisas terríveis. Roubar o marido de outra mulher...”

“Sem dúvida ele queria ser roubado.”

“Sim, sim, acho que sim. De qualquer forma, eu estava errada. Mas paguei por isso. Foi o meu sentimento de culpa que me manteve aqui, mais que qualquer outra coisa.”

“Culpa?”, perguntou Miriam.

“Por causar tudo isso.”

“Você não deve pensar sobre isso... não agora.”

“Mas eu não fiz isso, Miriam. Nunca disse isso a ninguém antes, nem a qualquer outra alma viva. Eu comecei a dizer a papai, mas ele não me deixava. Ele dizia que eu não devo dizer isso. E eu não devo deixar que eles me expulsem.”

“Mas agora...”, começou Miriam.

“Mas agora tudo acabou. Somos velhos, todos envelhecemos... Jewel... e eu. Mas você... você escapou.”

“Eu fugi”, disse Miriam. “É uma tática muito boa que aprendi, fugir quando sua vida está ameaçada.”

Por um momento, as duas mulheres ficaram em silêncio, olhando uma para a outra. Finalmente, Charlotte estendeu a mão. “Estou tentando dizer que sinto muito, Miriam”, disse ela.

Miriam assentiu: “Sim, eu sei”.

“Você não vai me deixar aqui sozinha, vai?”

Miriam balançou a cabeça. “Não, eu não farei isso.”

Charlotte sorriu, meio pálida, e virou-se para o café da manhã.

“Você vai ver tudo de uma forma diferente”, disse Miriam, “assim que estiver longe daqui.”

Hugh visitou Charlotte mais tarde naquele dia e deu-lhe outra injeção para ajudá-la a descansar, entrando na sala para falar com Miriam.

“Não há dúvida sobre isso”, disse ele. “Ela foi muito afetada pelo que aconteceu. Está em um choque muito forte.”

“Eu tinha tanta certeza de que ela ia embora”, disse Miriam, com resignação.

Charlotte, vítima do sedativo, balbuciou sobre o passado, conversou com John e falou de seu amor por ele durante o dia inteiro. À noite, foi acordada por Miriam para tomar uma sopa e depois foi deixada sozinha, quando Miriam foi para seu próprio quarto. Tarde da noite, Charlotte acordou ouvindo a música, a música que John escrevera para ela. A princípio, certa de que estava sonhando, apenas sorriu, mas depois, tornando-se mais desperta, a música ainda soando vagamente contra sua consciência, ela se aprumou na cama. Sua porta estava aberta e havia uma luz fraca lá fora. A música parecia estar ficando mais alta.

Ainda confusa pelo sono entorpecido, ela conseguiu sair da cama. Com um pouco de medo, ela se dirigiu para a porta aberta e olhou para fora. A música ainda estava tocando em algum lugar abaixo, mas, quando Charlotte se moveu para o patamar, parou. Ela começou a se afastar, e então a música começou de novo.

Charlotte olhou para o quarto de Miriam, viu a lâmpada acesa ao lado da cama e se moveu naquela direção. Foi até o quarto e chamou docemente o nome de Miriam, mas o quarto estava vazio. Viu a arma no círculo de luz sob a luminária, e ficou olhando, admirando-a como uma coisa brilhante e maravilhosa. Lentamente, ela caminhou até a mesa de cabeceira e apanhou a arma. Por um momento, apenas a observou, e ao ouvir novamente a música do andar de baixo, levou o revólver consigo, esquecido, na sua mão, saindo do quarto e indo na direção da escada.

No momento em que saiu, Miriam apareceu na porta do banheiro contíguo, olhou para o quarto, e, como não viu nem ouviu nada, voltou para dentro.

Quando Charlotte desceu as escadas, ela parecia estar em uma névoa confusa de alucinação. Seus pesadelos girando em

torno dela, parecia quase se tornar mais jovem a cada passo. Apenas a arma em sua mão roubava a cena de uma atmosfera de inocência quase brincalhona.

A música parecia vir de dentro da sala de estar. Enquanto estava parada lá, ela viu um retângulo de luz caindo no chão, contendo uma silhueta indefinida — de um homem. Quando se dirigiu para a porta, a luz diminuiu e, ao entrar na sala, a música mais uma vez parou. Ela ficou parada por um instante, ouvindo.

“John?”, sussurrou ela.

Mas não houve resposta.

De novo ouviu a música, agora vinda de algum outro lugar. Ela voltou para o corredor e decidiu que a música vinha da biblioteca. A porta estava fechada, mas parecia haver uma luz brilhando sob ela, interrompida pelo movimento de uma sombra do lado de dentro. Ela correu para a porta e a abriu. A música ficou um pouco mais alta momentaneamente, depois parou. A sala estava escura e deserta.

“John?”, sussurrou ela novamente.

E, mais uma vez, não houve resposta.

Charlotte se moveu para as sombras mais profundas no final do corredor. Parecia haver sombras sinistras em todos os lugares. Ela pensou ter visto a mão decepada ali em cima de outra caixa de mudança — ou seria outra luva? Aquilo ali nas sombras era uma cabeça decepada ou apenas um chapéu? Atraída pela música e pelas sombras em movimento enquanto chamava o nome de John intermitentemente, ela se moveu de sala em sala. Estava meramente mergulhada em um estado de ilusão ou realmente enlouquecera?

Em um pequeno jardim de inverno, Charlotte encontrou sua caixa esculpida em uma mesa inundada pela luz do luar. E finalmente encontrou a fonte da música. Ou não? Ela estava hesitante quando se aproximou da caixa e encostou em sua tampa.

Permaneceu imóvel por um longo tempo, a música tilintando da caixa fechada, e então, com uma resolução repentina, resolveu abrir a tampa. Em seu interior, apenas uma cena pintada com flores e pássaros. A música, enlouquecedora, parou.

Uma sombra se moveu silenciosamente atrás dela quando se virou. A porta atrás de Charlotte permanecia escura e vazia. Estava tremendo de medo agora, sem saber ao certo o que temia.

Por fim, ela avançou, decidida a voltar à proteção de seu quarto, mas a escuridão vaga e silenciosa pairou diante dela enquanto se dirigia para as escadas.

No andar de cima, Miriam voltou para a cama, sem olhar para a mesa ou perceber que a arma não estava lá. Ela se deitou e fechou os olhos.

Embaixo, Charlotte havia chegado às escadas quando ouviu a música mais uma vez, muito suavemente, de algum lugar atrás de si. Ela se virou. A luz agora parecia escapar por sob as portas do salão de baile, e havia sombras rápidas que sugeriam pessoas dançando silenciosamente lá dentro. Piscando com força, ela tentou limpar a mente, e talvez também a visão, enquanto irresistivelmente era atraída de volta naquela direção.

Na porta, ela parou ao perceber algo, ainda que sutilmente. Então ouviu uma voz muito fraca sussurrando seu nome... "Charlotte." Ela estendeu a mão para a porta, girou a maçaneta e a abriu. Como antes, o luar inundava a sala refletindo os restos brilhantes dos espelhos enquanto a porta de vidro aberta dava as boas-vindas à noite de verão.

"John", sussurrou Charlotte, um pouco mais alto do que antes e, em resposta, a música aumentou. Por um instante, Charlotte ficou parada, capturada pela beleza do momento, tornando-se cada vez mais jovem e ouvindo o riso distante de seu baile de debutante, lembrando-se.

Lentamente, ela começou a se mexer no ritmo da música, primeiro de um lado para o outro, sorrindo suavemente. E então estendeu as mãos como se fosse para um parceiro que havia escolhido. Com a arma balançando irracionalmente na mão, ela começou a dançar. Era muito graciosa e muito jovem, e, enquanto a música aumentava sobre ela, seu sorriso de prazer se alargava e seus olhos brilhavam.

Enquanto girava pelo salão de baile, viu outros fantasmas dançando ao seu redor. De repente, os espelhos se tornaram



inteiros de novo, e a sala iluminada e real, exatamente como quando ela teve seu primeiro baile ali.

Havia risos e alegria, e a música perfeita da orquestra. Mas quando se abaixou e deslizou, a sala escureceu e retornou à luz do luar, os espelhos voltaram a ser fragmentos quebrados, e a música se desvaneceu ao agudo tilintar da caixa de música.

Então Charlotte vislumbrou algo ou o que parecia ser alguém de pé em uma das portas de vidro abertas. Charlotte parou de dançar, mas ainda com um pequeno sorriso de alegria e acolhida — mas o riso cessou e seu rosto ficou rígido de terror. Ela se viu de frente, não das portas de vidro, mas de um dos painéis espelhados quebrados. Inconfundivelmente delineada em sua superfície interrompida estava a figura de um homem — um homem sem cabeça. Enquanto Charlotte estava paralisada de horror, a figura ergueu os braços, como se a estivesse convidando para dançar, e ela viu que ele não tinha mãos. Charlotte gritou, e seu grito ecoou na noite. A figura moveu-se em sua direção e para fora da luz do luar. Num impulso de autodefesa, Charlotte segurou a arma com as duas mãos e apontou na direção da figura que se aproximava. Com um soluço, ela atirou.

No andar de cima, acordada pelo som ensurdecido, Miriam se mexeu bruscamente na cama e arrancou as cobertas. Ao mesmo tempo, vários outros tiros soaram de forma retumbante do andar de baixo. Miriam se virou para a mesa de cabeceira, viu que o revólver não estava lá e, levantando-se rapidamente, saiu do quarto. Correndo pelo corredor, olhou de relance para o quarto de Charlotte, apenas o suficiente para saber que ela não estava lá, e então desceu as escadas correndo.

“Charlotte!”, gritou ela. “Charlotte!” Não houve resposta, e ela disparou para o corredor. Parando, olhou descontroladamente ao redor e, vendo as portas do salão de baile entreabertas, correu naquela direção. Ao entrar na sala, viu a silhueta de Charlotte contra a da luz da lua, imóvel e silenciosa. Miriam a chamou, e Charlotte não se moveu para responder. Ela então acendeu as luzes e viu a prima de pé sobre uma figura caída.

“O que você fez?”, perguntou Miriam enquanto corria. Charlotte, chocada demais para responder, simplesmente ficou olhando para a figura. Miriam olhou para o homem e percebeu que ele caíra de forma que seu rosto estava oculto. Ela olhou para Charlotte. “Quem é ele?”, exigiu saber.

Mas Charlotte continuou sem fazer nenhum movimento ou som.

Relutantemente, Miriam ajoelhou-se para tocar o ombro do homem e, forçando a si mesma a fazer aquilo, virou-o. Lentamente, a cabeça ensanguentada de Hugh foi revelada.

“Hugh!”, gritou Miriam, olhando para Charlotte. “Mas por quê...?”

Charlotte começou a gemer. Deixando cair a arma, ela cobriu o rosto com as mãos e se virou. Miriam olhou para ela por um momento, incrédula.

“Eu vou ter que chamar a polícia”, disse ao sair da sala.

Mas então hesitou ao se dirigir ao telefone. Mais uma vez, ela parou e olhou de volta para o salão de baile. Deveria voltar e cuidar de Charlotte antes de fazer a ligação? Charlotte, de repente, como uma aparição, saiu do salão de baile e velozmente se aproximou de Miriam a tempo de segurar a mão que estava sobre o telefone.

“Você não pode ligar para eles!”, balbuciou Charlotte, ofegante. “Você não pode fazer isso, Miriam. Oh, Miriam, se você sente alguma coisa por mim, se tem algum sentimento, não faça isso, não faça...”

“Eu tenho que ligar”, disse Miriam. “Não há alternativa.”

“Mas será como antes. Eles vão vir e fazer todo tipo de perguntas pessoais e terríveis. Por que você acha que fiquei sozinha aqui todos esses anos? Eu não suporto isso. Eles me humilharam. Mataram papai e mamãe. Você não pode deixá-los me matar também!”

“Charlotte, pare, por favor.”

“Não, me escute, me escute. Eu não fiz de propósito. Eu não sabia. Eu não sabia que era o Hugh. Por que eu faria isso? Ele foi o único a me dar um pouco de atenção durante todos esses

anos. Eu estava com tanto medo. Estava escuro, e quando eu olhei e o vi ali, foi como...”

“Como o quê?”

“Como um sonho. Um sonho que eu tive repetidamente por anos e anos... desde aquela noite em que papai entrou aqui nesta casa e me contou. Desde que encontraram a pobre mão do John. Oh, Miriam, Miriam, eu não aguento mais. Eu não posso fazer isso!”

“Mas o que nós podemos fazer?”

“Leve-o embora. Leve-o de volta para a casa dele e deixe-o lá... onde eles vão encontrá-lo e cuidar dele... faça o que precisa ser feito...”

“Oh, Charlotte...”

“Que bem isso fará? Que bem fará eles virem aqui? Miriam, estou implorando, leve-o embora. Eu não quis fazer isso. Eu tomei todas aquelas pílulas e tudo parecia... estranho.”

Por um instante, Miriam olhou para ela e, no calor do momento, pareceu convencida. “Você terá que me ajudar”, disse Miriam. “Nós vamos ter que colocá-lo no carro, e... você terá que ajudar.”

Charlotte assentiu. “Tudo bem então.”

“Você espera aqui”, disse Miriam, “enquanto eu pego o carro.”

“Eu devo... devo ficar?”

“Vá para dentro, então”, disse Miriam, “e saia quando ouvir o carro. Vai ser apenas por um minuto.”

Miriam correu para a escuridão enquanto Charlotte voltou para o corredor, chorando baixinho.

Ao voltar com o carro, Miriam se viu forçada a entrar para buscar Charlotte. Juntas, Charlotte chorando e assustada, conseguiram colocar o corpo de Hugh no banco de trás do carro e cobri-lo com um cobertor.

“Não posso ir agora?”, perguntou Charlotte com uma voz assustada de criança.

“Temos que tirá-lo de novo”, disse Miriam com firmeza, e obrigou Charlotte a entrar ao seu lado no carro. “Devo estar louca

por estar fazendo isso por você.”

“Por mim”, disse Charlotte, parecendo mais do que um pouco desorientada. Mas então, muito graciosamente, ela continuou: “Sim, por mim. E eu fui malvada... tão terrivelmente malvada, Miriam”.

Elas dirigiram pela noite, a princípio com os faróis apagados, para não chamar atenção; depois, ao pegar as estradas secundárias, com eles acesos. Charlotte, num estado de extrema agitação e atordoamento, continuou a balbuciar e depois a delirar.

“Eu não o machucaria! Eu não faria isso, você sabe... Eu não faria isso!”

Miriam, por fim, foi forçada a parar o carro e a bater com força no rosto de Charlotte para fazê-la se controlar novamente.

“Você precisa ficar quieta”, disse Miriam. Contudo, antes que pudessem seguir em frente, olharam em volta e descobriram que tinham estacionado quase ao lado de um carro em que um casal estava se agarrando. Elas foram embora no momento em que o casal, só então percebendo a presença delas, as olhou.

Finalmente, saíram da estrada e chegaram a um lugar perto de um barranco raso. Miriam forçou Charlotte a sair do carro. Para Charlotte, saindo para a escuridão, cada sombra, galho e folha se tornava uma ameaça. Desviando o olhar, ela ajudou a segurar o corpo de Hugh enquanto Miriam dava instruções conforme o arrastavam para o barranco.

“Temos de cobri-lo com folhas”, disse Miriam quando Charlotte começou a soluçar e balbuciar.

“Tanta morte... tanta morte...”, murmurou Charlotte.

“Venha”, disse Miriam, “nós temos que voltar.”

Ela levou Charlotte de volta para o carro e foram embora.

Elas chegaram à entrada de carros com os faróis apagados e se aproximaram da silenciosa casa escura. Miriam saiu para ajudar Charlotte a sair do carro em frente à varanda.

“Você entra. Eu vou guardar o carro. Vá direto para o seu quarto. Não acenda nenhuma luz.”

“Sim”, disse Charlotte com uma voz distante, “direto para o meu quarto.”

Miriam foi embora, e Charlotte ficou olhando para ela. Quando a casa surgiu diante de Charlotte, ela pareceu estar paralisada. Contudo, ao se lembrar das palavras de Miriam, e seguindo suas instruções, ela caminhou até a porta, abriu-a e entrou na casa. Mal começara a subir as escadas, notou uma luz sob as portas do salão de baile, onde não havia nada momentos antes. Insegura, seguiu naquela direção. Na porta da sala, ela parou, com medo de olhar para dentro, sem querer ver a terrível mancha de sangue no chão. Mas abriu as portas mesmo assim e olhou lá para dentro. Não havia nada. O chão onde Hugh havia sangrado até perder a vida estava completamente limpo e sem marcas. De alguma forma, isso foi ainda mais perturbador para Charlotte do que se algum novo horror estivesse esperando por ela. A insensata impossibilidade disso a atingiu como um golpe físico. Ela virou-se e correu pelo corredor e subiu as escadas.

Tão absorta estava Charlotte em sua fuga que não viu a luz que vinha logo no patamar. Só quando chegou lá é que percebeu — a perturbadora visão da figura ensanguentada de Hugh. Quase colidiu com o corpo, e então, vendo-o de perto, deu um grito agudo e recuou. Mal conseguindo se segurar no corrimão, ela o apertou com força, soluçando, gaguejando loucamente quando desabou aos poucos até os degraus, segurando o rosto com as mãos, protegendo-se da visão daquela coisa terrível e impossível lá acima, a apenas alguns centímetros de distância.

Miriam, ouvindo Charlotte gritar, correu para dentro da casa, atravessou o salão de baile, o terraço inferior e subiu as escadas até onde Charlotte havia desmoronado junto ao corrimão. Charlotte só conseguia manter a mão para a frente, como se estivesse se defendendo de algo na cabeceira da escada. Miriam olhou naquela direção, e viu que o patamar estava completamente deserto. Arrastando Charlotte até que ela ficasse de pé, ela a forçou a subir os degraus e atravessar o corredor até seu quarto.

Miriam colocou Charlotte na cama e esperou que ela dormisse.

“Tudo vai melhorar amanhã”, disse para Charlotte. “Amanhã nós iremos embora daqui e nunca mais voltaremos.”

“Sim.” Charlotte conseguiu dizer num suspiro enquanto adormecia. “Sim.”

Muito cansada, Miriam se levantou, saiu do quarto e trancou a porta.

Miriam foi para o seu quarto e vestiu a camisola, mas, em vez de ir para a cama, ela saiu do quarto, apagou a luz do corredor e desceu até o salão de baile, atravessou-o e saiu para o terraço. Ela ficou olhando para a noite, a luz do luar iluminando toda a paisagem sonolenta. Atrás de Miriam surgiu a figura de um homem — Hugh. Ouvindo um som, Miriam se virou e o viu — e sorriu. Ele entregou-lhe uma bebida.

“Por uma noite de trabalho duro”, disse ele.

“Difícil e desagradável. Por mais que eu a tenha odiado por todos esses anos, ela e toda a sua monstruosa família”, Miriam encolheu os ombros, “isso tinha de ser feito.”

“Eu sei”, respondeu Hugh. “Você sente pena quando pensa como a vida poderia ter sido para ela. É muito ruim que Jewel tenha ficado sem dinheiro...”

“Um assassinato pode ser muito caro”, disse Miriam.

“Quando observado por uma testemunha tão cara”, acrescentou Hugh.

Miriam assentiu, concordando. “Sim. E eu sou cara. Muito cara. Acho que é melhor você manter isso em mente a partir de agora.”

“Ah, eu vou”, respondeu Hugh. “Eu não espero muito... uma retribuição justa...”

“Mas não comece a ter ideias extravagantes. Eu deixei de amar você anos atrás. Sua vida comigo não será fácil.”

“Vai ser um inferno... com o dinheiro da Charlotte... e você.” Hugh ergueu o copo. “Um brinde a nós.”

“Um brinde a você”, Miriam o corrigiu. “E a mim.”

Eles beberam.

“Você é linda”, disse Hugh. Ele se moveu para tocá-la.

“Sim...”, respondeu Miriam, e quando Hugh começou a beijá-la, ela acrescentou: “... e cara... não se esqueça”.

“E um brinde a Charlotte”, acrescentou Hugh.

No andar de cima, Charlotte, parada na varanda, ficou olhando para os dois. Havia lágrimas em seus olhos, agora não de terror, mas de grande tristeza. Olhou para baixo no instante em que eles se abraçaram, e uma lágrima caiu de seus olhos. Ela estendeu a mão para o que restava da urna de pedra que estava em sua base.

Miriam, permitindo que Hugh a beijasse, foi observadora o suficiente para notar a gota que havia caído inexplicavelmente no chão de pedra do terraço. Por um momento, não conseguiu pensar no que aquilo significava e, então, quando se deu conta, ela empurrou Hugh e olhou para cima. Foi quando a urna de pedra tombou de sua base e desabou sobre eles.

De cima, Charlotte olhou para a urna destruída e os corpos esmagados lá embaixo. Então caiu de joelhos e as lágrimas rolaram livremente.

Na manhã seguinte, a multidão se reuniu na frente da antiga Casa Hollis, com a notícia da tragédia se espalhando pela cidade. Entre os que estavam reunidos, controlados pela polícia local, estavam o repórter Paul Selvin e seu novo amigo, Waldo Hopper.

“Eu sabia que se aqueles moleques não parassem de importuná-la por aqui alguém iria se machucar”, disse uma mulher. “Atirar coisas na casa e aterrorizar aquela mulher...”

“E então para que isso acontecesse com os outros dois. Dizem que ela estava de camisola.”

Um silêncio caiu sobre a multidão enquanto a porta da frente se abria, e Charlotte, sendo ajudada pelo velho juiz, saiu da antiga casa. Ela estava usando suas melhores roupas; afinal de contas, Charlotte não era uma mulher pobre, e ela logo seria ainda mais rica com o pagamento por sua propriedade. Apoiou-se no braço do juiz enquanto ele a conduzia para o seu carro, que estava esperando no caminho.

Paul Selvin e Waldo Hopper caminharam em sua direção. Paul se preparou para tirar uma foto, e Charlotte, ao vê-lo, longe de se afastar, fez uma pausa para lhe dar o melhor ângulo. Quando ela seguiu para o carro e entrou, Waldo aproximou-se. A polícia chegou para impedi-lo, mas Charlotte levantou a mão e eles o deixaram passar.

“Ouvi dizer, de fontes seguras, que Jewel Mayhew sofreu outro ataque esta manhã quando ouviu a notícia... um ataque que a deixou paralisada desta vez. Talvez esteja interessada em saber.”

“Coitada, coitada da Jewel”, disse Charlotte. “Eu realmente sinto muito por ela.”

“Sente mais, ousa dizer, do que sua prima Miriam sentia?”

Certa agilidade chegou ao rosto de Charlotte, o que fez Waldo sorrir. “Tenho motivos para especular, desde a nossa última reunião sobre a identidade daquela testemunha e onde ele... ou ela... pode ter estado todo esse tempo. A única coisa que poderia mantê-los em silêncio — eu diria — seria chantagem. Concordaria com isso, srta. Hollis?”

Charlotte não conseguiu responder, pois naquele momento o carro arrancou. Enquanto se afastava, Charlotte olhou pela janela para Waldo, e sorriu timidamente.





# A ESTREIA DE LARRY RICHARDS

## HENRY FARRELL

Nenhum deles naquela noite teria hesitado em ajudá-lo se soubessem do perigo. Muito antes da hora do programa, no entanto, todos estavam preparados para desdenhar de seu comportamento durante a apresentação como mais uma manifestação de seu “temperamento artístico”. Supondo que os ensaios até tivessem transcorrido tranquilamente — o que não aconteceu —, o incidente, no final do último ensaio, os teria convencido disso. Um dos mais comuns fracassos humanos é que poucos de nós conseguem ver na agressividade dos outros o elemento gerador do medo, e apenas Larry conhecia a verdade.

Protegendo os olhos contra o brilho incrível da luz, ele se virou bruscamente e olhou para cima na direção da cabine de controle. Na sombra irregular de sua mão, seu famoso rosto, ainda bonito, refletia com clareza uma tensão interior. Restavam, agora, menos de trinta minutos para a hora do espetáculo, e a equipe, esperando na escuridão externa, estava inquieta, desesperada pela última chance de uma pausa. A voz do diretor, aguçada, com impaciência acumulada, gritou para ele do alto-falante do estúdio:

“Larry, pelo amor de Deus, lembre-se de olhar para a Câmera *Três* naquela última fala. Se não fizer isso, acabou para você. Eu queria que pudesse ver...!”

Com o sangue fervendo de raiva no ato, Larry Richards se virou e saiu do set. Evitando friamente olhar para os outros,

caminhou até o corredor, entrou em seu camarim e bateu a porta. Ficou parado por um momento, segurando a maçaneta da porta, pressionando seu nervosismo excessivo naquela superfície dura e fria. Essas pessoas não sabiam a diferença entre um ator de carne e osso real e o varredor de tapetes do comercial!

Com repulsa, deixou a mão cair, mole. Sabia, ainda mais do que eles, que estava se comportando como uma criança temperamental. Como poderia esperar que adivinhassem o que os noventa minutos seguintes poderiam significar para ele — que seriam a prova para Bert Fielding de que, apesar de quatro anos de doença e aposentadoria forçada, ele ainda iria atuar no papel principal de *As Mortes dos Reis*. A lenda de Laurence Richards ainda brilhava incrivelmente na Broadway. Larry havia trabalhado arduamente para mantê-la assim, para manter em segredo sua doença, suas finanças reduzidas, a pobreza em que ele e Lisa viviam agora. Os produtores eram cautelosos com os atores quando eles estavam desesperados — e bem rápidos para esquecer como eles já haviam sido bons. Bert Fielding, de alguma forma, sabia da verdade. Larry levou a mão à testa, depois retirou-a rapidamente quando uma batida soou na porta.

Deveria ser Lisa, é claro, que vinha para acalmá-lo. Fechou os olhos, desejando que sua mente, da melhor maneira possível, se tranquilizasse. Pobre Lisa. Esses últimos dias de ensaio foram difíceis para ela. Às vezes, ele se perguntava se havia algo que pudesse pensar ou sentir sem que ela soubesse. Não que seu comportamento recente tenha ocultado muita coisa. Ele abriu a porta, forçando um sorriso irônico.

“Não me diga nada”, disse ele.

Ela ficou parada do lado de fora, uma mulher pequena e magra de trinta e poucos anos, enrolada em um prático casaco marrom que quase fatalmente fazia submergir sua beleza sutil. Seus olhos cinzentos, parecendo de repente muito grandes para suas feições pequenas, encontraram os dele com uma aflição crescente.

“Larry”, disse ela suavemente, “eles não entendem. Só querem ajudar.” Em sua voz ainda havia um vestígio do sotaque nativo austríaco do qual tanto buscara se livrar. Ela estendeu a

mão para ele, mas não o alcançou a ponto de tocá-lo. “Por favor, não os deixe acreditar que você é assim.”

Ele a encarou, pensando em como era um romântico pretensioso quando se casaram. Isso foi há doze anos, durante uma turnê para os Serviços Especiais na Europa. Na época, a juventude e os modos estrangeiros dela pareceram um encanto inexperiente e aprisionado, que precisava apenas de seu toque para se libertar e alcançar seu potencial. Pretendia mudá-la, transformá-la em alguma Galateia esplêndida, mas Lisa se mantivera firme e, sabiamente, permaneceu sendo ela mesma, deixando-o perceber por si só que seus esforços eram equivocados. Sua ansiedade pelo sucesso desta noite era, na verdade, mais por ela do que por ele mesmo.

“O que devo fazer”, sorriu ele, “distribuir barras de chocolate?”

“Por favor, Larry...”

“Lisa, eu criei esse papel na Broadway e fiz mais de quinhentas apresentações. É por isso que eles me contrataram para fazê-lo. Devo deixar que aquele jovem gênio me diga como interpretá-lo — com Bert Fielding assistindo?”

“Larry, você não escuta. Ele não quer discutir a sua interpretação. É com a mecânica — ter você ao alcance da câmera — que está preocupado.” Seu olhar se suavizou. “Quando magoa as pessoas, Larry, você as torna cruéis...”

De repente, ele lamentou que ela tivesse vindo e sentiu novamente a rápida e fria reviravolta da incerteza na boca do estômago. Seguindo o olhar de Lisa, viu o maquiador da companhia correr em sua direção do camarim ao lado.

“Um retoque, sr. Richards?”, perguntou o homem.

As palavras correram para os lábios de Larry antes que ele pudesse detê-las. “Fiz minha própria maquiagem por vinte anos”, disse ele duramente. “Acho que posso fazer isso hoje.”

O sorriso do homem desapareceu. “Sim, senhor”, disse ele rapidamente e se afastou.

“Larry...”

Lisa estava olhando para ele, com as mãos enfiadas nos bolsos, num movimento para retirar-se. “Quando se é uma pessoa importante, Larry, você deve ser gentil.”

As palavras dela trouxeram uma visão indesejada à sua mente. Houve um jovem ator nas audições de *As Morte dos Reis*. O rapaz o havia reconhecido e, depois de sua dispensa, pensando equivocadamente que Larry estrelaria a peça, esperou por ele no beco para implorar outro teste. Impressionado com a ironia da situação depois de sua própria entrevista com Bert Fielding, Larry riu. Tinha sido puramente um reflexo, histérico talvez, mas o jovem não sabia disso. Ele nunca esqueceria o olhar que transpareceu naqueles olhos. Quando magoa as pessoas, dissera Lisa, você as torna cruéis.

“Se eu apenas conseguir passar por isso, Lisa”, disse ele, implorando para que a esposa entendesse, “se eu apenas conseguir passar por esta noite, tudo ficará bem.”

O olhar dela fraquejou e baixou. “Pode ser que você nunca consiga passar por esta noite”, disse ela. “Esta noite pode continuar para sempre se você...” Ela balançou a cabeça, sem esperança. “Eu não posso ajudar, Larry. Você está com muito medo.”

Lisa parecia prestes a continuar, mas então, escondendo o rosto do olhar dele, se virou e saiu, uma figura pequena e ereta fugindo da franqueza de suas próprias palavras.

Ele a observou ir com uma crescente sensação de espanto, mas não fez nenhum movimento para segui-la. E então, já que não havia mais nada a fazer, voltou para a sala e fechou a porta. O estalo seco da fechadura ecoou nitidamente pelo cômodo. Indo até a penteadeira, ele se sentou e descansou a cabeça entre as mãos. Tentou direcionar sua mente para o trabalho a seguir.

E, no entanto, o que Lisa lhe disse era verdade: ele estava com medo. Seu sucesso no teatro havia sido conquistado com dificuldade, uma jornada perigosa a um mundo aflitivo de portas fechadas e divindades humanas hostis, cujos olhos frios e impessoais eram a advertência constante de que o senhor Laurence Richards, apesar de todo o seu notável talento e sua ambição, não era insubstituível. Sua chegada ao topo não tinha sido um aparecimento triunfante em um patamar seguro, mas uma ascensão hesitante a um topo precário, com uma visão direta das profundezas que o aguardavam caso ele

escorregasse. E agora, depois de quatro anos de doença, era como começar tudo de novo. Talvez, pensou Larry, fosse um fim corajoso; talvez pudesse ser usado como as outras mercadorias tangíveis deste mundo.

Cansado, ele abriu os olhos. Analisando os produtos de maquiagem à sua frente, retirou de sua arrumação familiar e precisa sobre a mesa uma sensação de tranquilidade. Apanhou um pincel e olhou para o espelho. Sua mão congelou.

Havia um jovem bem atrás dele, uma figura pálida em um terno cinza barato. Não usava gravata, e uma mão estava enfiada profundamente no bolso do paletó. Seu olhar se ergueu para encontrar o de Larry no espelho, mas parecia estar preso a alguma outra imagem, alguma equação interna que não podia ser prontamente resolvida. Pego de surpresa, Larry virou-se abruptamente em sua cadeira.

“O que está fazendo aqui?”, perguntou ele. O sofrimento contínuo no rosto do jovem fez com que falasse de maneira mais incisiva. “O que você quer?”

O olhar do rapaz permaneceu firme. Seus lábios se moveram, como se fossem sorrir, depois caíram novamente em silêncio.

“Acho melhor você ir embora”, disse Larry, inquieto. “Eu...”

O rapaz franziu a testa. Seus olhos ficaram sombrios. Larry sentiu um aperto perturbador na parte de trás do pescoço.

“Você tem exatamente três segundos para sair daqui.”

O rapaz balançou a cabeça. “Esperei a tarde toda”, murmurou ele. Seu tom era suave, evasivo. “Fiquei escondido.” Larry colocou a mão na penteadeira e sentiu uma umidade repentina na palma. Ignorando um aviso interno para permanecer imóvel, ele se levantou.

Antecipando-se, o rapaz foi imediatamente para a frente. Ao mesmo tempo, sua mão saiu do bolso. Larry parou de repente, olhando, em choque, sem acreditar na pequena e reluzente automática. Ele deu um suspiro rápido e superficial.

“O que você está fazendo com isso?”, gaguejou ele. O rapaz o encarou, seus olhos mais intensamente focados, mais astutos. “Minha carteira está ali na gaveta. Não tem muito...”

O rapaz não estava escutando. Ele olhou lentamente da arma para Larry, como se absorvido por uma relação delicada entre os dois, desviada apenas por ele mesmo. “Sr. Richards”, murmurou ele baixinho. “Sr. Laurence Richards.”

“Eu...” Larry parou. Estudando o rosto do rapaz com mais atenção, a memória se agitou. Era o jovem ator das audições. Recordando-se, ouviu outra vez seu pedido desesperado ecoar estridentemente através da viela sombreada. Ele ouviu seu próprio riso e viu o rosto do jovem se contorcer com um ódio mortal. Em uma agonia de vergonha e autorreconhecimento, ele havia falado, dito alguma coisa.

“Meu bom jovem”, dissera ele, “você nunca vai convencer ninguém dessa maneira. Parece um personagem de ficção.”

Tinha sido uma tentativa frustrada de tranquilizar, direcionada mais para ele mesmo, na verdade, do que para o rapaz, mas ele não poderia ter compreendido isso. Incompetentemente, Larry se virou e saiu, deixando o jovem para trás, sozinho e em silêncio naquela pequena e suja arena de humilhação e fracasso.

“Estou sendo convincente agora, sr. Richards?”, perguntou de repente o rapaz. “Odiaria desperdiçar seu tempo.”

O olhar de Larry retornou rapidamente para a arma. Não adiantava tentar explicar; nunca iria acreditar nele agora. “É melhor você esquecer isso e ir embora”, disse ele. “Se eu gritar...”

“Se você gritar”, disse o rapaz, “eu posso matá-lo.”

A mente de Larry recuou bruscamente ao ouvir a palavra. “Eu... eu tenho que fazer uma apresentação”, disse ele de maneira insensata. Deu um passo para trás e bateu na cadeira. “Você está louco.”

O rapaz assentiu. “Talvez”, disse ele. “Talvez dê para ficar meio maluco quando as pessoas riem de você, tratam você como um nada.” Seus olhos pálidos se estreitaram. “Tem algum tempo para me ouvir, sr. Richards? Não sou muito importante.”

Larry olhou para si mesmo rapidamente no espelho e pôs a mão na sobrelhaça brilhante. Sentiu um rápido aumento do pânico. Onde diabos estava todo mundo?

“O que você vai fazer?”, perguntou ele.

O rapaz encolheu os ombros. “Talvez nada, sr. Richards. Talvez possa me mandar embora, e aí eu não faria nada.” Ele sorriu ante a incerteza de Larry. “Honestamente, não sei. E o senhor?”

“Se isso deveria ser uma brincadeira...”

“O senhor me deve uma risada, sr. Richards. O senhor ganhou uma de mim.”

“Eu tenho que fazer uma apresentação.”

“Claro, eu sei.”

Os dois se viraram quando uma batida soou bruscamente na porta. “Cinco minutos, sr. Richards!”, gritou uma voz. “Nos seus lugares!” Houve uma pausa, e depois o som de passos apressados. Larry começou a andar, mas parou.

O rapaz assentiu, sorrindo. “Acho que é melhor ir fazer sua apresentação, sr. Richards.”

“Ir?” Larry o encarou, esperançoso.

“Claro. Vá em frente.”

“Então, você...?”

“Ah, eu vou junto.” Guardando a arma no bolso, ele apontou para a porta. “Vamos lá, sr. Richards.”

Larry molhou os lábios. O gosto metálico do medo, nítido em sua boca, deu origem a uma súbita onda de náusea. Com uma sensação entorpecente de irrealidade, ele avançou para a porta.

Quando entraram no estúdio, era como uma colmeia escura em atividade. Assistentes de palco, atores, técnicos, movendo-se em todas as direções, focados, concentrados. Larry e o rapaz eram apenas mais uma parte do movimento enquanto se aproximavam da área mais escura atrás do set. O olhar de Larry se dirigiu para a cadeira ao lado do cenário, que havia sido de Lisa durante os ensaios. Estava vazia. Ele se virou, desesperado.

“O que você quer?”, implorou ele. “Se...”

A porta do set se abriu de repente, e o assistente de direção, um jovem sério de camisa de mangas curtas, usando um microfone de garganta, olhou em meio a um ofuscante fecho de luz.

“Sorte, sr. Richards”, assentiu solenemente. Seu olhar se moveu para o rapaz, curioso. Larry olhou de volta para ele,



mudo, perdido em um mar de indecisão.

“Sou amigo de Larry”, disse o rapaz com tranquilidade.

O assistente de direção olhou novamente para Larry, com uma expressão nervosa. “Isso é sua responsabilidade, não minha, sr. Richards”, disse ele secamente. “Mantenha-o fora do caminho.” Ele voltou para dentro e bateu a porta. “Nos seus lugares, todo mundo!”, gritou.

Larry se virou, com o coração acelerado. “Saia daqui!”, murmurou ele. “Senão...” Um movimento ameaçador do rapaz o impediu de continuar.

Passos se aproximaram rapidamente por trás, e Edith Gates, a protagonista de Larry, tomou seu lugar ao lado da porta. Ela era uma garota alta e bonita, uma atriz inteligente. Endireitando a saia, ela lançou um olhar apressado a Larry.

“Sorte, sr. Richards”, disse ela.

Larry e o rapaz trocaram olhares. “Boa sorte”, respondeu Larry, cansado.

O rapaz sorriu. “Nos seus lugares, sr. Richards”, murmurou ele. Entrando no set, as luzes estouraram a visão de Larry em uma explosão branca e ofuscante. Ele ficou parado por um momento, atordoado. Nebulosamente, o assistente de direção apareceu ao lado de uma das câmeras.

“Dois minutos!”, gritou ele.

Larry ficou olhando, seus pensamentos caóticos, sua cabeça latejando. As luzes eram uma grande parede sólida. O rapaz podia estar em qualquer lugar, observando, esperando...

“Um minuto!” O assistente de direção acenou para ele. “Seu começo é na mesa, sr. Richards!” Ele levantou a mão e começou a contar os segundos.

Com ar de descrença, Larry foi até a mesa. Sua mente procurava em desespero a realidade, alguma coisa... Um silêncio caiu sobre o estúdio.

Um monitor, um quadrado esverdeado e distorcido na penumbra externa, brilhou de forma inexpressiva e então, com um estrondo de música, ganhou vida com o texto. Larry ficou olhando, piscando, e seus sentidos foram assaltados pelo barulho e pelo clarão de um desenho animado comercial. Ele

desviou o olhar de maneira brusca e viu o assistente de direção acenar violentamente por sua atenção. O comercial terminou e o assistente de direção baixou a mão. Larry sentiu uma pontada quando a Câmera Um se aproximou dele pela esquerda, o olho vermelho brilhando com intensidade.

O diretor, com os olhos fixos nos monitores de pré-visualização da cabine de controle, ajustou o fone de ouvido e baixou a boca para o microfone. Esses últimos vinte minutos, desde a abertura do programa, foram um pesadelo vivo e galopante.

“Ele derrubou quatro minutos!”, disse o diretor bruscamente. “Avisar a ele!”

No estúdio, o assistente de direção olhava para cima freneticamente. “Eu avisei”, sussurrou de volta através de seu microfone de garganta. “Ele está congelado. Ele nem me vê.”

“Mantenha os estúpidos cartões com ele, nem que você tenha de carregá-los para o cenário.”

“O que acha que estou fazendo?”

O diretor olhou para os monitores e se inclinou para a frente. Na ação da tela, Edith Gates tinha ido até a porta para sair. De acordo com a marcação, deveria ficar ali enquanto a câmera se dirigia para ela, olhar para Larry e sair. Antes mesmo de a câmera começar a se mexer, Larry entrou correndo na cena e, incompreensivelmente, segurou o braço da atriz.

“Só um minuto”, falou com urgência no microfone. “Quero que você entregue uma coisa.”

O diretor ficou olhando, seus traços jovens rígidos de desânimo. Na cena, Larry foi até a mesa, pegou um lápis e um bloco de notas e rabiscou um bilhete apressado. Ao terminar, ele se virou para Edith e o apertou em sua mão.

“Entregue isso agora mesmo”, disse ele.

“Judas!”, explodiu o diretor. “Ele está reescrevendo o roteiro!”

Seu olhar, deixando o monitor, seguiu Edith enquanto ela saía. Lá embaixo, a atriz saiu do set, fechou a porta e ficou parada por um momento em furiosa contemplação. Olhando para o bilhete em sua mão, ela o apertou até virar uma bola dura e atirou-o nas sombras. O diretor falou baixinho:

“Edith está pronta para matá-lo.”

“Se ela não o matar”, sussurrou o assistente de direção, “provavelmente outra pessoa o fará...”

No intervalo para o comercial veiculado na metade da atração, Larry, agora com a certeza de que sua tentativa de pedir ajuda por meio de Edith tinha falhado, saiu atordoado do set. Tinha acabado de passar pela porta quando uma mão agarrou seu ombro e o virou. Com um grito abafado de susto, ele olhou para o rosto obstinado de seu figurinista. Lembrou-se que, no intervalo de três minutos, deveria fazer uma troca rápida de roupa. Ainda assim, tentou fugir. Em sua cabeça, a possibilidade havia se tornado um fato indiscutível: o rapaz pretendia matá-lo diante das câmeras, durante a performance.

“Não...”

Ignorado, o figurinista tirou seu casaco e o deixou jogado. Ao mesmo tempo, alcançou a gravata de Larry.

O olhar de Larry esquadrinhou a parte traseira do set. Ele agarrou o braço do figurinista. “Ele vai me matar”, sussurrou Larry. “Ele vai...”

O figurinista soltou bruscamente sua mão e olhou para a cabine de controle. “Se ele não matar”, disse ele distraidamente, “provavelmente o produtor o fará.”

“Me escute!”, implorou Larry. “Eu...”

Ele respirou fundo. O rapaz, aparecendo de repente no canto do set, moveu-se sorrindo para a frente. Larry sentiu os joelhos começarem a se dobrar.

“Fique quieto”, ordenou o figurinista.

Depois de alguns passos vacilantes, o rapaz parou, observando, sorrindo. Larry desviou o olhar dele. O figurinista colocou habilmente uma gravata nova sob o colarinho e deu um nó. Colocando um casaco novo sobre seus ombros, ele o abotoou e deu um tapa em suas costas.

“Prontinho”, disse ele.

Alguém abriu a porta. “Nos seus lugares, sr. Richards! Trinta segundos!”

Larry se virou. Uma mão estava acenando para que ele seguisse em frente. Começou a andar em direção a ela e parou. Ao se virar, teve um vislumbre de Lisa parada ao lado do set. Ele começou a ir em sua direção, mas a mão o alcançou e o puxou de volta. “Nos seus lugares!”

A luz atingiu seus olhos novamente, e a visão de Lisa desapareceu.

O diretor, passando a vista por cima dos monitores, olhou para o set e colocou a mão rapidamente nos fones de ouvido. O programa tinha chegado ao seu último quarto.

“Quem é aquele rapaz lá embaixo?”, gritou ele. “Tirem o sujeito daqui, ele fica se aproximando da luz.”

“Um convidado do sr. Richards, o famoso ator”, sussurrou o assistente de direção. “Veio com ele.”

O diretor suspirou, derrotado e cansado. “Ok”, disse ele, “deixe-o em paz. Não vamos ofender o famoso ator.”

Edith Gates, com os nervos tensos, encarou a Câmera Um e lançou um olhar na direção de Larry. Ela havia trabalhado em outros programas de televisão e tinha visto muito medo de câmera. No entanto, nunca presenciara nada parecido com o terror desmoralizante que havia dominado Larry Richards. Para um homem com sua formação e reputação, seu comportamento, em sua humilde opinião, era imperdoável.

“Por mim”, disse ela, falando as frases da peça, “não me importo muito de ficar para trás...”

Ela falou, menos consciente do que estava dizendo do que de Larry rondando atrás dela, praticamente à sua sombra. Essa era a novidade dele — se esgueirar. Ela quase podia sentir que ele a estava usando como um escudo protetor. Terminando sua fala, ela se virou e olhou para Larry.

Tentando não demonstrar, ela sentiu um tremor de alerta. Larry estava ao seu lado, com a mão estendida, e por um breve instante teve a aterrorizante sensação de que ele iria agarrá-la. Seus olhos se encontraram, e alguma comunicação passou entre os dois, muito rapidamente para que ela pudesse compreender, contudo. Então Larry deixou a mão cair. Forçando um sorriso, ela voltou ao personagem e foi até a mesa.

Sentia-se estranhamente abalada, como se passado por alguma crise indefinida. Se não estava errada, naquele último momento, justamente quando ele retirou a mão, a expressão de Larry mostrou uma espécie de alívio. Ou talvez resignação. Ela encolheu os ombros; o mais importante era a peça, de alguma forma, chegar ao fim.

Larry moveu-se para baixo, fora do alcance da câmera, quando Peter Bliss, o ator inglês, entrou no palco para sua cena com Edith. O que quer que acontecesse agora, pensou ele, pelo menos saberia que era incapaz de arriscar a vida de outra pessoa para salvar a sua. Ao abrir mão de seu plano de usar Edith como escudo de fuga, ele de alguma forma se havia colocado além do domínio do terror. Faltavam apenas alguns minutos; se alguma coisa fosse acontecer, teria de acontecer logo, e com rapidez. Ele aceitava isso agora, quase com uma sensação de tranquilidade.

Quando Edith e Peter terminaram a cena, ele voltou para dentro do raio de alcance. Ambos saíram e Larry ficou sozinho diante das câmeras. Restava apenas a cena final, o trabalho na mesa com os documentos legais e o monólogo final ao telefone. Isso dava ao rapaz três minutos para fazer o seu movimento. Com uma crescente sensação de desapego, Larry foi até a mesa e entrou cuidadosamente em posição.

Ele pegou o maço de documentos legais, estudou-os por um momento e depois os colocou de lado. Feito isso, apanhou o telefone. Ficou maravilhado com a súbita clareza de seus pensamentos, com a súbita compreensão de que esse momento era inteiramente seu. Não havia um fim para ser corajoso, ele não podia ser usado; havia apenas a submissão ao medo. Se não tivesse permitido que sua visão fosse obscurecida pelo astigmatismo da apreensão e da dúvida, esse momento nunca poderia ter chegado. Se tivesse apenas se apegado ao firme padrão de força e amor de Lisa... Baixando a mão, ele discou o número do apartamento que fora seu lar e o de Lisa. Encarando a Câmera Três, ao vir em sua direção, ele começou o monólogo.

Com as primeiras palavras, ele viu o rapaz se mover para a luz do outro lado do set. Segurou o telefone com tanta força que

parecia querer esmagá-lo, mas se forçou a continuar falando. Sabendo que o que estava prestes a acontecer não importaria muito profundamente para ninguém, exceto para Lisa, ergueu o rosto para a câmera, para o close-up final. Fez uma pausa. Houve um momento de silêncio abafado. E então aconteceu.

Começou com sons baixos e intermitentes que logo se transformaram em uma explosão confusa e violenta. Lisa apareceu abruptamente da escuridão, correndo em direção ao rapaz. O jovem se virou e sacou a arma do bolso. Os dois se aproximaram, e a arma cintilou pequenos reflexos penetrantes de luz enquanto eles lutavam por sua posse. Larry, guiado de repente pelo instinto, se moveu. Afastando-se da câmera, ele jogou o telefone com toda a força e viu o aparelho atingir o rapaz no ombro. O jovem cambaleou e, arrastando Lisa consigo, desapareceu na escuridão exterior. Acima deles, uma luz em um estandarte alto de metal cambaleou loucamente e caiu. O telefone se espatifou no chão e houve um grande estrondo. Passos apressados convergiam de todas as direções. Alguém gritou: “Cortem os microfones!”. Uma porta bateu e houve mais gritos. O monitor ficou em branco, e então voltou instantaneamente à vida com o desenho animado. Larry, com o coração acelerado, estendeu a mão cegamente para a mesa. As luzes dançaram diante de seus olhos, e ele sabia vagamente que estava caindo.

Quando Lisa entrou, ele se levantou, apoiando-se contra a borda da mesa.

“Está tudo bem”, disse ele, ansioso para tranquilizá-la. “Estou bem.” Sua mão agarrou a borda da mesa com mais força. “Pensei que ele tivesse machucado você, Lisa.”

Ela balançou a cabeça. “Não”, disse ela. “Foi a luz que causou a explosão. Só corri atrás dele porque eu o vi entrar na luz. Deveria ter percebido antes... A arma estava vazia, Larry.”

Por um momento, ele estava quase a ponto de rir. “Você falou com ele?”, perguntou.

“Só por um instante, antes de a polícia chegar. Larry...”

“Ele é só um garoto”, disse Larry. “Doente, meio faminto. Tinha suas razões.” Ele fechou os olhos por um momento. Seus

pensamentos, que antes eram tão claros, estavam vagos e confusos. “Se eu tentasse... acho que poderia ajudá-lo.” Olhou para ela, devagar. “Você estava certa, Lisa. Eu estava com medo. Eu...”

“Larry”, disse ela, “por favor, deixe-me contar a você. Bert Fielding ligou. Foi anunciado, o que aconteceu, ao vivo...”

Ele estendeu a mão, como se tentasse impedi-la. “Não importa”, disse ele.

“Sim, Larry”, insistiu ela, “sim, importa. Eu mesma falei com Bert. Disse que, se você puder ir ao teatro amanhã para assinar o contrato, ele o quer para o papel. Disse também que não sabia como você pôde chegar até o fim, mas, se você conseguiu, ele confiaria em você para qualquer coisa. Larry...”

Por um longo momento, eles ficaram ali, parados. A provação, a provação desta noite, a provação dos últimos quatro anos, havia enfim terminado, e eles tinham sobrevivido. Só por agora, isso era tudo que importava. Então Larry deu um passo e ela de repente estava em seus braços. Ele a segurou próxima a seu corpo, com firmeza, sabendo que a resposta para a sua sobrevivência estava aqui, nesta proximidade, no vínculo que os mantinha juntos, sabendo que ele nunca mais poderia ter medo.

“Lisa...”, sussurrou ele.

Ele começou a falar, para dizer mais, mas houve uma batida na porta e o tempo das palavras se foi. Lisa olhou para ele e sorriu. Retornando seu sorriso, Larry estendeu a mão para ela. Seus olhos ficaram grudados por mais um momento, e, quando a batida soou novamente, eles foram juntos atender.





# PRIMEIRO, O OVO

HENRY FARRELL

Só porque ninguém levava o ovo de Orvil a sério, o mundo estava em choque um dia desses.

É claro que nem o próprio Orvil sabia exatamente de onde viera o ovo. Na época, fora soterrado em uma avalanche em algum lugar no Polo Norte e, quando ele enfim conseguiu cavar para tirar a si mesmo e o ovo da neve e encontrou o caminho de volta para Sitka, não tinha certeza de onde estivera.

Ao chegar à Fundação Featherstone, após um voo muito difícil de volta aos Estados Unidos, Orvil achou que suas provações e tribulações haviam acabado. Mas estava errado. Em primeiro lugar, nenhum membro da equipe se lembrava de ter lido os recursos para fazer a viagem ou mesmo de mandá-lo para o norte. No fim das contas, acabou em um pequeno escritório no terceiro andar, de frente para uma senhora de olhos gentis, cabelos grisalhos e um belo sorriso. Contorcendo as longas pernas nervosamente ao redor das pernas da cadeira, contou a ela toda a história. Ao concluir a narrativa, a mulher balançou a cabeça, com paciência.

“Entendo”, disse ela. “Você não consegue nem lembrar o nome do responsável pelo projeto?”

“Era um nome francês”, disse Orvil, devagar. “Eu lembro que o homem era muito pequeno e usava pincenê.”

“Ah, claro!”, exclamou a mulher. “Bem, isso explica tudo! Pobre sr. Tuteur. Foi preso... logo depois que você partiu, aparentemente. Ele fez muitas coisas curiosas.”

Resumindo, isso concluiu a entrevista. A Fundação não pagou a Orvil o bônus que ele esperava, e se recusou a financiar outra expedição de um homem só para a direção oposta, o Polo Sul. No entanto, Orvil foi autorizado, para não dizer solicitado, a guardar o ovo com ele.

“Essas coisas de dinossauros são muito legais, tenho certeza”, disse gentilmente a senhora grisalha, “mas as pessoas as trazem o tempo todo, e nós realmente não temos muito que fazer com mais um.”

Isso pôs fim ao assunto. Orvil de repente se viu apenas um pouco menos abandonado à sua própria sorte do que estivera no Polo Norte. Desempregado, sem dinheiro e em Nova York — uma combinação que tornava seu rosto longo e sensível ainda mais triste do que o habitual. Ele voltou para o seu quarto sem graça no hotel, sentou-se na beira da cama de ferro e olhou com tristeza para o caixote em que delicadamente havia abrigado o ovo. Só Deus sabe o que poderia ter feito a seguir se, nesse momento, uma batida não tivesse soado na porta. Orvil a abriu e deu de cara com um homem negro de olhos claros em um terno cor de ameixa olhando para ele.

“Orvil Sleeper?”, perguntou o homem com ansiedade.

“Isso mesmo”, disse Orvil. “O que você quer?”

“Eu escrevo coisas”, disse o homem. “Eu estava na Fundação Featherstone fazendo algumas pesquisas para um épico sobre o Ártico, e uma senhora me disse que você acabou de voltar de lá.”

“Eu estava no norte”, admitiu Orvil, sombriamente.

“Extremo norte?”, perguntou o homem.

Orvil assentiu. “Tão ao norte que eu poderia estar, na verdade, voltando para o sul quando a avalanche me atingiu. Eu deveria ter continuado, acho.”

“Avalanche!”, exclamou o homem negro, atravessando a porta e entrando no quarto. “Ei, isso é ótimo! Coisas dramáticas! Conte-me tudo sobre isso.”

Orvil observou, perplexo, o homem se sentar em uma cadeira e fazer um sinal para que ele voltasse para a cama. Ele então fechou a porta.

“Bem”, disse Orvil, “se você realmente quer ouvir sobre isso...”

Assim, pela segunda vez naquele dia, Orvil contou toda a história de sua malfadada viagem ao norte. Ele foi preciso, do começo ao fim. “Então você entende”, concluiu, se desculpando, “não sei exatamente onde eu estava. No norte, isso é tudo.”

“Garoto”, disse o homem negro alegremente, inclinando-se para a frente e batendo no joelho de Orvil com um dedo, “isso não faz nenhuma diferença. Vai ser um filme fabuloso para Hollywood. Tem de tudo! Uma avalanche! Homem contra a natureza! O pacote completo! Eles vão pagar uma fortuna por uma experiência da vida real como essa. É claro que não sei sobre essa história do ovo. Parece um pouco louco fazer um cara passar por tudo isso e ele sair com nada além de um ovo. Talvez pudéssemos mudar para um tesouro perdido.”

“Era um ovo”, disse Orvil suavemente. Ele se levantou e foi em direção ao caixote. “Você gostaria de vê-lo? É muito interessante de olhar.”

“Agora não, meu caro”, disse o homem rapidamente, “agora não.”

“É bem grande”, insistiu Orvil.

“Outra hora, meu querido”, disse o homem calorosamente, e entregou a Orvil um papel grande. “Basta assinar na linha na parte inferior e fechamos o negócio. É o contrato tradicional.”

“Ok, tudo bem”, disse Orvil, concordando, “mas você não quer que eu escreva tudo ou algo assim?”

“Eu já estou fazendo isso”, disse o homem, observando atentamente enquanto Orvil assinava o papel. “Estou escrevendo na minha cabeça neste exato minuto! Não se preocupe com nada, meu querido, você receberá a sua parte.”

Orvil terminou de assinar e devolveu o papel. “Tenho certeza de que isso é muito gentil da sua parte, hã... meu querido”, disse ele, não querendo parecer ultrapassado em urbanidade. “Quando você dá notícias de novo?”

“Mais cedo do que você imagina, filho”, disse o homem, “mais cedo do que você imagina. Eu conheço um produtor que está morrendo por uma saga assim. Ele já contratou um esquimó.”

Apenas duas semanas depois, Orvil se encontrava em Hollywood.

O homem vestido de ameixa, no final, era um roteirista de cinema meio conhecido chamado Sid Kelp. Sid não só vendera a experiência pessoal de Orvil para a Pacific Pictures transformar em um filme como também conseguiu que Orvil trabalhasse como consultor técnico da produção. A Pacific Pictures conseguiu para Orvil uma casinha no sopé das colinas de Hollywood, e, no segundo dia em que ele estava lá, Sid estacionou no meio-fio em um conversível cor de tomate para levá-lo ao trabalho.

“Olha, Sid”, disse Orvil enquanto saíam para a rua, “acho que não entendi muito bem o que um consultor técnico deve fazer.”

“É fácil, amigo”, disse Sid, distraidamente. “Tudo que você precisa fazer é ler o roteiro e dizer que está ótimo. Toda vez que perguntarem se estão fazendo algo certo, balance a cabeça vigorosamente para cima e para baixo. Esses caras aqui trabalham melhor com incentivo.”

“Suponha que eu veja algo que está errado...”, começou a dizer Orvil.

“Então olhe para o outro lado”, completou Sid com suavidade. “Olhe para as atrizes.”

No estúdio, Orvil foi levado a um cubículo ensolarado no final de um corredor do segundo andar. Lá havia uma mesa, duas cadeiras e um sofá. Orvil sentou-se à mesa e esperou. Uma morena de aparência recatada, usando um suéter bem justo e uma saia muito larga, chegou e lhe entregou um manuscrito grosso intitulado *Viagem a Longe*.

Quando a morena foi embora, Orvil começou a ler, sem interrupção, por uma hora e meia. Depois se levantou e fez um pequeno som de perplexidade. Ele caminhou pelo corredor até encontrar um mensageiro e perguntou-lhe o caminho para o escritório de Sid Kelp.

Orvil encontrou Sid sentado com os pés na mesa, comendo uma maçã e olhando maravilhado para o teto. Ele baixou os olhos quando Orvil entrou.

“Oi, meu querido!”, disse ele, cordialmente. “Estou aqui sonhando com um novo épico sobre os índios norte-americanos. Entre e fume um cachimbo da paz.”

Orvil fechou cuidadosamente a porta. “Acabei de ler o roteiro, Sid”, disse ele.

“Ótimo!”, disse Sid. “Você deve ter notado algumas mudanças. Gostou?”

“Bem, tudo certo, acho”, disse Orvil, “mas... bem, talvez eles tenham me passado a história errada. Não consigo encontrar ali absolutamente nada do que aconteceu comigo.”

“Ah, eu não te contei?” disse Sid. “A última tendência aqui nos dias de hoje é o technicolor. Tudo é technicolor. O público norte-americano adora isso. E qualquer um sabe que não se pode obter qualquer cor proveitosa em um fundo de neve branca sólida. Então, nós só fizemos uma pequena alteração e mudamos o local para os Mares do Sul, uma profusão de cores. Essencialmente, ainda é a mesma história.”

“Mas nunca vi uma balsa de bambu na minha vida”, disse Orvil. “Eu fiz a viagem toda em um trenó puxado por cães.”

“Seja razoável, garoto”, disse Sid. “Você não pode atravessar o Oceano Pacífico em um trenó puxado por cães.”

“E foi gordura de baleia que os nativos me deram, não suco de coco.”

“Você está brigando comigo, garoto”, disse Sid. “Tente relaxar e deixar isso para lá. Libere essas tensões nervosas.” Ele tirou os pés da mesa e se inclinou para a frente. “O que você sabe sobre os índios norte-americanos?”

“Absolutamente nada, Sid”, respondeu Orvil antes de sair.

Orvil estava preocupado; o estúdio tinha comprado uma experiência real e era isso o que mereciam obter. No roteiro de Sid, até mesmo o ovo havia sido transformado em uma linda garota que naufragara em uma ilha quando criança. Orvil decidiu que era seu dever procurar o sr. Grossbeck, o produtor do filme, e explicar-lhe o que havia acontecido.

Foram necessários três dias para que Orvil, enfim, conseguisse uma reunião. No dia do encontro, ele levou o ovo para o estúdio, na esperança de que o objeto o ajudasse a deixar

claro seu argumento para o produtor. Depois de uma longa espera na recepção, ele foi conduzido à sala do sr. Grossbeck por um jovem e pálido assistente. O sr. Grossbeck cumprimentou-o com um olhar vazio.

“O que você tem em mente, Sleeper?”, disse ele. “Seja rápido.”

“Sleeper”, disse Orvil. “Orvil Sleeper.” Tão depressa quanto pôde, segurando o ovo com cuidado sobre as pernas, ele tentou falar sobre o roteiro. Estava apenas começando quando o sr. Grossbeck, com uma expressão de dor, olhou para o assistente.

“O que há com esse idiota, Dave?”, perguntou ele. “Nós não estamos fazendo nenhuma comédia nesta temporada, estamos? Além disso, não é nem engraçada essa história do ovo. Tire ele daqui.” Ele olhou para Orvil e apontou para o ovo. “E leve essa coisa picareta de volta para o departamento de patrimônio.”

Foi assim que outro Momento de Ouro chegou apenas para desenvolver uma péssima camada de mácula. Antes que Orvil pudesse entender como tudo tinha acontecido, viu seu ovo e a si mesmo sumariamente banidos para a escuridão de uma grande estrutura, semelhante a um celeiro, na companhia de várias curiosidades empoeiradas.

Depois de um momento de perplexidade absoluta, ele sentou-se em um baú esculpido e enfiou o queixo estreito nas mãos. Quase desejou ter ficado perdido no Polo Norte ou, ainda mais para trás, ter ficado em casa, na fazenda em Nebraska, e nunca ter lido a *National Geographic*.

Foi enquanto Orvil tinha esses pensamentos sombrios, parecendo mole, franzino e solitário, que uma garota pequena e alegre, com cabelos escuros e curtos, olhos castanhos suaves e um corpo de se admirar, apareceu na porta. Ela caminhou para a frente, na penumbra, depois olhou em sua direção e parou.

A garota em questão era Meg Quimby. Ela era assistente de pesquisa de outra obra-prima em technicolor chamada *Tempestade na Tasmânia* e fora ao departamento de patrimônio em busca de um tapete de oração da Tasmânia. Apesar de jovem, ela estava em Hollywood havia tempo suficiente para conhecer todos os truques.

Quando criança, no entanto, Meg passara a maior parte do tempo brincando com bonecas e pequenos animais de lã, e era normal que se transformasse no tipo de pessoa que naturalmente gosta de ter algo indefeso para proteger. A experiência, no entanto, havia provado a ela que, nos estúdios, isso poderia ser um impulso perigoso, e costumava fazer o possível para reprimi-lo. Agora, porém, enquanto seus olhos se ajustavam à penumbra e ela notou Orvil sentado ali, com um olhar triste e mal-amado em seu rosto fino e desanimado, o velho instinto se ergueu em seu peito bem torneado numa onda quase devoradora. Ela se moveu em direção a ele, hesitante.

“Caramba, cara”, disse ela, “qual é o problema?”

Orvil levantou a cabeça apenas ligeiramente. “Hã?”, disse ele.

“O que aconteceu?”, perguntou Meg. “Posso fazer alguma coisa?”

Orvil balançou a cabeça. “Não importa”, murmurou ele. No entanto, enquanto Meg se aproximava, ele se mexeu automaticamente sobre o baú para dar espaço a ela. “Nada importa por aqui, eu acho.”

“Olhe, filho”, disse Meg gentilmente, “você é o primeiro homem que eu vi aqui que parece que pode ser realmente filho de alguém. É claro que posso estar errada, mas eu ainda gostaria de ouvir a sua história. O que está fazendo aqui embaixo no escuro?”

Orvil olhou em seus olhos castanhos e suspirou profundamente. “É uma longa história”, avisou.

“Tudo bem”, disse Meg, e sentou-se ao lado dele. “Me conte.”

Orvil começou a falar. Ele contou tudo o que havia planejado contar ao sr. Grossbeck, e continuou com seu banimento para o departamento de patrimônio.

“Acho que eles não querem que as coisas sejam feitas da maneira correta por aqui”, concluiu ele tristemente.

Meg acariciou a mão de Orvil. “Você não deve deixar isso te derrubar”, disse ela. “Tudo termina ao contrário aqui. Veja os filmes que eles fazem.”

“Bem, de qualquer maneira”, disse Orvil, “você foi muito gentil por perguntar. Me fez bem compartilhar esse peso no peito com

alguém. Gostaria de ver meu ovo?”

“Ah, eu poderia? ”, exclamou Meg, encantada. “Seria maravilhoso!”

Nesse momento, porém, um rapaz com um pescoço muito comprido e uma pele ruim enfiou a cabeça na porta.

“Ei, Meg!”, gritou ele. “E aquele tapete? O gênio maluco está arrancando os cabelos.”

“Ah, caramba!”, lembrou-se Meg, dando um pulo. “Esqueci completamente!” Ela se virou, chateada, para Orvil. “Talvez você possa me mostrar outra hora.”

“Claro”, disse Orvil rapidamente. E antes que percebesse o que estava fazendo, fez seu primeiro convite para um encontro. “Que tal hoje à noite? Talvez pudéssemos jantar juntos. Eu pago.”

Por um momento, os olhos de Meg analisaram seu rosto. Então ela sorriu. “Combinado”, respondeu. “Encontro você do lado de fora do portão do estúdio quando eu acabar o trabalho.” E, seguida pelo rapaz, ela desapareceu na escuridão.

Por sugestão de Meg, eles jantaram em um restaurante pequeno e barato na Sunset Boulevard. Na ocasião de sua primeira noite com uma garota, Orvil não levou o ovo, já que não parecia muito correto. No entanto, ele falou sobre o ovo; contou a Meg minuciosamente como o havia retirado de uma placa de gelo presa a um bloco de gelo que estava indo para o sul na época.

“Também encontrei muitos ossos e coisas assim”, disse ele, “mas os perdi na avalanche. O ovo era o mais importante.”

Meg, que ouvira tudo isso de uma maneira tão fascinada que Orvil não pôde deixar de admirar, suspirou trêmula. “Para um cara de olhos tristes”, disse ela, “você certamente viaja por aí.”

“Bem, talvez eu esteja apenas me gabando um pouco”, admitiu Orvil. “Acho que você é a primeira pessoa que realmente me ouviu — exceto pelo sr. Tuteur. E eles o prenderam.”

“Pobre sr. Tuteur”, murmurou Meg, sem fôlego.

Depois disso, Orvil e Meg eram um casal. Eles alternavam jantares no apartamento de Meg e no pequeno restaurante.



Ocasionalmente, iam ao cinema, mas, na maioria das vezes, apenas conversavam, e Orvil enfim pôde dizer muitas coisas que sempre quis dizer para alguém.

Durante o dia, Orvil se reportava ao estúdio e ficava sentado, em silêncio, em seu cubículo do segundo andar, porque Meg lhe disse que era o que ele tinha que fazer. Ele levou seu ovo para casa e o deixou na cozinha, pois era evidente que a Pacific Pictures não estava seriamente interessada em ovos, mesmo que fossem pré-históricos.

Com o passar do tempo, uma sensação de satisfação chegou a Orvil. Sua relação com Meg compensava todas as decepções do passado. No final da terceira semana, ficou claro para ele que aquela garota de cabelos negros e olhos castanhos arrebatados havia se tornado toda a sua razão de viver. Naquela noite, no restaurante, tomando coragem, com a mão tremendo, ele fez uma proposta.

“Talvez seja porque você é tão boa em me ouvir, Meg”, disse ele, “mas eu te amo e acho que devemos nos casar.”

Meg sorriu, radiante, e pôs a mão na dele. “É por isso que fiquei ouvindo”, disse ela, e então, bem ali, no restaurante, ela se inclinou sobre a mesa e beijou-o na testa. “Abençoado seja seu coração, Orvil.”

O resto da noite pareceu animado com magia e, pela primeira vez desde que se conheceram, Orvil descobriu que não tinha nada a dizer para ela. Depois do jantar, passearam pela calçada, de mãos dadas, virando ocasionalmente para sorrir um para o outro com uma espécie de felicidade embargada. Quando chegaram ao apartamento de Meg, Orvil, hesitante, a beijou nos lábios.

“Puxa”, suspirou Meg, “é assim que eu sempre quis ser beijada. Quem teria pensado que isso aconteceria em Hollywood?”

“Acho que não tenho muita experiência”, disse Orvil, desculpando-se.

“Você vai ter”, respondeu Meg, e entrou.

Naquele momento, era inconcebível que qualquer tragédia pudesse acontecer a eles.

Orvil voltou para casa em um transporte feito de alegria. Ele tinha Meg, tinha um trabalho — e tinha o ovo. A vida não tinha mais nada a oferecer. Orvil entrou pela porta e foi diretamente para a cozinha. Nesse momento de quase suprema felicidade, queria estar com seu querido troféu. Acendeu a luz, olhou amorosamente para baixo e, então, soltou um grito de horror. O ovo, deitado em seu caixote ao lado do fogão, tinha sido estilhaçado em vários pedaços.

Por um momento, Orvil simplesmente não pôde acreditar; era inacreditável que isso acontecesse com ele justamente quando a vida estava tão boa.

Andou cegamente até a mesa da cozinha e desabou em uma cadeira. Não conseguia imaginar o que teria acontecido ao ovo. Logo passou por sua cabeça que ele poderia ser consertado, mas sabia que nunca seria a mesma coisa. Olhou distraidamente para o nada.

Ainda estava sentado lá quando o barulho furtivo soou pela primeira vez no quarto. Ele sentou-se bruscamente e apurou os ouvidos naquela direção. O barulho, suave, de algo raspando, veio novamente. Levantou-se decidido e com cautela, andou até a porta. Se o vândalo que tinha feito isso com ele ainda estivesse na casa, Orvil saberia o que fazer com o sujeito.

Ele entrou no corredor escuro e subiu até o quarto. Parou na porta, apenas ouvindo. O som veio de novo. Orvil se moveu decisivamente. Em um movimento rápido e seguro, entrou no quarto e acendeu a luz.

“*Você aí!*”, exclamou ele.

Com os pés firmemente apoiados, os punhos cerrados em prontidão, ele ficou no meio do batente e olhou, desconcertado, pelo quarto. Não havia nada. Por um momento, reinou o silêncio, depois o som de algo raspando. Os olhos de Orvil baixaram, desconfiados, para a cama.

Ele se aproximou da cama, com cuidado, e, dobrando os joelhos, rapidamente levantou a colcha e olhou lá embaixo. E tomou um susto. Viu-se confrontado por uma pequena criatura de aparência estranha que olhava para ele com grandes olhos preocupados.

À primeira vista, o animal parecia um grande castor que, de algum modo, havia esticado o pescoço. Sua cabeça era pequena; seu corpo marrom, em forma de pera, se afunilava na parte inferior em um tipo de cauda achatada e curta.

Por um momento, Orvil duvidou de seus sentidos; não era possível que aquele animal curioso e acuado era o que ele sabia que deveria ser. Os pés da frente, pequenos e inclinados; os de trás, maiores, que sustentavam o corpo desajeitado em uma posição ereta; o pescoço comprido; e a boca, com sorte, sorridente — todas essas características apontavam apenas para uma coisa: o ovo não tinha se quebrado, mas chocado, e a coisa patética e assustada piscando para ele sob a cama era o primeiro dinossauro vivo que o mundo via depois de centenas de séculos!

Sentando-se de costas, Orvil checou seu pulso, fechou os olhos e tocou o nariz com a ponta do dedo indicador. Tudo normal. Quando abriu os olhos novamente, o animal ainda estava lá. Segurava suas patas dianteiras na defensiva, diante do rosto.

Com cautela, Orvil estendeu a mão para a criatura, mas o coitadinho apenas se refugiou em um canto e fez um pequeno ruído chiado que lembrava uma chaleira apavorada.

Orvil não sabia bem o que fazer. Tinha que encontrar uma maneira de ganhar a confiança do dinossauro e convencê-lo a sair. Pensando que a maioria das coisas jovens estava sempre com fome, foi até a cozinha e trouxe de volta uma tigela de leite. Ele a colocou no chão ao lado da cama.

O dinossauro apareceu aos poucos, esticando a cabeça por baixo da colcha, depois avançando um pouco de cada vez. Quando finalmente chegou ao leite, ele secou a tigela com um único gole. Então se recostou e lambeu as patas. Olhou para Orvil com seu largo sorriso e chiou com inconfundível gratidão. Orvil sentou-se na beira da cama, muito impressionado para fazer qualquer outra coisa no momento.

Como leitor da *National Geographic*, Orvil sabia perfeitamente que o que havia acontecido era impossível, mas ainda assim tinha acontecido, e, afinal de contas, quem sabia de verdade o que vinha primeiro, o dinossauro ou o ovo? Talvez essa fosse a

maneira de a natureza começar toda uma nova raça de dinossauros. Ele se virou e pegou o telefone sobre o criado-mudo. Discou o número de Meg e ela logo atendeu.

“Sim?”, atendeu Meg, de maneira arrastada, sonolenta. “Quem é, por favor?”

“Meg!”, gritou Orvil, “adivinha o que aconteceu! O ovo — você sabe, o ovo —, ele chocou! É um dinossauro!”

“Você é fofo de ligar e contar isso, querido”, disse Meg baixinho. “Eu também te amo.” E ela desligou.

Orvil colocou o fone resignadamente de volta no gancho; Meg, era óbvio, não tinha seus melhores momentos enquanto dormia. Ele sentiu algo na calça e, baixando os olhos, encontrou o dinossauro roçando em sua perna, no que parecia ser um carinho acolhedor. Ele estendeu a mão e coçou a cabeça do animal, que chiou contente.

Por volta das nove horas da manhã, Orvil, tendo ligado a noite toda, enfim conseguiu falar com o sr. Martin Grossbeck.

“Orvil Sleeper?”, disse, irritado, o sr. Grossbeck. “Você não é o cérebro que escreveu essa porcaria que estamos tentando filmar?”

“Eu não escrevi, sr. Grossbeck”, disse Orvil. “Eu sou o cara que foi para o norte, sabe, e trouxe de volta o ovo...”

“É mesmo?”, respondeu o sr. Grossbeck grosseiramente. “Você deveria tê-lo deixado no norte gelado, onde pelo menos não iria feder tanto.”

“Mas sr. Grossbeck!”, disse Orvil imperativamente. “Escute! Uma coisa incrível aconteceu. O senhor pode ganhar uma fortuna com o seu filme, não importa o quão ruim seja. Tudo que precisa fazer é mudar algumas coisas para o jeito que estavam antes.” Ele respirou fundo. “O ovo chocou na noite passada, sr. Grossbeck, e, acredite ou não, eu tenho um dinossauro aqui, no meu quarto, esta manhã!” Ele esperou uma resposta, mas não houve nenhuma. “Está surpreso, sr. Grossbeck?”

No momento de silêncio que se seguiu, o sr. Grossbeck desligou com cuidado.

“Sr. Grossbeck!”, gritou Orvil. “Sr. Grossbeck!” Percebendo que era inútil, ele colocou o telefone de volta no gancho.

Imediatamente em seguida, o aparelho tocou e ele o pegou de novo. “Sr. Grossbeck?”

“Orvil?”, disse Meg. “É você, Orvil?”

“Meg!”, gritou Orvil exultante.

“Por que não está no estúdio, Orvil?”, perguntou Meg. “Você está bem?”

“Sim, querida... claro! Eu estou ótimo! É só que...!”

“Você me ligou ontem à noite, depois que você foi embora?”, interrompeu Meg.

“Sim. Eu queria te contar...!”

“Pensei que você tinha ligado. Acho que estava dormindo. Havia algo que você queria me dizer, Orvil?”

“Sim, querida, sim! A coisa mais maravilhosa aconteceu. Você nunca vai acreditar, mas... sabe o ovo...?”

“O ovo grande de que você não para de falar?”

“Sim”, disse Orvil, “esse mesmo. Bem, ele fez algo fantástico! Ele chocou! Foi na noite passada. Deixei o aquecedor da cozinha ligado e... bem... é um dinossauro esta manhã!” Houve um momento de silêncio como antes, com o sr. Grossbeck. “Eu sei que parece loucura, mas...”

“Está tentando ser engraçado, Orvil?”, perguntou Meg, na dúvida. “Você parece tão sério.”

“Eu estou falando sério!”, gritou Orvil. “É verdade. Eu tenho um dinossauro. Está dormindo na minha cama.” Houve outra pausa.

“Você se sente muito quente, Orvil?”, perguntou Meg, sua voz curiosamente calma. “Acha que seu rosto está corado ou irritado?”

“Não, não!”, protestou Orvil. “Você não está entendendo!”

“Você disse que tinha um dinossauro, não disse?”

“Sim, é verdade. Está na minha cama.”

“Eu vou já para aí”, disse Meg rapidamente. “Fique calmo até eu chegar e tente não pensar em nada.” Ela desligou.

Orvil virou a borda da colcha no pé da cama e olhou para o dinossauro, que dormia em silêncio, com o focinho áspero entre as patas. Com essa confirmação, ele pegou o telefone novamente e discou o número da Universidade da Califórnia.

Enquanto aguardava a conexão com o departamento de ciências, procurou na lista telefônica os números das outras universidades e alguns dos principais jornais.

Meg foi a primeira a chegar. Orvil estava esperando na porta quando ela tocou a campainha.

“Olá, querida!”, disse ele animadamente. Escancarou a porta e beijou-a levemente na bochecha. “Entre!”

Os olhos escuros de Meg examinaram seu rosto ansiosamente. “Aconteceu alguma coisa que te perturbou, Orvil?”, perguntou ela.

“Não, nada”, disse Orvil com arrogância. Ele a levou para a sala de estar e fechou a porta. “É claro que se você quiser pensar que sou louco, como todo mundo pensa...”

“Oh, não, Orvil, eu não...!”, disse Meg. “Como assim ‘todo mundo’?”

“Não importa”, falou Orvil. “Agora, se você quiser ver por si mesma...” Tomando seu braço, ele a levou para o quarto, foi até a cama e, estendendo uma mão cerimoniosamente, puxou a colcha com a outra. Vendo o rosto de Meg, no entanto, sua mão de repente fraquejou. Ele se virou para a cama e seu rosto ficou pálido. O dinossauro não estava lá.

“Não tem nada aí, Orvil”, disse Meg, assombrada.

“Mas *tem!*”, disse Orvil, entusiasmado. “*Tinha!*”

Puxando um lenço da frente de seu vestido, Meg começou a chorar e saiu correndo do quarto. Orvil olhou para ela, com a testa franzida de angústia. Então, ao ouvir um leve som de assobio, ele se ajoelhou ao lado da cama e olhou por baixo dela. O dinossauro, tremendo de medo, estava encostado na parede.

“Eu deveria ter imaginado”, disse Orvil. “Você é um cara tímido, não é?” O dinossauro se aproximou dele e encostou a cabeça em sua mão. A campainha tocou. Depois de um momento de hesitação, Orvil levantou-se e foi para a sala de estar. Meg estava chorando em seu lenço, mas ele não tinha tempo de fazer nada sobre isso. Foi até a porta e a abriu. Era um senhor de cabelos cor de areia em um terno de tweed que se identificou como professor de ciências da Universidade da Califórnia.

“O senhor é o cavalheiro com o dinossauro?”, perguntou ele. Havia um olhar dissimulado e sarcástico em seus olhos.

Orvil começou a fechar a porta, mas no mesmo instante outros três homens apareceram. A medida que se aproximavam da casa, pareciam ligeiramente animados com alguma coisa. Durante as apresentações, também revelaram ser professores. Orvil os convidou a entrar e os tratou de maneira tranquila. Ele disse que, se eles se sentassem, iria correndo pegar seu dinossauro. Meg ergueu os olhos do lenço.

“Oh, Orvil!”, lamentou ela.

Ele voltou para o quarto e se ajoelhou ao lado da cama. Começou a passar a mão por baixo, e então parou. O espaço sob a cama estava completamente desabitado. O dinossauro havia desaparecido de novo.

Orvil procurou no quarto; primeiro de maneira sistemática, depois frenética, mas o dinossauro parecia ter desaparecido por completo. Estava parado no meio do quarto, perplexo, quando o primeiro dos professores enfiou a cabeça pela porta.

“Tendo dificuldade com a fera, sr. Sleeper?”, perguntou secamente.

“Não consigo encontrá-lo”, disse Orvil. “Estava bem aqui agora há pouco.”

“Eu entendo”, disse o cientista. “Bem, meus colegas e eu temos que ir agora. Talvez mais tarde, quando tiver localizado seu dinossauro novamente, o senhor nos avise.”

“Mas vocês não podem ir ainda!”, gritou Orvil, seguindo o homem de volta para a sala e saindo pela porta da frente, onde os outros já tinham começado a andar pela calçada. “Posso mostrar o ovo de onde ele nasceu! Por favor, voltem!”

Irredutíveis, os cientistas seguiram pela calçada até seus carros. Orvil os viu ir embora e então entrou novamente na casa. Meg olhou para ele com os olhos vermelhos.

“Oh, Orvil!”, chorou ela.

“Pare de dizer isso!”, pediu Orvil, começando a se sentir um pouco confuso. “Eu não estou louco! Espere só até o homem do jornal chegar aqui!”

Meg pulou de sua cadeira. “Homem do jornal!”, exclamou. Ela agarrou a camisa dele. “Oh, não, você não deve deixá-los entrar, Orvil! A situação já está ruim o suficiente!”

“Com licença”, disse Orvil, insolente, libertando-se de seu aperto. “Tenho que localizar meu dinossauro.”

O dinossauro, quando Orvil o encontrou, estava escondido atrás de seu antigo caixote na cozinha. Orvil estendeu a mão e ele veio imediatamente.

“Meg!”, chamou Orvil. “Venha, olhe, eu o encontrei!”

“*Por favor*, Orvil!”, gritou Meg da sala de estar. “Acho que não aguento mais isso! Se eu não te amasse tão desesperadamente...!”

A campainha tocou.

Orvil olhou para o dinossauro, inseguro. Estava tremendo muito; aparentemente, qualquer som estranho colocava o coitado em um estado violento de pânico. A campainha tocou de novo. Orvil colocou o animal rapidamente dentro do caixote, entre os fragmentos do ovo, e deixou a tampa meio solta, o suficiente para deixar entrar o ar. No escuro, ele se sentiria escondido e seguro. Feito isso, ele correu de volta para a sala de estar.

Convenientemente, os jornalistas chegaram quase juntos. Havia sete deles no total, cinco repórteres e dois fotógrafos, e Orvil nunca tinha visto tantas gravatas pintadas à mão ao mesmo tempo em toda a sua vida. Todos logo gritaram para ele.

“Só um minuto!”, disse Orvil, levantando a mão. “Só um minuto, senhores!” O silêncio se fez. “Eu devo pedir silêncio. Sei que pode parecer estranho, mas o dinossauro é extremamente sensível e se assusta com facilidade. Agora, se ficarem completamente quietos, eu pegarei o animal e o trarei para vocês.” Ele se virou e foi pelo corredor até a cozinha. Sentiu um puxão em sua manga e, ao se virar, encontrou Meg ao seu lado.

“Orvil!”, gritou ela. “Você não deve fazer isso, querido, *por favor*! Não existe nenhum dinossauro, simples assim! Está tudo na sua imaginação, não importa o quão real pareça para você!”

“Você vai se arrepender de ter dito isso”, respondeu Orvil com firmeza. Ele deu a volta e entrou na cozinha.



“Por favor, Orvil!”, implorou Meg, seguindo-o. “Pense em mim! Você acha que uma garota quer se casar com um sujeito que... que tenha *dinossauros!*?” Ela fez um gesto vago com a mão. “Além disso, como uma dessas coisas grandes, enormes, poderia entrar em uma casa pequena como esta?”

“Se tivesse estudado os dinossauros”, disse Orvil com frieza, “você teria aprendido que eles eram de todos os tamanhos. Alguns deles não eram maiores que um gato comum. E além disso...!”

De repente, ele parou, olhando para o caixote, surpreso: a tampa tinha sido empurrada para o lado, e estava vazio.

“Oh, não!”, gemeu Orvil.

“Por favor, escute, querido”, prosseguiu Meg. “Eu sei que deve ter sido um choque quando você encontrou o ovo quebrado. Sei o quanto tinha orgulho disso. Mas você não deve se refugiar na irrealidade. Não existe dinossauro, Orvil!”

“Existe *sim!*”, respondeu Orvil, de repente, gritando. “Existe *sim* um dinossauro!” Enquanto falava, no entanto, seu olhar percorreu a cozinha até a porta que dava para o quintal e subia a colina. Aqui ele parou, coberto de pânico. A porta estava entreaberta, apenas o suficiente para permitir a passagem para fora de um pequeno dinossauro. Como um sonâmbulo, Orvil foi até a porta e ficou olhando, assombrado, para o espaço vazio.

“Ele se foi”, sussurrou entorpecido. “Ele fugiu!”

Meg foi até o lado de Orvil e pegou sua mão com suavidade. “Claro que se foi, querido”, disse ela. “Por que você não sai agora e conta para aqueles homens que era apenas uma brincadeira? Diga a eles que foi um truque publicitário para o filme. Por mim, querido.”

Orvil virou-se para ela lentamente e, por um momento, encarou seus olhos ansiosos e penetrantes. E, então, balançou a cabeça. “Eu não vou fazer isso!”, disse ele e, virando-se, correu pela porta dos fundos, atravessou o pátio e subiu a encosta da colina.

Quase uma hora depois, Orvil retornou. O rosto e os braços arranhados, sua roupa rasgada — mas ele estava de mãos vazias. Sentia-se ainda pior do que aparentava estar.

Ao se aproximar do quintal, Meg correu para encontrá-lo, com lágrimas em profusão brotando de seus olhos.

“Agora você acredita em mim?”, gritou ela. “Você acredita que ele não existe? Diga que sim, Orvil! Por favor!”

Orvil começou a responder, mas conteve as palavras quando viu os dois homens de uniforme branco se aproximando do outro lado do gramado, cada um vindo de uma direção oposta. Reparou nos olhos atormentados de Meg, e seu olhar suavizou. Ficou apenas triste. Ele suspirou, como se estivesse muito cansado.

“Tudo bem”, disse ele, “eu acredito em você. Acho que acabei perdendo um pouco a cabeça.”

“Oh, Orvil!”, gritou Meg, e envolveu seus braços ao redor do pescoço dele.

Com todo esse ímpeto emocional acumulado, Orvil e Meg se casaram apenas três dias depois. A cerimônia aconteceu em Carmel by the Sea, onde ficaram para a lua de mel e passaram uma semana idílica em um chalé cercado por ciprestes retorcidos e o som das ondas. Houve momentos em que Orvil ficou preocupado e pensativo, mas Meg entendeu e não se intrometeu. Eles acompanharam os acontecimentos principalmente lendo os jornais.

Na verdade, a história do dinossauro não acabou mal. Os repórteres foram bastante irônicos com Orvil, mas ainda assim deram um destaque considerável ao filme do sr. Grossbeck, e o estúdio, em reconhecimento, fez uma ligação de longa distância a Orvil para lhe oferecer um emprego no departamento de publicidade. Realmente tudo tinha sido melhor assim, e quando o casal voltou para a casinha de Orvil em Hollywood não tinha nenhuma preocupação séria em todo o mundo.

Como presente de casamento, Meg havia mandado colar o ovo e, quando lhe foi entregue, ela o deu para Orvil. Ele ficou tremendamente tocado. Uma lágrima apareceu em seu olho, e Meg, sentindo um momento terno e íntimo, deixou-o sozinho.

Durante um tempo, Orvil ficou sentando segurando o ovo. Depois, colocando-o no chão, levantou-se e foi lentamente até a

janela que dava para o quintal e a encosta. Com tristeza, ele virou os olhos para o espaço.

De repente, ele se endireitou, atento até o último fio de cabelo. Seus olhos examinavam o quintal rapidamente e com crescente alegria. Percebeu que boa parte da folhagem verde havia desaparecido das árvores e dos arbustos. Parecia ter sido mastigada — sistematicamente e na altura do ombro de um homem. Orvil abriu a janela e apurou o ouvido, buscando ouvir algo colina acima.

Em seguida, depois de um instante, ele foi recompensado por um chiado fraco e distante. Ficou lá por um longo tempo, apenas sorrindo para si mesmo, quieto.

Os dinossauros, pensou Orvil, eram notórios por crescer bastante e muito rapidamente. Em pouco tempo, parecia que o dinossauro no quintal seria tão grande que muitas pessoas não poderiam mais ignorá-lo. Poderia, na verdade, ficar tão grande que assustaria praticamente todo mundo. Seu sorriso cresceu ainda mais, e ele ficou imaginando o que todos iriam dizer para ele então.

HENRY FARRELL (1920–2006) foi escritor e roteirista. Sua obra mais conhecida foi o aclamado romance de horror gótico ***O que Terá Acontecido a Baby Jane?***, publicado originalmente em 1960 e adaptado dois anos depois para o cinema com Bette Davis e Joan Crawford nos papéis principais. Seu conto “O que Terá Acontecido à Prima Charlotte?” também ganhou as telas de cinema, em 1964, com o título de *Hush...Hush, Sweet Charlotte* (*Com a Maldade na Alma*), estrelando Bette Davis e Olivia de Havilland. Este é seu primeiro livro publicado no Brasil.



*Pensei o quanto desconfortável é ser trancado do lado de fora; e pensei o quanto é pior, talvez, ser trancado no lado de dentro. — Virginia Woolf*

— VERÃO SEM FLORES 2019 —

[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)

Copyright © 2013 by Mitch Douglas and Judith F. Beckman  
What Ever Happened to Baby Jane?  
Copyright © 1960 by Henry Farrell  
“The Debut of Larry Richards” and “First, the Egg”  
Copyright © 2013 by Calvin Mitchell Douglas and Judith F. Beckman  
“What Ever Happened to Cousin Charlotte?”  
and “Henry Farrell and the Story of Baby Jane”  
Copyright © 2013 by Calvin Mitchell Douglas  
Todos os direitos reservados.  
Crédito p. 10 © Entertainment Pictures / Alamy Stock Photo  
Tradução para a língua portuguesa  
© Mariana Moreira, 2019

Diretor Editorial  
Christiano Menezes

Diretor Comercial  
Chico de Assis

Gerente de Novos Negócios  
Frederico Nicolay

Gerente de Marketing Digital  
Mike Ribera

Editores  
Bruno Dorigatti  
Raquel Moritz

Editores Assistentes  
Lielson Zeni  
Nilsen Silva

Capa e Projeto Gráfico  
Retina 78

Designer Assistente  
Aline Martins/Sem Serifa

Revisão  
Marlon Magno  
Maximo Ribera

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Farrell, Henry

O que terá acontecido a Baby Jane? / Henry Farrell ;  
tradução de Mariana Moreira. — Rio de Janeiro :  
DarkSide Books, 2019.

ISBN: 978-65-5598-048-6

Título original: What Ever Happened to Baby Jane?

1. Ficção norte-americana I. Título II. Moreira, Mariana

19-0432

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

**DarkSide<sup>®</sup>** *Entretenimento LTDA.*

Rua Alcântara Machado, 36, sala 601, Centro

20081-010 – Rio de Janeiro – RJ — Brasil

[www.darksidebooks.com](http://www.darksidebooks.com)